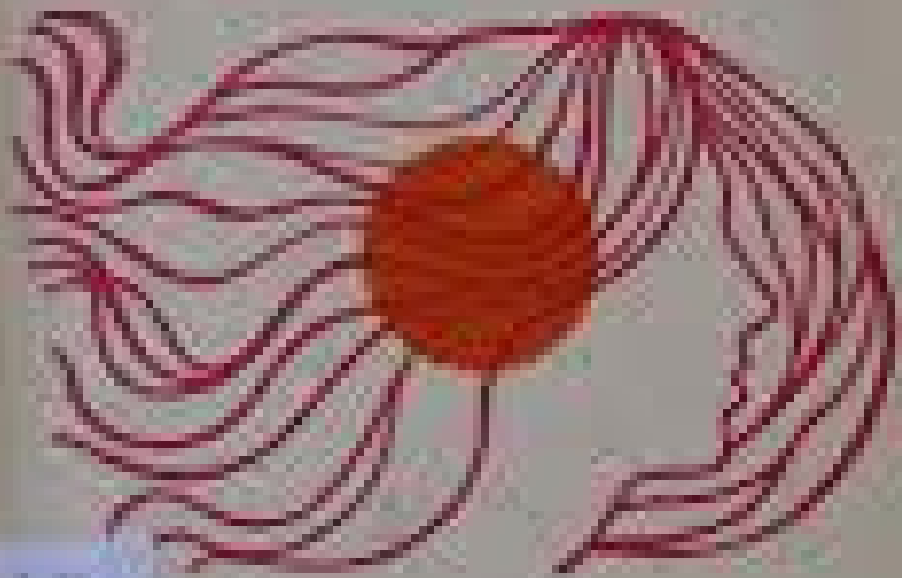
INCESTO E AMOR HUMANO

a traição da alma na psicoterapia



ROBERT STEIN

PSICOLOGIA ARQUETÍPICA

COLEÇÃO PSICOLOGIA ARQUETÍPICA
Dirigida por Léon e Jette Bonaventure, Roberto e Fátima Gambini

ROBERT STEIN

INCESTO E AMOR HUMANO

a traição da alma na psicoterapia

SÍMBOLO EDIÇÕES SÍMBOLO

Título original em inglês: **Incest and Human Love — The Betrayal of the Soul in Psychoterapy**

Publicado pela primeira vez por The Third Press, New York, 1973

Publicado por Penguin Books Inc., 1974

Copyright de Robert Stein, 1973

Editor
Moysés Baumstein

Supervisão Editorial
Alberto Baumstein

Revisão técnica: Jette Bonaventure
Maria de Fátima Salomé Gambini

Capa
Alberto Baumstein

Produção
Helvética S/C Produções Editoriais Ltda.

Direitos Reservados
Símbolo S.A. Indústrias Gráficas
01129 — Rua General Flores, 518/22 — Fone: 220-0267
01000 — São Paulo — SP
1978

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Para minha mulher
e todos os pacientes e amigo
que compartilharam
de minha busca
de cura para as feridas
tão profundas da alma.

ÍNDICE

O AUTOR 11

PREFÁCIO À COLEÇÃO DE PSICOLOGIA ARQUETÍPICA 13

NOTA DO TRADUTOR 23

INTRODUÇÃO

PARTE I — A TRAIÇÃO DO ANIMAL

I. Psicoterapia: Freud e Jung 41
II. Alma, Instinto, Arquétipo e Ego 53

PARTE II — INCESTO

III. Incesto e Totalidade 67
IV. A Ferida do Incesto 81
V. Sexualidade Infantil e Narcisismo 89
VI. A Situação Familiar Arquetípica 95
Rejeição e Traição 98
Rejeição e Resistência na Análise 100
O Mito dos Pais Duplos 102
VII. O Mito de Édipo e o Arquétipo de Incesto 105

PARTE III — Phallos

VIII. Phallos e a Psicologia Masculina 123
IX. Phallos e a Psicologia Feminina 133

PARTE IV — EROS

X. Eros e Thanatos 151
XI. A Transformação de Eros 155
XII. Eros e o Ritual Analítico 171

PARTE IV — TRANSFERÊNCIA

XIII. Uma Concepção Arquetípica da Transferência 187
Transferência e Internalização 188
A Transferência Positiva 191
A Transferência Negativa 193
Transferência e Totalidade Interior 195
XIV. Além da Transferência: uma Nova Análise 201

Apêndice: Dez Pequenos Ensaios sobre Amor, Sexo e Casamento. 211

SOBRE O AUTOR

Robert Stein nasceu em 1924 em Troy, New York. Decidiu tornar-se médico devido a um acidente quase fatal quando tinha onze anos. Após completar sua formação médica em 1949 clinicou por vários anos, apesar de já estar profundamente envolvido com análise e com a obra de C.G. Jung. Em 1956 o Dr. Stein foi para a Suíça estudar no Instituto C.G. Jung, recebendo seu diploma em 1959. Atualmente, trabalha como analista junguiano em Los Angeles.

PREFÁCIO À COLEÇÃO DE PSICOLOGIA ARQUETÍPICA

O que é a alma — ou, em linguagem moderna — o que é a psique? Será que a alma, em sua realidade viva, é de fato reconhecida na prática psicoterapêutica?

Como poderá a psicologia profunda, enclausurada no modelo médico, permitir que a alma se manifeste em todas as suas dimensões e em sua abissal profundeza?

Como poderá a psicoterapia encontrar seu lugar no interior de nossa cultura?

Que processo histórico submeteu a análise psicológica ao modelo médico e à rubrica de "profissional", quando na realidade esta não é mais que uma via de conhecimento de si mesmo? De Sócrates a Freud e Jung, passando por Santa Catarina de Siena, Fénélon e os filósofos-psicólogos, há todo um abismo que conduz à reflexão.

Como é que chegamos a fazer do conhecimento de si mesmo e da análise psicológica experiências até certo ponto aristocráticas, transformando o processo de individuação em algo tão elitista?

Pretensões científicas à parte, a que corrente filosófica se filiam a prática e a teoria psicológicas?

O que exatamente faço então em meu trabalho diário?

O que vem a ser um psicoterapêuta e, mais especificamente, um analista junguiano?

Não constitui hoje a análise, em si mesma, um dos mitos de nosso tempo? Qual o lugar do Amor, de Deus e dos deuses na imagem do homem implícita na situação analítica?

Será que as escolas psicológicas não são verdadeiras seitas religiosas, repetindo em sua história tudo o que foi vivido na das guerras travadas em nome da religião, justamente por não ser a função religiosa reconhecida na psicologia moderna?

Questões desse tipo estiveram sempre presentes nesses meus últimos doze anos de prática analítica cotidiana. Depois de muito oscilar entre uma e outra margem do rio, às vezes de modo contraditório, sinto-me agora interiormente compelido a me expressar abertamente.

Meus encontros e leituras me fizeram constatar que essas perguntas estavam longe de ser apenas minhas. Assim, em lugar de parafrasear o que outros já disseram, pareceu-me mais adequado dar a palavra, nesta coleção, aos que tiveram a coragem, muitas vezes temerária, de se exprimir com respeito a esse assunto. É interrogando-se a si própria que a psicoterapia poderá se superar e assim encontrar seu lugar no interior de nossa cultura. Eis aí um dos objetivos essenciais desta coleção de Psicologia Aquetípica que agora apresentamos ao público de língua portuguesa.

C. G. Jung, cujas obras completas vêm sendo traduzidas para o português, nos fornece sem dúvida muitos elementos para uma resposta às questões formuladas acima. Mas nesta segunda metade do século XX, parece que Jung, assim como Freud, se encontra sob certos aspectos aprisionado ao espírito de sua época e à sua formação médica e científica. Novos desenvolvimentos começam agora a despontar na psicologia, não em oposição a seu fundador, mas no sentido de aprofundar e libertar as instituições que ele próprio não pôde desenvolver mais livremente. Já é tempo de que essas novas perspectivas sejam conhecidas e afirmadas.

É através do aprofundamento da realidade arquetípica de qualquer situação existencial, inclusive a do modelo médico, realizado na prática psicoterapêutica, que começamos a perceber todos os *a priori* filosóficos inerentes à psicologia profunda*. Descobrimos assim que toda a nossa psicologia moderna, com base na própria imagem de homem que elabora, se insere no racionalismo e no materialismo filosófico de René Descartes. A psicologia do ego desenvolvida pela psicologia moderna não é mais do que um avatar do cartesianismo. O dualismo recional/irracional, consciente/inconsciente, corpo/espírito, ego/instinto, ego/não-ego é conseqüência direta do tributo que pagamos à crença de que *cogito, ergo sum*. O instinto é encarado como algo cego, destituído de consciência, inconsciente, sujeito às mesmas leis que a matéria. Não falava Descartes da "grande maquinária"? A influência cartesiana se faz presente também na atitude assumida frente às relações humanas: a relação se torna uma

* Para mim, aí se inclui toda a psicologia moderna com finalidades terapêuticas. Da mesma forma entre psicólogos, psiquiatras, psicanalistas e terapêutas.

técnica, escondendo-se o racionalismo cartesiano, na psicoterapia, por trás da etiqueta de "científico".

Voltando-se, em seu espírito crítico, contra o modelo que ela própria criou e desenvolveu, a atitude analítica nos leva assim a contestar que o modelo médico, adotado na análise, seja o único adequado. Será que é? Antes de mais nada, a assim chamada "terceira geração" de analistas (médicos ou não) foi levada a reconhecer que enquanto a análise permanecer sob a rubrica do modelo médico e científico a alma não poderá ser reconhecida em sua própria originalidade, nem poderá uma verdadeira ciência da alma ser formulada. Em nome das premissas filosóficas inerentes à nossa psicologia moderna, permanecemos, em última instância, dentro dos limites da psicologia do ego.

Diante desse estado de coisas, pergunto-me onde, em nossa cultura ocidental, se encontra uma psicologia na qual o homem possa ser reconhecido em sua realidade experiencial e em sua humanidade, podendo nela refletir-se, exprimir-se a apoiar-se quando tenta se autoconhecer, encontrar sua identidade e seu desabrochar.

A imagem de homem utilizada na análise psicológica foi elaborada a partir do homem doente (que aliás é definido como tal de modo fácil demais). É preciso constatar que essa imagem se origina numa perspectiva patologizante, psicologizante e coisificante. Ao assumir uma postura objetiva, o psicólogo experimentalista coisifica o homem, enquanto o psiquiatra o patologisa e o psicólogo o psicologisa. A interpretação que o psiquiatra e o psicanalista nos dão do sentido do sofrimento humano, reduzindo-o e explicando-o a partir seja da psicopatologia, do trauma do nascimento, das fantasias míticas da sexualidade infantil polimorfa ou do Édipo não-resolvido não passa de um novo tipo da antiga versão que explicava tudo a partir do pecado original. Com efeito, não respira a interpretação psicológica personalista o mesmo ar mesquinho da moral burguesa e dos conventos de freiras do século passado? Não é o psicologismo simplesmente um substituto do moralismo? O que há de tão enriquecedor assim no fato de nos vermos como objetos? Por acaso é coisificando que se humaniza? Não se deve por certo ignorar a existência da patologia; mas não será à luz desta que conseguiremos formular uma verdadeira ciência da alma. Pelo contrário, esta última é que deveria permitir uma releitura de toda a patologia. E é precisamente isso o que vem tentando fazer a psicologia arquetípica, como terá ocasião de perceber o leitor nos diversos volumes que comporão esta série.

Com suas pretensões de objetividade, a atitude científica — bem como a do psiquiatra analista, a do psicólogo de laboratório ou a do

psicoterapeuta — se utiliza de uma ótica distante e fria, desprovida de calor humano e elevada a uma posição de altivez com respeito ao homem. Com efeito, fruto que é do espírito cartesiano e da filosofia positivista, seu ponto de vista é o do ego racional, com sua capacidade de tomar distância, de sair de si para observar de longe e de cima. Trata-se portanto de uma perspectiva parcial, unilateral e limitada, na qual tudo é encarado do ponto de vista do ego e a serviço do ego. No decorrer dos últimos quatro séculos a alma foi progressivamente confundida com a consciência, o *cogito ergo sum*, ou seja, o espírito racional, a cabeça. Em nome dessa grosseira identificação, a vida instintiva foi reduzida a não mais que um impulso desprovido de qualquer princípio de orientação e inteligência. Ao assumir o ponto de vista cartesiano, quer dizer, ao considerar o ego como centro único da consciência, a psicologia só podia mesmo se tornar racionalista. Eis aí a catastrófica confusão em que ela se precipitou a partir de Descartes. Ela identifica assim a experiência de nossa própria identidade, do eu, do mistério da pessoa, com o ego racional. Tudo deve ser interpretado, compreendido e integrado pelo ego "forte", "duro" e "firme". Dessa forma, nossa psicologia acabou ficando a serviço da hegemonia e do poder de nosso pequeno ego, que seria o único portador de consciência, o único centro de coordenação. Pode-se bem perguntar hoje em dia quantas ideologias filosóficas e políticas não nasceram dessa psicologia... E o que é pior: será que nossa psicologia, ao contrário do que acreditamos, não apóia essas mesmas ideologias? É preciso reconhecer que a importância atribuída ao ego na psicologia não faz mais do que conduzir a um ponto de vista unilateral sobre a vida, que apenas provoca a repressão. É verdade que a sexualidade foi liberada, pelo menos ao nível do discurso e em certas práticas — mas a que preço? Simplesmente, em detrimento de uma série de valores humanos fundamentais. Eros e Psique, amor e alma, que deveriam ser realidades simbólicas vividas na situação analítica, como ademais em qualquer relação humana intensa, já não tem mais lugar. Tornou-se tão difícil para o homem moderno reconhecer-se em sua realidade essencial que ele teve que estabelecer juridicamente os "direitos do Homem"! O próprio Pascal já se antepunha à psicologia cartesiana ao escrever: "detesto esse detestável ego" — ou ainda, em sua célebre frase: "o coração (a alma) tem razões que a própria razão desconhece". Eis aí uma contestação à idéia de que o ego consciente seja o único portador de consciência e de sentido.

Agora, que a psicologia deveria por definição ser a ciência da alma, ela ainda não reconheceu seu objeto, simplesmente porque seus pesquisadores — e há legiões deles — ficaram aprisionados, de maneira obsessiva, nos limites estreitos do método científico. Os psicólogos ainda não se deram conta de que o método científico foi

elaborado para estudar um objeto específico do real, a saber, a matéria. No momento em que tomaram de empréstimo essa indumentária para o estudo de um objeto distinto, ou seja, a alma, os psicólogos caíram nos mais grosseiros erros metodológicos de que jamais teve conhecimento o espírito humano. Erro similar foi cometido quando se pretendeu estudar a matéria a partir do método filosófico. É dessa forma que a alma veio a ser confundida tanto com o espírito racional e com os fenômenos mentais, como com o inconsciente, quando não foi simplesmente reduzida ao biológico. Nesse caso, ela deixa de ser reconhecida em sua originalidade *sui generis*. Enquanto os psicólogos não reconhecerem essa realidade *sui generis* de seu objeto de estudo, isto é, a alma ou a psique, nenhum método adequado poderá ser utilizado; eles ficarão encerrados em sua torre de Babel, perdidos na pluralidade de teorias psicológicas.

A despeito das lacunas e hesitações existentes nas formulações de Jung e seus discípulos sobre a realidade viva e experiencial da alma, podemos aí encontrar as premissas de uma verdadeira ciência da alma e de um método para estudá-la. O ponto de vista da observação não se situa no exterior, mas é a alma que se percebe a si mesma com seus próprios olhos, pois não há senão a alma para perceber as realidades da alma. Dessa perspectiva, o ego perde sua função dominante para se tornar um instrumento, um servidor e um mediador, às vezes um colaborador e uma testemunha lúcida e dócil. O nascimento da consciência a partir do inconsciente, do Si-mesmo, frente à qual o ego passa a ocupar um lugar subordinado, é o que Jung denomina o "processo de individuação".

Seria um engano acreditar que a realidade da alma será facilmente reconhecida na prática terapêutica ou na cultura. O temor à alma é algo instintivo. A primeira reação espontânea e natural diante da realidade da alma é a resistência. Entretanto, enquanto esse medo não for reconhecido, o caminho do conhecimento de si confundir-se-á com o do conhecimento do ego apenas, permanecendo as portas da alma fechadas tanto no plano individual como no coletivo. Esse medo da alma freqüentemente se traduz simplesmente em sua negação; é ele que impede que a psicologia moderna apresente a contribuição que dela se espera, isto é, uma imagem de homem na qual este possa se reconhecer e se exprimir e com a qual possa se relacionar. Ainda prisioneira do modelo médico-científico e do academicismo, portanto longe da vida, essa psicologia ficou marginalizada, incapaz de fermentar nossa civilização ocidental para então renová-la.

Nossas perguntas e preocupações não datam apenas do século XX, ao lado das de outros homens com o mesmo interesse, mas, e de forma muito mais radical, do tempo dos humanistas do século XVI. Na sua linguagem, que para nós se tornou inacessível, creio que eles já

haviam a seu modo formulado uma resposta válida. Mas o advento da filosofia cartesiana sufocou o movimento humanista. Será preciso aguardar o desenvolvimento da psicologia moderna e da filosofia existencialista para ver a retomada dessas questões. No plano experiencial, a psicologia arquetípica se prende a esse enorme esforço dos humanistas da Renascença e ao pensamento grego, em razão de seu agudo senso da alma e do símbolo.

Por ocasião de sua primeira conversa em 1907, Freud e Jung estavam de acordo ao afirmar que o alfa e o ômega do método analítico era a transferência. Esse conceito psicológico foi porém compreendido de modo demasiadamente estreito, passando a adquirir uma ressonância psicopatológica. Contudo, no pensamento de Jung a transferência, assim como a projeção, são fenômenos naturais e não necessariamente patológicos, nos quais um componente meu, devido à relação, é atribuído a outrem ou a algo, seja idéia ou imagem. "O fato é — escreve Jung — que em qualquer relação humana com um certo grau de intimidade certos fenômenos quase sempre operam como fatores salutares..." Basta ler algumas páginas de Santo Agostinho ou de Fénélon para dar-se conta de que a psicologia moderna não faz mais do que repetir, em linguagem nova, uma verdade secular.

Parafraseando Jung, diríamos que é na relação, nesse fluxo de vida que circula entre dois seres, na comunhão das pessoas, que a vida da alma se engendra, se cria e desabrocha. Freud e Jung viram bem. O conhecimento de si e o desenvolvimento humano nascem na relação interpessoal. A relação aparece como algo indispensável ao exercício do conhecimento de si. Ela permite não só o confronto, mas é também o ponto de apoio, o vaso no qual se engendra a alma.

O erro da psicologia moderna consiste em ter limitado a relação médico-paciente ou homem supostamente são-homem declarado enfermo, procurando encerrá-la num modelo médico para em seguida tratá-la e interpretá-la. Se a análise é, ou pelo menos deveria ser, uma situação privilegiada, ela não pode ser a única — como de fato não é. É preciso mesmo se perguntar se nos modelos adotados pelos psicoterapeutas a relação pode ser vivida plenamente em todas as suas implicações. Em outras palavras: é essa uma verdadeira relação humana entre pessoas com toda a abertura que isso exige, um verdadeiro diálogo de igual para igual?

A privacidade deve por certo ser resguardada; mas à força de reduzir a relação analítica a uma técnica chega-se a essa grotesca situação de mecânico em frente a seu automóvel. Ao formar psicanalistas não-médicos, implicitamente Freud já reconhecia que a análise psicológica podia ter lugar numa relação distinta daquela entre médico e paciente. A posição de Jung foi bastante mais clara, pois mais da metade dos discípulos que formou como analistas consiste de

não-médicos e não-psicólogos, sendo estes últimos quem mais revigorou suas teorias e mais aprofundou suas pesquisas.

Muitas vezes me perguntei qual seria a finalidade da análise. Cheguei há alguns anos à conclusão de que seu objetivo é essencialmente restabelecer uma conexão (relação) viva com o fluxo da vida. Se tantas análises se prolongam indefinidamente, isso se deve ao fato de que a relação não se instaurou com tudo o que vive em nós. Com demasiada freqüência, a análise fica apenas ao nível de um conhecimento racionalizante e psicologizante do pequeno ego.

Etimologicamente, a palavra grega "psychotherapeuein" não significava na origem cura da alma, mas culto da alma. Ao se libertar da atitude do modelo médico-científico e da psicologia do imperialismo do ego, a prática terapêutica tende a ser de novo o que foi em suas remotas origens: uma cultura da alma, uma religião da alma. Quando tiver reconhecido sua originalidade, a psicoterapia poderá novamente penetrar na cultura. O exercício do conhecimento de si (a análise psicológica) foi desde sempre praticado pelos filósofos-psicólogos, sacerdotes e leigos, e por médicos; e qualquer que fosse a especificidade de cada um, o exercício da psicoterapia, até mesmo médica, se situava sempre no interior do mundo mítico. Hoje tornou-se evidente que a atitude psicológica se aproxima muito mais da atitude religiosa do que da científica. A função de Eros (amor) e da atitude religiosa (re-ligare) se reúnem, dando à luz a criatividade psicológica e a vida.

O que vive em nós? Num discurso racional, os psicólogos nos falam de complexos, do id, do inconsciente, de tendências, de libido, de motivação, de arquétipos, de instinto, etc. Temos aí uma elaboração conceitual da razão, assim como outrora se falava de paixão, das potências da alma ou da moral dos vícios e virtudes. Ora, se dermos ouvidos ao discurso da alma, descobriremos antes de mais nada que ela gosta de se exprimir por meio de símbolos e imagens cheios de vida e sentido. Os símbolos são a auto-representação natural de tudo o que vive em nós. É através das imagens que a alma revela sua verdadeira face. Ela não se limita ao mundo interior e individual, mas é também um modo de ser que nos habita e nos engloba. O discurso da alma se situa portanto ao nível da imaginação; é um discurso simbólico e mítico. É pois nesse nível que nossa linguagem psicológica deve ser enunciada para poder ressoar na alma, devendo permanecer estreitamente vinculada ao próprio discurso da alma. Cabe a nós percebê-lo e retranscrevê-lo em linguagem acessível ao homem de hoje. O homem não pode arbitrariamente criar um mito válido, no qual possa de novo viver, exprimir-se, refletir-se e desabrochar. Ele precisa reencontrar seu mito. No rastro de Jung e dos que trabalham na linha da psicologia arquetípica, parece que esse mito, para o ho-

mem ocidental, continua sendo o mito grego-judeu-cristão. É aí que a alma tem suas raízes. Talvez o homem deva lhe propor uma continuação; de qualquer forma, é preciso tentar atingir um novo conhecimento desse mito, assim como uma relação mais pessoal com ele, para que nele o homem possa reencontrar sua imagem tanto no plano individual como cultural. (Atendendo a essa preocupação, esta coleção apresentará uma série de livros sobre psicologia e religião e sobre interpretação de mitos e contos de fada.)

O pensamento grego, deixando-se levar pela natural inclinação da alma, personificou tudo o que vive em nós. Os deuses representavam a personificação de realidades e processos da alma. À luz da teoria da projeção, hoje criticada em seus fundamentos epistemológicos, o homem dos tempos modernos reduziu ao nada a existência dos deuses. Mas, na qualidade de realidades vivas da alma, essas forças continuam a habitar em nós. No domínio da psicologia, o espírito crítico teve o trágico efeito de nos privar de nossa relação estruturante com a vida da alma, que assim se tornou uma tremenda confusão. O homem moderno está doente porque a psicologia e a cultura estão doentes.

Se a realidade mitológica da alma permaneceu a mesma, a atitude também deveria continuar a mesma. Talvez em lugar de dirigir o olhar para as alturas fosse melhor lançá-lo para as profundezas e até mesmo simplesmente estar presente a tudo o que se move em nós e habita em nós. É mais que tempo de se cultivar em primeiro lugar o relacionamento e a abertura, seja na relação dita analítica ou simplesmente em qualquer relação humana íntima, a começar no interior da família. É claro que não é fácil deixar o fluxo da vida circular livremente e estar presente a ele, sem julgamento ou interpretação. Em muitos casos, o primeiro passo consistirá em estar aberto ao fato de se estar fechado. A atenção amorosa e respeitosa por tudo o que se vive é o fermento por excelência da criatividade psicológica. "Não havendo ligação de amor, escreve Jung, não há alma"; o amor cria a alma, engendra a vida e cura muitas das feridas de que sofre a alma, que sem ele seriam incuráveis. O pensamento simbólico é a via real para o inconsciente, mas é também a via de criação da consciência. A reflexão pode nos dar a consciência; mas ainda nos falta uma psicologia reflexiva.

Penso que só na medida em que uma verdadeira ciência da alma for formulada é que o psicoterapeuta poderá assumir, em seu trabalho, uma função que no fundo lhe é própria: a de condutor da alma. Esta função necessariamente implica a transmissão de um ensinamento de vida, seja através de sua atitude diante da vida, ou do diálogo. Esse ensinamento, ao menos em parte, pode ser adquirido através da leitura. Torná-lo acessível ao público de língua portuguesa

é a finalidade essencial desta coleção. Ela não tem outro objetivo que contribuir para restituir a alma a si mesma. Para tanto, propõe-se a apresentar estudos fenomenológicos de diferentes situações existenciais (arquetípicas), a partir das quais a vida humana normalmente é urdida. Esta coleção se dirige aos psicoterapeutas e a todos os que buscam um suplemento de vida e de alma para ajudar a renovar nossa cultura. Eu sei, depois de várias experiências, que uma leitura feita a partir do interior, com os olhos da alma, e sustentada por um diálogo, bem como uma relação aberta seja com o autor ou com um pequeno grupo de amigos, pode ser uma fonte de vida e proporcionar um alargamento da consciência, constituindo-se, em si, numa atividade psicoterapêutica e num alimento da alma.

Esta coleção nasceu do desejo de trazer uma contribuição cultural. Ela é fruto de um trabalho amigável junto a Jette e meus amigos Roberto e Fátima Gambini. Quero também mencionar Moysés Baumstein e Antonio Rosa, da Editora Símbolo, que sempre demonstraram a maior disponibilidade e um grande desejo de colaboração. Agradeço especialmente à equipe de tradutores, não apenas por seu assíduo trabalho, mas por o fazerem numa relação de amizade. Por fim, meus agradecimentos aos autores e editores estrangeiros (notadamente as edições Spring e a C. G. Jung Foundation), que nos facilitaram ao máximo esta realização.

São Paulo, 29 março 1978
Léon Bonaventure

NOTA DO TRADUTOR

Não é comum um tradutor escrever prefácios. Tenho visto alguns, é verdade, mas eles se destinavam antes a louvar a excelência literária do original e os enigmas e dificuldades da tradução. Não é este meu propósito aqui, mesmo porque procurei apresentar ao leitor um texto simples e direto, sem peso acadêmico ou complicações formais desnecessárias, como parece ser o estilo de Robert Stein — uma pessoa extremamente clara, direta e comunicativa. O que eu queria era prestar aqui minha homenagem a essa rara capacidade de um autor de oferecer num livro a mais pura destilação de idéias e intuições marcadas pela calorosa expressão de sua individualidade, presenteando o leitor com revelações pessoais tão límpidas e sinceras que este já de início pode pressentir o que virá a ser a "conexão anímica" de que fala Stein. Capacidade rara, dizia eu, de construir um livro sobre tema tão fugidio a partir da terra firme do conhecimento interior, que não se apóia na autoridade da evidência bibliográfica mas na segurança originada de paciente familiaridade com as feridas da alma.

O trabalho de tradução foi também uma experiência terapêutica. Posso dizer que nunca li um livro que me trouxesse tão vivo e espontâneo o diálogo travado por uma pessoa com o centro mais profundo de sua própria natureza — como nunca encontrei autor que se colocasse tão integralmente diante de sua obra. Essa presença humana, de fato, é responsável pelo fascínio da leitura e pelo enriquecimento que ela nos proporciona; mas por outro lado, ela colocava a cada página problemas que desafiavam a capacidade do tradutor. Não que o texto fosse demasiadamente erudito ou literário — longe disso, as citações se restringem ao essencial e o estilo não pende de forma alguma para o precioso. O desafio estava justamente na extrema pessoalidade do texto. Em certos capítulos, como em "Trans-

formação de Eros", por exemplo, o leitor perde o fôlego diante da liberdade de um discurso desenfreado pela alegria do encontro com as forças vivas da psique. As entidades do mundo em que penetrou Robert Stein — Eros, em especial — não são abstratas nem alegóricas, mas vivem no aqui e no agora, falam e argumentam com voz própria. O arquétipo respira. O discurso nascido desse contato não é nem remoto, nem se serve de metáforas. Trata-se de Eros vivo, procurando a qualquer custo convencer o leitor da imperiosa necessidade de cultivar o relacionamento criativo.

O que pretendi, nessa tradução, foi não trair esse estilo. Não me interessou tanto a beleza de meu português, ou seu rigor. Procurei traduzir a liberdade que Stein tem ao falar da alma e preservar o som de novidade de certas frases nascidas de experiências elas próprias novas e pessoais. Espero que ao defrontar-se com um texto às vezes pouco convencional o leitor possa igualmente ser atingido por essa sensação de ar renovado.

Acredito que muitas das idéias aqui apresentadas não serão facilmente assimiláveis pelos menos versados em psicologia analítica. Eu também tive minhas dificuldades, mas não especialmente no campo lingüístico ou teórico. É que há uma diferença entre a compreensão intelectual da explicação de certos fenômenos psicológicos e sua vivência. Nas entrelinhas, o livro parece sugerir que a atitude do leitor não deve ser como a de Édipo diante da Esfinge, seja diante do livro ou da própria vida.

A esse respeito, escrevi ao autor sobre minha experiência de tradução. E ele escreveu de volta: "cada vez me convenço mais que uma das razões de permanecermos divididos se deve ao fato de adotarmos um modelo estático de *self* como algo iluminado, deificado, próximo de Cristo ou de Buda, num estado de perfeita totalidade e harmonia com as forças do universo. Essa imagem deificada não tem nada a ver com o que você ou eu temos de único. Essa noção do *self* como algo distante e difícil de atingir nos impede de reconhecer que ele está aqui e agora, na maneira única de cada indivíduo ver e experimentar as coisas." Eis aí, me parece, o convite deste livro.

São Paulo-Zurique, 1978
ROBERTO GAMBINI

INTRODUÇÃO

Este livro nasceu de um fracasso: o de minha própria análise — apesar de seus enormes benefícios quanto à expansão da consciência —, incapaz de cicatrizar a dolorosa cisão original no íntimo de minha natureza, e conseqüentemente de minha incapacidade, enquanto terapeuta, de ajudar outras pessoas afetadas por ferimentos psíquicos semelhantes. Depois de considerável investigação da alma e de uma tentativa de obter ajuda analítica adicional, percebi claramente que havia algo inerente à própria natureza e à estrutura da situação terapêutica que tendia a reforçar a separação. Senti-me então forçado a reavaliar os objetivos e os limites da psicoterapia, procurando descobrir se seria possível alterar o ritual de tal forma que pudesse ocorrer uma resolução baseada na cura das dicotomias mente/corpo e amor/sexo. O propósito deste livro é compartilhar os resultados de meu esforço. Minhas conclusões são igualmente velhas e novas.

Freud foi o primeiro a reconhecer a origem incestuosa da cisão entre amor e sexo, entre sentimentos sensuais e sentimentos de ternura e afeição, que tanto afeta o homem moderno. Suas descobertas, ao explorar as vicissitudes do complexo de Édipo, são o fundamento da psicanálise.

Freud demonstrou claramente alguns dos efeitos psicológicos do triângulo incestuoso, ou complexo de Édipo, tendo seus achados resistido ao teste do tempo. Entretanto, suas conclusões sobre a natureza e a função do tabu do incesto no desenvolvimento humano são questionáveis, merecendo uma reavaliação.

Segundo a teoria de Freud sobre o complexo de Édipo, a atração sexual de um menino por sua mãe vai atingindo tal intensidade que ele chega a desejar o desaparecimento do pai para poder ter a mãe só para si. Ao mesmo tempo, ele ama e admira seu pai, vendo-se assim lan-

çado numa ambivalência de amor/ódio. Mas devido ao medo de castração, o menino acaba por reprimir tanto a atração sensual pela mãe como o ódio do pai. Isso ele faz através de um processo de identificação e introjeção do pai ou dos pais no seu próprio ego. Essa autoridade paterna introjetada estabelece o cerne do superego, o qual passa a funcionar como implacável força interior destinada a perpetuar a proibição do incesto. Por fim, o superego torna-se também o portador de outros valores sociais. Assim, a resolução do complexo de Édipo depende em grande parte da existência de um superego forte, capaz de reprimir com êxito o desejo incestuoso. Como diz Freud, "o processo descrito é mais do que uma repressão; quando realizado na forma ideal, equivale à destruição e à revogação do complexo."[1] Na mulher ocorre um desenvolvimento correspondente, mas Freud nunca se sentiu em terra firme para tratar do processo na forma em que ocorre numa menina.

Freud não só acreditava que o desenvolvimento individual depende de tal processo, como ainda lançava a hipótese de que um processo similar era responsável pelo surgimento da cultura. Apoiando-se em Darwin, propunha a existência hipotética de uma horda primitiva em tempos remotos, dominada por um pai violento e enciumado que reservava para si todas as mulheres e expulsava para longe os filhos crescidos. Deixando-se levar por essa fantasia, Freud imaginava que:

> *Um dia os irmãos expulsos juntaram suas forças, mataram e devoraram o pai e assim acabaram com a horda paterna. Juntos, ousaram e conseguiram realizar o que individualmente teria sido impossível... Esses selvagens canibais sem dúvida devoraram sua vítima. Certamente esse pai violento e primitivo foi o modelo invejado e temido dos filhos. Ao devorá-lo, estes atingiam sua identificação com o pai, conquistando cada um uma parcela de sua força. O banquete totêmico, que é talvez a primeira celebração da humanidade, seria uma repetição e comemoração desse criminoso e memorável ato, a partir do qual surgiram muitas outras coisas, a organização social, as restrições morais e a religião.*
> *Os irmãos... odiavam o pai, que tão vigorosamente bloqueava suas necessidades sexuais e seu desejo de poder, mas ao mesmo tempo tinham por ele amor e admiração. Depois de satisfeito seu ódio mediante a remoção do pai e de realizado seu desejo de identificação com ele, seus impulsos afetivos reprimidos deveriam afirmar-se. Isso ocorreu sob a forma de remorso; formou-se um sentimento de culpa que nesse caso coincidia com o remorso... Agora eram eles que proibiam tudo o que a presença do pai antes impedia... Eles anularam seu efeito ao proibir a morte do substituto paterno — o totem — e renunciaram ao fruto de seu ato ao se impedirem o acesso às mulheres liberadas. Dessa forma, criaram dois tabus fundamentais do totemismo a partir do sentimento de culpa do filho, os quais, por essa razão, tinham que corresponder aos dois desejos reprimidos do complexo de Édipo...*[2]

Com essa fantasia, Freud conseguiu duas coisas. Primeiramente, apresentou uma explicação histórica para as origens do tabu do incesto e da cultura, e em segundo lugar estabeleceu uma hipótese filogenética correspondente a sua teoria de desenvolvimento individual baseado no complexo de Édipo.

Com base nessas descrições, percebe-se que Freud acreditava que as origens da cultura e do desenvolvimento humano individual dependem ambos da *repressão* de impulsos sexuais incestuosos. Na sua concepção, o tabu do incesto foi criado unicamente para esse fim.

O tema central deste livro gira em torno daquilo que acredito ser uma compreensão mais significativa e acurada do mistério do incesto. As diferenças poderão ser mais facilmente compreendidas se antes examinarmos alguns dos pressupostos básicos a partir dos quais Freud desenvolveu suas teorias do incesto.

As teorias de Freud acham-se profundamente enraizadas na metafísica do materialismo científico, o qual reduz todos os aspectos do organismo humano a processos físico-químicos. Numa excelente investigação das premissas filosóficas subjacentes aos conceitos de Freud, Yankelovich e Barrett afirmam que o conceito freudiano de "aparato mental" na verdade "não passa de um substituto psicológico dos postulados newtonianos de inércia e conservação da energia. Sua função é apenas regulatória (apesar de não ser especificado o modo pelo qual isso ocorre), com a finalidade única de garantir um estado fixo e constante."[3]

Assim, na visão de Freud os instintos funcionam exclusivamente para descarregar as tensões somáticas do organismo. Os instintos

1. Sigmund Freud, "The Passing of the Oedipus-Complex", *in Collected Papers*, Vol. 2, London, Hogarth Press, 1953, pág. 269.

2. Sigmund Freud, "Totem and Taboo", *in The Basic Writings of Sigmund Freud*, New York, Modern Library, 1938, págs. 915-917.

3. Daniel Yankelovich & William Barrett, *Ego and Instinct*, New York, Random House, 1970, pág. 48.

são todos qualitativamente análogos e devem o efeito que produzem apenas à quantidade de excitação que os acompanha, ou talvez ainda a certas funções dessa quantidade."[4] Essas energias instintivas — prolíficas, indiferenciadas e cegas — funcionam apenas para proteger o equilíbrio somático do organismo. No conceito freudiano de aparato mental não há nada que indique que os instintos humanos funcionem de modo especificamente humano para moldar a psique. Muito pelo contrário: apenas certas influências externas, através da formação do ego e do superego, são responsáveis pelo desenvolvimento psicológico humano. Freud equiparava ego e razão, cultura e sanidade, instintos marcados por paixões incontroláveis e animalidade.

Estruturalmente, Freud concebia a psique como um aparato composto de três partes: id, ego e superego. O id "contém tudo o que é herdado, que está presente no nascimento, que está fixo na constituição — acima de tudo, portanto, os instintos originários da organização somática..."

"Sob a influência do mundo exterior e real que nos cerca, uma parte do id sofreu um desenvolvimento especial ... passando daí por diante a funcionar como intermediário entre o id e o mundo exterior. Essa região de nossa vida mental recebeu o nome de ego."[5]

"O ego representa aquilo que chamamos de razão e sanidade, em contraste com o id, que contém as paixões."[6]

O superego é formado no interior do ego em conseqüência da prolongada influência dos pais. Inclui "não apenas a personalidade dos próprios pais, como também as tradições raciais, nacionais e familiares transmitidas através deles, além das imposições do ambiente social imediato que eles representam."[7] O superego, dessa forma, é entendido como uma imagem interior dos pais, destinada a preservar valores sociais e a atuar como voz da consciência.

Consideremos mais uma premissa essencial das teorias de Freud: sua explicação do processo pelo qual o ego opera a introjeção. Segundo meu entendimento de sua teoria, as energias sexuais indiferenciadas (eros e seu expoente, a libido) são inicialmente armazenadas no ego. Esse estágio denomina-se narcisismo original e se prolonga até que o ego comece a associar uma parte da libido a certos objetos — transformando assim a libido narcisística em libido objetiva. Como a

4. Sigmund Freud, "Instincts and Their Vicissitudes", *in Collected Papers*, Vol. 4, London, Hogarth Press, 1953, pág. 66.

5. Sigmund Freud, *An Outline of Psychoanalysis*, London, Hogarth Press, 1955, pág. 2.

6. Sigmund Freud, *The Ego and the Id*, London, Hogarth Press, 1947, pág. 30.

7. *Op. cit.*, Freud, *An Outline of Psychoanalysis*, pág. 4.

libido se caracteriza pela mobilidade, sua associação aos objetos é apenas temporária, salvo no caso de ocorrer alguma fixação. Dessa forma a libido se retrai, exatamente como os "pseudópodes do corpo de um protoplasma", sendo o objeto externo introjetado no ego.[8]

Como se pode perceber nessa formulação, a psique inteira seria formada pela introjeção dos objetos externos que encontramos em nossa vida. Não herdamos nem imagens nem conhecimento de nossos ancestrais. Por que será que se aceita que tantas características fisiológicas e anatômicas sejam herdadas, enquanto se nega que certas qualidades humanas específicas estejam desde o nascimento contidas na psique? Por certo essa formulação não passa de mais uma manifestação da grave cisão entre mente e corpo que continua a afligir o homem ocidental. Apesar de Freud freqüentemente se referir à idéia de que herdamos certos traços da memória de nossos ancestrais humanos — isto é, a memória da façanha original representada pela morte do pai — em suas teorias psicodinâmicas a psique parece não ser mais que uma *tabula rasa* no recém-nascido.

Por que ocorreria a alguém partir da premissa de que num recém-nascido os instintos são basicamente os mesmos que nos animais? Bem, isso faz sentido quando se acredita que o eu consciente, com sua incomparável capacidade de raciocínio, é a única qualidade que diferencia o homem dos animais. Afinal, o recém-nascido não parece possuir muito mais racionalidade ou consciência do que os outros animais. Junte-se a isso a distorção cartesiana, que concebe o corpo como uma máquina governada apenas por leis mecânicas e a lógica da posição de Freud torna-se clara: se é só o ego que tem alma (ou psique), e se não há nenhuma evidência visível de um ego no recém-nascido, então não temos base alguma para supor que esse organismo seja governado por processos distintos dos processos físico-químicos que governam todos os demais organismos.

Se abandonarmos o dualismo cartesiano e o materialismo científico subjacentes à teoria freudiana dos instintos e do desenvolvimento psíquico, teremos então a liberdade de lançar a hipótese de que o homem herda de seus ancestrais não só uma estrutura físico-química mas também uma psique. O que é psique? Temos aqui uma palavra grega que significa alma, vida, alento. Devemos portanto considerar o conceito de alma se quisermos saber o que é a psique.

Desde tempos imemoriais, a alma tem sido concebida como uma força vital imortal que penetra no corpo e adquire forma no momento da concepção ou durante a gravidez, deixando-o por ocasião da

8. *Ibid.*, pág. 8.

morte. Até aqui, o conceito freudiano de id, exceto quanto à idéia de imortalidade, poderia corresponder a essa força vital. Mas a alma é mais do que isso. Ela é também o transmissor da história psíquica do homem e a fonte de uma inteligência diretiva que, segundo a antiga concepção, configurava a vida e o destino dos indivíduos — algo bem distinto das cegas energias instintivas do id proposto por Freud.

Caso existam de fato, esses princípios inteligentes devem fazer parte da herança instintiva do homem. Mas não poderemos jamais explicar como funcionam esses instintos se ficarmos presos ao conceito de Freud, segundo o qual estes servem apenas para descarregar as tensões somáticas do organismo.

Se um instinto contém uma inteligência diretiva, ele deve ser capaz de expressar-se tanto em formas mentais como em reações físicas. Como vimos, na visão freudiana a formação de imagens deve-se inteiramente à introjeção de objetos do mundo externo. Ora, os investigadores modernos já demonstraram que, mesmo entre os animais, uma imagem interna deve ser liberada antes que tenha lugar uma reação instintiva. Por exemplo: o bico da gaivota é amarelo, com uma mancha vermelha na extremidade da mandíbula inferior. Usando simulacros de papelão de coloração natural, Tinbergen[9] descobriu que a mancha vermelha era o estímulo essencial para liberar o instinto do filhote. A gaivota apresentava reação fraca ou nula ao modelo artificial que não tinha a mancha vermelha.

Descobertas desse tipo indicam que uma reação instintiva depende da liberação de imagens internas, inerentes ao sistema perceptivo do organismo. Esses achados sugerem ainda que a reação instintiva é muito mais complexa do que um simples reflexo psicológico. O conceito junguiano de arquétipo, entendido como disposição psíquica herdada e pré-existente, é corroborado por experimentos desse tipo.

Para Jung, o arquétipo é um princípio formativo de poder instintivo, que pode expressar-se através de reações físicas ou de representações mentais (imagens e idéias[10]). O arquétipo é o repositório de toda a experiência humana, desde o mais remoto princípio. "Não um depósito morto ou uma espécie de monte de lixo abandonado, mas um sistema vivo de reações e aptidões que invisivelmente determina a vida individual — de modo tanto mais eficiente quanto invisível ... é também a fonte dos instintos, pois os arquétipos são simplesmente as formas assumidas por estes. Da fonte viva dos instintos flui tudo o

9. N. Tinbergen, *The Study of Instinct*, London, Oxford University Press, 1951, págs. 29-31.

10. C. G. Jung, "On the Nature of the Psyche", *Collected Works 8*, New York, Pantheon Books, 1960, págs. 416-417.

que é criativo; portanto o inconsciente *não é meramente condicionado pela história, mas é a própria fonte do impulso criativo.*"[11]

Depois de introduzido o conceito de arquétipo, o contraste entre a concepção de Freud e a minha sobre o mistério do incesto pode ser claramente estabelecido.

Meu ponto de partida consiste em apresentar algumas suposições sobre a natureza e a função dos instintos. A primeira refere-se ao fato de que a trajetória singular do desenvolvimento do homem, incluindo seus valores éticos e a organização social, reflete uma disposição de base instintiva. Uma segunda sustenta que os instintos se originam de princípios transcendentais herdados — os arquétipos — situados na psique (ou alma). Como a alma está em constante circulação através de cada célula do corpo, não se pode falar de uma localização somática específica da psique (neste caso, o cérebro) ou dos arquétipos. Assim sendo, a capacidade de inteligência e de consciência está contida em cada célula e não limitada ao cérebro e à mente racional. O arquétipo é entendido como uma disposição inerente capaz de liberar padrões exclusivamente humanos e instintivos de imaginação, pensamento, sentimento e comportamento.

Com base nessas premissas, podemos supor que, a despeito das similaridades instintivas entre o recém-nascido e os animais, os instintos humanos são completamente diferentes. Não se têm maiores dificuldades em aceitar as origens instintivas de comportamentos peculiares e fantásticos como a construção de barragens pelos castores ou a migração dos pássaros — mas o homem ocidental continua a resistir à idéia de que seu próprio comportamento seja de alguma forma instintivo. Essa distorção metafísica tem por certo uma longa história, que pode ser resumida pela concepção de S. Tomás de Aquino: "o comportamento do homem depende da razão, enquanto os animais são governados pelo instinto." Recaímos sempre nesse mesmo tema, que permeia toda a teoria de Freud, de que a diferença entre o homem e os animais é dada apenas por seu ego e sua capacidade de raciocinar.

Minha premissa é de que não só a razão do homem é única, como também sua sexualidade, sua capacidade de amor e relacionamento, sua imaginação, sua linguagem e assim por diante; portanto, *não aceito a idéia de que a capacidade de raciocinar seja responsável por todas essas diferenças.* Pelo contrário, procurarei demonstrar que a principal função do tabu do incesto é estimular o crescimento de uma

11. C. G. Jung, "The Structure of the Psyche", *Collected Works 8*, New York, Pantheon Books, 1960, parágr. 339 (grifo meu).

imaginação humana singularmente rica, que corresponde a uma também singular capacidade de amor, serviço e dedicação.

Uma concepção arquetípica dos instintos pressupõe que quando o instinto de sugar, por exemplo, é liberado num recém-nascido, este começa a sugar o seio materno devido tanto a imagens interiores como a mecanismos fisiológicos que compelem a fazê-lo. Da mesma forma, uma criança reage à atenção materna de um modo tipicamente humano devido à libertação de uma imagem arquetípica interior sobre a conexão mãe-filho. Da mesma forma ocorre em relação ao pai, aos irmãos e aos outros. Em outras palavras, todas as formas típicas de relacionamento humano que o homem conhece — incluindo a união sexual — tornaram-se parte de sua herança arquetípica. Mesmo a idéia de que se deve aprender a manter relações sexuais não passa de uma manifestação de quanto o ego do homem moderno se afastou de suas raízes instintivas. Não há dúvida que os animais devem ser dirigidos por uma imagem interior de união sexual, pois apresentam pouca dificuldade no ato mesmo sem tê-lo jamais presenciado. Por exemplo, na ausência de macho a cadela virgem no cio costuma cobrir outras fêmeas em estado normal, fazendo os movimentos sexuais rítmicos típicos do macho. Não se pode negar que sua ação é no caso orientada por uma imagem interior que inclui também a metade masculina da união. Essa idéia não será tão surpreendente se por um instante examinarmos nossas próprias fantasias sexuais. Quando nos ocorre uma fantasia sexual, nossas imagens freqüentemente envolvem ambos os parceiros, o homem e a mulher. A dualidade e a polaridade parecem ser características inerentes do arquétipo.

Na situação familiar existe o potencial para as seguintes constelações arquetípicas: Mãe-Pai; Mãe-Filho; Mãe-Filha; Pai-Filho; Pai-Filha; Irmão-Irmã; Irmão-Irmão; Irmã-Irmã. Isso significa que uma criança pode experimentar todas essas combinações arquetípicas, seja menino ou menina. Apesar de se referirem a imagens interiores, no início esses arquétipos são liberados e vividos em relação a um objeto externo (a mãe, o pai ou o irmão). Entretanto, uma vez liberadas, essas imagens, que pertencem à história da experiência tipicamente humana, começam a penetrar na psique infantil. Essas idéias todas são fundamentais para a compreensão do meu modo de encarar o significado e o mistério do incesto.

Certos estudos antropológicos têm demonstrado que nas sociedades primitivas o rígido controle do incesto destina-se antes de mais nada a impedir relações sexuais entre irmão e irmã, e não entre pais e filhos. Em geral, os elementos da tribo julgam ridícula a idéia de dormirem com suas mães, mas são altamente suscetíveis quanto a qualquer sugestão de uma relação sexual com suas irmãs. A concepção de Freud de que o propósito central do tabu do incesto é impedir

o relacionamento sexual entre pais e filhos não é corroborada pela evidência antropológica.

Muitos antropólogos acreditam que os fortes instintos protetivos que os pais sentem em relação a seus filhos, ao lado da disparidade de idades, provavelmente bastariam para impedir a ocorrência de relações sexuais. Qual seria então o propósito de tal tabu entre pais e filhos, se não para inibir a sexualidade entre ambos? Procurarei demonstrar que, em relação aos pais, o tabu do incesto serve antes de mais nada para tornar sagrada a união entre ambos, estimulando assim a formação de imagens arquetípicas como a união sagrada do casal divino, o *hierosgamos*. Imagens desse tipo são essenciais para o crescimento psicológico e a totalidade. Na relação irmão-irmã, o tabu serve de fato para impedir o relacionamento sexual concreto. Psicologicamente, entretanto, ele estimula a imaginação infantil a inciar-se no caminho da fascinação exclusivamente humana pela imaginária erótica e romântica.

A filosofia mecanicista de Freud só poderia mesmo ter levado a uma visão concretista da sexualidade e do incesto. Freud não era capaz de admitir a idéia de que o próprio tabu do incesto pudesse fazer parte da sexualidade instintiva humana, ou que o instinto sexual se auto-inibisse para estimular a formação de imagens interiores, antes que para obter uma gratificação somática. Contrapondo-me a essa concepção, proponho a noção de que o instinto sexual está longe de ser um impulso cego e indiferenciado e que o mesmo contém uma vontade inteligente e a capacidade de transformar-se.

O problema central é que Freud encarava o instinto sexual — e de resto todos os demais — como um impulso cego que visa apenas liberar tensões somáticas. Posto que em seu pensamento nenhum instinto seria responsável pelo desenvolvimento humano e pela cultura, o tabu do incesto não poderia jamais ser instintivo. Concordo plenamente com a posição de Freud de que o tabu do incesto é responsável pelo desenvolvimento peculiar do homem. Mas colocamo-nos em pólos opostos quando se trata de explicar como isso se dá.

Para Freud, "não é possível que as exigências do instinto sexual se reconciliem com as da cultura."[12] Argumenta ele que esse "antagonismo irreconciliável ... tornou o homem capaz de grandes realizações, ainda que, é verdade, sob a contínua ameaça de perigo, como a neurose à qual presentemente estão sucumbindo os mais fracos."[13] Concordo. Conclusões desse tipo baseiam-se em grande

12. Sigmund Freud, "The Most Prevalent Form of Degradation in Erotic Life", *in Collected Papers*, Vol. 4, London, Hogarth Press, 1953, pág. 216.
13. *Ibid.*, pág. 216.

parte na concepção de Freud de que o instinto sexual só pode satisfazer-se através da realização concreta. Portanto, quando o instinto sexual é obstruído em seu desejo pelos pais ou irmãos, naturalmente ele se colocará em eterno antagonismo ao ego, o qual procura defender valores culturais. Deste ponto de vista, a sublimação, no melhor dos casos, não deixará jamais de ser um pobre substituto para o instinto sexual.

Na minha opinião, Freud foi incapaz de apreender a verdadeira significação psicológica do mistério do incesto, ao mesmo tempo que, decidindo-se pelo antagonismo irreconciliável entre o componente racional e o animal-sensual da alma, logrou perpetuar os efeitos fragmentadores do dualismo cartesiano em seu sistema de psicoterapia. Dessa forma, Freud acaba por glorificar a mente racional como sendo a suprema autoridade regulatória, reforçando a desconfiança para com todas as reações naturais e espontâneas da natureza animal-instintiva do homem. Tal atitude é antivida e pode destruir a conexão humana.

O sistema freudiano de terapia, incluindo o papel e a função do terapeuta, baseia-se por completo nessa desconfiança quanto à natureza instintiva do homem. Não apenas a psicanálise, como quase todas as outras formas de psicoterapia, são dominadas por esse medo dos instintos. Que eu saiba, todas as escolas de psicoterapia sustentam que uma das principais funções do terapeuta é lançar luz, trazer consciência. Mas por consciência entende-se consciência do ego, o que significa que o terapeuta deve sempre procurar manter uma certa distância e objetividade. *Acredito que esse distanciamento de ego dos psicoterapeutas é uma conseqüência direta da desconfiança quanto aos instintos.* Além do mais, isso me parece não apenas desnecessário, como tendente a perpetuar, ao invés de curar, os efeitos fragmentadores do complexo de Édipo.*

Voltaremos neste livro muitas vezes ao tema, mas, mesmo a esta altura, já se pode perceber as enormes implicações dessa maneira de encarar o incesto, como procuro demonstrar.

As formulações teóricas da psicologia moderna continuam a ser dominadas pela metafísica cartesiana. Conseqüentemente, o conceito de ego, para fins práticos, passou a ser sinônimo de mente racional. "*Cogito, ergo sum:* penso, logo existo". Esta suposição que o homem

* Daqui por diante, "ferida do incesto" será usado em lugar de complexo de Édipo. Creio que ele descreve melhor os efeitos danosos ao desenvolvimento produzidos pelo triângulo incestuoso; além disso, Freud só encara o complexo de Édipo como prejudicial quando o mesmo persiste além do período de latência.

existe, enquanto entidade singular, devido apenas a sua capacidade de pensamento racional continua sendo a base metafísica prevalecente em nossa cultura. Para Descartes, o corpo, com sua natureza animal-sensual, é uma substância distinta da mente e sujeita apenas a leis mecânicas. O corpo é passivo, enquanto a mente é ativa e capaz de livre-arbítrio. Como a mente racional pode controlar e superar as paixões animais, torna-se superior às raízes físico-emocionais da natureza humana. *A mente é movida pela alma, ao passo que o corpo é movido apenas por humores animais. Só a mente tem alma.* O propulsor primordial é Deus, cuja inteligência diretiva se manifesta continuamente na mente racional. Deus implantou o movimento no corpo humano e nas demais matérias, mas depois abandonou toda e qualquer matéria. Leis mecânicas governam o mundo material. O homem obedece a essas mesmas leis, visto ser apenas uma forma mais completa de organização do mesmo processo que domina outros aspectos da natureza.[14]

Num certo sentido este livro é uma tentativa de romper com esse sistema cartesiano, o qual não apenas nega a importância da unificação entre corpo e mente, como ainda se apóia no princípio de que o homem deve superar a confusão que seu corpo traz à mente. Minha abordagem da psicologia humana reflete, no que diz respeito à Natureza, uma atitude radicalmente diversa da erigida pelo modelo cartesiano, o qual supõe que apenas a mente racional possui conhecimento e poder para determinar o que o homem deve fazer com a Natureza. Minha suposição (por sinal bastante antiga) é de que a Natureza, incluindo a natureza humana, contém em si uma inteligência diretiva (alma), que é a fonte de todo o conhecimento relativo à natureza do ser e do devir do homem. A mente racional deve permitir que a Natureza a instrua, servindo-se de sua atividade imaginativa para propiciar a melhor expressão possível às raízes instintivas, emocionais e físicas do desejo humano. Quando a mente racional perde sua conexão com o corpo e passa a funcionar autonomamente, as necessidades humanas básicas são violadas e distorcidas. Enquanto o homem contemporâneo continuar a tratar seu dilema com base nos pressupostos da metafísica cartesiana, não haverá esperança alguma de que consiga restabelecer uma conexão nova, harmoniosa e significativa com suas necessidades básicas. A Natureza continuará a ser encarada como uma máquina interessante, como um objeto de investigação científica passível de controle uma vez suficientemente compreendidas as relações causais que unem suas várias partes.

14. Frank Thilly, *A History of Philosophy*, New York, Henry Holt, 1927, págs. 272 e seg.

Gostaria agora de dar uma idéia sobre meu método de investigar a psique. Antes de mais nada, concedo suprema importância às sensações e emoções que sinto em meu corpo. Considero que minha experiência física subjetiva em geral contém alguma verdade universal e neste texto procuro extrair o universal do pessoal. Por exemplo, ao deparar-me com o ciúme numa situação particular, tento encontrar algo nessa experiência que transcenda minhas necessidades pessoais e atinja a raiz de alguma necessidade humana mais geral. É claro que essa abordagem opõe-se à visão cartesiana, segundo a qual a verdade universal só pode surgir do pensamento puro, assim como as experiências físico-emocionais só podem atrapalhar a busca da verdade.

Nenhuma cura do conflito entre carne e espírito será possível enquanto a natureza instintivo-animal do homem for considerada inferior à sua mente e sua psique, atitude esta comum tanto a Freud como a Jung. *Conseqüentemente, ambos os sistemas tendem a perpetuar os efeitos de dilaceramento da alma produzidos pela dicotomia mente/corpo*. Este livro principia com uma discussão desse problema. O capítulo segundo contém primordialmente uma crítica e uma reavaliação da teoria dos instintos de Freud e da teoria dos arquétipos de Jung. Ambas são visivelmente influenciadas pela mesma atitude preconceituosa face aos instintos básicos — a superioridade das funções mentais em relação às funções físico-emocionais. Posteriormente, na Parte IV, é apresentada uma crítica à teoria freudiana do instinto de morte.

Como sugere o título, o tema central deste livro é o tabu do incesto e sua significação para o desenvolvimento do amor humano. É surpreendente que tantos estudos sobre o desenvolvimento cultural humano tenham sido feitos sem qualquer tentativa de se examinar o significado da existência universal do tabu do incesto. Nenhuma outra característica estrutural da comunidade humana tem permanecido tão fundamentalmente inalterada no decorrer da história, desde a cultura mais primitiva a mais moderna e sofisticada. Nenhuma cultura conhecida, passada ou atual, permite o relacionamento sexual entre mãe e filho, pai e filha, irmão e irmã.* A existência universal deste tabu e o fato de não haver evidência alguma de que se verifique entre os animais sugere que talvez o mesmo seja um fator chave do processo de humanização.

* As exceções são sempre uma re-encenação ritual da união entre Deus e Deusa, como nas dinastias egípcias, por exemplo, ou nos rituais orgiásticos.

A Parte II trata da significação psicológica e cultural do incesto, desenvolvendo-se a concepção de que as origens do distúrbio que afeta o relacionamento do homem ocidental com suas raízes instintivas talvez remonte à perda de conexão com o sentido e o mistério do incesto.

Na Parte III são discutidos alguns aspectos específicos da psicologia masculina e feminina. Aparece aí uma tentativa de demonstrar que, para o homem e a mulher de hoje, as obstruções que impedem o desenvolvimento psicológico derivam em grande parte de falsas suposições e de um relacionamento distorcido com o instinto sexual.

Deuses fálicos da Grécia Antiga como Pan, Príapo, Dionísios e Deusas como Demeter, Perséfone e Afrodite ainda se encontram vivos ou soterrados na psique humana. Apesar dessas forças estarem presentes em ambos os sexos (como estão todos os arquétipos), não há dúvida de que as mulheres tendem a se identificar mais com as Deusas que simbolizam a mãe, a virgem e o amor erótico. Posto que uma teoria arquetípica dos instintos sustenta que as formas culturais refletem uma disposição humana imanente, não nos sentimos obrigados a penetrar na controvérsia entre natureza/nutrição que permeia o tema da psicologia feminina.

Sem dúvida, as mulheres têm razão em resistir quando se tenta enquadrá-las nesses opressivos compartimentos arquetípicos. Por outro lado, todos precisamos desesperadamente da renovação e da fertilidade trazidas pelas Deusas. Deus não está morto, mas as grandes Deusas antigas certamente caíram num abismo. Em seu lugar, dispomos hoje de imitações açucaradas da Grande Mãe, incapazes de assimilar sua dimensão fálica, e de modelos plásticos e assexuados da Deusa "de ouro", reduzida a um encarte de revistas masculinas. Muitas mulheres usam seus poderes afrodisíacos para manipular os homens, mas poucas são hoje em dia capazes de entregar-se à Deusa e permitir que seu grande amor renovador penetre no mundo. Não as culpo por isso. Quando a sensação erótica não consegue harmonizar-se com a dimensão maternal, Afrodite não é mais que uma "aventureira licenciosa", indigna de confiança em qualquer relacionamento. Diante de sua poderosa ânsia de confundir-se com o amado, são abandonadas todas as considerações mundanas, são rompidos todos os laços, podendo ela até mesmo destruir com selvageria todo aquele que lhe opuser resistência.

Freqüentemente, a ferida do incesto causa um transtorno no relacionamento com o instinto materno, esse princípio feminino receptivo da psique humana. A genuína abertura, a aceitação e o carinho para consigo próprio ou os outros não são possíveis enquanto o arquétipo materno permanecer fechado e preso a uma atitude de

rejeição. Portanto, a redenção do amor e da sexualidade só pode ocorrer ao longo da gradual transformação da mãe interior.

Na Parte IV exploramos a natureza de Eros e sua função no desenvolvimento psicológico. Procuramos substanciar a hipótese de que, muito mais do que a razão, Eros é o fator humanizatório crucial da psique humana. Acompanhando as idéias de Platão e Jung, Eros é entendido como aquela qualidade da alma humana responsável pelo relacionamento e pela conexão psíquica. Apesar de incluir a dimensão erótica, Eros não se confunde com a paixão demoníaca evocada pelo deus grego conhecido pelo mesmo nome. Uma discussão detalhada da natureza de Eros compõe o corpo central dessa seção.

A Parte V contém uma discussão pormenorizada de minha concepção da natureza, do uso e do mau uso do fenômeno da transferência na psiquiatria. Uma concepção arquetípica da transferência leva a uma compreensão desse fenômeno bastante diversa daquela permitida pela perspectiva analítica. Com efeito, no capítulo final são levantadas algumas questões fundamentais sobre a conveniência de se usar a transferência como instrumento terapêutico.

O capítulo final apresenta minhas conclusões sobre o modo pelo qual a análise pode se tornar um ritual psicoterapêutico mais satisfatório e completo.

Um apêndice com pequenos ensaios sobre relações humanas — particularmente a conexão homem-mulher — completa o livro.

PARTE I

A TRAIÇÃO DO ANIMAL

I. PSICOTERAPIA: FREUD E JUNG

A Psicoterapia ainda está longe de alcançar até mesmo o limitado alvo de curar as relações distorcidas que um indivíduo mantém com seus instintos. Enquanto os instintos de um paciente estiverem em conflito com sua mente e seu espírito, a cura psicológica e a unificação da personalidade permanecem obstruídas. Tanto Freud como Jung concordam que a integração da vida instintivo-emocional é um alvo central da terapia. No entanto, seus sistemas analíticos tendem a perpetuar uma contínua violação de nossos instintos animais, ao invés de acenar com uma resolução criativa desse conflito.

Quando iniciei minhas atividades como analista junguiano, considerava-me superior aos colegas freudianos porque me sentia capaz de adotar uma atitude de abertura e naturalidade para com meus pacientes, enquanto eles tinham que se proteger atrás da persona de distanciamento científico do médico. A partir do momento em que me vi subitamente atingido por um forte ataque de ansiedade e por dolorosos sintomas físicos, comecei a perceber que vinha me iludindo com respeito à minha pretensa abertura.

Um de meus pacientes — uma mulher bastante conturbada — vinha há várias semanas falando sobre a agressividade sexual dos homens, em contraste com sua própria pureza, sua inocência e sua ternura. Um dia ela contou que tinha inocentemente aceito dar um passeio com um homem, o qual, a certa altura, tentou forçá-la sexualmente. Com evidente prazer, ela se deteve em cada detalhe do que o homem lhe havia dito e feito. Pude perceber, sem maior dificuldade, os elementos de sedução presentes em sua necessidade de apresentar

detalhes tão elaborados. Mas só me dei conta de quanto tudo isso me afetava, no momento em que me vi irresistivelmente tomado por uma terrível ansiedade e por uma sensação de tontura, seguidas de forte dor no pênis. O ataque logo passou mas fiquei completamente esgotado, sentindo que tinha sido apunhalado por um traiçoeiro atacante.

Depois dessa experiência tão dolorosa e chocante, procurei imediatamente examinar meu relacionamento com essa mulher e analisar o que o mesmo havia desencadeado em mim. Isso não era nada fácil, pois fosse o que fosse o elemento em questão, tratava-se obviamente de algo que eu não desvendara depois de tantos anos de análise pessoal e didática. Tudo parecia apontar na direção de um problema sexual não resolvido, mas muito tempo passou antes que a natureza de minha dificuldade começasse a se desenredar. Este livro é uma conseqüência direta da minha tentativa de compreender e curar a ferida aberta por essa experiência.

Infelizmente, o sintoma que descrevi se repetia toda vez que certos temas sexuais eram abordados. Com efeito, prolongou-se por cerca de dois anos e era tão perturbador — nem posso descrever o horror e o desespero que sentia — que achei que devia abandonar minha profissão. Quem já viu um analista que não pode ouvir falar de sexo? Gostaria por isso de compartilhar com vocês a essência daquilo que por fim descobri sobre mim mesmo.

Logo ficou claro que os ataques eram causados pelo medo de me abrir à experiência de minhas próprias fantasias sexuais de agressão e erotismo, que as histórias pornográficas de minha paciente provocavam. Mas por que sentia eu tal medo? Passei vários anos explorando a gama inteira de minhas fantasias sexuais, fossem elas infantis, heterossexuais, homossexuais ou orgiásticas, não tendo conservado nenhum medo consciente. Seria talvez a situação em si? Estaria eu com medo de me sentir tomado e atacar minha paciente, caso me abrisse às fantasias? Sim, aí estava de fato parte do meu medo. Racionalmente, eu sabia que não havia muitas chances de que isso acontecesse, mesmo que ficasse excitado; mas muito tempo passou antes que eu pudesse arriscar essa possibilidade na situação analítica.

Consegui por fim detectar as origens incestuosas de meu medo. O tabu sexual inerente à situação analítica, além da relação pai-filho que ela constela, ativam tanto o horror como o fascínio pelo incesto sempre que se manifestam sentimentos sexuais. Além disso, a inocência hipócrita de minha paciente desencadeou em mim a liberação de uma enorme carga de raiva reprimida, dirigida contra algumas de minhas irmãs mais velhas, as quais, nos meus primeiros anos de adolescente,

me provocavam sexualmente de modo excessivo e depois o negavam. (Para mostrar como essas coisas vão longe, na noite passada, enquanto trabalhava neste livro, tive um sonho no qual fazia uma de minhas irmãs reconhecer o que me havia feito quando éramos jovens, continuando ela a alegar que não se lembrava ter havido algo de sexual entre nós.)

Na psicanálise, o paciente é estimulado a experimentar emocionalmente e a expressar verbalmente todas as suas fantasias sexuais. Mas o que acontece com o analista, que deve permanecer distanciado e objetivo? Uma coisa é certa: sempre que se toca no mistério do incesto a sexualidade fica muito carregada, só se conseguindo evitar o envolvimento tomando distância da experiência — que é exatamente o que deve fazer o analista, caso pretenda manter sua posição objetiva. Se porém a sexualidade for ativada pela relação arquetípica entre analista e analisando, então já não se trata mais de uma coisa unilateral.

Enquanto o analista não for igualmente livre para experimentar e expressar verbalmente suas próprias fantasias sexuais, a probabilidade maior é de que o analisando tenha que arcar sozinho com o peso inteiro: tanto as fantasias inconscientes do analista, como as suas próprias. Segundo minha experiência, é impossível saber o que pertence a quem, se analista e analisando, em conjunto, não demonstrarem mútua abertura com respeito a suas fantasias sexuais. Na ausência dessa possibilidade, duas coisas tendem a ocorrer: 1) caso o analisando revele fantasias sexuais, estas serão fragmentárias e dissociadas das emoções; 2) o fardo representado pelo fato do paciente ter que carregar a sexualidade inconsciente do analista recria a relação patogênica pai-filho, a qual provavelmente mais agrava do que cura a ferida do incesto.

Tendo trabalhado por vários anos como médico antes de tornar-me analista, tenho bastante familiaridade com o distanciamento requerido do primeiro em seu relacionamento com o paciente. O médico deve treinar-se para permanecer emocionalmente distanciado quando examina e trata pacientes nus. Sem dúvida alguma, o paciente que se apresenta despido e vulnerável diante de um médico tem o direito de esperar que seu corpo não seja ofendido nem violado. Analogamente, esse mesmo modelo médico foi transferido à situação psicoterapêutica, na qual se espera que o paciente exponha sua alma nua e vulnerável. Mas pode ser que a cura da alma exija abordagens e princípios diversos, particularmente quando suas feridas se localizam no terreno do amor e do sexo, ou da cisão entre mente e corpo. Procurarei demonstrar que a conexão anímica entre analista e

analisando é um ponto central do processo de cura — e que isso só é possível se o analista igualmente quiser e puder revelar sua própria alma.

Talvez nem mesmo o distanciamento que o médico assume em relação ao corpo nu seja realmente essencial. Será que isso não se resume apenas a mais uma manifestação da desconfiança cartesiana e do medo de nossa natureza instintiva e animal? Penso que sim. E acho que isso tem levado a uma filosofia da medicina totalmente mecanicista, na qual o corpo é encarado unicamente como uma máquina sem alma, constituída por peças que se movem e cujo tratamento exige um superespecialista que se limita a cada uma delas. Não creio que a objetividade científica e o distanciamento emocional representem aquilo que realmente protege o paciente de danos físicos por parte do médico. Pelo contrário, a própria natureza da situação terapêutica evoca instintos protetivos em relação à pessoa exposta e vulnerável. Mesmo entre os animais, como demonstrou Lorenz,[1] tais instintos parecem existir. Na verdade, a fria distância imposta pela objetividade científica tem produzido as mais terríveis violações do corpo humano.

Um aspecto importante do trabalho analítico consiste na exploração e reavaliação de velhas atitudes do paciente (conscientes e inconscientes). Nesse contexto, o analista funciona mais como professor do que como alguém que cura, sendo que suas próprias atitudes e valores fatalmente exercerão profunda influência sobre o paciente. A idéia de que o analista funciona como guia e mentor intelectual, como guru, surge desse aspecto necessário do processo. Particularmente na análise junguiana, é enfatizado o papel do analista como *psicopompo*, ou seja, aquele que mostra o caminho. Em conseqüência, a escola junguiana tende a tornar-se um sistema filosófico preocupado com o dilema ético, moral e religioso do homem moderno, tendo se afastado das questões mais especificamente terapêuticas da psicopatologia: alguns de seus adeptos chegam mesmo a questionar se a psicologia analítica faz parte da tradição das artes da cura. Embora os psicanalistas estejam em teoria mais preocupados com patologia, na prática seus métodos são também em boa medida educacionais. Assim como os junguianos, partem do pressuposto de que, ao tornar consciente aquilo que é inconsciente, novas atitudes do ego se desenvolvem, as quais ajudam a libertar o indivíduo do jugo opressivo do

1. Konrad Lorenz, *King Salomon's Ring: New Light on Animal Ways*. New York, Crowell, 1952, pág. 186 e seg.

complexo patogênico. É claro que os valores e a orientação filosófica do analista têm peso considerável, na medida em que determinam a direção das novas atitudes de ego do paciente; pois mesmo que os padrões do analista não sejam explícitos e expressos, ele é tido como modelo em virtude de seu próprio papel. Seja como for, pressupõe-se que o complexo instintivo reprimido do paciente será curado através desse processo. Na prática, entretanto, tanto as mudanças na atitude do ego, como a concretização e a aceitação do complexo inconsciente freqüentemente se revelam inadequadas para ocasionar uma real transformação ou a cura. Isso tem sido explicado de dois modos: ou ocorreu apenas uma percepção e aceitação ao nível intelectual, ou a percepção não foi tratada na situação de transferência — na qual o indivíduo transfere uma experiência reprimida do passado para uma relação presente. Essas explicações contêm, sem dúvida, alguma verdade. Mas pode-se questionar essa hipótese, visto que há casos de aceitação não apenas intelectual, nos quais o complexo foi devidamente tratado dentro da situação de transferência, sem que no entanto ocorresse uma verdadeira cura do instinto.

Será que dispomos de algum conhecimento ou de alguma lei psicológica capazes de nos levar a métodos mais adequados para curar nossa enferma natureza animal-instintiva? Penso que sim. Sabemos, por exemplo, que o desprezo, o abuso, a opressão e a repressão de nossos instintos são em larga medida responsáveis pela precariedade de sua atual condição. Assim como qualquer outra criatura viva maltratada, eles ficaram desfigurados e feridos em seu desenvolvimento; estão agora fracos, indefesos, servis, ou então irados e sadicamente agressivos. Enquanto nossa sociedade progressivamente evoluía para o controle por meio de computadores e para a mecanização, os instintos foram forçados a refugiar-se em algum recanto escondido de nosso ser. Ficaram como animais acuados — indomados e selvagens, cheios de medo e dissociados da condição humana. Os instintos que resistiram perderam a vitalidade e tiveram que submeter-se às ordens cerebrais de seus senhores-autômatos, que uma vez já foram humanos.

Nossa humanidade, porém, depende de nossa vitalidade e de nosso calor animal. Paradoxalmente, a natureza humana em todos nós precisa do abraço quente e da empatia de uma conexão humana para ser curada — o que só poderá ocorrer com a ajuda dos próprios animais. Aí está o problema. É como se devêssemos nos submeter aos nossos instintos animais negligenciados, na ocasião indignos de confiança e perigosos, para que seu calor vital penetrasse de novo em nossa alma e pudéssemos assim lhes dar aquilo que necessitam.

É difícil mesmo. Teremos a coragem de acreditar e confiar nos aspectos mais doentios, cruéis e até mesmo monstruosos de nosso próprio ser? Talvez a idéia não seja tão ameaçadora e impossível se nos lembrarmos que esse é um tema bastante comum nos contos de fada: freqüentemente a redenção do herói depende integralmente de sua amizade e confiança num animal perigoso, repulsivo ou aparentemente insignificante. Mesmo assim, o perigo existe: antes de empreender a jornada é preciso fazer certos preparativos, observar certas condições e receber as bênçãos protetoras de poderes superiores. Creio que o ritual analítico pode preencher essas pré-condições e esses requisitos, de tal sorte que, ao chegar o momento de confiar no animal, já se tenha um melhor relacionamento com ele e já não exista, de sua parte, tanta ameaça e perigo como dantes.

Se o indivíduo for capaz de submeter-se à disciplina e ao ritual analítico — e é bom lembrar que nem todos o são —, a maior parte do trabalho consiste em trazer os animais, bem como outros aspectos da personalidade, para fora dos esconderijos que acharam no inconsciente. Esse fato, em si, já acarreta um efeito salutar. Parece que os animais vão aos poucos se tornando mais amigáveis e atraentes — o que claramente se percebe nas mudanças que se manifestam nos sonhos. Seguramente, é preciso que os animais sintam ou saibam que finalmente se está fazendo algum esforço para ajudá-los. Além disso, se o analista tiver um bom relacionamento com seus próprios instintos, o calor humano e a simpatia que devota aos animais frustrados e sofridos de seus pacientes ajudam a transformar uma parte de seu medo e de sua raiva da condição humana. Mas a verdadeira cura e a transformação só podem ocorrer quando o paciente for capaz de confiar na ajuda e na orientação que eles podem oferecer, afrouxando o opressivo controle que a mente racional sobre eles exerce. Entretanto, em seu desenvolvimento e em sua própria cura, o paciente não pode ir muito além do que foi o analista. Ambos, portanto, devem ter a coragem de confiar em sua *natureza animal.*

É através da conexão calorosa e viva com a essência espiritual do homem, e não da mera gratificação instintiva, que o animal finalmente encontra a cura. Que garantia existe então de que o animal não se voltará contra suas próprias necessidades fundamentais, caso nos abandonemos em suas mãos? Na verdade, nenhuma. Mas o longo trabalho analítico de preparar a pessoa para essa submissão já ocasiona certas mudanças no animal, as quais tornam menos provável um desenlace desse tipo. Vejamos agora algumas dessas mudanças.

Por exemplo, pode ser que alguém não tenha inibições de satisfazer o instinto sexual, mas isso não significa necessariamente que o

instinto esteja sadio. Na verdade, é essencial que esse instinto, como todos os demais, seja contido e regulado para que gradualmente se humanize. Durante o trabalho analítico com indivíduos que não aparentavam restrições com respeito a sua sexualidade, tem-se a impressão de que o próprio instinto começa a perceber que a contenção é necessária para que se humanize. Em minha experiência encontrei evidências consideráveis desse fato em reações físicas e sonhos: por exemplo, a vagina de uma mulher poderá de repente fechar-se e resistir a seus esforços de abri-la para permitir a relação sexual; nos sonhos, os animais freqüentemente falam e informam sobre sua necessidade de amor e calor humano, mais do que de gratificação sexual.

Por outro lado, algo adicional ocorre com as pessoas que sentem inibição e medo de sua sexualidade. É como se não apenas o ego ou o superego causassem as dificuldades sexuais, mas outras forças estivessem contribuindo para refrear o animal. Quando toma consciência da necessidade de satisfazer seus instintos sexuais, o indivíduo desse tipo costuma achar muito difícil fazê-lo, a despeito das mudanças que se verificam em suas atitudes conscientes. Poderá tentar, mas será impedido ou ficará insatisfeito devido a alguma forma de impotência, frigidez ou bloqueio. Durante o trabalho analítico freqüentemente se descobre que é a alma, ou o poder que move o indivíduo rumo à totalidade, que na verdade refreia o animal. O conhecimento consciente desse fato possibilita a submissão ao animal, com alguma segurança de que este não irá procurar a mera gratificação instintiva.

O medo de entregar-se à natureza instintiva e animal está intimamente ligado ao medo de perder o autocontrole racional. Por sua vez, este se prende à falta de confiança nas expressões espontâneas de nosso ser, diante das quais os instintos escapam ao controle da mente racional.

A mente racional — ou o eu consciente — funciona como instrumento de mediação entre a realidade interior e a exterior. Existe sempre o perigo de transgredir padrões de comportamento coletivamente aceitos quando se permite que um centro distinto de ego assuma o controle. Os quatro impulsos animais-instintivos básicos — fome, sexo, luta e fuga — podem causar considerável embaraço e perigo ao indivíduo, ou aos outros, se não forem regulados pela mente racional. Parece plausível afirmar isso, tendo em vista a resistência do ego em abrandar seu controle sobre nossa natureza sensual. O medo, nesse caso, é de que virtudes humanas altamente valorizadas sejam anuladas, desenfreando-se a cobiça, a avareza, a luxúria, a fornicação desinibida, a covardia e o homicídio.

Ora, por muito tempo permitimos que o deus da razão nos governasse e que perdessem o vigor virtudes como a coragem, o amor, a decência humana e a individualidade. Além disso, a despeito do preconceito humano contra impulsos instintivos indomáveis, estudos do comportamento animal indicam que até mesmo aqueles extremamente selvagens são muito mais sensíveis do que se supunha no relacionamento com seus iguais. Sem sombra de dúvida, devemos reavaliar nossas idéias e nossa compreensão dos instintos animais.

Como os animais não têm tradição cultural, supõe-se que padrões instintivos inatos regulem suas relações. Uma das funções mais importantes da mente racional consiste em transmitir o ritual, o costume e a tradição de uma geração para outra. As crianças devem ser instruídas e doutrinadas para aprender os padrões de sua cultura, conhecendo-se vários rituais primitivos especificamente elaborados para tal fim.

Sabe-se que os animais expressam certa dose de contenção, ritualismo ou mesmo "bons modos" em seus hábitos de alimentação, em suas expressões de amor, sexualidade e agressividade, bem como em seu respeito pelos direitos territoriais e pelas prerrogativas dos mais velhos de sua espécie. Entretanto, quando dois animais se sentem atraídos, não parece haver nenhum padrão instintivo de contenção ou inibição que impeça a satisfação do impulso. Pelo que se sabe, não existe nenhum tabu contra o relacionamento sexual entre pais e filhos, irmãos e irmãs, etc., entre os animais. Um adversário mais forte ou um conflito de instintos poderá inibir o impulso sexual, mas não há evidência alguma da existência, no reino animal, de algo semelhante aos tabus de incesto, menstruação e masturbação, ou de regras sobre fidelidade sexual no casamento.

Parece que a vida sexual dos animais é regulada e ritualizada por ritmos biológicos e padrões instintivos. Quanto ao homem, o impulso sexual é universalmente restrito por aquilo que sua cultura particular considerar como comportamento incestuoso, ou tradicionalmente aceitável, de sexualidade pré e pós-conjugal. Pode-se dizer, portanto, que o impulso sexual humano é modificado não tanto pela natureza, mas por fatores extrínsecos pertencentes à cultura.

É difícil conceber uma pessoa que de bom grado permitisse que os centros inferiores da consciência do corpo regulassem o fluxo e o refluxo de suas relações humanas, se esta acreditasse que sua própria natureza, livre do controle do ego, provocaria uma transgressão à sociedade. Creio, porém, que esse medo se baseia num grosseiro equívoco quanto à natureza humana. Ele não leva em conta a evolução histórica dos instintos humanos e as transformações que

ocorrem no desenvolvimento individual, em razão das quais os instintos não se encontram necessariamente em oposição aos valores culturais.

A *consciência do ego* funciona em boa parte como um olho observador da mente, tendente a aumentar a distância entre sujeito e objeto. A *consciência do corpo*, por outro lado, nos impele para o contato direto e imediato com outra pessoa ou com um objeto. A desconfiança e o medo que o homem moderno sente de seu ser físico-sensual são em larga medida responsáveis por sua sensação de isolamento e alienação. Enquanto a natureza espiritual do homem não estiver harmoniosamente afinada com sua natureza animal, a submissão de uma à autoridade da outra produzirá uma cisão da personalidade — uma perda da unidade essencial e da totalidade do ser. A consciência do ego desempenha o papel de transmissor dos valores culturais e introduz o ponto de vista *objetivo* no relacionamento *subjetivo* e intrapsíquico do indivíduo. Quando se manifesta um conflito sério entre o espírito unívoco do indivíduo e os valores éticos e espirituais de sua cultura, o ego tende a interpor-se entre corpo e espírito, impedindo sua união. Essa é, em essência, a condição do homem moderno. E não há possibilidade alguma de reconquistar a totalidade enquanto sua mente racional não for capaz de apreender e incorporar uma nova atitude objetiva e um conjunto de valores afinados com as inclinações e as pretensões peculiares de seu espírito. Assim sendo, *a reconciliação definitiva da cisão entre corpo e mente só pode ocorrer no rastro de uma mudança gradual e contínua na orientação e nas atitudes conscientes do ego.*

Nos dias que correm, quando se menciona a moral de uma pessoa tende-se imediatamente a pensar em sua moral sexual. Isso é compreensível, quando se leva em conta que o disciplinamento do instinto sexual é essencial para o desenvolvimento psicológico e cultural. O problema é que a maioria de nós, além da influência do dogma rígido de certas seitas protestantes e fundamentalistas, vive num estado de dúvida e confusão sobre o significado e a natureza da sexualidade casta ou pecaminosa. Sabemos que é psicológica e espiritualmente danoso reprimir o desejo sexual; mas também sabemos que a completa licenciosidade sexual pode ter o mesmo efeito. Se a virtude e a moralidade se acham tão intimamente ligadas ao disciplinamento do instinto sexual, deve-se então de fato atingir uma nova moralidade sexual.

Apesar de vários psicoterapeutas terem se afastado das idéias dogmáticas de Freud sobre a sexualidade, passando a reconhecer a importância de outros fatores nos distúrbios psíquicos, a revelação e

a integral exploração das vicissitudes do instinto sexual continuam fundamentais, por várias razões. Já indicamos que o dilema moral do homem contemporâneo só poderá ser resolvido quando ele conseguir estabelecer um novo relacionamento com sua sexualidade. O desespero e o sofrimento que o afligem devem-se fundamentalmente à distorção que afeta seu relacionamento com a vida instintiva e emocional. O homem de hoje se alienou da qualidade vital de sua existência corporal, devido ao medo que agora tem da espontaneidade de sua natureza sensual. Creio que as origens dessa desconfiança são a sensação de culpa e o medo de sua sexualidade instintiva e o abuso, a difamação e a rejeição que sobre ela lançou. Não só o instinto, mas o próprio modo de com ele se relacionar sofreram danos; e a desconfiança acabou por contaminar a vida instintiva como um todo. Assim sendo, a cura do instinto sexual é essencial para que se possa atingir uma nova harmonia entre corpo e espírito.

O ritual analítico deve ter a capacidade de aumentar significativamente a harmonia entre as dimensões espiritual e sensual da natureza de um indivíduo; caso contrário, seu objetivo não foi atingido. Sabemos que um relacionamento mais saudável com a sexualidade tem um efeito salutar sobre a totalidade da vida instintiva de uma pessoa. Parece então que apesar de tudo Freud estava certo: uma vez curadas as feridas sexuais, o homem está curado e se torna novamente inteiro.

No entanto, tenho a impressão que a psicanálise não teve êxito em sua missão de cura. As limitações da orientação biológica de Freud com respeito à sexualidade e à psique humana, assim como o desenvolvimento mecanicista de sua escola, são talvez os principais responsáveis por esse insucesso. É lamentável que Freud não tenha sido capaz de evoluir em direção à base espiritual mais ampla sobre a qual Jung desenvolveu sua escola de psicologia analítica porque, parece-me, a relação que o homem estabelece com seus instintos é uma questão espiritual e religiosa que não pode ser resolvida nos limites de uma cosmovisão puramente mecanicista.

Por outro lado, pode ser que Jung e seus seguidores tenham tentado agarrar o mundo com as mãos, no sentido de que seu sistema também tende a perpetuar uma antítese entre espírito e natureza. Jung preocupava-se basicamente em ajudar o indivíduo a religar-se a suas raízes religiosas. Isto significa, para o homem contemporâneo, afastar-se de uma base centrada no ego e desenvolver-se em direção a uma relação viva com a autoridade maior e a sabedoria do Si-mesmo, ou o Deus interior. Ao propiciar ao homem contemporâneo um conhecimento do caráter limitado e destrutivo de sua confiança unilateral

na consciência do ego, Jung em última instância exercerá (se já não exerce) influência comparável à de Freud em suas investigações da sexualidade. Mas a mente racional não abandonará jamais sua posição de controle, em favor da autoridade mais elevada do Si-mesmo, enquanto prevalecer o medo das reações espontâneas da natureza animal-sensual deste.

A ênfase dada por Jung à conexão espiritual entre analista e analisando torna a exploração profunda da sexualidade extremamente difícil. Pois na medida em que o analista abre mão de sua posição objetiva e desnuda sua própria alma, numa autêntica comunhão com o paciente, a investigação da sexualidade torna-se muito mais carregada e numinosa.* Essa situação é em grande parte responsável pela tendência existente entre analistas junguianos de evitar discussões detalhadas de assuntos sexuais. Em decorrência, a sexualidade tende a ser suprimida e espiritualizada.

Os psicanalistas, por outro lado, devido ao fato de procurarem manter-se objetivos e evitar qualquer envolvimento, encontram-se em melhor posição para discutir assuntos sexuais em maior detalhe. Numa atmosfera de laboratório a discussão torna-se muito menos carregada e em geral tende a ser mais factual. Mas, na minha opinião é precisamente por essa razão que o processo se torna incapaz de produzir mudanças fundamentais e de consumir a humanização do instinto sexual. A recuperação de um instinto ferido e distorcido não pode ocorrer independentemente da conexão humana.

* Qualidade pertencente apenas à divindade, que se revela, numa experiência direta, como algo inexprimível, misterioso e terrível (N. do T.).

II. ALMA, INSTINTO, ARQUÉTIPO E EGO

Como a idéia de alma é essencial para a compreensão da experiência humana, procurarei demonstrar o que entendo por alma.

Sentado há algum tempo em frente a minha máquina de escrever, procuro, sem muito sucesso, um modo de começar a descrição. Mas ao mesmo tempo sinto um fluxo contínuo de sensações físicas, sentimentos, emoções, idéias, imagens. Se alguém estivesse me observando nesse estado relativamente imóvel não teria idéia alguma a respeito do que está acontecendo dentro de mim. Não é possível provar nem verificar objetivamente nenhuma das coisas que estou sentindo. Elas só existem como realidade para mim. No entanto, minha sensação de estar vivo depende, em seu todo, dessa experiência interior. Neste instante, não tenho consciência de coisas externas, nem de qualquer conexão com elas. O pulso da vida circulando pelo meu corpo em formas sempre cambiantes só é significativo e importante para mim. Não posso saber, na cadeia de momentos que se sucedem, quais os impulsos, sensações, sentimentos, imagens ou pensamentos que vou ter.

O que entendo por alma é essa experiência individual dos movimentos de um pulso vivo, de uma energia vital em contínua transformação dentro de meu corpo. (É exatamente essa qualidade imprevisível da alma, além do fato de sua existência não poder ser objetivamente verificada, que colocou o termo em tal situação de descrédito nesse nosso mundo cientificamente orientado.)

Meu ego — minha mente racional — tem a capacidade de destacar-se de meu corpo, de cortar ou bloquear a conexão entre este e minha alma. Um ego sadio, porém, funciona basicamente como

mediador entre a alma (realidade interior) e a realidade exterior. É um depósito de informações e conclusões tiradas de experiências passadas. Tem a capacidade de selecionar informações e avaliá-las criticamente. A alma precisa do ego para se desenvolver e assumir uma forma, e o ego precisa da conexão vivificadora com a alma para não se tornar apenas um amontoado rígido e estéril de fatos, opiniões e experiências passadas. Se eu adquirir o hábito de me fechar aos movimentos espontâneos de minha alma, tornar-me-ei rígido e mecânico, cada vez mais parecido com um robô. Serei prisioneiro de valores e opiniões calcificados, incapaz de entregar-me à experiência de renovação da vida que a alma propicia.

Minha conexão com minha própria alma depende portanto dessa relação ego-alma. A força vital que existe dentro de nós é a alma, o espírito, não importa o nome. Seja o que for, não é o ego. Este só pode nos impulsionar de modo predizível e mecânico, desprovido da espontaneidade viva de um indivíduo conduzido pela alma. Quando os negros acusam os brancos de não terem alma, querem dizer que estes se confinam nos rígidos e estreitos padrões do ego, sem abertura e fora de sintonia com os movimentos irracionais da força vital.

Muitos fatores contribuíram para o descaso e o medo que o homem ocidental sente da alma. O mais óbvio consiste em sua crença de que a razão é a inteligência condutora, a autoridade suprema, o propulsor primordial: só o homem é guiado pela razão, enquanto todas as outras criaturas são guiadas pelo instinto. Essa atitude, que encara o instinto como algo inferior e pertencente à esfera animal, como algo a ser superado e substituído pela razão, reflete exatamente a mesma atitude que o homem ocidental acabou por adotar com relação a sua alma. Existe uma relação direta entre a atitude face aos instintos e a própria alma.

Há outra questão igualmente importante: de que forma se dá a conexão com a alma de outra pessoa? Se desligado de sua própria alma, um indivíduo terá por certo dificuldade de estabelecer uma conexão anímica com outro, devido à interferência das mesmas obstruções por parte do ego. (A propósito, a análise visa primordialmente auxiliar o indivíduo a restabelecer uma conexão com sua própria alma. Supõe-se que a conexão com os outros se desenvolverá no decorrer do processo. Ainda que em geral verdadeiro, isso não acontece automaticamente porque a conexão anímica — consigo ou com outrem — exige atenção e cultivo.) Quando estabeleço uma conexão calorosa, sensual e amorosa com minha própria alma, abre-se um canal de comunicação entre esta e o ego, sem a menor interferência de qualquer barreira. O mesmo se dá quando estabeleço uma conexão

anímica com outrem: deve haver um canal aberto, pois a menor barreira impedirá o contato real e o intercâmbio anímico substancial.

Essa degeneração das experiências da realidade interior teve um efeito paradoxal, porém psicologicamente previsível, sobre o homem moderno: a excessiva preocupação do indivíduo consigo mesmo e a relativa ausência de conexões com objetos ou pessoas além da esfera individual. Em outras palavras, é como se as experiências e imagens interiores desprezadas nos tivessem agarrado pelas costas, tornando-nos quase incapazes de distinguir o interior do exterior. Especialmente em relações de longa duração, como o casamento, tendemos a aborrecer nossos cônjuges com nossas autopreocupações. Além disso, com ou sem conhecimento do fato, acabamos por sobrecarregar nossas esposas ou maridos com a exigência de que tomem conta de nossas próprias almas desprezadas. Grande parte das insatisfações, das frustrações, da incomunicabilidade e da desarmonia nos relacionamentos é causada por essa falta de conexão anímica.

I

As atuais teorias do comportamento partem todas da premissa de que os instintos têm origem na estrutura física do organismo, num núcleo nevrálgico específico. Essa concepção prevalece na psicologia, bem como nas ciências naturais e do comportamento, fruto de uma filosofia mecanicista do homem e da vida. A teoria dos arquétipos de Jung, seguindo a tradição vitalista, reintroduz a antiga idéia de que uma força ou princípio imaterial anima e dirige todos os organismos vivos. Não é portanto surpreendente encontrar tão pouca compreensão ou aceitação da teoria arquetípica junguiana entre psicólogos e cientistas. Freud, por outro lado, situa claramente a origem dos instintos na organização somática do organismo.

Quais seriam as implicações dessas concepções opostas sobre a origem e a natureza dos instintos? De que forma configuram as atitudes e o entendimento de uma pessoa com respeito aos processos vitais e à condição humana? Até que ponto influenciam o caminho escolhido para o desenvolvimento psíquico e a totalidade?

A visão mecanicista de Freud, como vimos, sustenta que a consciência e a vida psíquica se originam na estrutura física e química do organismo. Os instintos serviriam exclusivamente para gratificar e aliviar as tensões somáticas daquele — o que se aplicaria tanto ao homem como aos animais. Segundo essa teoria, somente quando uma função mental (o ego) emerge do substrato instintivo é que começa a

se desenvolver uma qualidade especificamente humana, através das experiências do aprendizado. O ego é assim definido como uma função mental que funciona como intermediário entre os instintos (id) e o mundo exterior. As qualidades exclusivamente humanas e o desenvolvimento do indivíduo são concebidos como inteiramente dependentes das influências externas e de um ego com funcionamento adequado.[1] A idéia de que existem formas transcendentais inatas e herdadas (arquétipos), capazes de desencadear padrões instintivos de pensamento e comportamento unicamente humanos, não tem lugar em tal sistema.

Uma teoria somática dos instintos só pode levar a uma psicologia centrada no ego. No sistema freudiano, cabe inteiramente ao ego regular e dirigir o fluxo de energias psíquicas e realizar a mediação entre id e superego, realidade interior e exterior. Assim sendo, o ego seria o único fator de individualização e humanização apresentado pela personalidade.

Difícil de acreditar. Não há nada de particularmente individual ou atraente no ego. Pode-se momentaneamente ficar impressionado com uma exibição brilhante de virtuosismo do ego, mas isso logo se torna cansativo. Faltam-lhe aquelas qualidades substanciais que atraem e despertam o interesse. O ego é na verdade meio vazio e sem vida. Só se torna vivo e belo quando a serviço de algo que não ele próprio.

O fato de um instinto se manifestar na estrutura somática de um organismo, criando as tensões fisiológicas que provocam certos padrões típicos de comportamento, não é prova suficiente de que uma reação instintiva resulte apenas de processos biológicos. É preciso reavaliar criticamente essa concepção, visto que nela se baseia a maioria das atuais teorias do instinto.

II

Passaremos agora a examinar a concepção que em geral se tem da relação entre instinto e emoção. Acredita-se que certas mudanças fisiológicas produzem a emoção que sempre acompanha uma reação instintiva. Como diz William James: "sempre ficamos tristes porque choramos, com raiva porque atacamos, com medo porque tememos, e

1. Sigmund Freud, *An Outline of Psychoanalysis*, London, Hogarth Press, 1955, pág. 23.

nunca o contrário."[2] Esta teoria sobre a relação entre instinto e emoção não resiste ao teste da observação empírica e no entanto raramente é questionada pela maioria dos investigadores de fenômenos humanos e animais. É bastante comum experimentarmos os componentes fisiológicos de uma reação instintiva, sem os sentimentos e emoções que tipicamente a acompanham. Tentarei demonstrar isso com dois exemplos: 1) uma pessoa poderá sentir todas as mudanças físicas que ocorrem quando o instinto de fome é estimulado sem na verdade ter qualquer desejo real de comer; 2) igualmente, uma pessoa poderá sentir todas as mudanças físicas que tem lugar com a excitação sexual sem ter qualquer desejo ou necessidade de gratificação sexual. Estas observações sugerem que o impulso emocional que está atrás de uma reação instintiva não se prende aos mecanismos neuro-fisiológicos do organismo, podendo originar-se em outra fonte. Sugerem também que a energia diretiva e propulsora existente atrás de uma reação instintiva transcende a estrutura e os mecanismos físico-químicos do corpo.

O estímulo liberador de instintos, seja interno ou externo, deve evocar tanto uma imagem mental como uma reação física no organismo. A reação instintiva ocorre quando há um fluxo não obstruído de energia entre a imagem e a reação física, quando psique e soma estão unificados no organismo numa reação total. A imagem mental isolada é tão incapaz de liberar o instinto quanto as mudanças e tensões fisiológicas. Invertendo nossos dois exemplos, pode-se ter a imagem de um alimento ou objeto sexual desejados, mas sem as correspondentes mudanças físicas não haverá emoção. Tudo indica, portanto, que a força ou impulso emocionais necessários para a liberação de um instinto dependem da ocorrência simultânea das manifestações psíquicas e físicas do instinto; e, como já foi dito acima, de uma conexão desimpedida entre ambos.

Como demonstramos, os componentes mentais ou físicos de um instinto podem ocorrer sem necessariamente evocar um ao outro; pode-se assim dizer que não estão causalmente relacionados, apesar de serem as duas metades de um todo. Devemos também concluir que as emoções não têm necessariamente uma origem somática ou psíquica. Assim sendo, a idéia de Freud de que a vida mental se origina na organização somática do indivíduo torna-se insustentável.

Tudo o que se pode dizer empiricamente sobre as origens do impulso emocional que está por trás de um instinto é que ele só se manifesta quando há uma *conjunção* entre a imagem mental e a reação

2. William James, *Principles of Psychology*, Vol. II, New York, Dower Publications, 1950, pág. 450.

física. É possível focalizar a imagem mental e assim evocar reações e emoções físicas ausentes, e vice-versa; mas isso não é inevitável (isto é, pode-se ter a capacidade de produzir desejo e excitação sexual meditando em imagens e fantasias sexuais, mas não se pode predizer que uma reação física necessariamente irá ocorrer). Nosso ego não pode causar a ocorrência simultânea dos componentes mentais e físicos do instinto, assim como não pode ocasionar sua união. Quem é, então, o responsável? Onde se localiza a fonte do Desejo, dessa Vontade que dirige, controla e libera a reação instintiva?

III

Se bem compreendo a concepção de Jung sobre a relação entre instinto e arquétipo, trata-se do seguinte: o arquétipo pode manifestar-se sob a forma de uma reação física, ou então de uma imagem ou representação mental do instinto. Jung afirma ainda que "é impossível dizer o que vem primeiro — a apreensão da situação ou o impulso para agir."[3] Concordo com isso em termos gerais, mas acho que Jung não deu suficiente atenção à relação precisa entre os componentes físicos e psíquicos do instinto. Em várias passagens, por exemplo, ele se refere à reação instintiva e à imagem mental como pertencentes a categorias diferentes. Usa o termo reação instintiva para designar a reação fisiológica e física do organismo. Ora, isso é incorreto; a evidência sugere que um padrão instintivo de reação só ocorre quando se combinam os componentes físicos e psíquicos do instinto. A ocorrência simultânea de uma imagem interior do objeto desejado é necessária para a liberação do instinto. Na ausência de um sentimento definido ou de uma emoção forte que nos aproxime ou afaste de determinado objeto, fica faltando o ímpeto para agir a partir seja do componente físico ou do mental. *Portanto, a força diretiva que existe por trás de um instinto está contida numa emoção.* A origem dessa emoção é desconhecida. Não seria correto afirmar que as reações físicas do organismo causam a emoção, ou que esta decorre de uma imagem ou representação mental. Os componentes mentais e físicos de um instinto nem sempre aparecem lado a lado ou em seqüência; quando surgem separadamente não há emoção e conseqüentemente não há reação instintiva.

Talvez a emoção resulte simplesmente da aparição simultânea e da conjunção da psique e do soma. Entretanto, este conceito ainda

3. C. G. Jung, "Instinct and the Unconscious", *Collected Works 8*, New York, Pantheon Books, 1960, parágr. 282.

nos deixa no escuro no que se refere à causa dessa aparição simultânea e da conjunção dos componentes instintivos. Mas seria de grande valia para enriquecer nossa compreensão da natureza da cisão entre mente e corpo e de seus processos de cura.

A evidência empírica sugere que o impulso diretivo contido na emoção antecede e transcende as manifestações físicas e psíquicas do instinto, sendo o mesmo também responsável por sua conjunção. A partir desta perspectiva, segue-se que emoção e sentimento contêm ambos uma energia vital que é ao mesmo tempo o propulsor primordial e a inteligência diretiva de todos os seres sensíveis. Esse modo de ver nos afasta da concepção corrente de que o intelecto e a razão é que deveriam dirigir as ações humanas. Sem uma emoção por trás, a mente racional torna-se impotente e incompetente. A emoção é o canal sagrado através do qual uma inteligência diretiva penetra na alma.

IV

Existem algumas ambigüidades conceituais na teoria dos arquétipos de Jung que tendem a obscurecer e solapar a solidez fundamental de suas idéias. Na sua concepção, segundo entendo, o dinamismo do instinto tem uma raiz biológica, sendo função do arquétipo apreendê-lo sob a forma de imagens e idéias psíquicas. "Arquétipo e instinto são os pólos mais diametralmente opostos que se pode imaginar, como se percebe claramente ao comparar um homem dominado por seus impulsos instintivos com outro tomado pelo espírito."[4] Nesse sentido, Jung parece estar essencialmente de acordo com as teorias do instinto de inspiração biológica, no que concerne aos padrões instintivos de comportamento; mas acontece que ele encara o componente psíquico do instinto como derivado de disposições psíquicas herdadas ou princípios-forma, os arquétipos. Digo "parece", porque em outras passagens Jung sugere que instinto e arquétipo podem ser idênticos.[5] E ainda em outro texto, ele sugere que o instinto pode derivar-se de um arquétipo.[6]

Esta dificuldade básica poderia ser contornada se deixássemos de pensar em instinto e imagem arquetípica como um par de opostos. Uma reação instintiva resulta sempre de uma combinação de reações

4. C. G. Jung, "On the Nature of the Psyche", *Collected Works 8*, New York, Pantheon Books, 1960, parágr. 406.
5. *Ibid.*, parágr. 404.
6. *Ibid.*, parágr. 416.

físicas específicas do organismo com imagens psíquicas correspondentes. O par de opostos não é portanto formado por instinto e imagem, mas pelas manifestações somáticas e psíquicas do instinto, as quais, quando unidas, resultam numa reação instintiva. A partir desta formulação, o arquétipo é concebido como transmissor e fonte do instinto, como força (ou princípio) diretiva e unificadora por trás dos padrões físicos e das representações mentais do instinto. Essa concepção reforçaria também duas possibilidades sugeridas por Jung: 1) que o instinto é derivado de um arquétipo; 2) que espírito e matéria se encontram no arquétipo.

A idéia de Jung sobre os opostos levou-o a outras conclusões merecedoras de um exame mais detalhado. Ele aceitava a idéia de uma antítese entre espírito e instinto,[7] inexistente quando se concebe o arquétipo como transmissor deste último. Em conseqüência, acompanhando Janet, Jung encara os instintos como *partie inferieure* e a psique como *partie superieure*.[8] Essa concepção tende a aumentar a cisão entre espírito e natureza e a obstruir o processo de individuação. Ela eleva a psique e desvaloriza o componente físico do instinto, reduzindo a consciência do ego, o livre-arbítrio e o desenvolvimento psicológico a meras funções de imagens e processos mentais; a relação dialética entre o ego e as imagens internas torna-se o único caminho verdadeiro e seguro para a espiritualização de padrões cegos, compulsivos e instintivos de reação; as emoções fortes, que se ligam sempre a um instinto, tornam-se suspeitas e tendem a ser usadas pelo ego apenas para aumentar a consciência, caso a pessoa funcione nesse sistema; os centros emocionais da consciência do corpo não devem merecer confiança na qualidade de guia e princípio espiritual; o ego deve separar-se do instinto a fim de ocasionar a transformação. Em última análise, essa concepção tende a nos remeter outra vez ao pressuposto de que o ego é o instrumento de humanização e transformação da personalidade — o que não é de modo algum o que Jung queria dizer. Não obstante ter afirmado que o arquétipo é o autêntico *spiritus rector*[9] em ação por trás do ego ou do intelecto, tal idéia se transforma em mera teoria se na experiência que se tem do instinto este aparece em oposição ao desenvolvimento psicológico. Para tornar as coisas ainda mais complicadas, Jung várias vezes sugeriu a existência de um instinto espiritual, ou instinto de individuação do homem.

O desenvolvimento físico e psicológico de um indivíduo é função de um princípio interior que o guia e dirige (o arquétipo); este sempre impele o indivíduo (através da emoção) a completar-se, sendo portanto merecedor de confiança seja ou não seu propósito conscientemente apreendido; pois este arquétipo é a fonte dos instintos humanos. Qual então a função do ego? Qual a relação entre consciência do ego e desenvolvimento psicológico? Deve o instinto (arquétipo) isolado merecer confiança enquanto guia que conduz à individuação? No caso afirmativo, por que tantos seres humanos permanecem inconscientes e subdesenvolvidos por toda a vida?

7. *Ibid.*, parágr. 407.
8. *Ibid.*, parágr. 375.
9. *Ibid.*, parágr. 406.

V

Não pode haver desenvolvimento psicológico sem uma contínua expansão da consciência do ego, assim como não é possível a individuação sem uma relação dialética entre ego e consciência, entre ego e alma. Não obstante, o desenvolvimento da consciência não é nem o caminho nem o alvo do desenvolvimento psicológico — a consciência do ego é apenas um pré-requisito necessário. O que é crucial é a posição mediadora do ego entre os arquétipos e a realidade exterior: sua capacidade de informar, refrear e conter o poderoso impacto do arquétipo a fim de conceder à alma tempo suficiente para reconciliar a realidade interior e a exterior. A individuação é um processo contínuo de integração, de criação de novas unidades. É por essa razão que o conceito de instinto é tão central: *somente um instinto é capaz de unificar o homem inteiro, para que ele reaja com sua totalidade.*

Enquanto a consciência do ego e a *psique* forem consideradas funções superiores responsáveis pelo desenvolvimento espiritual, e os instintos encarados apenas como algo relativamente inalterável, como funções automáticas que não desempenham maior papel na promoção da transformação psicológica, o indivíduo não poderá jamais confiar na função de fato responsável pela individuação. E nem a proposição de Jung de que há um instinto de individuação, ao qual se deve confiar a condução do desenvolvimento da alma, ajuda a esclarecer o problema: pois como conseguirá alguém diferenciar nossa assim chamada natureza animal e instintiva de nosso instinto de espiritualização? Qualquer analista sabe, ou deveria saber, que uma poderosa emoção primitiva, se merecer confiança, pode provocar uma autêntica transformação psicológica, da mesma forma que uma grande revelação espiritual.

Jung deixou suas idéias sobre a relação entre o ego e instinto numa situação imprecisa e ambígua, o que contribuiu bastante para enfraquecer suas enormes contribuições no tocante à relação entre o ego

e o Si-mesmo* e à natureza e a função da atitude religiosa. Em conseqüência, seus seguidores tendem a cair num "pietismo" a que faltam a vitalidade e a força da autêntica função religiosa; ou então desembocam de novo na identificação entre ego e Si-mesmo. É claro que seus oponentes, com alguma justificativa, podem descartar suas idéias como sendo ocultismo místico ou obscurantismo junguiano. Creio que o futuro da psicologia analítica enquanto instrumento criativo capaz de sanar o colapso espiritual do homem ocidental depende em grande parte do esclarecimento e do desenvolvimento dos conceitos de Jung sobre a relação entre o ego e instinto.

Sinto que a alma é a inteligência diretiva ou energia que configura a vida e o destino do indivíduo; que ela se faz sentir como uma força eternamente em busca da unificação entre psique e soma, realidade interior e exterior; e que essa ação unificadora tem a natureza de um instinto, não podendo portanto ser diferenciada de qualquer outro instinto. O alvo da alma é a totalidade, a contínua criação de novas unidades. O desenvolvimento da consciência não passa de um instrumento do processo de transformação criativa, não constituindo o objetivo da individuação. Assim sendo, a consciência vê-se ameaçada pelas ações instintivas da alma sempre que suspeita da validade criativa de uma onda instintiva de energia e emoção, ou quando a nega. Se ego e instinto estão em oposição, se não estão unidos em seus propósitos, aquele perde sua conexão com o que há de mais vital para o desdobramento criativo da personalidade. Dessa forma, até mesmo a consciência do ego depende de um voto de confiança na superior ação orientadora dos instintos. Na minha opinião, a psique não é a *partie superieure*, como Jung às vezes sugere.

VI

O objetivo do processo analítico pode ser apresentado nos seguintes termos: auxiliar o indivíduo a reconquistar sua confiança e sua conexão com os instintos, para que possa viver de modo espontâneo, instintivo e criativo. Um animal vive toda a sua vida assim, o mesmo podendo dar-se com um ser humano inconsciente. Seria esse então o objetivo do processo? Não. A consciência, como já indiquei, é um ingrediente essencial do processo de desenvolvimento psicológico.

* Jung usa o termo Si-mesmo (*Self*) para referir-se à totalidade da personalidade — consciente e inconsciente, ego e não-ego. Neste livro os termos Si-mesmo e alma são intercambiáveis. Como indiquei, o ego é uma função da alma, capaz de dissociar-se; assim, pode-se falar de uma relação entre ego e alma, ou entre ego e Si-mesmo.

Trata-se pois de esclarecer melhor o papel e a função criativa da consciência do ego — a relação entre este e os instintos.

As funções criativas fundamentais do ego são a diferenciação, a mediação e a capacidade de restringir e conter o poderoso ímpeto do impulso instintivo. A separação entre os componentes físicos e psíquicos do instinto é causada por essa última função, a qual ainda estimula o fluxo exclusivamente humano de imagens e de atividade imaginativa. Devido ao fato de ser portadora das mais altas aspirações e valores humanos, a psique foi elevada acima dos instintos; mas não devemos esquecer que a atividade mental é uma manifestação do instinto tanto quanto as reações físicas.

Ao resistir à liberação imediata de um impulso instintivo, o ego fica preso entre os elementos físicos e psíquicos do instinto. Por exemplo, quando o ego não permite que o corpo reaja a um desejo sexual, a energia instintiva é temporariamente desviada para a esfera psíquica, aí se expressando através de toda uma gama de imagens e idéias. Essas representações mentais, por sua vez, podem evocar sentimentos que transcendem o alvo original do instinto: ternura, companheirismo, amor, poder, prestígio, desejo de encontrar uma companhia permanente, desejo de ter uma família. Isso não quer dizer que o objetivo original do instinto tenha se perdido. Quando atua de modo criativo, o ego é capaz de manter uma conexão entre os objetivos físicos e espirituais do instinto. Apesar de responsável pela separação, o ego funciona também como mediador. Além disso, dispõe de informações sobre a realidade exterior que o instinto pode não ter — e também nesse caso o ego funciona como mediador. Entretanto, a solução criativa dessa tensão entre as dimensões espiritual e animal (biológica) do instinto, entre realidade interior e exterior, é função deste e não do ego. Sempre que tenta resolver o conflito, o ego acaba por mover-se em direção a um dos pólos da oposição à custa do outro; isto é, supremacia do espírito sobre a matéria, da realidade exterior sobre a interior, ou vice-versa. A função transformadora do instinto não pode efetuar uma transformação dos opostos enquanto o ego temer e não confiar na dimensão animal-sensual da alma. Nunca se sabe qual o canal que a alma escolherá para desempenhar sua função reconciliadora; por essa razão, estabelecer uma hierarquia do espírito sobre a matéria ou de um instinto sobre outro pode ser um obstáculo à transformação psicológica.

A psicologia acabou por identificar a função da consciência com o ego. Penso que este é um engano que tem levado a uma compreensão inadequada da função do ego. Existem muitos centros de consciência no corpo que podem funcionar com autonomia frente ao ego. Cada célula, cada órgão, tem uma consciência que os torna capazes de

reagir apropriadamente a estímulos, independentemente das funções corticais superiores e do ego. O ego é uma função especializada da consciência, encontrando-se desenvolvido em grau máximo no homem. Acima de tudo, proporciona-lhe uma noção da localização e dos limites de sua existência no tempo e no espaço. Todas as outras formas de consciência transcendem o *continuum* espaço-tempo. A consciência do ego, portanto, é o instrumento essencial para a mediação entre o mundo interior atemporal e a realidade exterior.

Somente ações muito limitadas podem ocorrer durante o período em que o ego seleciona e avalia criticamente as informações que recebe de dentro e de fora. Enquanto o controle da situação estiver com o ego, não ocorrerão ações decisivas de espécie alguma, salvo aquelas rotineiras e mecânicas. Assim sendo, uma reação imediata e espontânea não é nunca dirigida pelo ego — o qual não é nem a energia, nem a inteligência diretiva da personalidade humana. Essencialmente, seu funcionamento é semelhante à memória de um computador, capaz de produzir informações e até mesmo opiniões — mas a decisão final está sempre nas mãos da Vontade maior que nos move. Acreditar que a mente racional dirige nossa vida não passa de uma fantástica ilusão.

PARTE II

INCESTO

Qual a razão dessa eterna ânsia de totalidade? Não será talvez a necessidade de retornar ao estado infantil de bem-aventurança, quando a mãe reage ao choro aflito da criança com sabedoria e compaixão instintivas? Ainda que o filho não saiba o que lhe falta, a mãe sabe; e mesmo que não chore, ela sabe. Ela sabe tudo! Onisciente, onipotente, tudo alimentando, tudo sabendo e amando, ela é a MÃE.

O espírito felizmente resiste à ânsia de voltar a esse estado idílico. Pois a satisfação concreta desse desejo significa a morte do espírito e o fim da individualidade. Essa é uma das razões pelas quais a violação do tabu do incesto é um crime. Não obstante, o homem cujo espírito aspira chegar ao degrau mais elevado da escada sente mais forte a atração da gravidade à medida que laboriosamente se desloca para cima. Assim, diz Kazantzakis, "a antiga, inexorável e impiedosa batalha entre espírito e carne tem sido a arena na qual se precipitam, desde tempos imemoriais, os homens de espírito. Lutei para reconciliar essas duas forças primordiais tão contrárias, tentando fazê-las perceber que não são inimigas, mas sim companheiras de trabalho, para que pudessem regozijar-se com sua harmonia — e eu com elas".[1]

1. N. Kazantzakis, *The Last Temptation of Christ*, New York, Bantam Books, pág. 1.

III. INCESTO E TOTALIDADE

De repente, ao iniciar este capítulo, sinto necessidade de reconsiderar o valor de minha prolongada busca de totalidade. Será realmente desejável que o homem tente reconciliar a cisão existente em sua própria psique? Não será essa eterna oposição entre mente e corpo, entre natureza espiritual e animal, a própria substância de que decorre sua humanidade? Deve ele desfazer o longo processo que gradualmente o separou de seus instintos? Os animais reagem com sua totalidade porque vivem puramente por instinto. Será que minha concepção de que o homem deve sanar e redimir sua natureza para se tornar de novo inteiro não se baseia numa imagem romântica e regressiva do "bom selvagem"? Penso que não, mas creio ser necessário discutir algumas dessas idéias.

Se sugeri que o homem só pode encontrar alegria e sentido em sua vida através da conquista da totalidade, devo corrigir essa noção. O estado de cisão e fragmentação causado por oposições, desequilíbrio ou desarmonia não é necessariamente desprovido de alegria e sentido, o que só ocorre quando o mesmo se torna estático. Esse tipo de oposição no interior da alma pode ser criativo se o indivíduo estiver lutando pela reconciliação e se acreditar que o equilíbrio e a harmonia podem ser reconquistados, ou que uma nova totalidade pode ser criada. O homem se realiza e se completa nesse fluir e refluir de separação e união, de desarmonia e criação de novas totalidades. Interesso-me pela cura da atual dicotomia entre mente e corpo porque creio que em muitas pessoas a separação tornou-se estática, bloqueando o curso da vida — situação esta que é de *mal* e de *enfermidade*. Não encaro a cura da cisão como algo que conduza à união permanente das duas partes; pelo contrário, o objetivo é restaurar a tensão criativa, a cooperação das dimensões espiritual e animal da alma.

Por outro lado, quando se trata da conexão humana, a unidade interior e a totalidade são essenciais. A verdadeira união com outra pessoa só é possível se o ser total puder estabelecer uma conexão com o outro. Os instintos, que unem a totalidade de uma pessoa com a de outra, não podem funcionar de modo natural e espontâneo enquanto o ego ficar de fora, criando a situação do observador distanciado. A mente racional deve ser capaz de render-se aos instintos para que se realize uma conexão anímica. Especialmente nas relações humanas, deve-se confiar no animal e reagir de modo espontâneo e instintivo — o que não quer absolutamente dizer que se deva regredir a um nível animal de comportamento para estabelecer uma conexão com alguém. De modo algum. Os instintos humanos são capazes de mudança, desenvolvimento e transformação.

O processo de desenvolvimento através do qual os instintos gradualmente se transformam talvez possa ser descrito como *psiquização* — isto é, um impulso instintivo, quando inibido, tende a estimular a formação de imagens que constituem equivalentes mentais do objeto desejado. O instinto de fome, por exemplo, manifesta-se de início como uma reação fisiológica à necessidade de alimento — contrações do estômago, salivação, etc. Se um alimento adequado puder ser ingerido de imediato, verifica-se uma descarga direta e uma gratificação do instinto. As imagens de alimentos desejados específicos só começam a penetrar na consciência quando a descarga imediata do instinto não é possível. A formação de imagens e categorias mentais pode assim ser entendida como uma equivalência psicológica de reações físicas. É essencialmente desse modo que Jung compreende a imagem *arquetípica*: a saber, a representação psíquica de um instinto. O arquétipo é uma disposição inerente responsável tanto pela reação física como por seu equivalente psíquico. Em outras palavras, a estrutura latente do arquétipo pode tornar-se manifesta em certos padrões típicos de comportamento ou em imagens e elaborações mentais igualmente típicas.

O homem é um ser único devido em grande parte à sua imaginação. Ele promove a formação de imagens e a atividade imaginativa restringindo a gratificação direta e imediata de sua natureza animal. É capaz de suportar fortes frustrações e privações sensuais; mas se for destituído da conexão com seus sonhos e imagens significativos e se perder a esperança de reavê-los já não poderá mais viver. *O mistério que cerca o tabu do incesto está diretamente relacionado com o desenvolvimento dessas imagens interiores de união e totalidade.*

A sensação de totalidade depende da existência de imagens que retratem uma conexão harmoniosa entre os opostos masculino e feminino. Esse aspecto é fundamental à condição humana. Quando essas imagens não existem, ou se encontram em perpétua oposição, o

indivíduo vive uma existência fragmentada, fora de sintonia consigo mesmo e com a harmonia básica do universo. O instinto humano que está atrás dessas imagens se expressa sob a forma de símbolos referentes à união de opostos, tais como: o Casamento Real ou *hierosgamos*, o arquétipo do incesto entre Irmão e Irmã, a imagem do Amor Romântico, a conjunção do Sol e da Lua, do Céu e da Terra, de Espírito e Matéria, de Mente e Corpo, o Círculo Mágico ou Mandala, etc.

Apesar de ser uma predisposição humana inerente, a experiência do arquétipo de união deve ser liberada por um estímulo externo e sentida em sua forma projetada e encarnada, antes de poder ser internalizada. Para uma criança, uma experiência formativa crucial desse arquétipo consiste na encarnação da conexão e da interação harmoniosa entre seus pais, revelando-se através de repetidas experiências de sua própria totalidade em relação a eles. Quando a conexão fundamental entre marido e mulher se encontra obstruída, a experiência formativa que a criança deve ter do Casamento Real é igualmente barrada. Isso é inevitável mesmo se no casal existir uma harmonia superficial. Além disso, quando não há harmonia espiritual entre os pais, cada um tende a projetar sua imagem ideal de cônjuge sobre os filhos do sexo oposto. Em conseqüência, um casamento espiritual inconsciente se estabelece entre pai e filha, ou mãe e filho. Creio que este vem sendo há muito tempo um padrão dominante em nossa cultura, o qual é em grande parte responsável pela dicotomia entre mente e corpo que cinde a alma e tanto aflige o homem contemporâneo.

Uma criança, assim como um animal, tem uma percepção instintiva daquilo que realmente se passa na vida emocional e nos sentimentos dos adultos. Uma menina, por exemplo, é capaz de sentir que existe um laço mais forte entre ela e seu pai do que entre este e sua mãe. Mal deixou o berço e já se vê precipitada no clássico triângulo incestuoso! O tabu do incesto, inquestionavelmente, faz parte da herança psíquica do homem. Mesmo que não entre em ação logo na primeira infância, a criança por certo o experimenta em relação aos pais. Na experiência da menina, o pai é assim logo sentido como de alguma forma proibido enquanto objeto físico, não o sendo porém para a mãe. À medida que a menina se desenvolve, sua sexualidade emergente lhe causa um sério problema com relação ao pai, em geral resolvido através da repressão do instinto. Ao mesmo tempo, é claro, ela tem consciência de ter um laço espiritual mais forte com o pai do que com a mãe, o que só serve para aumentar o peso de sua culpa incestuosa. Apesar do laço anímico subjacente entre filha e pai, esta é incapaz de experimentar sua totalidade em relação a ele devido ao triângulo incestuoso. À medida que vai crescendo, seu relacionamento com o pai

torna-se cada vez mais frustrante e fragmentado. O mesmo padrão ocorre com o menino em relação à mãe.

O significado psicológico humanizador do mistério do incesto parece ter-se perdido para o homem contemporâneo. Não creio haver muita esperança de alteração dos síndromes típicos de Édipo ou de Electra descritos acima; causadores da cisão anímica, só serão os mesmos transformados mediante uma renovação das atuais formas de casamento, de vida familiar e vida comunitária, em seu lugar surgindo uma nova e mais significativa união com o mistério do incesto.

No cerne do problema do incesto se encontra a eterna ânsia do homem de tornar-se novamente inteiro e de retornar àquele estado original de unidade em que vivia antes que a dualidade e a separação lhe fossem impostas pelo nascimento da consciência. Mas como lembra Jung, "o que realmente se deseja não é a coabitação incestuosa, mas o renascer."[2] Segue-se, então, que a existência universal da proibição do incesto e o impulso religioso parecem estar intimamente relacionados. A função do tabu do incesto é impedir sua concretização, pois esta levaria apenas a uma regressão. Segundo Jung, "a proibição do incesto funciona como obstáculo e torna inventiva a fantasia criativa; como, por exemplo, as tentativas de engravidar a mãe através da fertilidade mágica. O efeito do tabu do incesto e do esforço de canalização consiste em estimular a imaginação criativa, que assim vai abrindo possíveis vias para a auto-realização da libido. Dessa forma, imperceptivelmente, a libido se espiritualiza."[4] Assim, o processo de desenvolvimento psicológico vê-se afetado como um todo quando o fluxo da libido é contido pelo complexo do incesto. A resolução do complexo de Édipo ou de Electra deve portanto converter-se no foco central do esforço terapêutico. Entretanto, para Jung, o desejo de incesto não é algo que deva ser superado ou resolvido, posto que é o veículo do renascimento psicológico. Já Freud, ao reduzir a necessidade religiosa ao complexo de Édipo, que em decorrência se apresenta como algo a ser sublimado, se coloca numa perspectiva bastante diferente. Ora, existe considerável evidência de que o complexo de Édipo não constitui uma fase essencial do crescimento e do desenvolvimento normal.

Na concepção de Freud, parte do desenvolvimento psicossocial normal de uma criança envolve o desejo de ter uma relação sexual

2. C. G. Jung, "Symbols of Transformation", *Collected Works 5*, London, Routledge & Kegan Paul, 1956, parágr. 332.
3. W. F. Otto, "The Meaning of the Elusinian Mysteries", *in The Mysteries (Eranos 2)*, New York, Pantheon, 1955, pág. 30.
4. *Op. cit.*, Jung, parágr. 332.

com o progenitor do sexo oposto. A evidência empírica acumulada através de várias histórias de caso parece sustentar a teoria freudiana. Não obstante, não creio que o tabu do incesto tenha origem na necessidade de impedir relações sexuais com os pais, ainda que seja essencial para desestimulá-las entre irmão e irmã. Isso não quer dizer que a criança não tenha desejos sensuais pelos pais e que não se sinta sexualmente excitada. Quando uma criança é dominada por desejos sexuais pelo pai ou pela mãe, estes são em geral provocados, de modo consciente ou não, por um distúrbio sexual num dos progenitores. Somente em casos desse tipo é que se pode encontrar o clássico complexo de Édipo, conforme o descreveu Freud.

As origens da proibição do incesto são desconhecidas. A maior parte das teorias procura estabelecer causas biológicas ou sócio-culturais para explicar a existência desse tabu. Pouca atenção tem sido dispensada à idéia de que tanto o tabu como o desejo de incesto possam ter raízes instintivas e que tanto a natureza como a cultura sejam responsáveis por essa característica tão tipicamente humana. Isto é bastante compreensível na civilização ocidental, uma vez que o materialismo científico renega a possibilidade de que os instintos desempenhem qualquer papel no desenvolvimento espiritual e cultural próprio do homem. Apenas a razão é tida como responsável pelo desenvolvimento humano. O homem seria único só porque é capaz de controlar seus instintos. Como poderia pertencer a uma disposição instintiva algo tão fundamental à formação da família e da sociedade, como é o tabu do incesto? Não nos deteremos nesse ponto, exceto para novamente enfatizar que a maioria das investigações sobre a natureza e o significado do incesto tem sido dominada pelo preconceito anti-instintivo da metafísica cartesiana.

Comumente aceita-se a premissa de que no homem os instintos foram substituídos por valores e ideais culturais. Malinowski atribuiu esse processo à plasticidade dos instintos humanos.[5] Segundo ele, os mecanismos culturais basicamente responsáveis por esse desenvolvimento são: 1) os tabus que proíbem o incesto e o adultério; 2) a liberação cultural do instinto de acasalamento; 3) as normas morais e ideais e as induções práticas que mantêm marido e mulher juntos — ou seja, a sanção legal dos laços matrimoniais; e 4) as injunções que configuram e expressam tendências do comportamento dos pais.[6] Malinowski acredita que esses codeterminantes culturais acompanhem de perto a orientação geral imposta pela natureza ao comportamento animal, concluindo que "as forças que moldam o com-

5. Bronislaw Malinowski, *Sex and Repression in Savage Society*, New York, Meridian Books, 1955, pág. 196.
6. *Ibid.*, pág. 197.

portamento humano não são *meros* instintos, mas hábitos que o homem adquiriu devido à tradição."[7]

Novamente se percebe aí o preconceito ocidental contra tudo o que é instintivo. A partir desta perspectiva, os instintos são entendidos como padrões fixos de reação face a estímulos fixos e relativamente específicos. Não há lugar para a idéia de que os instintos sejam capazes de mudança e desenvolvimento, ou de que o estímulo que os libera possa igualmente mudar.

Como já sugeri, sempre que um indivíduo reage com sua totalidade um instinto está em ação, sendo necessário, para que isso ocorra, a presença de uma emoção forte. É bastante improvável que um valor cultural ou uma instituição sobrevivessem por muito tempo se não expressassem uma necessidade humana instintiva. Com base nessa mesma lógica, o tabu do incesto e outras formas de restrição sexual devem ser encarados como expressão da herança instintiva peculiar ao homem. A maioria dos cientistas sociais encara o tabu do incesto como invenção cultural necessária apenas para preservar a unidade familiar e garantir sua expansão em unidades culturais mais amplas. Apesar de considerá-lo em última instância a serviço de necessidades instintivas básicas, isto é, do instinto de acasalamento e do instinto materno e paterno, Malinowski rejeita a idéia de que o tabu do incesto eventualmente fosse um instinto.

Parece que não faz muita diferença considerar o tabu do incesto como instinto ou invenção humana. Eu estaria de acordo se sua função fosse apenas, como acredita a maioria dos cientistas sociais, propiciar uma organização estrutural harmoniosa para a sociedade. Ocorre que o mistério do incesto tem uma significação psicológica profunda, independente do problema de organização social, só podendo ser considerado ou apreendido se forem reconhecidas as raízes instintivas do tabu. Tudo leva a crer que a tensão entre o desejo e a proibição do incesto é essencial para o desenvolvimento psicológico humano. Na minha opinião, a repressão tanto do desejo (considerada essencial para a cultura por Freud, Malinowski e outros) como da própria proibição representa um obstáculo para o crescimento psicológico. Para compreender essa relação, tanto o desejo como a inibição devem ser encarados como aspectos de um instinto.

Como será, em termos psicológicos, que funciona o tabu do incesto para promover o amor humano e a imaginação? Como desencadeia ele a humanização psicológica da criança? Inicialmente, procuraremos explicar a natureza desse processo examinando sociedades primitivas, nas quais o tabu do incesto ainda é a base ativa da organização social.

7. *Ibid.*, pág. 198.
8. E. A. Westermark, *The History of Human Marriage*, London, Macmillan, 1908 (grifo meu).

A exogamia, em essência uma extensão da proibição do incesto, é o princípio de organização das sociedades primitivas. Em sua forma mais simples, a tribo se divide em duas seções ou fratrias. Os membros de uma fratria específica são considerados "irmãos" e "irmãs" devido à ascendência comum, seja ela totêmica, patrilinear ou matrilinear. O relacionamento sexual e o casamento são proibidos tanto no interior da fratria como da tribo. Dessa forma, a exogamia de fato promove um tipo fechado de procriação, apesar de proibir o relacionamento sexual e o casamento no interior da família extensa.[9] Não discutiremos aqui as conexões mais complexas de parentesco que ocorrem quando uma tribo se divide em sub-fratrias, visto que o princípio básico permanece o mesmo.[10]

Os esquemas familiares diferem conforme a descendência tribal se defina em relação à mãe (matrilinear) ou ao pai (patrilinear). Já que o sistema matrilinear prevalece nas sociedades primitivas, vejamos como a exogamia funciona nessas culturas. Entre os trobiandeses da Melanésia o parentesco só é reconhecido através da mãe, definindo-se a sucessão e a herança pela linhagem feminina. Isto significa que o menino ou menina pertence à família, clã ou comunidade da mãe: o menino torna-se sucessor das honrarias e da posição social do irmão da mãe, pois a criança herda seus bens não só do pai mas do tio ou da tia maternos, conforme o caso.[11]

O matrimônio é em geral monogâmico, exceto para os chefes, que têm várias esposas. Acredita-se que a mulher engravida pela ação de minúsculos espíritos inseridos em seu útero por obra do espírito de uma parente já falecida. Seu marido não é portanto reconhecido como pai da criança, ainda que deva protegê-la e niná-la. "O pai é assim um amigo amado e benevolente, mas não um parente reconhecido da criança... O parentesco real, ou seja, a identidade de substância, o 'mesmo corpo', só existe através da mãe. O irmão da mãe é que é investido de autoridade sobre as crianças."[12] Estas são suas herdeiras e sucessoras, dele recebendo ainda os mitos e tradições do clã. Esse

9. Ernest Crawly, *The Mystic Rose*, Vol. II, London, Methuen & Co. Ltd., 1927, págs. 212-213.
10. Para uma discussão detalhada do sistema de fratrias e sua relação com a proibição do incesto, ver John Layard, *The Virgin Archetype*, New York, Spring Publications, 1972; e também Crawly, *op. cit.*, e Malinowski, *The Sexual Life of Savages*.
11. *Op. cit.*, Malinowski, pág. 22.
12. *Ibid.*, pág. 23.

homem fornece quase toda a alimentação consumida pela irmã e seus familiares. Assim o irmão da mãe representa o princípio de disciplina, de autoridade e poder executivo dentro da família, enquanto no pai as crianças procuram apenas amor e camaradagem. [13]

"O casamento é patrilocal: quer dizer, a moça une-se ao marido na casa deste e, caso venha de outra comunidade, como em geral ocorre, migra para a dele. Portanto as crianças crescem numa comunidade onde legalmente são estrangeiras, não tendo direitos relativos à terra nem orgulho legítimo pela glória da aldeia; pois tanto seu lar, seu centro tradicional de patriotismo, como suas posses e seu orgulho ancestral estão em outra parte."

"Desde cedo, meninos e meninas irmãos por parte de mãe são separados na família, devido ao estrito tabu que lhes é imposto. Os assuntos ligados a sexo não devem jamais interessá-los em comum. Por isso, apesar de investido de autoridade sobre a irmã, o irmão não pode exercê-la quando esta pensa em casar-se devido à proibição que lhe impõe o tabu do incesto." [14]

As crianças têm completa liberdade de explorar sua sexualidade, exceto na área afetada pelo tabu entre irmão e irmã. "Desde cedo, quando a menina pela primeira vez veste seu saiote de folhas, os irmãos e irmãs devem ser separados, em obediência ao rígido tabu que proíbe relações íntimas entre ambos. Mesmo antes, quando começam a andar, devem brincar em grupos diferentes. Mais tarde, não devem nunca encontrar-se socialmente numa situação de liberdade, não devendo jamais pairar a mais leve suspeita de interesse de um pelas relações amorosas do outro. Ainda que exista uma liberdade comparativamente maior com respeito a brincadeiras e ao palavreado, nem mesmo um garoto pequeno pensaria em sexo com suas irmãs e muito menos faria qualquer alusão sexual ou contaria uma anedota em sua presença. Isso se mantém durante a vida toda, sendo extrema falta de educação comentar com um rapaz sobre a vida amorosa da irmã, ou vice-versa." [15]

Os trobriandeses da Melanésia não têm ritos de iniciação à puberdade, ocorrendo nessa ocasião uma fragmentação parcial da família já que irmão e irmã não podem mais residir na mesma casa. O rapaz deverá mudar-se para uma casa especial, onde viverá em companhia de outros, em número de três e seis, aos quais se juntam as respectivas namoradas. Nessa casa, a *bukumatula*, permanece até casar.

13. *Ibid.*, pág. 24.
14. *Ibid.*, pág. 24.
15. *Ibid.*, pág. 58.

Apesar de continuarem a viver em casa, as moças também passam a maioria das noites numa *bukumatula* com seus amantes. [16]

A proibição do incesto entre irmão e irmã é o tabu supremo para os trobriandeses. "Este tabu é o protótipo de tudo o que é eticamente errado e horrível para o nativo. É a primeira regra moral impressa com seriedade na vida do indivíduo, a única plenamente mantida pela engrenagem de sanções morais e sociais. Tão profundamente arraigada se encontra na estrutura da tradição nativa que todos os indivíduos dela permanentemente se lembram. [17]

"Desse modo, irmão e irmã crescem numa estranha proximidade doméstica; em contato imediato e contudo sem qualquer comunicação íntima ou pessoal; próximos no espaço e também devido a regras de parentesco e interesse comum; e no entanto, no que tange à personalidade, *sempre reservados e misteriosos*. Não devem nem mesmo olhar-se, trocar comentários corriqueiros ou compartilhar sentimentos e idéias. E o tabu entre irmão e irmã vai se tornando cada vez mais estrito com o passar do tempo e o crescente envolvimento de cada um com as práticas amorosas. Assim, a irmã significa para o irmão o centro e o próprio símbolo de tudo o que é sexualmente proibido; é o protótipo de todas as tendências sexuais ilícitas dentro da mesma geração e a preferência dos graus proibidos de parentesco e relacionamento, apesar do tabu perder força ao se estender sua aplicação." (grifo meu) [18]

Como se pode claramente perceber a partir dessas observações de Malinowski e de outros antropólogos, a preocupação central das sociedades primitivas é regular a libido incestuosa no relacionamento entre irmão e irmã no interior da unidade familiar nuclear. No meu modo de ver, essa normalização para nós tão estranha e complexa de relação irmão-irmã traz em si a chave para a compreensão do significado psicológico do incesto. Mas conviria antes examinar o incesto entre mãe e filho e pai e filha.

O incesto com a mãe, apesar de encarado como altamente repreensível, antinatural e imoral, não é acompanhado por tanto horror e medo como ocorre no incesto entre irmão e irmã. Ao conversar com os nativos sobre incesto materno, Malinowski não encontrou "nem o rígido suspense, nem as reações emocionais sempre evocados por qualquer alusão ao relacionamento entre irmão e irmã. Eles concordavam em falar sobre essa possibilidade sem sentir-se chocados, mas é óbvio que encaravam o incesto com a mãe como

16. *Ibid.*, pág. 66.
17. B. Malinowski, *The Sexual Life of Savages*, New York, Harcourt, Brace & World, 1929, pág. 519.
18. *Ibid.*, pág. 522.

quase impossível. Eu não afirmaria que esse tipo de incesto nunca ocorreu; não tenho porém dados concretos, e o próprio fato de que nenhum caso tenha permanecido vivo na memória ou na tradição demonstram que os nativos apresentam relativamente pouco interesse nisso." [19]

Em contraste com a relação entre irmão e irmã, na relação com a mãe existe um natural calor sensual e uma comunicação aberta. Na puberdade, é claro, o filho é separado também da mãe. Mesmo havendo um tabu sexual com relação a esta, não existe o mesmo medo de lhe expressar ternura física e amor, como no caso da irmã. Não há dúvida de que o instinto materno e a disparidade etária ajudam a impedir a excessiva estimulação sexual do menino. Entre irmão e irmã a questão é outra, mas não se pode deixar de imaginar por que seriam necessárias medidas tão rígidas. Certamente as atitudes sociais com respeito ao incesto são desde cedo implantadas na psique infantil; por que então deveria o relacionamento irmão-irmã ser tão pouco natural? Voltaremos logo adiante a esse ponto.

Quanto ao pai, este não tem relações de parentesco com os filhos numa sociedade matrilinear; portanto, a relação sexual entre pai e filha não é denominada incesto e não acarreta as terríveis conseqüências de sua violação — doença fatal ou outro tipo de morte. É no entanto proibida e tida como repreensível, mas por outras razões. Em primeiro lugar, o pai controla o casamento e os namoros da filha, que os discute com ele. Em segundo, ela é a parente mais próxima de sua esposa. Ora, "um homem não deve dormir com sua filha pois carregou-a nos braços." Assim, é quase certo que o instinto paternal impeça o incesto entre pai e filha. Apesar de ocorrer entre os trobriandeses, o relacionamento sexual entre pai e filha é aparentemente raro e encarado com grande repugnância moral. [20]

Entre os animais que vivem em estado natural, os pais em geral forçam os filhotes a se defenderem sozinhos quando chega a idade, ou então os abandonam. Essa reação instintiva dos animais tende a impedir o acasalamento entre pais e filhos. As descrições da vida familiar dos trobriandeses sugere que instinto análogo existe nos seres humanos. É claro que a separação é ritualizada por meio de instituições, não sendo o rompimento tão total e permanente como entre os animais. Ao contrário, a base sobre a qual se assenta a família humana é constituída de amor, de respeito e de um laço permanente entre pais e filhos, mesmo se fisicamente separados.

Se os instintos dos pais são suficientes para impedir o relacionamento sexual com seus filhos, qual a necessidade de um tabu do incesto? Talvez essa precaução adicional fosse necessária para garantir o rompimento da intimidade entre pais e filhos e o corte do cordão umbilical psicológico no momento em que os filhos atingissem a maturidade sexual. Talvez exista uma razão mais importante ainda: o tabu sempre santifica o objeto proibido. O verbo *tapui*, do qual se origina a palavra *tabu*, significa "tornar sagrado" [21] Dessa forma um objeto é dotado de mana e numinosidade (o assustador mistério de um poder divino) e se torna expressão simbólica de um poder excepcional. Sem o tabu do incesto, as crianças, como os animais, encarariam os pais como coisas dadas, como qualquer outro objeto. Ao santificar ou deificar os pais, o tabu cria uma distância psicológica essencial para o desenvolvimento da consciência. Uma aura de mistério passa a envolver os pais, estimulando a imaginação da criança a enfocar as qualidades especiais da mãe e do pai e o relacionamento entre ambos. Por que pode a criança ter tanta intimidade física com eles, exceto quanto aos órgãos sexuais? E por que um tem pênis e o outro vagina? Será que se encaixam? Então por que eles têm tanta intimidade e a criança não? Não seria isso perigoso para eles — e, caso contrário, por que não? Como é que mãe e pai, em tudo tão diferentes, parecem tão certos assim juntos como estão? Em outras palavras, o tabu estimula desde cedo a formulação de perguntas e imagens relativas ao mistério da conexão macho-fêmea, liberando o arquétipo do amor humano e do sexo como união sagrada. A veneração tipicamente humana pelos pais está diretamente relacionada às experiências iniciais que uma criança tem do Casamento Sagrado (*hieros-gamos*). Os pais estarão para sempre associados à experiência inicial dos arquétipos da Mãe e do Pai. Na ausência de um tabu de incesto referente aos pais, é improvável que a cultura tivesse se desenvolvido. Mas novamente devo enfatizar que o tabu não é essencial para a prevenção da união sexual entre pais e filhos.

Na relação irmão-irmã, entretanto, o tabu do incesto é crucial para impedir o envolvimento sexual. Ainda assim, as rígidas e elaboradas precauções empregadas pelos povos primitivos não podem ser simplesmente explicadas na base de uma necessidade de impedir o incesto. De acordo com Mead, somente na velhice é que novamente irmão e irmã podem sentar-se juntos, na mesma esteira, sem vergonha. [22] As tentativas de interpretação sócio-cultural não são adequadas para explicar essa complexa ritualização da relação irmão-irmã. Acredito que uma investigação psicológica desse fenômeno poderá nos aproximar do cerne do mistério do incesto.

19. *Ibid.*, pág. 524.
20. *Ibid.*, págs. 528-531.
21. G. Van Der Leeuw, *Religion in Essence and Manifestation*, Vol. I, New York, Harper Torchbooks, 1963, pág. 44.
22. Margaret Mead, *Coming of Age in Samoa*, London, Penguin, 1954, pág. 42.

Até a puberdade, as crianças ficam abrigadas por uma atmosfera de amor e unidade familiar que lhes proporciona uma sensação de identidade e de fazer parte de algo comum que só pode reforçar o laço existente entre irmão e irmã. O tabu não rompe essa profunda conexão transpessoal, apesar de impor a distância física e espiritual. Dotados de uma aura de mistério e numinosidade, irmão e irmã tornam-se objeto de medo e fascínio um para o outro. A impossibilidade de envolvimento pessoal estimula o interesse e a imaginação da criança por esse ser fascinante, do sexo oposto. Em todas as outras relações com contemporâneos a criança tem completa liberdade sexual. Portanto, o efeito principal do tabu do incesto entre irmão e irmã é estimular a imaginação sexual com respeito a uma pessoa do sexo oposto excepcionalmente desejável e misteriosa. Por que será isso tão importante?

A imaginação é um dos ingredientes básicos do desenvolvimento psicológico. Sempre que um instinto é efetivamente impedido de agir, o fluxo de imagens internas é estimulado. Os instintos de sobrevivência, sendo primários, não podem ficar insatisfeitos por muito tempo. De todos os instintos animais do homem, só o instinto sexual pode suportar longos períodos de privação sem pôr em risco a sobrevivência individual. Enquanto as necessidades instintivas básicas da criança forem satisfeitas, a psique permanecerá escondida e subdesenvolvida. Assim sendo, a inibição sexual é essencial para a abertura do mundo imaginário. Além disso, a polaridade sexual é a metáfora primordial da atividade imaginária criativa: isto é, o jogo e a tensão entre os opostos e seu trabalho de união para formar uma nova criação.

Essencialmente, o tabu do incesto força o homem a tomar consciência do quanto é incompleto. Um menino sentirá a irmã como alguém intimamente relacionado a ele e no entanto inatingível para sempre, um Outro "sagrado" e desconhecido. Ele dedica-se a amá-la e servi-la, mas não poderá jamais unir-se a ela. A mesma relação se aplica à menina frente a seu irmão. A ânsia de encontrar-se e unir-se com a misteriosa outra metade do ser é uma conseqüência direta do tabu entre irmão e irmã. Esse atributo exclusivamente humano é responsável pelo eterno fascínio do homem por tudo que se refira a amor, sexo e conexão humana. Isso contribuiu para transformar o impulso sexual, de início algo puramente biológico, no instrumento supremo do desenvolvimento psicológico do homem. E o que é mais importante, em sua ânsia de encontrar seu par espiritual, o homem acaba por descobrir e moldar a própria alma.

Na ausência das regras e restrições sexuais, que todas as culturas impõem, a idéia da união sexual como ato sagrado destinado a vincular duas pessoas de modo permanente não poderia ter vindo à tona na imaginação humana. Essa herança tornou-se parte da herança

psíquica do homem. Como já mencionamos, ela aparece sob formas arquetípicas como o casamento celeste do Rei e da Rainha, o casamento místico do Deus Sol e da Deusa Lua e a união incestuosa do par Irmão-Irmã. Como todas essas imagens do casamento sagrado — *hierosgamos* — são também representações da alma unindo-se a seu par, elas são *todas* incestuosas, podendo o termo Arquétipo do Incesto ser convenientemente usado para incluir todas essas expressões.

O processo de evolução da infância à idade adulta envolve uma internalização gradual das imagens do *hierosgamos*. O tabu do incesto e outros rituais voltados para os mistérios da sexualidade são essenciais nesse processo. Quando uma cultura perde sua conexão com o significado do Incesto, as pessoas passam a sofrer uma desarmonia interna entre os opostos masculino/feminino. Tal fato se reflete nos distúrbios que afetam o relacionamento entre os sexos e na queda da vitalidade e da estabilidade das uniões permanentes — pois no homem o Arquétipo do Incesto é essencial para a liberação e manutenção do instinto de acasalamento.

Se de um lado as restrições à expressão espontânea dos impulsos sexuais e o desenvolvimento humano parecem caminhar juntos, por outro eles precipitam o homem numa situação de conflito entre as dimensões espiritual e animal-sensual de sua natureza. Devido a essa dicotomia, ele se torna vulnerável a uma gama infinita de dores emocionais que outras criaturas desconhecem — esse o significado psicológico contido no mito da Queda. Por outro lado, o homem tem o dom de uma imaginação que lhe torna possível reconciliar esses opostos e experimentar a indizível alegria de encontrar novas e melhores vias de retorno ao Paraíso.

As limitações que o homem impôs a seu instinto sexual o impossibilitam de ser completamente livre sensual e fisicamente em seu relacionamento com os outros. No entanto, no mundo cada vez maior da imaginação que assim se abre, seu espírito tem liberdade ilimitada. Nada impede sua imaginação de fazer o que quiser ou de ir aonde desejar. Nesse sentido, ele pode transgredir qualquer tabu sexual e reconciliar o conflito entre sua mente e seu corpo. Pode sempre voltar a seu estado paradisíaco e original de integridade, anterior à separação de sua natureza animal e espiritual. As alegrias que se abrem para ele nesse mundo imaginário compensam com vantagem as limitações que lhe são impostas pela realidade mundana. Além disso, sua imaginação lhe oferece a possibilidade de efetuar mudanças no mundo material e de criar novas possibilidades de compartilhar suas alegrias com os outros.

IV. A FERIDA DO INCESTO

As formas sociais que permitem que pais e filhos, separadamente, vivam a sexualidade instintiva sem sentimentos de culpa e medo de violar o tabu do incesto vêm sofrendo um processo de deterioração. Tal fato destruiu a íntima e essencial conexão de parentesco entre mãe e filho, pai e filha, irmão e irmã, indivíduo e comunidade. Perdeu-se a consciência da importância fundamental do tabu do incesto para o desenvolvimento e a totalidade psicológica. Conseqüentemente, ao invés de ser tratado ao nível da consciência, o tabu do incesto caiu no inconsciente e passou a funcionar de modo autônomo. Isso quer dizer que a necessidade de precaver-se contra o incesto, ou o perigo de violar o tabu, deixaram de ser um problema consciente. Quando então o instinto sexual ameaça transpor a barreira do incesto, a sexualidade é vivida como algo perigoso e pecaminoso. Dessa forma o conflito moral, que na verdade se refere antes ao mistério do incesto, passa a enfocar antes a sexualidade instintiva. Ao invés de temer o incesto, tememos a sexualidade, assim como nossos intintos em geral.

As elaboradas precauções tomadas pelos povos "primitivos" para impedir a violação do tabu do incesto sugerem que o desejo incestuoso é intenso demais para ser deixado a cargo apenas da responsabilidade individual. De fato, a estrutura social e religiosa das sociedades primitivas se vincula em boa parte no tabu do incesto.[1] Em contrapartida, a moderna civilização ocidental não possui rituais e formas sociais para regular a libido do incesto. Assim sendo, a responsabilidade de preveni-lo e lidar com seu mistério acabou por recair basicamente sobre o indivíduo.

1. Ver as obras citadas de Layard, Malinowski e Crawly.

A despeito das indicações de que na psique humana o tabu tornou-se tão poderoso quanto o próprio desejo de incesto, o *indivíduo* deve possuir um alto grau de consciência de ego para suportar o toque fatal do incesto sem ver-se fragmentado pelo calor das emoções que este libera. A criança sempre foi protegida do risco de tentação e fascínio pelo incesto. Como atualmente quase nada resta desses rituais protetivos e integradores, a criança é forçada a resolver sozinha um conflito moral que envolve os mais profundos mistérios da vida. Na maioria das vezes, isso resulta numa repressão da sexualidade; mas pode ocorrer que a criança não seja capaz de fazê-lo diante de uma provocação sexual aberta por parte do adulto. Nesse caso, os sentimentos espirituais de calor e ternura é que serão reprimidos. Lembro o exemplo de uma paciente com um complexo paternal negativo incapaz de lembrar-se de qualquer situação em que houvesse sentido amor ou proximidade por seu pai. As únicas lembranças agradáveis que tinha dele ligavam-se acima de tudo à sexualidade; ou seja, a contatos sexuais reais e fantasias. Cabe também citar o caso de um homem que, sem a menor sensação de culpa, lembrava-se de seu intenso desejo e de suas fantasias sexuais envolvendo a mãe; mas ele, como a mulher do caso anterior, também não se recordava de momentos de calor e intimidade com ela. Esses exemplos mostram como a ferida do incesto causa uma cisão entre Eros* e sexualidade. E também chamam a atenção para o fato de que o ponto central não é a repressão da sexualidade, mas o problema do incesto.

Como o tabu é essencial para a humanização e o desenvolvimento cultural do homem, é compreensível que sua violação possa evocar tanta culpa e medo. Um "primitivo" só arriscaria cometer o incesto se estivesse fora de si ou se visse completamente possuído por um desejo incontrolável. Enquanto tivesse um mínimo de controle racional, ele resistiria ao desejo. É exatamente isso que uma criança em nossa cultura deve fazer: reprimir quaisquer impulsos sexuais incestuosos e espontâneos que lhe ocorram. Na verdade o "primitivo" se encontra em melhor situação, porque certas formas sociais o protegem da estimulação excessiva de suas tendências incestuosas. Ao atingir a puberdade, sua sexualidade já se transformou o suficiente para que não precise ter medo de perder o controle racional ou de violar o tabu do incesto toda vez que reagir de modo espontâneo e instintivo.

Com uma criança ocidental ocorre o inverso. Enquanto sexualmente imatura, geralmente não tem muita dificuldade em controlar e reprimir impulsos sexuais proibidos. Mas ao atingir a puberdade, todas as suas fantasias e desejos sexuais retornam com pleno vigor. É aí que a pessoa sente o primeiro horror real de seus desejos incestuosos, procurando ligar com a culpa e o medo através de constante controle de tudo o que penetra na consciência. Conforme a profundidade de sua ferida ao incesto, o indivíduo poderá sentir-se forçado a reprimir todo o conjunto de imagens sexuais para ter certeza de que nenhuma das fantasias que provocam o sentimento de culpa irá invadir sua psique. Felizmente a maioria das crianças não precisa usar medidas tão extremas; caso isso ocorra, o resultado é um corte quase que total do instinto sexual. Nessa situação as crianças tendem a entrar em pânico ao menor sinal de perda do controle racional.

De acordo com o padrão ocidental mais típico, somente a sexualidade não incestuosa tem permissão de penetrar na consciência; isso significa que os sentimentos de conexão baseados no parentesco, assim como todas as fantasias românticas e amorosas de intimidade espiritual, são impedidos de entrar na consciência ao lado das imagens sexuais. Essa cisão interna entre amor e sexo, entre as dimensões espiritual e animal da alma, é conseqüência direta da ferida do incesto. Quando a tensão entre o desejo de incesto e a proibição é obliterada, a fragmentação assim criada torna impossível a essencial união interior dos opostos masculino/feminino.

A maioria das pessoas tem grande dificuldade em estabelecer uma conexão emocional com esse raciocínio, percebendo entretanto sua lógica. Isso tudo só faz sentido para aqueles que não conseguiram reprimir sua sexualidade incestuosa, ou só conseguiram em parte. Não é realmente necessário desenterrar fantasias e experiências incestuosas reprimidas, na medida em que tem consciência do modo pelo qual a cisão mente/corpo e amor/sexo se manifesta na vida cotidiana.

Creio que se pode medir a profundidade da ferida pelo grau de medo de perder o controle racional, esteja este relacionado ou não à sexualidade. É provável que aqueles que vivem a dor da constante rejeição nos relacionamentos que estabelecem também estejam profundamente feridos. O mesmo se pode dizer dos que com freqüência se vêem lançados em estados de confusão, perda de identidade e paralisia emocional em suas relações íntimas. Sem dúvida, a manifestação mais óbvia da ferida ocorre quando a sexualidade é obstruída em todos os sentidos, exceto com respeito a fantasias ou a uma pessoa real, por quem não se sente nem amor, nem respeito. Por que existe

* Na mesma linha da tradição platônica, o termo Eros será empregado com referência à gama inteira de amor e paixão do homem, tanto ao nível psíquico quanto erótico, e não no sentido freudiano de libido ou energias sexuais indiferenciadas.

2. C. G. Jung, "Mysterium Coniunctionis", *Collected Works 14*, New York, Pantheon, 1963, parágr. 664.

3. *Ibid.*, parágr. 108.

tanto horror de perder o controle racional, de permitir que emoções ou desejos irracionais e espontâneos se expressem sem a censura do ego? Será porque uma pessoa teme ficar possuída de fúria e cometer crimes horríveis? A maioria das pessoas só deveria temer a possibilidade de fazer papel de bobo ou, na pior das hipóteses, de cometer algum ato de agressão, ofensivo porém desculpável. Por que então as pessoas têm esse medo tão aterrador de se perder, caso soltem as rédeas dos instintos? Isso, por certo, tem mais a ver com fantasia e realidade interior do que com perigos concretos na realidade exterior. O que então estaria ocorrendo por dentro, quando uma pessoa é apanhada nessa armadilha do ego?

Lembro-me de um sonho chocante que tive quando pela primeira vez tomei consciência da profundidade de minha própria ferida do incesto. Era de noite, cerca de onze horas, e eu tinha que ir fazer qualquer coisa em meu escritório. Ao abrir a porta fiquei de repente apavorado, sentindo na sala alguma presença agourenta. Acendi a luz mas não vi ninguém. De repente ouvi um barulho que vinha de trás de mim, uma espécie de lamúria. Voltei-me e descobri um garoto de doze anos, pequeno e esfarrapado, agachado em baixo da minha mesa de trabalho. Acordei apavorado. Mais tarde, usando a técnica de imaginação ativa sugerida por Jung, retornei ao sonho em fantasia. Eis o que aconteceu: tirei o garoto amedrontado de baixo da mesa e lhe perguntei o que estava fazendo ali. A princípio ele não quis responder, mas por fim disse que se esconde lá o tempo todo enquanto vejo meus pacientes. Então, voltando-se para mim com um sorriso malicioso, disse: "curto muito essas histórias sacanas que teus pacientes te contam."

Fiquei furioso, chamando-o de maníaco sexual e ameaçando entregá-lo à polícia. Daí ele começou a chorar e meu coração se abriu. Peguei-o nos braços. Entre soluços, me contou que eu o havia abandonado aos doze anos devido à sensação de culpa por minha própria sexualidade, dizendo que eu o forcei a ficar no subterrâneo por causa do medo de minha própria tesão. Havia mais coisas na fantasia, mas essa é a parte central. Esse garoto sem dúvida simbolizava minha dimensão animal-sensual, que eu havia reprimido. Foi mais ou menos aos doze anos que comecei a ter fortes desejos sexuais por minha irmã. Desconfio que devo ter sentido o mesmo pavor terrível do incesto que um primitivo sente. Pode-se imaginar o medo que eu tinha, na época desse sonho, de perder o controle racional, visto que toda a minha sexualidade incestuosa reprimida estava de tocaia sob a fachada protetora da mesa de trabalho do médico.

Uma jovem sonha que estava na sua hora de análise quando de repente a porta começa a se abrir. Fica chocada e furiosa quando vê quem é, corre para a porta e põe para fora da sala uma garota adolescente. Quem era? Apenas alguém que ela conhecera no colégio, uma garota vulgar que tinha a má reputação de galinha. O sonho é óbvio: ela tinha medo de deixar seu lado imoral e erótico penetrar na relação analítica. Como o analista invariavelmente constela um arquétipo paterno ou materno, pode-se presumir quais seriam as origens incestuosas de seu medo. Com efeito, até que este sonho revelasse a natureza de seu medo, ela vinha sendo extremamente defensiva e resistente ao processo analítico.

Esses exemplos de cisão anímica causada pela repressão da sexualidade incestuosa existem em grande número e, uma vez revelados, são relativamente fáceis de compreender. Entretanto, há várias outras expressões menos óbvias da ferida do incesto. Por exemplo, pode ocorrer que o desejo sexual só se inflame plenamente numa situação triangular. O desejo diminui à medida em que o triângulo se desmancha. Esse fato pode parecer contraditório, pois seria de se esperar que o medo do incesto inibisse a sexualidade numa situação desse tipo. Teremos que examinar em maior profundidade a natureza da ferida para compreender esse paradoxo.

Lembremo-nos de que, quando excessivamente provocada, a criança talvez não seja capaz de reprimir sua sexualidade, vendo-se então forçada a reprimir seus sentimentos de amor e parentesco. Não devemos nos esquecer que a finalidade do tabu do incesto é impedir que uma criança chegue à união sexual nos relacionamentos que lhe despertam o maior grau de intimidade espiritual. Assim sendo, a sensação de culpa pode ser evitada na medida que não se tem consciência de viver um dos opostos, amor ou sexo. Entretanto, o desejo oposto reprimido continuamente ameaçará penetrar na consciência, devido à necessidade de união da alma. Em outras palavras, a ânsia de união incestuosa, ainda que reprimida, é tão poderosa quanto o desejo de violar o tabu. Quanto mais reprimida, maior seu poder sobre nós — de modo que permanecemos continuamente fascinados por ela e recaímos sempre nos mesmos tipos de envolvimento incestuoso. Enquanto permanecemos inconscientes da outra metade reprimida, somos poupados da sensação de culpa e do doloroso conflito. Saltamos inocentemente de uma relação para outra, cada vez mais fragmentados e desiludidos.

Lembro-me do exemplo sofrido, porém típico, de uma mulher incapaz de permitir que o oposto reprimido penetrasse em sua consciência. Repetidamente, ela se sentia fascinada por homens com autoridade, posição, intelecto superior ou talentos especiais. Ao mesmo tempo, sentia-se inadequada e incapaz de ter com eles uma experiência de paixão sexual. Nos poucos casos em que tentou envolver-se, sentia como se sua alma e seu corpo estivessem sendo violentados, ficando assim machucada e furiosa. Esta mulher sentira grande amor e res-

peito pelo pai até a puberdade, quando este lhe fez vários avanços sexuais. No começo da análise ela só falou de seus sentimentos bons com relação a ele, pois havia bloqueado os episódios sexuais. Quando finalmente estes foram trazidos de volta à consciência, retornou toda a fúria que ela havia sentido aos treze anos. Ela passou a considerar o pai como um velho sujo e impotente que tirou proveito de sua inocência confiante e juvenil. Depois de relatar os detalhes de seu relacionamento com o pai, ficou claro que ela não era tão inocente assim. Mas não era capaz de aceitar emocionalmente seu próprio envolvimento sexual com ele. Em conseqüência, esse padrão continuou a repetir-se com os homens que ela admirava. Seu senso de inadequação advinha do fato de que era incapaz de colocar nessas relações seu lado natural e instintivo — e como poderia, se rejeitava e temia sua sexualidade?

Mas a questão tinha outro lado. Ela também se sentia compulsivamente fascinada por homens irresponsáveis, intelectualmente inferiores e psicopatas. Com estes sua paixão sexual se soltava e nessa medida os relacionamentos eram muito mais gratificantes. Mas como não era capaz de permitir-se amar tais homens, sentia grande dor pela falta de comunhão espiritual. Além disso, tendia a cair num tipo de subserviência sexual diante deles, o que paralisava seu livre-arbítrio e solapava seu auto-respeito. Se tivesse sido capaz de permitir-se uma experiência consciente de seu amor e proximidade com esses homens, ao invés de prisioneira e fragmentada ela teria ficado livre.

Outra manifestação muito comum da ferida do incesto é a experiência de amar alguém sexual e espiritualmente em fantasia, ao mesmo tempo que se é incapaz de exprimir esses sentimentos na realidade. Quase sempre, essa situação deriva do medo de acolher conscientemente os aspectos fálicos ou agressivos do instinto sexual. A culpa incestuosa, associada à sexualidade agressiva, impede tais pessoas de iniciarem o fluxo de Eros, ainda que estas possam reagir prontamente à ação e à iniciativa de outrem. Desse modo conseguem permanecer inconscientes de seus próprios impulsos agressivos, sentindo-se portanto inocentes.

Ainda outra importante manifestação da ferida, desta vez mais complexa, pode ser ilustrada com o seguinte exemplo: uma mulher, presa num casamento psicológico com o pai, reprimia suas ânsias incestuosas insatisfeitas para de fato desposá-lo. Odiava o pai e se sentia traída por ele, mas não sabia por que. Suas relações com homens eram em geral de curta duração, terminando sempre de modo abrupto e doloroso. Sentia-se constantemente ameaçada pela intimidade espiritual com eles, mas era aberta com respeito à intimidade sexual. De modo típico, assim que se envolvia sexualmente via-se inundada por suas ânsias incestuosas reprimidas, mas jamais ocorria que seu amante tomasse o lugar do pai. Em suas fantasias, seu amante-pai declarava amor eterno, tomava-a nos braços e a conduzia até a igreja, onde os dois se casavam para viver felizes para sempre. Essas fantasias românticas eram tão poderosas que, para ela tornaram-se fato consumado. Invariavelmente, o homem real não sentia essas coisas e ela era abruptamente arrancada de seus sonhos; sempre, porém, com a convicção de ter sido profundamente ferida e enganada pelo homem. Tudo lhe parecia tão real que ela nunca sabia se tinha imaginado coisas ou se o homem as havia realmente dito para iludi-la. Sempre que isso acontecia ela se sentia paralisada, confusa e humilhada durante semanas e às vezes por vários meses. Essencialmente, o efeito da ferida do incesto nesta mulher era tornar-lhe difícil diferenciar a realidade interior da exterior em seus relacionamentos. Em grau maior ou menor, essa dificuldade é um efeito inevitável da ferida.

Enquanto o desejo de união incestuosa permanece inconsciente, ele é ativado a cada relacionamento que ofereça uma possibilidade de conexão anímica. O efeito disso é a obstrução do fluxo natural e espontâneo do amor, porque o arquétipo do Incesto exige sempre compromisso eterno num matrimônio sagrado. Em termos bem simples: se me sinto compelido a assumir um compromisso permanente sempre que o amor me impele para uma união com outrem, não ficarei cauteloso e com medo de amar? Deve-se ser livre para amar ou não, para sentir e exprimir o amor no calor do momento, dure ou não para sempre. A ferida do incesto interfere nessa liberdade devido à ânsia da alma pela eterna e sagrada união com seu par. Isso deve ser vivido como realidade interior e não como exigência externa quando se ama alguém.

Ao lado dos efeitos que exerce sobre amor e sexo, a ferida do incesto tende a interferir na experiência e na expressão espontânea dos instintos agressivos. Isso deriva, em parte, do mesmo medo de perder o controle racional, mas é também conseqüência direta do triângulo incestuoso evocador de culpa. O filho temerá afirmar-se diante do pai — o que revela sua própria potência — devido à culpa que sente de seu casamento incestuoso inconsciente com a mãe. O mesmo conflito se aplica à mulher com respeito à sua mãe. Quanto mais grave a ferida, mais a criança sente o pai (ou a mãe) interior como alguém que rejeita sua natureza. Em última instância, isso pode levar a uma necessidade obsessiva de obter aprovação a aceitação dos outros.

A função primordial da proibição do incesto consiste em colocar os instintos indomados a serviço do amor e do parentesco através de um processo que estimula a formação de imagens sobre a união macho-fêmea. Isso não é o mesmo que a *repressão* dos instintos que parece tão necessária em nossa civilização moderna. Quando numa cultura a repressão dos instintos se torna necessária, algo está errado nas instituições sociais que regulam o incesto.

V. SEXUALIDADE INFANTIL E NARCISISMO

Uma das características da sexualidade infantil — como de tudo o que é infantil — é sua natureza exigente e compulsiva, sua total indiferença pelas necessidades alheias. Em conseqüência da ferida do incesto, freqüentemente ocorre uma severa repressão do ainda imaturo instinto sexual. O instinto obstruído passa então a invadir e contaminar todos os aspectos da personalidade da criança; quase todas as suas tentativas de expressão espontânea, das mais complexas às mais simples, apresentarão um aspecto de exigência, destruição e regressão infantil. O primeiro passo para curar essas feridas da infância consiste na exploração e na aceitação plena de todos os aspectos da própria vida sexual, tanto em suas expressões concretas como imaginárias. Desconfio que Henry Miller vivia um processo desse tipo quando escreveu seus famosos livros *Trópico de Câncer* e *Trópico de Capricórnio*, especialmente quando diz que o modo mais seguro de transformar o que há de pior em nós é aceitar isso por completo e com alegria. Apesar da sexualidade que Miller descreve estar usualmente associada à psicologia masculina, as mulheres sofrem o mesmo tanto devido ao subdesenvolvimento e ao não-relacionamento de sua sexualidade.

Mas só a aceitação não basta. É também essencial ter a experiência dos efeitos transformadores do amor. Por exemplo, fantasias obsessivamente infantis e sadomasoquistas praticamente desaparecem quando uma pessoa se apaixona, ficando então a sexualidade a serviço de Eros. Esse fato notável é compreensível, pois os sentimentos de dedicação e serviço ao outro evocados pelo amor são incompatíveis com o infantilismo.

Psicologicamente, o termo narcisista é em geral usado para designar um indivíduo preocupado com o amor que sente por si mesmo e tem dificuldade de estabelecer uma relação de amor com outra pessoa. Entretanto, tendemos a colocar nessa categoria pessoas incapazes de amarem tanto a si próprias como a outrem. Ainda que estas procurem satisfazer suas necessidades de modo obsessivo, indiferentes às necessidades alheias, isto não significa que se amem a si próprias. Pelo contrário, o assim-chamado indivíduo narcisista possui uma necessidade insaciável de ser amado, o que decorre muito mais de ódio e rejeição de partes vitais suas do que de amor por si.

Subjacente à preocupação patológica consigo mesmo encontra-se a necessidade de auto-expressão. Certamente isso se aplica no caso da absorção natural da criança por suas próprias necessidades e pensamentos. No adulto, porém, a ausência de qualquer real preocupação ou interesse pelas necessidades alheias revelaria uma fixação num estágio infantil de desenvolvimento. Tanto a família como a cultura logo fazem com que a criança se dê conta de que deve prestar atenção às necessidades alheias e atingir algum tipo de equilíbrio entre as necessidades subjetivas de sua própria psique e as que parecem apresentar os objetos de seu meio.

Dar é um ato de expansão, e receber, de acolhimento. Um símbolo excelente daquilo que se expande, enche e vaza é Phallos; e o Útero é talvez o símbolo por excelência do vaso que recebe, contém, protege e nutre. A conexão humana logo se rompe se o fluxo se dá apenas numa direção. O que funciona como receptáculo só pode conter um certo tanto; daí o fluxo deve ser revertido, caso contrário surge a interferência de uma barragem ou outro tipo qualquer de resistência que rompe a conexão. A circulação de Eros entre duas pessoas depende de uma relação recíproca entre *input* e *output*.

Talvez o fenômeno de se apaixonar, quando mútuo, seja um caso especial de aceitação recíproca e reação perfeita de uma pessoa com relação às necessidades da outra. A sensibilidade se torna extremamente aguda entre os apaixonados. Se aceitarmos esse estado como modelo para um tipo harmonioso de relação humana, poderemos usá-lo como base de comparação com muitos outros tipos de relacionamento. No pólo oposto, encontramos o tipo de relação que em geral caracteriza o indivíduo preocupado apenas com suas próprias necessidades.

(Antes de prosseguir, talvez fosse interessante considerar o indivíduo voltado antes de mais nada para as necessidades alheias. Em termos culturais e sociais, pode parecer que este representa um estágio mais maduro de desenvolvimento. Entretanto, essa característica não

leva necessariamente a relações humanas melhores ou mais íntimas: o fluxo ainda corre numa só direção, o que por fim conduz à estase*).

Voltando à questão de "estar apaixonado", conviria examinar esse notável fenômeno mais de perto. Em primeiro lugar, trata-se de uma experiência altamente pessoal, na qual a pessoa inteira se volta para o objeto amado. Ao mesmo tempo, nessa situação despertam por completo todos os sentidos. Ortega y Gasset encara essa exclusividade de atenção como uma paralisia da consciência. "A atenção", diz ele, "é o instrumento supremo da personalidade; é o aparato que regula nossa vida mental. Quando paralisada, não nos deixa nenhuma liberdade de movimento. Para nos salvar, teríamos que reabrir o campo da consciência, e para consegui-lo seria necessário colocar outros objetos em seu foco para romper a exclusividade da pessoa amada." ... "Caímos numa armadilha hermética sem aberturas para o mundo exterior. Não há nada de fora que possa penetrar e facilitar nossa fuga. A alma de um homem apaixonado tem o cheiro do quarto fechado de um doente — sua atmosfera confinada só tem ar viciado."[1] O autor obviamente encara a concentração da consciência no objeto amado e o fechamento hermético que envolve os amantes como um processo negativo. Essa atitude reflete o típico preconceito masculino contra Eros, o qual estabelece ligações seletivas, em oposição ao espírito que paira livre e descomprometido. Para Ortega, "quanto mais masculino um indivíduo, num sentido espiritual, mais a mente se desarticula em compartimentos estanques."[2] Não surpreende portanto que ele encare o fato de alguém estar apaixonado como paralisia da consciência e aprisionamento da alma! Eros, dentre todas as forças vitais, tem o poder de romper esses compartimentos separados da mente e curar a dicotomia mente/corpo. A experiência unificadora de sentir-se apaixonado expande a consciência: através da intensa conexão que se estabelece com o objeto amado, a pessoa acolhe o cosmos e entra numa relação harmoniosa com ele.

Os compartimentos estanques que o princípio masculino parece ter em tão alta conta é que são a verdadeira fonte de estagnação responsável pelo mau cheiro do quarto de doente. Seja como for, Eros, princípio do relacionamento psíquico, é a chave da liberdade espiritual. É a chave que abre todas as portas e libera o espírito apaixonado, para que este possa entrar na corrente circulatória do micro e do macrocosmos. Dessa forma, ele inicia um processo de purificação,

---

* Não confundir com êxtase, do latim *extasis*. Segundo Laudelino Freire, estase, do grego *stasis*, designa uma estagnação do sangue ou de outros humores do corpo (N. do T.).

1. Ortega y Gasset, *On Love*, New York, Meridian Books, 1960, pág. 52.
2. *Ibid.*, pág. 74.

destilação e transformação — a verdadeira base para a renovação e a vida criativa. Eros é o grande desbravador, capaz de penetrar nos compartimentos mais firmemente lacrados.

O princípio feminino (útero) serve fundamentalmente para nutrir, proteger e conter; o masculino (phallos) visa o receptáculo fértil do feminino para dar expressão a sua própria singularidade em forma e substância. Como não estamos falando de macho e fêmea, mas de princípios, ambos os fatores atuam em cada sexo. Atrás do infantilismo do indivíduo centrado no ego, superexigente e ocupado apenas consigo mesmo está um espírito inquieto e descontente que desesperadamente busca um recipiente adequado. Tais indivíduos só poderão superar seu "narcisismo" ou "infantilismo" se encontrarem esse recipiente. Mas o problema é tanto interior quanto exterior; encontrar uma expressão criativa ou alguém verdadeiramente compreensivo e capaz de aceitação é, portanto, uma solução inadequada. A transformação psicológica depende do entrelaçamento e da circulação da alma; não basta que ela se despeje — ela precisa também reentrar, e para isso o indivíduo deve tornar-se Útero tanto quanto Phallos. Para o homem, isso significa entrar em contato com o princípio feminino, a anima.* A mulher muito exigente e centrada em si em geral se encontra sob o poder do animus** negativo, devendo ela também voltar a estabelecer uma conexão com sua natureza feminina básica.

Apaixonar-se é um modo seguro de abrir o circuito. Até mesmo o indivíduo emocionalmente mais infantil se transforma e de repente passa a se preocupar mais com o ser amado do que consigo mesmo. Esse amor genuíno e essa preocupação com o bem-estar do outro são funções de Eros. Nenhuma análise ou compreensão de si mesmo causará uma transformação da psique sem que a velha ferida seja reaberta pelas flechas de Eros, ocasião em que ocorre uma união dos opostos masculino e feminino em todos os níveis da corrente circulatória vital.

Nesta época de isolamento e fragmentação ansiamos desesperadamente pela cura que só Eros pode trazer — e no entanto tememos de medo quando estamos em sua presença. Buscamos todos os substitutos possíveis, desde os sagrados aos mais profanos. Apesar disso, não ficamos imunes ao filho de Afrodite. E quando Eros tem sucesso em sua missão, é como se águas represadas por milhares de séculos rompessem de repente suas barragens, indicando a violência

* Anima é o termo usado por Jung para os componentes femininos da psique de um homem.

** Anumus é o termo cunhado por Jung para designar os aspectos fálicos ou masculinos da natureza de uma mulher.

de nossas reações a terrível fome que nos atormenta. Somente quando assim abalados é que perdemos o medo de Eros; mas ele logo volta, assim que a mágica comece a se dissipar.

Por que esse medo de Eros? Quando aparece como "demônio poderoso", Eros é de fato uma força a ser temida. Talvez ele assuma essa forma ameaçadora com tanta freqüência no Ocidente para poder romper a armadura do pensamento compartimentalizado. Por outro lado, somente a poderosa investida de uma força demoníaca pode arrancar o homem de sua tendência biológica à inércia. Na verdade, a vigorosa emoção que move o homem para a união tanto pode destruir como renovar. Uma conexão criativa consciente com Eros é portanto essencial — mas devemos por ora deixar para a Parte IV a discussão desse tema tão fundamental.

VI. A SITUAÇÃO FAMILIAR ARQUETÍPICA

Viver a experiência da Mãe e do Pai arquetípicos em relação aos próprios pais é essencial para o desenvolvimento psicológico da criança. O desenvolvimento do ego será seriamente afetado se essa experiência fundamental for abalada cedo demais. Por outro lado, a emergência do ego a partir do inconsciente depende do abandono gradual das projeções arquetípicas encarnadas pelos pais. A eliminação inicial dessas projeções provavelmente ocorre através de um processo de transferência ou deslocamento. Ou seja, os avós, um parente próximo, um professor ou até mesmo um artista de cinema passam a carregar uma parte do arquétipo, começando então os pais a assumir proporções mais humanas. Numa cultura matriarcal, como vimos, o irmão da mãe assume cada vez mais o papel do pai arquetípico, enquanto a relação com o pai verdadeiro torna-se mais igualitária e pessoal à medida que a criança cresce.[1] O esvaziamento das projeções arquetípicas sobre os pais verdadeiros também dá início a um movimento de interligação dos arquétipos materno e paterno. Várias coisas passam então a correr paralelas: abandono das projeções principalmente através da transferência seguida de alguma interiorização, além do início de um relacionamento mais pessoal, humano e igualitário com os pais. Se as projeções arquetípicas não forem por fim retiradas dos pais, o indivíduo tenderá a cair seja no papel de filho ou no de progenitor arquetípico em todos os relacionamentos que vier a estabelecer — razão pela qual ser-lhe-á extremamente difícil conhecer a experiência de uma relação individualizada e igualitária com quem quer que seja. Esta é uma das mais

1. *Op. cit.*, Malinowski, *The Sexual Life of Savages.*

graves conseqüências do que os psicólogos denominam fixação materna ou paterna.

Por que será tão importante essa experiência de uma relação mais pessoal e menos arquetípica com os próprios pais? Quando estes se recusam a abdicar de seus papéis arquetípicos, o relacionamento dos filhos com eles se torna, no mínimo, difícil e desagradável. Que possíveis efeitos isso teria sobre a criança? Certamente ela passará a se perguntar se o preço que paga por sua individualidade vale a pena, se não seria melhor permanecer no papel arquetípico de filho, mais seguro e agradável. E é claro que se os pais se recusam a evoluir para um nível mais humano e pessoal frente aos filhos, será muito mais difícil para estes retirarem suas projeções. Em tais condições, só conseguirão removê-las cortando todos os laços emocionais com os pais — o que não só é doloroso, como implica a perda destrutiva de uma ligação essencial. Essa solução já tão comum do relacionamento arquetípico entre pais e filhos torna o indivíduo extremamente temeroso e relutante para estabelecer relações emocionais profundas no futuro.

Tendo em mente essas considerações, não deveria haver dúvida de que um relacionamento mais positivo e individualizado com os pais é extremamente importante para o desenvolvimento de uma personalidade integrada. Na análise, a situação arquetípica pais-filhos é reativada. Um aspecto central da relação analítica terapêutica é a experiência de uma transição sem ferimentos da conexão arquetípica para outra, mais pessoal, entre analisando e analista.

Todo novo encontro humano exige um ato de fé, de confiança em que o outro não irá fazer o mal, que suas intenções são boas e honrosas, para que a relação possa prosseguir e se desenvolver. Como absolutamente não podemos conhecer os obscuros e intrincados movimentos da alma de outro ser humano em nossos encontros iniciais, uma reação positiva depende basicamente da constelação de forças arquetípicas positivas.

Há pessoas que costumam reagir com desconfiança e suspeita. Em alguns casos, essa reação negativa só se refere a membros do sexo oposto; em outros, a pessoas do mesmo sexo. Certos indivíduos muito perturbados parecem incapazes de ter um sentimento inicial positivo em relação a ambos os sexos. O exame dos sonhos desse tipo de indivíduo costuma ser especialmente revelador. Uma série longa de sonhos mostrará de modo doloroso uma ausência quase que total de imagens positivas e benevolentes, masculinas ou femininas. Pelo contrário, a aparição de imagens negativas dos dois sexos, ameaçadoras e

em geral fortemente carregadas, será o motivo mais freqüente na estrutura dramática dos sonhos.

Já tive ocasião de escrever sobre uma jovem esquizofrênica que encontrou um trágico final.[2] Ela não só temia e desconfiava dos homens e do mundo, como tinha reações quase tão negativas com respeito às próprias mulheres. Seu isolamento era evidentemente rigoroso, com excessão de uma tênue conexão com outra mulher. Uma série de sonhos produzida num período de seis meses não revelava praticamente nenhuma figura positiva de qualquer sexo. Nas poucas ocasiões em que imagens aparentemente positivas apareciam, elas se transformavam no fim do sonho em figuras sinistras. Esta jovem teve uma relação extremamente negativa com a mãe, uma mulher hostil e amarga. O marido a abandonou antes que a filha nascesse e esta só tinha lembrança dos ressentimentos da mãe e de seus desejos de vingança com relação ao esposo e aos homens em geral. Sem entrar em maiores detalhes, este caso ilustra a correlação entre a deficiência ou ausência de imagens arquetípicas positivas no inconsciente, masculinas ou femininas, e a relação extremamente negativa e paranóica da paciente tanto para com homens ou mulheres. Pelo menos neste caso, parece que a natureza traumática da relação mãe-filha era amplamente responsável por sua incapacidade de experimentar os aspectos protetores e benevolentes do Pai e da Mãe arquetípicos.

Podemos presumir que toda criança é potencialmente capaz de ter essa experiência arquetípica fundamental em face do necessário estímulo externo — ainda que isto não se aplique a certos tipos de psicopatologia, nos quais pode haver um defeito estrutural arquetípico inerente.[3] Excluindo-se essa possibilidade, é improvável que uma criança não tenha a experiência dos arquétipos positivos dos pais.

Esta divisão do arquétipo em componentes positivos e negativos liga-se ao processo de esvaziamento das projeções arquetípicas, ao desenvolvimento da consciência de ego e ao crescente reconhecimento, por parte da criança, de sua personalidade individual. Com respeito aos pais ou seus substitutos, isto significa evoluir da relação arquetípica para outra mais pessoal. Neste movimento, um aspecto do arquétipo pode estar tão fragmentado que já não possui mais

2. Robert Stein, *Analytical Psychology and Healing*, Zurich, dissertação não publicada, 1959.
3. *Ibid.*, pág. 97.

forma nem substância.[4] Isto impede que ocorra o processo gradual de internalização, a menos que o arquétipo se restabeleça através de outra experiência. Nesse caso, o movimento que vai da integridade da situação arquetípica original, de um lado, ao caráter incompleto da relação pessoal, de outro, é sempre acompanhado por uma experiência de dor e perda, mesmo se a transição for relativamente suave. Quando o rude contorno de proporções meramente humanas começa a emergir da fina e envolvente bruma arquetípica, sempre se tem uma sensação de desilusão. Mas, ao mesmo tempo, ganha-se um novo senso de liberdade e força. No caso da criança, esse ganho depende muito da atitude dos pais e das formas e rituais que deveriam ajudar a regular um rito de passagem sereno em cada cultura. Quando este não tem sucesso, uma grande cisão tem lugar no eixo ego-alma. A criança vê-se então forçada a proteger sua ferida aberta levantando um muro contra conexões humanas íntimas. Não obstante, ela pode ter menos medo de abrir-se com homens do que com mulheres, ou vice-versa, dependendo de alguns dos fatores discutidos acima. Essa experiência toda faz com que a criança sinta que foi apunhalada pelas costas e traída pela pessoa que mais amava e confiava. Todos nós sabemos como é forte, na idade adulta, a dor da traição; para uma criança, ela é ainda mais profunda e arrasadora.

REJEIÇÃO E TRAIÇÃO

Examinemos mais de perto os mecanismos que usualmente entram em funcionamento quando se têm feridas profundas causadas por uma experiência infantil de traição e desilusão. A criança se sente rejeitada e traída devido à falta de uma transição adequada entre a integridade da situação arquetípica original e um relacionamento mais humano e pessoal. Isso ocorre, por exemplo, quando uma mulher continua a identificar-se com o papel arquetípico da Mãe que tudo protege e nutre, mesmo que sentimentos e emoções diferentes e até opostos comecem a penetrar em seu relacionamento com os filhos. A criança precisa ter um quadro mais completo da personalidade da mãe para que possa também ela começar a sentir melhor a sua própria individualidade.

Quando a mulher se identifica com o arquétipo materno positivo, a Mãe negativa estará fortemente constelada em seu inconsciente. Ao invés de viver a transição da Mãe arquetípica para outra mais humana, com muitas gradações de sentimentos e emoções, a criança vê-se presa entre duas forças arquetípicas opostas. Isso destrói abruptamente seu senso de integridade e abre uma fenda em sua própria personalidade, passando sua experiência a ser marcada pelo sentimento de rejeição e traição. Ela se ressente do fato de ser lançada para fora da relação arquetípica mãe-filho, mas ao mesmo tempo seu impulso para a individuação a impele a continuar esse movimento. Suas escolhas são limitadas: permanecer criança ou invocar a ira da Mãe Negativa *absoluta*, rejeitadora e exigente. Não há meio-termo. Dessa forma ela confronta um poder sombrio que destrói qualquer senso de gratificação ou êxito até mesmo quando busca dar forma e expressão à sua própria individualidade. É assim que a criança é traída.

Assim como a Mãe Positiva aceita e acolhe a natureza da criança com todas as suas fraquezas e inadequações, a Mãe Negativa a rejeita e exige que suas insuficiências sejam superadas. Isso porém ocorre a nível coletivo e implica a rejeição de tudo o que é único e individual na criança, bem como do conjunto de fatores que não correspondem à imagem que a mãe possa ter de como seu filho deveria ser. A conseqüência de uma experiência desse tipo é que a criança acaba por esconder ou reprimir suas peculiaridades, as quais passam a incorporar-se à sombra.* Como esta sempre contém coisas realmente inaceitáveis, repugnantes ou destrutivas com respeito a outrem ou à sociedade, uma contaminação da individualidade e da sombra pode ser desastrosa. O indivíduo passa nesse caso a sentir a aceitação da alma e da sombra como idênticas. Isso lhe torna extremamente difícil estabelecer ou manter uma conexão humana íntima com quem quer que seja. Sempre que alguém começa a se aproximar de uma pessoa assim, esta invariavelmente faz algo que acaba provocando sua rejeição. Este fenômeno é tão comum que não é preciso nos alongarmos mais.

Por que será que a pessoa que sofre da ferida arquetípica de traição parece sempre provocar rejeição? É como se algo nela estivesse sempre exigindo esse resultado. Esse tipo de pessoa costuma ter extamente essa opinião sobre si mesmo. Por algum tempo pensei que isso resultasse do medo da proximidade, já que esta põe a descoberto a velha ferida. Essa idéia fazia sentido; mas depois percebi que, embora a ferida ficasse exposta no clima de abertura de uma conexão humana íntima, sua raiz se prendia à experiência infantil de

4. Comparar com a teoria da desintegração do Self, de Fordham. Michael Fordham, *New Developments in Analytical Psychology*, London, Routledge and Kegan Paul, 1957.

* O termo sombra se refere a todos os aspectos rejeitados e reprimidos da personalidade; ela contém tendências infantis, inferiores e moralmente recriminàveis, mas é também portadora de muitos impulsos que pelo contrário são naturais e promovem a vitalidade.

traição e rejeição. Portanto, quando uma pessoa rejeita e ao mesmo tempo provoca a rejeição, a situação original do ferimento se repete. E é claro que com esses mecanismos inconscientes ela não consegue evitar o sofrimento. Procuremos então outras explicações.

Os fatos serão compreendidos se forem encarados como conseqüência da incapacidade de se distinguir sombra e alma. Esse problema evoca profundos sentimentos de vergonha, culpa e medo sempre que um indivíduo entra em comunhão com outra alma. Em outras palavras, há na sombra elementos infantis e regressivos que deveriam ser assimilados e integrados na personalidade total; isso porém não ocorre devido à dura experiência de rejeição provocada pelo arquétipo negativo e internalizado dos pais. Portanto, sempre que existe esse tipo de contaminação entre alma e sombra, o indivíduo se sente rejeitado mesmo quando é na verdade amado e aceito. Ele pede que o outro o redima da culpa que sente pelos aspectos realmente *inaceitáveis* e *destrutivos* de sua sombra, que não soube diferenciar da totalidade de seu ser. Tais elementos da sombra, como as exigências pueris e a dependência, a sexualidade infantil ou indiferenciada, a ganância, a brutalidade, etc., ainda que parte integrante da condição humana, devem em geral ser contidos para que não causem dano aos outros. A aceitação desses traços no outro reflete o amor e o respeito que se tem por sua alma, mas não significa que se queira ser vitimado pela sombra. Mas é exatamente isso o que visam aqueles que provocam a rejeição. Ou seja, eles desejariam poder exprimir plenamente sua sombra e ser amados pelos castigos que ela inflige — supondo que só assim poderiam sentir-se verdadeiramente aceitos e amados. Isso lança uma luz distinta sobre o problema e revela antes a necessidade de aproximação do que o medo. Em outros termos, as pessoas têm profunda necessidade de livrar-se da culpa e dos elementos amedrontadores da sombra, razão pela qual esta é sempre introduzida nos relacionamentos que oferecem a possibilidade de uma conexão humana íntima.

REJEIÇÃO E RESISTÊNCIA NA ANÁLISE

A transferência* positiva tem o poder de reativar a situação arquetípica primordial e a experiência de totalidade; isso porém evoca o

* O termo transferência é usado na psicanálise para designar a transposição feita pelo paciente de uma experiência reprimida do passado para o analista; na psicologia arquetípica, refere-se às projeções arquetípicas mútuas entre analista e analisando. Essas diferenças serão esclarecidas no capítulo 13.

medo da proximidade, caso o indivíduo tenha sido ferido na infância por uma transição insatisfatória entre o relacionamento arquetípico e outro mais humano e pessoal com os pais. Tal fato resulta numa cisão do arquétipo, passando os pais a serem sentidos como *absolutamente bons* ou *absolutamente maus*, sem qualquer gradação mais humana de permeio. Os indivíduos que sofreram esse tipo de ferimento sentem medo e culpa inconscientes sempre que se vêem envolvidos num relacionamento positivo. Temem que a força arquetípica oposta, ligada à exigência e à rejeição, venha a impor-se, destruindo o senso de dignidade e totalidade que conquistaram no calor de uma conexão humana íntima. Esse medo acaba por provocar uma repetição do trauma da infância. O padrão destrutivo continuará a manifestar-se até que a ferida original cicatrize.

Uma das experiências mais curativas da análise tem lugar no momento em que o paciente sente que aquela situação tão contida da transferência positiva gradualmente se transforma num relacionamento humano mais maduro e igual com o analista. Isso só poderá ocorrer se o pai ou a mãe arquetípicos negativos não permanecerem por muito tempo projetados sobre o analista. Como este é sempre afetado por projeções arquetípicas, é inevitável que às vezes reaja do mesmo modo que os pais arquetípicos, cujo comportamento é caracterizado pela exigência e pela rejeição. Se ele revela ou não sua reação não faz muita diferença; o paciente, com razão, continua a senti-lo como encarnação do arquétipo negativo. Portanto, o analista deve, tão logo quanto possa, tomar consciência da situação em que é apanhado. Mas isso só não basta, porque a natureza da relação analista-paciente torna muito difícil estabelecer uma conexão mais igual e pessoal. Conseqüentemente, se o analista for capaz de se livrar do arquétipo negativo, o relacionamento poderá reenquadrar-se na situação arquetípica positiva. Mesmo assim, a transição a um nível mais humano não ocorre. O que pode fazer o analista para promovê-la? Em termos simples, ele deve superar seu medo de ferir o paciente e de destruir a conexão arquetípica positiva. Isso significa que ele deve ser capaz de revelar suas emoções negativas. Se puder perceber o modo como atinge o analista enquanto ser humano e não apenas como médico, o paciente terá ocasião de relacionar-se com a personalidade total e não só com o arquétipo do terapeuta. Mesmo que se sinta ferido e rejeitado pelo que for dito, ele tomará consciência de que está envolvido com outra alma, a qual possui emoções e reações muito humanas; cada vez que isso ocorre, a cisão no eixo ego-alma cicatriza um pouco.

O MITO DOS PAIS DUPLOS

O que estaria por trás do mito da criança com dois pares de pais? Por que essa idéia aparece com tanta freqüência nas fantasias infantis? Esse fenômeno encontra-se diretamente relacionado ao processo de separar, de um lado a imagem arquetípica, e de outro os pais verdadeiros. Gradualmente, à medida que a criança experimenta a humanização dos pais, a imagem do Casal Real é transferida e internalizada. Nessa fase de desenvolvimento, a criança costuma sentir que seus pais não são verdadeiros. A fantasia segue um roteiro típico: meus verdadeiros pais são muito ricos e famosos, um rei e uma rainha, e na verdade sou um príncipe (ou princesa). Esta fantasia produz sentimentos de ansiedade de separação e de insegurança na criança, mas ao mesmo tempo significa o despertar de seu senso de individualidade e de independência com respeito aos pais verdadeiros. Quando a cultura não dispõe de rituais e formas viáveis para nutrir esse processo, surge um vazio que promove a desarmonia interior entre os princípios masculino e feminino, entre espírito e matéria, razão e sentimento. Até mesmo a criança que tem a sorte de sentir a existência de uma conexão vital e harmoniosa entre seus pais necessita da ajuda da comunidade para que não fique também ela fragmentada em sua passagem para a virilidade ou feminilidade plenas.

Infelizmente, a maior parte dos rituais de transição deteriorou-se no Ocidente, especialmente na América do Norte. Essa ruptura tem origem nas raízes gregas e judaico-cristãs da psique ocidental, para a qual existe um mito de que a consciência dá liberdade ao desejo humano de voltar-se contra a natureza, *contra naturam*. O resultado disso é a perigosa dicotomia mente/corpo que atualmente ameaça destruir a consciência, como se a cisão só pudesse ser sanada através de uma obliteração da consciência. O movimento nessa direção é assustador; existe mesmo algo de desesperadamente compulsivo na forma pela qual hordas inteiras buscam a cura, a integridade e a liberação da dolorosa agonia que essa cisão causa afogando-se num mundo de paixão, violência, prazer sensual, drogas, álcool, etc. A Natureza terá sua vingança. Colocar-se contra ela e rejeitá-la é como rejeitar a mãe — e ainda que a consciência possa de fato funcionar desse modo, o preço a ser pago é a fragmentação e a alienação.

A atitude ocidental, na qual o desenvolvimento da consciência se dá *contra naturam*, parece estar precisando de uma reavaliação. Se encararmos a consciência como algo que emerge de uma transformação da Natureza e seu desenvolvimento posterior como um processo no qual o homem a usa para entrar numa participação harmoniosa com a Natureza (visão esta bem mais oriental), a separação entre mente e corpo torna-se desnecessária. Mas mesmo assim, o modo ocidental não deve simplesmente ser descartado como se fosse apenas um execrável erro.

O desenvolvimento do ego individual certamente envolve um processo no qual se procura restringir e domar a própria natureza; daí se dizer que o desenvolvimento da civilização exigiu essa diferenciação e essa separação entre as dimensões espiritual e animal do homem. Mas depois que o cavalo já se encontra domado e embridado, torna-se destrutivo tentar dominá-lo a qualquer custo por meio da força e da brutalidade. A relação entre o homem e o cavalo deve ser harmoniosa e afetuosa; o verdadeiro senhor fica tão afinado com sua montaria que dispensa as rédeas. Em poucas palavras, o homem ocidental não pretende renunciar aos poderes que acumulou em sua conquista da Natureza. Temendo perdê-los, continua a negligenciar e a abusar de seu cavalo. O problema é que o poder da consciência se funda na individualidade, ao passo que a Mãe Natureza nutre a todos os seus filhos de modo igual e indiscriminado. Assim, o homem moderno encara a renúncia ou a devolução de seu poder à Natureza como uma perda de individualidade. Além disso, as medidas repressivas que tem tomado contra a Natureza estão produzindo essa terrível conjunção de poderes sombrios e violentos em sua alma, que ameaçam entrar em erupção a qualquer momento.

Como poderá então o homem restabelecer um relacionamento harmonioso com a Natureza, tornando-se novamente inteiro, sem a perda total de uma consciência duramente conquistada através de milhares de séculos? Não podemos correr o risco de nos submeter aos poderes de Wotan e à loucura de outro Hitler, como fizeram os alemães. A mente racional deve entregar parte de seu poder — mas como fazer isso sem perder o tênue apoio que ainda nos resta? A psicoterapia profunda já iluminou bastante a solução individual. Mas uma solução individual, no melhor dos casos, só pode ter êxito relativo se não houver mudanças culturais correspondentes. Usando as descobertas que a psicologia analítica colocou a nosso alcance, talvez possamos encontrar um elo histórico que abra as portas para uma solução tanto coletiva como individual. Creio que o mito de Édipo é esse elo que revela a natureza e as origens da cisão ocidental entre mente e corpo, sugerindo ainda sua resolução final.

VII. O MITO DE ÉDIPO E O ARQUÉTIPO DE INCESTO

Édipo Rei: Sinopse da peça de Sófocles

Os reis de Tebas, Laio e Jocasta, são informados pelo oráculo de que se tiverem um filho, este matará o pai e desposará a mãe. Quando Jocasta dá à luz a um filho, Édipo, eles decidem matá-lo para assim fugir da sina que lhes havia sido anunciada. A criança é entregue a um pastor, que deve abandoná-la numa montanha isolada. Mas o pastor de Tebas a entrega a um homem de Corinto, o qual a presenteia a Políbio, rei de Corinto que não tinha filhos. O rei e a rainha de Corinto adotam Édipo e o educam como seu próprio filho. Quando Édipo fica moço, um conviva embriagado num banquete o acusa de não ser filho do rei. Apesar dos pais adotivos repudiarem a injúria, o jovem príncipe não se satisfaz e secretamente dirige-se a Delfos para consultar o oráculo. O deus não responde a sua pergunta e o ameaça com a terrível sina de tornar-se esposo da mãe e assassino do pai. Procurando evitar seu destino, Édipo jura deixar os pais para sempre. Sem coragem de voltar a Corinto, deixa Delfos por outra estrada, via Fóquis, atravessando uma estreita encruzilhada. Aí ele encontra seu verdadeiro pai. O arauto do rei grita — "viajante, dê passagem ao rei!" — enquanto Laio vai conduzindo a carruagem pela estreita via. Nesse momento Édipo ferve de raiva e se precipita adiante sem uma palavra. Um dos cavalos pisa em seu pé e o velho rei o atinge na cabeça com o aguilhão que usa para dirigir os animais. Com violenta fúria e não sabendo a quem ataca, Édipo abate mortalmente o pai com seu cajado, matando também o arauto.

Vagando solitário, o príncipe chega finalmente a Tebas, onde a Esfinge vem desafiando e estrangulando os jovens. Ela só deixará de fazê-lo se alguém descobrir a resposta certa a seu enigma: "qual a criatura que primeiro fica de quatro, depois de dois e finalmente de três?" Creonte, irmão de Jocasta, oferece a mão da rainha e o reino inteiro àquele que derrotar a Esfinge. Édipo descobre a resposta do enigma — o homem, que quando criança anda de quatro, na idade adulta de dois e na velhice de três (com uma bengala). A Es-

finge então se atira ao mar, a cidade de Tebas é salva e Édipo torna-se rei, desposando Jocasta, sua mãe.

Transcorridos dezesseis anos do reinado de Édipo, a cidade é assolada por terrível praga. Os homens da região morrem e os rebanhos, os pássaros e os frutos da terra são arruinados. Um velho profeta cego, Tirésias, revela que a praga é um castigo pelo duplo crime cometido por Édipo — parricídio e incesto. Quando descobre o que sem saber fez, Édipo vaza os olhos e Jocasta se suicida. A tragédia termina quando Édipo se prepara para o desterro.

REJEIÇÃO DE ÉDIPO PELOS PAIS

O mito de Édipo começa com uma ruptura, ou seja, a criança é separada de seus pais. O tema da criança órfã[1] é extremamente importante em certos mitos heróicos e contos de fada. "O menino-deus", diz Kerenyi, "costuma ser uma criança abandonada."[2] Usualmente, esta é encontrada sozinha na natureza, como se tivesse nascido da Mãe Natureza, ou então é abandonada porque isso era necessário para salvar sua vida. O abandono causado pela rejeição dos pais, especialmente da mãe, não é um tema heróico comum. Essa rejeição pelos pais pessoais coloca o destino heróico de Édipo numa categoria especial, aproximando-o bastante do homem moderno. Como o relacionamento negativo com o pai ou a mãe, ou ambos, parece ser um traço constante da neurose, especialmente na experiência da rejeição, devemos encontrar a conexão entre essas duas coisas.

Édipo foi rejeitado por causa do medo que seus pais tinham de parricídio e incesto. Os primitivos temem o incesto mais do que qualquer outro crime mas no entanto não rejeitam os filhos. O "primitivo" não sente vergonha ou culpa por causa de seus desejos incestuosos. Pelo contrário, organiza sua cultura a partir de formas e rituais que minimizam o perigo de incesto. Os reis de Tebas, Laio e Jocasta, poderiam ter ouvido o aviso de Delfos como uma indicação de que havia algo de errado com os regulamentos do incesto no reino. Quando decidiram eliminar Édipo, ficou claro que o medo do incesto era muito mais forte do que o amor pelo filho. Ou então, encarando a questão sob outro prisma, pode-se dizer que os naturais e espontâneos sentimentos de amor dos pais foram obstruídos pelo medo do incesto. O "primitivo" organiza sua cultura de forma a assegurar o máximo de amor e o mínimo de incesto. Isso é muito difícil, pois quanto mais amorosa a relação entre os parentes, maior será o desejo de proximidade física e sexual. As rigorosas medidas tomadas pelos primitivos para impedir o incesto podem ser percebidas através de seus complexos sistemas de parentesco e de seus rituais.

1. C. G. Jung & Kerenyi, *Essays on a Science of Mythology*, New York, Pantheon Books, 1949.
2. *Ibid.*, pág. 38.

O fato de Édipo acreditar que seus pais substitutos eram seus verdadeiros pais sugere uma falta de diferenciação consciente entre pais pessoais e arquetípicos. O tabu do incesto impede sua manifestação concreta, ao mesmo tempo que promove o incesto simbólico ou espiritual com o substituto materno.[3] A inconsciência de Édipo, portanto, faz com que ele se desligue de seus pais substitutos (o par arquetípico de opostos unidos na imagem do Casal Real ou *hieros-gamos*), devido ao medo de violar a proibição do incesto. Em conseqüência, o herói já não tem como saciar sua ânsia incestuosa, a não ser de modo concreto.

A visão psicanalítica de que a solução do complexo de Édipo consiste em se abandonar os desejos incestuosos traduz, com efeito, o que Édipo fez ao desligar-se para sempre do rei e da rainha de Corinto. Tal procedimento acaba por ocasionar uma violação concreta do tabu do incesto, em lugar de sua prevenção. Em contraste com a visão freudiana, Jung tem o seguinte a dizer, com respeito à imagem do Casal Real:

> *Posso apenas demonstrar a existência dessa imagem e sua fenomenologia. O que realmente significa a união dos opostos transcende a imaginação humana. Portanto, os que já sabem tudo o que há para saber sobre o mundo podem descartar tal fantasia sem maiores cuidados, pois é claro que* tertius non datur. *Mas isso não nos ajuda muito, pois estamos lidando com uma imagem interna, um arquétipo, do qual o homem pode desviar a mente por certo tempo, mas nunca permanentemente. Sempre que essa imagem se obscurece, a vida de um indivíduo perde o sentido e, em conseqüência, o equilíbrio. Enquanto ele sabe que é o portador da vida e que por isso é importante viver, o mistério de sua alma também vive — seja de modo consciente ou não. Mas se não puder mais perceber o sentido de sua vida em sua realização plena e deixar de acreditar no* eterno direito do homem a tal realização, *o indivíduo terá traído e perdido a alma, substituindo-a por uma loucura que só leva à destruição, como tão bem demonstra o nosso tempo.*[4] (Normal meu)

3. C.G. Jung, "Symbols of Transformation", *Collected Works 12*, New York, Pantheon, Books, parágr. 332.
4. C.G. Jung, "Mysterium Coniunctionis", *Collected Works 14*, New York, Pantheon, Books, parágr. 201.

Isolado e alienado, Édipo começa a vagar. Tendo perdido sua conexão com um princípio fundamental de unificação e organização da psique, torna-se uma vítima fácil de suas emoções inconscientes e de suas paixões. Sua única defesa contra as forças obscuras de sua própria natureza é a luz fria e pura de sua razão, o ego. Logo em seu primeiro encontro, é tomado por uma raiva que acaba causando a morte de seu verdadeiro pai. Tal fato pode ser interpretado como um ressentimento profundo e inconsciente para com o pai — porque este o traiu e é em boa parte responsável por sua desgraça atual — mais do que como um desejo inconsciente de eliminar o pai e desposar a mãe.

Minha própria experiência de trabalho analítico com homens tem revelado que o ressentimento consciente ou inconsciente que em geral existe em relação ao pai deve-se antes de mais nada ao fato deste não ter sabido guiá-los através de um rito de transição que os introduzisse em sua própria virilidade. M.L. von Franz colocou bem o problema ao dizer que "se as imagens de pai e filho aparecem como oponentes hostis... é que algo andou errado. O processo de transformação ficou bloqueado."[5]

É certo que o Velho Rei deve morrer; mas isso faz parte de um Rito de Renovação, não sendo um ato hostil. Sempre que ocorre um assassinato inconsciente do pai — e isso se aplica também a sonhos modernos — tal fato tem efeitos negativos sobre o desenvolvimento do filho. Não obstante, por trás da morte do pai está presente o tema da renovação, mesmo que apareça sob uma forma negativa.

A ESFINGE

Tendo seus caminhos levado a Tebas, Édipo acaba por encontrar a Esfinge. Enquanto Grande Mãe, ela é também a protetora dos mistérios femininos. Devemos investigar a natureza do pecado cometido contra a Grande Mãe, que a levou a punir a cidade de Tebas e a devorar seus jovens. O fato de Jocasta rejeitar o filho e submeter-se aos argumentos racionais do masculino constituía uma violação da Grande Mãe, ou seja, dos princípios femininos de amor e relacionamento.

5. M. L. von Franz, "Uber Religiose Hintergrunde des Puer-Aeternus Problems", *The Archetype*, Proceedings of the 2nd International Congress for Analytical Psychology, Basel, S. Karger, pág. 146.

Sugerimos acima que havia algo de muito errado com as formas e rituais que regulavam o incesto[6] em Tebas e que isso era a origem das predições dos oráculos sobre a desgraça de incesto e parricídio. No meu modo de ver, o tabu do incesto serve para promover o amor humano e o desenvolvimento psicológico ao canalizar gradualmente a sexualidade impessoal e fálica a serviço de Eros. O colapso cultural de Tebas, portanto, poderia relacionar-se à negligência e à desvalorização do princípio feminino e dos mistérios femininos. A segunda e a terceira parte da trilogia de Sófocles parecem confirmar esta maneira de ver. Assim, os jovens devem ser sacrificados à Mãe Terra até que os mistérios femininos sejam reativados e reintegrados.

É difícil acreditar que Édipo realmente deu a resposta certa ao enigma da Esfinge — e os trágicos desenvolvimentos que se seguem deveriam confirmar nossa suspeita. Qualquer criança esperta, pensando um pouco, pode descobrir a resposta dada por Édipo. Creio que o herói perdeu uma chance de redimir-se a si mesmo e à cidade de Tebas devido à lógica sensível e apurada de sua resposta. Como a Grande Mãe não pode ser destruída, sua morte indica um processo de transformação ou de repressão. Os fatos subseqüentes sugerem esta última possibilidade, visto que ela continuou a desempenhar sua trágica missão apesar de ter desaparecido da face da terra. Sobre a destruição da Esfinge, Nietzsche disse o seguinte: "aquele que com sua sabedoria arremessa a natureza ao abismo do aniquilamento, passa a sentir em si mesmo a dissolução da Natureza."

Qual seria então o significado do enigma da Esfinge? Kerenyi sugere que Édipo "reconheceu a si próprio na estranha criatura a que a Esfinge aludia no enigma, e não ao que é o homem."[7]

Dois versos do enigma sustentam esssa interpretação:

Sobre dois pés, mas de quatro, caminha sobre a terra
Sim, e sobre três também, criatura de um só nome.

6. Esta tese é reforçada pelo conceito platônico de incesto. Ele indica, nas linhas que seguem, que não eram necessários ritos ou formas especiais para regular o desejo de incesto. Nosso moderno conhecimento do inconsciente nos levaria por certo a questionar o *insight* psicológico de Platão nesse assunto. "A mesma lei não escrita se aplica quando se tem um irmão ou irmã belos, ou um filho ou filha, sendo esta uma *garantia perfeita* de que jamais ocorrerá qualquer conexão entre eles, seja aberta ou secreta. Nem mesmo a *idéia* de tal coisa passa por suas mentes... (As relações desse tipo são profanas, odiadas por Deus e extremamente infames: e o oposto, de fato, nunca foi afirmado..." (grifo meu). Platão, *Laws*, 838D.

7. C. Kerenyi, *The Heroes of the Greeks*, New York, Grove Press, 1960, pág. 99.

Só ela transforma tudo o que anda no chão, ou voa no ar, ou nada no mar.
Mas é quando se apóia sobre quatro pés
Que a velocidade de seus membros se reduz.[8]

O terceiro verso enfatiza o processo de transição, de renascimento e transformação, que pertence ao reino da Grande Mãe e dos Mistérios Femininos. Sugiro que os ritos e regulamentos que envolvem o incesto também pertencem ao que há de mais antigo e fundamental nos mistérios da mulher.

A RENOVAÇÃO DO VELHO REI

Como recompensa — ou melhor, conseqüência — por ter inconscientemente assassinado o pai e a Esfinge, Édipo cai num relacionamento incestuoso inconsciente e concreto com a mãe. Apenas substituiu o velho rei; não houve porém renovação alguma. Em seu *Mysterium Coniunctionis,* Jung tratou amplamente da imagem do velho rei. Diz ele: "essa figura representa a *prima materia* que deve ser transformada; os alquimistas freqüentemente o descrevem como sendo deficiente, não-redimido, petrificado ou enfermo, ou até mesmo maléfico, no início da obra. Sua deficiência consiste principalmente num egocentrismo exagerado e num "endurecimento" do coração, o qual posteriormente deve ser dissolvido no banho alquímico. O velho rei é também comumente caracterizado por um grande desejo de poder e uma concupiscência generalizada." [9] Com respeito à relação entre o Velho Rei e seu Filho (*puer aeternus*), von Franz, na mesma linha de Jung, diz que eles não são realmente opostos, mas na verdade um só. "Os alquimistas chegavam a denominar sua substância *senex et puer,* (velho e menino). [Cristo também era chamado de velho *e* menino porque é o próprio Deus renascido do útero da Virgem]. Ao dissipá-lo em sua própria obra, através do fogo ou da água, os alquimistas dissolviam o ancião, transformavam-no em massa caótica e o desmembravam, após o que ele se transformava no filho.[10]

A Esfinge aguarda a chegada de Édipo porque somente ele representa a esperança de renovação — mas o herói perdeu o contato com o mistério ao matar inconscientemente o pai. É preciso que o Velho Rei, o Pai, transmita ao Filho o conhecimento dos ritos de

8. *Ibid.*, pág. 98 (grifo meu).
9. *Op. cit.*, von Franz, pág. 145.
10. *Ibid.*, pág. 146.

renovação antes que chegue o momento de sua morte. O pai, enquanto velho sábio, representa um princípio masculino portador de sabedoria e significados antigos. Ainda que lhe faltem virilidade e potência fálica, é através dele que o filho recebe instrução sobre os ritos de transição e renascimento.

Édipo tornou-se herói através do poder fálico de sua mente racional; mas era o mais insensato dos reis, pois não sabia que o poder fálico deve submeter-se ao poder transformador de Eros. Com respeito à natureza essencialmente fálica de Édipo, Kerenyi associa seu nome, que significa "pé inchado", ao fálico Dáctilo, um dos filhos terrenos da Grande Mãe. Oidyphallos, afirma ele, teria sido seu nome nos tempos mais remotos. [11]

O crime cometido com a violação do tabu do incesto consiste no fato de que a sexualidade fálica indiferenciada é gratificada cedo e fácil demais, antes que o princípio transformador de Eros tenha tido chance de se desenvolver. Não há nenhuma menção de amor no casamento de Édipo com sua mãe. De forma que a cidade de Tebas cai sob a dominação de um princípio masculino de poder, ficando a razão dissociada da fonte de vida e renovação. O poder fálico logo começa a murchar na vinha decepada e o reino sofre a ameaça de tornar-se um desolado deserto. O sacerdote de Zeus diz a Édipo o seguinte:

A cidade, como vês, está atormentada e já não pode mais manter a cabeça erguida diante da ira da morte; a praga penetrou na floração da terra, nos rebanhos espalhados pelos pastos, nas dores estéreis das mulheres; e o deus flamante, a maligna praga, nos assolou e devasta a cidade; ele arruinou a casa de Cádmo e encheu o negro Hades de gemidos e de lágrimas.[12]

Édipo recebe por fim uma mensagem do oráculo de Apolo Phebo, segundo a qual a purificação e o restabelecimento de Tebas dependiam de que fosse encontrado e banido o assassino de Laio — e a essas alturas ele não sabe que o assassino é ele próprio. O fato de Apolo aparentemente não exigir a punição de Jocasta por seu crime incestuoso pode ser significativo. Ou, talvez, o deus propiciador da cura pretende apenas romper o incesto entre mãe e filho. Entretanto, como geralmente ambas as partes devem compartilhar a culpa e o

11. *Op. cit.*, Kerenyi, pág. 93.
12. Sophocles, "Oedipus the King", *The Tragedies of Sophocles*, London, Cambridge University Press, 1928, pág. 4.

castigo por terem violado a proibição, essa explicação não parece satisfatória.

A GRANDE MÃE E O INCESTO

O fato de Apolo não mencionar o crime de incesto mas apenas o de parricídio como causa da praga não deixa de ser intrigante: seria de se esperar que a violação da proibição do incesto fosse a ofensa mais grave. Por que o deus não exige a punição de Jocasta? Não sou capaz de encontrar uma resposta conclusiva a essa questão, mas é possível que o poder fálico não-redimido representado por Édipo é que devesse ser eliminado ou transformado. Isso se torna especialmente significativo se considerarmos que a divindade responsável pela esterilidade que passa a afetar Tebas é provavelmente a Grande Mãe. Ela se interessa principalmente pela fertilidade e pela reprodução, pela morte, renascimento e transformação. A mãe de todos os deuses tem grande compaixão pelos que violam o tabu do incesto, pois mais do que ninguém conhece o poder que a atração incestuosa exerce igualmente sobre deuses e homens. Ela não só comete as piores transgressões como também evoca no homem a eterna ânsia de união incestuosa. Não devemos esquecer que o incesto não é proibido a nenhuma outra criatura ou deus, apenas ao homem. É esse o fardo humano; mas através dele pôde o homem descobrir o mistério da criatividade e se tornar parceiro da Grande Mãe em seu eterno processo criativo. Dentre todas as criaturas que "andam no chão, ou voam no ar, ou nadam no mar", só ele pode ser transformado e renascer através do segredo que descobriu. A Grande Mãe não é ofendida pelo incesto. Na verdade, ela exige a submissão total de todos os seus filhos fálicos à sua insaciável necessidade de ser fertilizada. O que mais a ofende é a recusa do princípio masculino de entrar em seu eterno ciclo criativo e repetitivo. Édipo é aquele que perdeu a conexão consciente com as Mães; representa portanto um princípio fálico negativo que destrói a vida.

Vemo-nos agora forçados a reavaliar a natureza do crime incestuoso de Édipo. Do ponto de vista da Grande Mãe, seu crime consistia na resistência consciente ao incesto, na negação da ânsia incestuosa. O fato de ter cometido inconscientemente o incesto significa que seu ego consciente não se deixou envolver; ou seja, o princípio de logos e a mente racional permaneceram distanciados e imunes. O incesto implica uma união total dos opostos contidos nos princípios masculino e feminino. Na ausência de um envolvimento total, a fertilização não pode ocorrer e o processo criativo estanca. O eterno feminino não

pode resistir à poderosa necessidade de ser fertilizado através da união incestuosa. Há uma indicação de que Jocasta não abominava o incesto, pois ela tenta persuadir Édipo a abandonar a investigação embora seja evidente que a essas alturas ela já sabe que ele é seu filho. O incesto é destrutivo não com respeito à vida, mas ao desenvolvimento espiritual do homem. A violação do tabu do incesto não faz cessar o eterno ciclo da criatividade, mas interfere na própria transformação do homem. Por outro lado, a recusa do princípio masculino de consciência racional a submeter-se ao princípio feminino de vida produz apenas esterilidade e destruição.

INCESTO E CONSCIÊNCIA

Se dependesse do princípio vital feminino, pode ser que o tabu do incesto não se transformasse numa força tão poderosa na psique humana. Parece mesmo que a proibição do incesto resultou de algum princípio fálico ou masculino que procurava atingir a consciência e a individualidade. O problema é que, se o mistério da vida e da criatividade se prende ao incesto, como poderão essas forças vitais se manterem se o incesto for proibido? Jung nos forneceu parte da resposta quando enfatizou que o incesto deve ocorrer num nível simbólico ou espiritual. Mas isso não é nada simples, pois usualmente envolve um sitema de conhecimento, de rituais e de instrução altamente complexo e elaborado. Os portadores de todo esse conhecimento secreto são os velhos sábios da tribo, os curandeiros, os Pais. É interessante — e me parece também importante — que os guardiães de conhecimentos secretos relativos aos mistérios femininos de morte, renascimento e transformação sejam entidades masculinas. Não estaria aí uma indicação do modo pelo qual o espírito masculino se submete ao princípio vital feminino num processo de transformação? O feminino é vida; mas é o princípio masculino de logos que deve abrir o caminho para novas formas. "No princípio era o Verbo..."

Lembro-me do sonho de uma paciente, no qual um homem preparava sua filha para o relacionamento sexual. A moça estava deitada na cama e ele examinava sua vagina enquanto falava com ela. A paciente achou que esse sonho fazia sentido e expressou o desejo de que seu próprio pai lhe tivesse dado tal instrução. Naquela época, eu achava que esta era uma tarefa da mãe, ainda que no sonho a mãe aprovasse a ação do pai. Atualmente, está claro para mim que o sonho de minha paciente sugeria sua profunda necessidade de ser instruída quanto ao mistério do relacionamento espiritual com um homem e com o masculino. Apesar de casada há vinte anos, ela não

tinha um relacionamento pessoal com o marido. Isto se devia fundamentalmente ao fato de que vivia na obscuridade e na ignorância com respeito à natureza, ao significado e ao mistério de seus desejos incestuosos reprimidos. É o Pai, enquanto portador do conhecimento tradicional e do significado, quem deve iniciar tanto os homens como as mulheres no mistério humano fundamental da transformação espiritual, que está por trás da proibição do incesto. A sabedoria feminina é uma contínua afirmação da vida, através de sua eterna presteza para reagir à vitalidade do momento; trata-se de uma sabedoria que não se transmite por meio de palavras e ritos, mas pela presença e pelo ser.

Voltemos agora a Édipo e ao complexo que representa. Até este ponto, chegamos às seguintes conclusões: 1) O abandono de Édipo por seus pais indica um colapso cultural no que diz respeito ao regulamento do incesto e aos ritos de transição. 2) Uma das conseqüências deste fato é a ausência de diferenciação entre pais pessoais e arquetípicos. Em conseqüência, o medo do incesto e do parricídio concretos força Édipo a se desligar dos pais arquetípicos representados pelo Rei e pela Rainha de Corinto. 3) A imagem do Casamento Real, ou o incesto Irmão-Irmã, é um símbolo fundamental que encerra o mistério da união de opostos e da transformação espiritual. Na ausência de uma conexão com esta imagem, a consciência torna-se uma arma fálica destrutiva, que continuamente separa o ego da vida. 4) O ego então fica inflado e passa a se identificar com o princípio apolíneo de racionalidade, claridade e moderação, enquanto o inconsciente se sobrecarrega de uma fúria e de um arrebatamento dionisíacos que ameaçam obliterar a consciência do ego. 5) O ressentimento inconsciente para com o pai pessoal, devido ao fato de ter se alienado e de não ter iniciado o filho nos mistérios da transformação espiritual, faz com que Édipo mate o pai num ataque de fúria. Em outro nível, a renovação do pai (do velho rei) exige sua morte e renascimento através do filho; e caso não seja percebido conscientemente, isso "acaba ocorrendo no inconsciente, só que de forma negativa." [13] Com esta rejeição final do pai, a identificação de Édipo com um princípio fálico opressivo de poder se completa. Inconscientemente, porém, a Grande Mãe mantém o supremo controle. 6) A vitória do herói sobre a Esfinge é espúria e representa uma ruptura adicional entre a consciência de ego e o inconsciente. 7) Com a repressão e a rejeição do feminino, a fundamental necessidade humana de união incestuosa torna-se inconsciente, provocando uma cisão interna entre mente e corpo, amor e sexo.

13. *Op. cit.*, von Franz, pág. 147.

A sexualidade desenfreada e indomada é o maior obstáculo ao desenvolvimento da consciência. Mas a repressão e a negação da sexualidade instintiva acabam provocando uma alienação fatal entre consciente e inconsciente, entre logos e vida, que em última instância ocasiona uma obliteração total da consciência. A Grande Mãe só tolerará a consciência de ego enquanto estiver a serviço do princípio feminino de renovação atraves da união. Dessa forma, Sua vitória sobre o Rei Édipo é final e conclusiva, no momento em que o precipita num tal estado de angústia e loucura que o herói acaba por destruir a própria visão (consciência).*] Uma cultura não será repressiva se os regulamentos e rituais que envolvem o tabu do incesto funcionarem eficazmente. Nesse sentido, a cultura não interfere na possibilidade da criança ter a plena experiência de sua própria sexualidade infantil. Ao discriminar os pais e irmãos como objetos proibidos à expressão sexual, ela lhes confere uma aura de mistério e numinosidade. Se de um lado a criança pode deixar-se conduzir por sua natureza animal e instintiva em seus vários relacionamentos, o tabu do incesto a obriga a manter distância da família e dos parentes e a aprender certas formas culturais. Como a primeira experiência familiar da criança se vincula às imagens arquetípicas de pai, mãe, irmão e irmã, o tabu lhe possibilita o estabelecimento das principais fronteiras para o ego, assim como lhe permite experimentar a maravilha arquetípica do mundo do não-ego em toda a sua "sagrada" dimensão de Outro. É a partir dessa experiência da alteridade que a consciência do ego começa a diferenciar-se da Natureza. A criança começa a dar-se conta da existência de uma conexão espiritual entre sua mãe e seu pai, responsável pela integração da unidade familiar, em oposição à conexão mais natural e instintiva que mantém com seus companheiros. Devido à existência do tabu, um valor mais elevado do que o concedido à atividade espontânea e inconsciente dos instintos acaba por associar-se à imagem arquetípica da união harmoniosa entre os princípios masculino e feminino. Para uma criança, o mistério dessa união mais elevada se vincula à restrição de sua sexualidade e de outras necessidades instintivas que exigem sempre uma gratificação imediata.

Restrição não é repressão. A sexualidade não é proibida, exceto com relação ao progenitor ou irmão do sexo oposto. Isto não significa que o desejo sexual pelo parente proibido se torne insignificante. Pelo

* Mas apenas a visão do mundo exterior; simbolicamente, o ato de vazar os olhos pode ser interpretado como uma submissão à realidade exterior, ou seja, a alma.

contrário, a conexão de amor aumenta o desejo de união total entre espírito e carne. O fato de não haver restrição sexual entre mãe e pai é outro mistério para a criança; daí começar a formar-se em sua psique a imagem de casamento, como sendo o único meio capaz de finalmente satisfazer seus desejos incestuosos.

Dessa forma, o tabu do incesto atinge duas finalidades: ao restringir a sexualidade instintiva, ajuda a promover uma diferenciação entre o ego e o "outro" (não-ego), aspecto fundamental para o desenvolvimento da consciência; e ao mesmo tempo, revela a possibilidade de gratificação do desejo de incesto num nível mais elevado. Desse modo, a imagem arquetípica da união entre os opostos masculino e feminino é ativada e sentida como uma realidade nova pela criança. E como demonstrou Jung, sempre que essa imagem de Casamento Real ou Divino se obscurece "a vida de um indivíduo perde o sentido e, em conseqüência, o equilíbrio." Essa imagem arquetípica central do *hierosgamos* é distorcida ou perdida pela consciência quando o tabu é violado ou estabelecido de modo inadequado. Édipo, assim como o homem moderno, está condenado — a não ser que restabeleça sua conexão com essa imagem moderna.

ÉDIPO EM COLONA

É notável o paralelismo entre o caminho da redenção que Édipo tem que percorrer na peça *Édipo em Colona* e o processo de individuação associado à segunda metade da vida, descrito por C.G.Jung. Através de seu brutal ato de autocastração, o Rei Édipo finalmente se submete à obscuridade do mundo maternal. Mas em contraste com os sacrifícios realizados pelos sacerdotes que oficiam os Cultos Maternos, Édipo sacrifica o princípio de Phallos-Logos e não o da sexualidade fálica. Com a face ainda coberta de sangue, ele continua a vociferar:

> *Apolo, amigos, foi Apolo quem me trouxe esta desgraça, esta dolorosa desgraça; mas a mão que vazou os olhos era a minha, desgraçado que sou! Por que deveria eu ver se nada de doce a vista me mostrava?* [14]

Através desse ato, que corresponde a um *sacrificium intellectus* total, Édipo se submete à orientação de sua anima, representada por

14. *Op. cit.*, Sophocles, pág. 5.

sua filha, Antígona. Ao abrir-se a cena, velho, cansado e cego, Édipo entra em Colona, na Ática, vindo do Oeste. Antígona é seu guia. Finalmente chegou ao ponto final de sua longa e difícil peregrinação, lá onde Apolo proclamou que encontraria paz e redenção. É significativo que Sófocles chame nossa atenção para o fato de que Édipo vem do Oeste. Tal fato se coaduna com o movimento do herói Sol-deus de Oeste para Leste em seu trajeto noturno pelo mar ou em sua jornada pelo mundo subterrâneo. Aqui, nesse bosque consagrado às Eríneas, deusas que vingaram a mãe, Édipo encontrará repouso. Quando finalmente chega a hora de partir, Édipo, com toda a confiança, segue Hermes, o Guia das Almas, penetra no mundo subterrâneo e desaparece da face da terra. Seu túmulo, que não seria como qualquer outro, passaria daí por diante a proteger os atenienses. [15] O ritual da descida ao mundo subterrâneo faz parte dos Mistérios Femininos. Há outras indicações que associam a redenção final de Édipo aos Mistérios de Demeter. Os discípulos de Orfeu, por exemplo, acreditam que Hades e Perséfone são os pais das Eríneas ou Eumênides, as Benevolentes. [16] E Ésquilo, em sua história de Édipo, localiza seu túmulo numa área consagrada a Demeter em Etéonos. [17]

ANTÍGONA

Em *Antígona*, o conflito entre o calcificado princípio de Logos e o princípio de Eros é apresentado de modo muito claro. Apesar de em geral ser colocada no final da trilogia sobre a casa real de Tebas, na verdade *Antígona* foi escrita e encenada muito antes (442 A.C.) do que *Édipo Rei* (429) ou *Édipo em Colona* (401). Esta ordem cronológica tem mais validade psicológica do que a ordem narrativa usual.

A peça começa depois que os filhos de Édipo matam-se uns aos outros em terrível combate. Polinices assediou os sete portões de Tebas com o auxílio de seus aliados, os Argivos. Seu irmão, Etéocles, defendia a cidade. Tebas suportou o ataque e Creonte, agora senhor da cidade, resolve transformar em exemplo a iniquidade do invasor: ordena que o corpo de Polinices não seja enterrado nem velado. O castigo para a desobediência é a morte por apedrejamento. Sófocles não faz de Creonte um vilão, mas antes um homem sincero e respeitável, preocupado com sua responsabilidade pela integridade do

15. *Op. cit.*, Kerenyi, pág. 103.
16. C. Kerenyi, *The Gods of the Greeks*, London, Thames and Hudson, 1951, pág. 47.
17. *Op. cit.*, Kerenyi, *The Heroes of the Greeks*, pág. 104.

Estado. O traidor morto é irmão de Antígona. Como homem algum irá desafiar a ordem, mantendo o rei rigidamente sua posição, Antígona chama a si a responsabilidade de conceder ao irmão um sepultamento condigno, ainda que isso signifique sua morte. A tragédia não termina aí, porque o filho do rei é noivo de Antígona. Este (Hémon), pretende desesperadamente manter a lealdade e o respeito para com o pai, mas por fim não pode aceitar os princípios que Creonte rigidamente defende, provenientes de um coração duro e sem consideração por Eros. Hémon, então, acaba com a própria vida.

O problema da renovação do velho rei rígido através do filho aparece também nesse drama mais antigo. A morte do filho — e não do pai, como em Édipo Rei — afasta qualquer esperança de renovação e redenção. Eros não pode sobreviver depois de destruída toda e qualquer oposição ao petrificado princípio de logos. No final, Creonte perde até mesmo a mulher, que também se mata. E a peça se encerra com esta ode do coro:

O auge da felicidade
e sua parte principal
está na sabedoria
e na reverência aos deuses.
É esta a lei
que aprendemos quando velhos
ao ver o coração ferido
derrotado pelo orgulho.[18]

O drama que se desenrola em Antígona nos coloca em contato imediato com as trágicas e destrutivas conseqüências de um estado ou condição em que Logos não se encontra a serviço de Eros. Em *Édipo Rei* pode-se perceber uma elaboração em profundidade desse problema, sendo então revelada a origem incestuosa dessa desarmonia entre Logos e Eros. *Édipo em Colona*, provavelmente escrita nos últimos anos de vida do poeta, aponta para o caminho da redenção e da renovação através da descida ao mundo das sombras e da iniciação dos mistérios femininos. Aqui, finalmente, há esperanças de que o arquétipo do incesto, o *hierosgamos*, seja reativado, e de que este símbolo central de união e totalidade seja trazido de volta à consciência.

18. Sophocles, "Antigone", The Theban Plays, Baltimore, Penguin Books, 1947, pág. 162.

CONCLUSÃO

O mito de Édipo indica que o significado vital do tabu do incesto caiu no inconsciente e tem funcionado de modo autônomo, ao invés de ser tratado de maneira consciente e criativa. Isto é verdade também em nossos tempos. Em conseqüência, o conflito moral — que com mais propriedade se prende ao mistério do incesto — acabou por reduzir-se à necessidade de adquirir controle sobre as reações instintivas e espontâneas, especialmente a sexualidade. Quando a repressão dos instintos se torna necessária numa cultura, temos aí um sinal de que algo está errado nas instituições coletivas que regulam o incesto. Essa situação produz uma cisão entre mente e corpo; poder, avareza, infantilismo e concupiscência tornam-se então traços dominantes de uma tal cultura, em lugar da conexão de amor e parentesco. O desenvolvimento de Eros parece depender tanto do tabu do incesto como do desejo de incesto. O tabu permite que a criança gradualmente coloque seus impulsos e energias indomados e instintivos a serviço de Eros, mas somente se ela acreditar que através desse processo poderá finalmente satisfazer sua profunda necessidade de união incestuosa.

PARTE III

PHALLOS

VIII. PHALLOS E A PSICOLOGIA MASCULINA

Masculino e Feminino são qualidades da personalidade humana comuns a ambos os sexos. Porém a natureza do homem tende a ser mais arraigada num espírito Fálico, enquanto a da mulher tende a emergir de um espírito Uterino.

O espírito fálico, assim como o pênis, funciona autonomamente, independente do controle da mente racional. Pode-se argumentar que as reações do pênis estejam sujeitas ao controle racional, mas quanto a isso há muitas dúvidas. Ainda que aparentemente possa ser manipulado em seu desempenho, o pênis possui uma vontade própria que resiste, se quiser, a todos os truques da mente racional (ego). Além disso, os homens que habitualmente empregam o ego para controlar as reações do pênis conseguem-no à custa de um distanciamento, com graus variáveis de insensibilidade. Em última instância, o espírito fálico associado ao pênis reage a um tratamento desse tipo causando alguma forma de impotência psíquica ou fisiológica. É óbvio que o controle do ego sobre o pênis é mínimo e de duração limitada. Entretanto, a atitude e a relação do ego para com o pênis pode efetuar profundas mudanças nas reações desse órgão primário da sexualidade masculina.

O repentino e incontrolável afluxo de sangue ao pênis, causando sua ereção, é um grande mistério. O desejo por trás disso pode ser o amor por outra pessoa, pura luxúria, desejo de poder sobre outrem, ou uma mistura desses elementos. Freqüentemente o pênis se excita devido a fantasias sexuais sem relação alguma com uma pessoa real. E às vezes ocorre uma ereção repentina totalmente desligada de um desejo sexual, o que sugere que o afluxo fálico de energia no pênis é um espírito que transcende o impulso sexual. Alguns exemplos talvez ajudem a esclarecer este ponto. Os homens freqüentemente acordam

com uma ereção acompanhada não de desejo sexual, mas de pensamentos referentes ao trabalho, a idéias, a esporte e outras atividades. (Uma explicação tradicional porém não comprovada atribui esse fenômeno à pressão exercida pela bexiga.) Pode muito bem ocorrer que no auge de uma experiência não-sexual, mas excitante e desafiadora, um homem de repente tenha uma eração.

Se aceitarmos a idéia de que o pênis é um órgão particularmente sujeito à influência do espírito fálico, poderemos deduzir algo sobre a natureza do deus Phallos. Antes de mais nada, devemos reconhecer sua natureza essencialmente imprevisível. Na experiência vivida, ele parece manifestar-se como um repentino e poderoso ímpeto vindo de dentro, fluindo rapidamente com o desejo de estabelecer contato com outro objeto — quer seja uma idéia, uma imagem, outra pessoa ou um objeto inanimado. Se de um lado o desejo do espírito Uterino é ser penetrado, receber e abraçar, o de Phallos é sempre penetrar num reino desconhecido. Phallos é portanto fundamental para toda e qualquer iniciativa humana. Sem ele podemos ser levados, mas não podemos iniciar um movimento. Todo aquele que teme afastar-se de velhas estruturas estáveis e penetrar em novas áreas, desconhecidas e amorfas, temerá o influxo súbito e irracional de Phallos. Conseqüentemente, o relacionamento correto para com esse espírito é fundamental para a mudança e o desenvolvimento psicológico. Ao mesmo tempo, este é um espírito em constante movimento: curioso, impulsivo, explosivo, ousado, mas incapaz de comprometimento; transbordante de alegria com seu próprio poder e pronto a usá-lo contra tudo o que ameace detê-lo, sem a menor preocupação de cultivar e nutrir relações humanas — exceto se temperadas e contidas por Eros. Quando as mulheres reclamam de homens que só pensam em sexo e não se importam com o relacionamento, estão de fato falando de Phallos. Freqüentemente, quando se sentem incapazes de dar conta da constante atividade, da curiosidade brincalhona e das vontades de seus filhos, elas estão sofrendo os efeitos de um mau relacionamento com Phallos.

Lembro-me de uma jovem mãe que tinha grande dificuldade de lidar com seu intratável filho. Uma vez ela sonhou que ele corria em ziguezague e se precipitava contra as paredes do quarto com tal velocidade que ela tinha que ficar se esquivando para não ser atingida. De repente ele se transformou num enorme Phallos e ela acordou apavorada. Obviamente, esta mulher não tinha boas relações com Phallos. O relacionamento de um menino com a raiz fálica de sua natureza masculina será profundamente influenciado por esse tipo de mãe, que se sente tão ameaçada e faz tantos julgamentos em sua atitude frente à masculinidade essencial do filho. Amor e Phallos são em geral difíceis de diferenciar porque ambos são fundamentalmente

ativos, são forças vitais iniciativas. Ambos são sentidos como uma força que move uma pessoa em direção a outra, ou a um objeto. Além disso, acredita-se que a própria Deusa do Amor nasceu dos órgãos genitais decepados do Deus Celestial, Ouranos. Há sem dúvida uma estreita relação entre Phallos e Amor. Talvez Phallos seja a fonte primordial de energia contida em cada emoção que motiva o homem a se mover, agir, iniciar. Sendo basicamente um grande movimento em direção à união com outrem, o Amor também deve ter suas raízes em Phallos.

Mesmo assim, Amor e Phallos não são idênticos. Qual seria a diferença? Talvez a principal diferença é que o Amor é sempre um desejo de fundir-se, unir-se, enquanto Phallos é antes de mais nada um desejo de penetrar e explorar. Além disso, o Amor sempre evoca uma grande preocupação em preservar a beleza e a integridade do outro, ao passo que esse traço está ausente em Phallos — que em sua forma pura tende a violentar e em última instância a destruir o objeto de sua fascinação. A despeito de ser uma força poderosamente ativa e penetrante, o Amor é enormemente sensível e receptivo. Em outras palavras, combina ambos os princípios, masculino e feminino. No entanto, em seu primitivo estado Afrodítico, o Amor é predominantemente fálico. Isso torna o Amor não-transformado em algo volúvel, incapaz de comprometimento, desinteressado em cultivar e nutrir uma relação humana permanente, pronto a seguir adiante tão logo tenha atingido seu alvo de união. O Amor precisa de Eros para ser capaz de cuidar de relações humanas — mas a discussão deste importante aspecto deve ficar reservada para a Parte IV.

Phallos é indiscutivelmente a fonte de todas as energias criativas do homem. É uma força que se distancia sempre do velho, daquilo que é, em direção ao novo e ao desconhecido. A curiosidade fálica é o princípio ativador por trás da imaginação criativa do homem; porém a qualidade penetrante e dissecadora da curiosidade torna-se destrutiva e anti-humana se Eros não estiver presente para preservar a integridade e o mistério do objeto desconhecido.

Phallos, força geradora de vida, é pura emoção, puro desejo. Todos os pensamentos, impulsos, imagens ou idéias são animados por Phallos. É puro espírito, pura energia, que usa toda e qualquer coisa como material para dar forma ao impulso criativo. Em sua ânsia insaciável de fertilizar e criar novas formas, não tem consciência nem preocupação alguma com as limitações humanas. Na ausência de Phallos nada se move e nada muda. Temê-lo causa fragmentação e estase. Devo estar aberto e desejar recebê-lo para que ele penetre em mim. Conseqüentemente, se não tenho a relação correta com as qualidades receptivas de minha alma, meu útero se fecha e começa a secar porque não posso ser fertilizado e renovado por Phallos. O

útero, terra receptiva, é portanto uma coisa primária. Sem ele a Força Vital não tem um vaso que a receba e o sangue da minha própria vida logo deixará de correr. Morte.

Voltemos agora à mulher que se sentia tão ameaçada pelas qualidades fálicas de seu filho. A imagem interior que um homem tem do feminino arquetípico é em grande parte moldada por sua experiência da mãe. Na experiência típica do homem ocidental, os aspectos maternais e receptivos de sua própria psique são sentidos como algo que rejeita Phallos. E como poderia ser de outra forma? Tudo o que sabemos sobre os antigos mistérios femininos indica que estes giravam em torno do culto de Phallos. A mulher moderna encontra-se tão afastada desses mistérios como Édipo. Ao invés de permitir que seu Eros abrace e humanize as energias fálicas potenciais do filho, ela procura subjugar e controlar esse espírito irracional com seu ego. Enquanto tiver uma imagem interior do feminino como algo que rejeita Phallos, o homem não conseguirá nunca estabelecer a relação adequada com seu espírito criativo, a mesma situação aplicando-se às mulheres, como veremos. Assim é que o feminino interior (a anima) deve mudar para que um homem possa realmente abrir-se a Phallos.

Como se manifesta interiormente e na vida exterior essa experiência negativa do feminino? Nos sonhos masculinos é bastante freqüente o tema da aparição súbita da mãe ou de uma figura materna no exato instante em que o indivíduo está prestes a render-se a seus desejos sexuais. *A mãe inibe Phallos.* Como esta também se associa a sentimentos delicados, ternos e carinhosos, enquanto Phallos é a fonte da paixão, o homem tem grande dificuldade de conciliar paixão e amor quando sua experiência do arquétipo materno é tão castradora. Com bastante freqüência, este mesmo padrão arquetípico irá se constelar com relação à esposa. Muitas vezes, ouvi mulheres se lamentando por não conseguirem ficar fisicamente próximas e carinhosas com o marido, porque ao fazê-lo eles imediatamente queriam trepar. E outras tantas ouvi homens reclamarem porque suas mulheres rejeitam o sexo depois de os terem excitado fisicamente. Esse dilema comum é uma clara indicação de que ambos os parceiros sofrem da mesma relação negativa com Phallos. A mulher sabe que, caso cedesse à paixão sexual do marido, seu carinho e sua ternura seriam obliterados, pois ela também se encontra interiormente atormentada por esse arquétipo materno causador de rejeição.

Um rapaz que se queixava de experiência similar com a esposa teve o seguinte sonho: "Jane [sua esposa] e eu estávamos muito carinhosos, mas quando eu quis trepar ela congelou e disse não. Fiquei furioso. Daí eu estava com Sue. Não tínhamos intimidade alguma, mas fiquei sexualmente excitado. Fiquei surpreso quando ela pôs a mão no meu pênis e mostrou que queria sexo." Examinemos

rapidamente esse sonho. O rapaz descreveu Sue como uma moça agressiva, masculina, dura e dominadora, enquanto achava a esposa suave e feminina. Este sonho ilustra de modo muito claro minha tese: a Mãe-Esposa é suave, terna, carinhosa, mas rejeita Phallos; já uma mulher dura, masculinizada e desligada de Eros pode aceitar Phallos, mas isso porque ela própria rejeitou as raízes maternais de sua feminilidade. Resultado: sexo sem amor e amor sem paixão.

Paralisado por esse tipo de medo, rejeição e repressão de Phallos, outro homem via-se perseguido por pesadelos ameaçadores. Noite após noite lutava para escapar das raivosas e demoníacas forças fálicas existentes em sua própria psique: cobras, crocodilos, tubarões, nazistas, comunistas, negros, a Máfia, etc. Os sonhos ameaçadores em geral refletem a atitude consciente do indivíduo para com aspectos vitais de sua personalidade, simbolicamente expressos nas imagens oníricas. Nos sonhos deste homem o simbolismo fálico é óbvio, de modo que podemos presumir que sua atitude consciente hostiliza e rejeita Phallos. Não seria surpresa se descobríssemos que sua relação com a mãe é invulgarmente íntima, tendo esta porém negado e desestimulado a expressão das qualidades fálicas do filho. Ao contrário, ela depositou no filho suas próprias fantasias sobre a fama e a fortuna que um dia *recairiam* sobre ele. Ele era o escolhido, sensível e carinhoso. Tudo viria até ele por causa de sua bondade. Será que ele não percebia quão diferente era de seu pai, dominador, mal-educado, agressivo e rude? E assim por diante. Enquanto essa mãe internalizada não mudar, não há possibilidade alguma de que Phallos seja acolhido e humanizado por Eros. É claro que a experiência com a mãe irá em grande parte determinar o relacionamento da criança para com sua própria experiência irracional. Mas e o pai? Uma criança não sente também o pai como carinhoso e acolhedor? Claro que sente, ou deveria sentir. Não poderia então acontecer que um homem sentisse o arquétipo materno de forma negativa e ainda assim fosse receptivo para com seu próprio espírito através do arquétipo paterno? Sim, freqüentemente os pais assumem o papel arquetípico materno de modo positivo. Quando isso ocorre, entretanto, a criança é privada da experiência essencial do arquétipo paterno positivo. Ainda que o desenvolvimento da criança dependa da experiência que tem dos pais como seres carinhosos que aceitam sua natureza, há uma diferença entre amor paterno e materno.

O amor materno visa antes de mais nada nutrir e manter o misterioso processo vital interior que lentamente configura a criança como criação única. Enquanto função específica, o Maternal (não a mãe) não se preocupa especialmente em instruir a criança sobre as coisas do mundo, a não ser para que tenha consciência de realidades externas que poderiam pôr em risco seu desenvolvimento. Em outros

termos, a qualidade maternal funciona em boa parte para apoiar a conexão positiva da criança com sua própria alma ou espírito. Trata-se de uma qualidade internalizada, voltada para dentro. Psicologicamente, o arquétipo materno positivo é vivido como aquela maravilhosa qualidade humana que aceita por completo nossa própria natureza.

O arquétipo paterno (não o pai) se expressa acima de tudo através de Logos. Logos é princípio ativo por trás do pensamento e da razão humana, quase sempre considerado idêntico ao Mundo. É o princípio existente atrás de toda a ordem humana e cósmica. Sabedoria, justiça, lei e consciência humana são todas elas manifestações de Logos. Tanto Anaxágoras como Fílon acreditavam que Logos fosse o intermediário entre a Divindade e o homem.[1] Na teologia cristã, Cristo é tido como a encarnação de Logos. Visto que Eros também funciona como intermediário entre o Divino e o humano, talvez ele esteja mais intimamente relacionado a Logos do que temos percebido. Com efeito, na pessoa do Cristo, Eros e Logos parecem estar unidos.

Enquanto expressão de amor paterno, Logos visa guiar e apoiar o espírito da criança em relação ao mundo. Nesse sentido, ele é externalizado e dirigido pelo mundo de fora. Um homem que não tenha uma boa conexão com esse aspecto terá grande dificuldade em seu relacionamento com o mundo, com a realidade externa. Se, por exemplo, esse homem teve a sorte de ter tido uma experiência positiva do arquétipo materno, ele poderá aceitar bastante bem sua própria natureza e seu espírito; mas enfrentará enormes dificuldades para estabelecer uma conexão positiva com os outros e com a realidade externa.

Logos é um atributo exclusivamente humano, mas Eros também o é. Talvez Eros seja a força que está por trás da experiência do amor e da união criativa, enquanto Logos é a capacidade de formular e derivar de tais experiências princípios universais. Na medida em que visa penetrar e explicar os mistérios da ordem cósmica, Logos se relaciona a Phallos; mas quando visa produzir formas para o inter-relacionamento humano criativo, é a Eros que se liga.

O arquétipo paterno (Logos) é responsável por aquelas qualidades que permitem ao indivíduo ser estável, suportar os tumultos destrutivos e as pressões da vida e manter-se firme e comprometido com algo que transcenda os limites imediatos e pessoais. Na ausência de uma conexão positiva com esse arquétipo, o indivíduo não tem a força interior, a perseverança e a estabilidade necessárias para suportar sozinho as tensões da vida, tão essenciais para o desenvolvimento psicológico.

1. James Hatings (ed.), *Encyclopedia of Religion and Ethics*, Vol. 8, Edinburgh, T. & T. Clarck, 1953, págs. 134-135.

Quando Logos, o Pai, se torna rígido e deixa de servir à vida e ao desenvolvimento humano de modo criativo, a situação é obviamente vivida como algo opressivo. Logos deve estar sempre a serviço da conexão humana, ou seja, de Eros. A dicotomia existente entre Logos e Eros não passa de mais uma manifestação da dicotomia predominante *entre* mente e corpo, causadora da cisão anímica. Logos/Eros é realmente um só arquétipo, uma só função.

A identificação de Logos com a mente racional é tanto causa como conseqüência da cisão Logos/Eros. A capacidade da mente racional (ego) de dissociar-se de sentimentos e emoções concretas, de anestesiar-se contra sensações físicas, de desligar-se da vida e tornar-se um olho observador incorpóreo não traduz o modo como Logos funciona. Logos está profundamente arraigado e comprometido com a vida. Apesar de usar a capacidade de distanciamento da mente racional, nunca perde a conexão com a fonte geradora de vida da qual extrai seu poder. Portanto, Logos tem suas raízes em Phallos. Quando desligada de sua raiz fálica, a mente racional carece de verdadeira força e de vitalidade. Logo murcha e se transforma num simulacro rígido, atrofiado e pomposo de Logos. Não é à-toa que os jovens foram levados a "fundir a cuca" com drogas.

Logos não é necessariamente mais racional do que Phallos. Tem a mesma potência dinâmica para explorar, penetrar, superar obstáculos e compreender o desconhecido, tanto quanto Phallos. Pode surgir tão súbita e impulsivamente como Phallos e com a mesma numinosidade. Logos pode tomar a pessoa. Só difere essencialmente de Phallos em sua capacidade de refrear, de cultivar e de comprometer. O verdadeiro Logos não pode penetrar na alma enquanto se tem medo de Phallos. A impotência — mental, espiritual e física — é conseqüência da incapacidade masculina de acolher Phallos. Nada poderá alterar sua sensação básica de inadequação enquanto o homem não superar o medo de Phallos quando este começa a agitar-se e erguer-se numinosamente na raiz de seu ser. Para uma mulher é diferente. Enquanto se sente ligada à suavidade e à receptividade de seu útero, ela se sente mulher por inteiro — a não ser que sua alma não se satisfaça em viver apenas o feminino arquetípico. Mesmo assim, a mulher que tem necessidade de pensar criativamente, de libertar-se espiritualmente da dominação masculina e de individuar-se sentir-se-á inadequada e não-realizada enquanto não permitir ela própria que a plena potência de Phallos penetre em sua consciência. Todavia, uma mulher pode levar por muitos anos uma vida relativamente plena — ainda que inconsciente — até ver-se forçada a enfrentar seu medo de

Phallos. Já um homem, não. Para ele isso é essencial à sua iniciação na virilidade.

Lembro-me de um sonho que tive há vários anos, o qual revela claramente minha relação com Phallos naquela época. Nas semanas que precederam o sonho eu me defrontava com um conflito difícil e me aborrecia com minha própria impotência face a uma situação que exigia ação decisiva. O sonho se apresentava em duas partes:

Um homem agressivo e musculoso começa a conversar com minha mulher enquanto ela se bronzeia na praia. Ele está de maiô e posso ver sua enorme ereção. Aproxima-se de minha mulher e encosta o membro no rosto dela. Ela não diz nada, mas vejo que fica fascinada e excitada com esse desgraçado desse exibicionista. Fico furioso, especialmente por minha mulher não ter mandado o cara embora. Saio de lá com muita raiva. Daí me encontro num quarto escuro, com a cabeça cheia de imagens desse homem com minha mulher. De repente, na minha imaginação, ela agarra o pau dele e começa a afagá-lo e chupá-lo com vontade. Fico horrorizado ao ver que me excito com essa fantasia e procuro desmanchá-la mas não consigo. Sinto que estou quase tendo um orgasmo e procuro ainda mais desesperadamente acabar com essas imagens. Não consigo. Acordo furioso, profundamente ofendido por minha mulher ter reagido de modo tão excitado a um homem que não a ama.

No segundo sonho eu tinha que levar minha mulher a uma espécie de ritual curativo só para mulheres. O curandeiro começa a massagear os ombros dela, mas percebo que estava com o pênis mole para fora da calça. De novo eu observava com interesse, imaginando o que minha mulher iria fazer. Fiquei contente quando percebi que ela estava chateada e aborrecida. Depois de dizer ao tipo o que pensava dele, peguei minha mulher e fomos embora.

Encarando minha mulher como um aspecto receptivo e feminino de mim mesmo, e o homem como símbolo de minha própria impetuosidade fálica, primordial e agressiva, parece óbvio que eu (ego) rejeito essa dimensão minha. O fato de minha mulher (anima) acolher Phallos pareceria sem dúvida positivo. Mas por que será que a atitude de meu ego é tão cheia de julgamentos, rejeição e medo de Phallos?

A cena em que deixo a praia e entro no quarto escuro me fez lembrar do quarto que ocupava durante a adolescência, época em que tinha uma série de intensas fantasias sexuais com minhas irmãs. Isso

revela claramente as origens incestuosas de meus temores face minha própria natureza sexual agressiva. Um detalhe sutil mas importante do sonho mostra que eu temia até mesmo entregar-me à imaginação sexual em conseqüência da ferida do incesto.

Como no segundo sonho minha mulher (anima) tem que se submeter a um ritual curativo, é possível que algo ainda esteja errado em seu relacionamento com Phallos. Encontramos um curandeiro aparentemente impotente mas mesmo assim ele é alguém que pode curar. Não há dúvida de que o ponto central está no fato meio absurdo de ele estar com o pênis flácido de fora. Já examinei um bom número de sonhos de mulheres nos quais elas sentem repulsa e idignação quando se confrontam com uma figura onírica com o pênis flácido exposto. Tais mulheres tendem a exigir que um homem seja sempre forte e potente, desprezando e até mesmo se enraivecendo com homens que parecem fracos e indecisos. Não quero neste ponto desviar a atenção para o problema do relacionamento de uma mulher com Phallos; mas esses sonhos femininos revelam uma freqüente reação da mulher à impotência masculina.

Quando plena e fluente, a força geradora de vida (Phallos) pode despertar o medo — mas ela é sempre assustadora e fascinante. Phallos ereto deve ser respeitado. Mas Phallos não está sempre ereto; nem sempre a Força Vital flui para fora. Freqüentemente ela se retrai ou permanece calmamente adormecida. Amar Phallos significa não só acolher a própria potência, mas também a própria impotência. No meu sonho, minha mulher rejeita Phallos quando ele está flácido e impotente. Se uma pessoa não souber aceitar seus estados de fraqueza, insensatez e desamparo, terá sempre medo da potente erupção de Phallos. O outro lado da tumescência é a detumescência. Phallos, assim como a vida, se precipita como uma grande força fluente — mas a vida reflui tão rápida e repentinamente como flui. Assim, o medo de acolher minha potência fálica provavelmente se ligava ao fato de que minha anima ainda rejeitasse minha impotência.

Agora que estabelecemos a conexão entre o medo da potência fálica e o medo da impotência, podemos discutir algumas diferenças importantes entre a psicologia masculina e a feminina. A incapacidade de iniciar uma ação efetiva com vistas à realização de um desejo tende a fazer com que um homem se sinta impotente. Não se trata tanto da necessidade de agir — o importante é que sinta que tem poder para agir. A mulher tende a sentir-se impotente principalmente quando *não tem* desejos; pelo menos, este parece ser o caso quando possui uma conexão profunda com sua natureza uterina. Na medida em que tenha abertura para reagir ao impulso vital, a mulher pode aceitar tanto sua passividade como sua incapacidade de agir eficazmente para satisfazer

um desejo, sem com isso sentir-se inadequada. É claro que ela poderá sentir dor e frustração devido à não satisfação de suas necessidades; entretanto, sua sensação de potência não depende tanto de seu poder de agir, mas de sua conexão com seus desejos e de sua confiança na própria capacidade de reagir à satisfação dos mesmos. Por exemplo, uma jovem extremamente passiva viveu por muitos anos num estado de isolamento, sem qualquer relação com os homens. Após alguns meses de análise, tendo se recusado a examinar seu relacionamento com os homens e com a sexualidade, ela acabou por revelar que não via nada de errado consigo nessas áreas. Seu senso de adequação advinha de uma fantasia de que estaria pronta para receber o homem certo assim que este aparecesse. Essa descoberta de sua identificação com a princesa do mito da Bela Adormecida foi conseqüência de sua repentina percepção de que seria incapaz de reagir a seu Príncipe Encantado mesmo que este aparecesse. O homem pode igualmente viver durante anos numa ilusão fantástica sobre sua potência. Seu mito, porém, é de que possui o poder para efetuar ativamente a realização de seu desejo, devendo conter-se até que chegue o momento certo.

Assim sendo, parece que o homem extrai seu senso de força e potência de sua capacidade de agir, ao passo que a força da mulher parece originar-se antes de seu desejo de reagir. A exigência de que Phallos esteja sempre ereto e seja sempre capaz de se impor é naturalmente mais comum entre os homens, ainda que muitas mulheres sejam interiormente instigadas por exigência análoga. O homem se sentirá continuamente abalado e espiritualmente aleijado enquanto estiver preso nas equações: Phallos Ereto = Potência; Phallos Flácido = Impotência.

Além disso, ele se vê forçado a se refugiar em suas fantásticas ilusões de potência fálica para poder manter algum senso de adequação e respeito por si mesmo. A vida, para ele, se torna uma série de evasivas. Sente a realidade de sua condição existencial e as dimensões não-fálicas de sua responsabilidade como coisas intoleravelmente dolorosas, o que faz com que as necessidades autênticas de sua alma escapem sempre de suas mãos e permaneçam insatisfeitas.

Nossa cultura ocidental identifica progresso e produtividade com força e vitalidade masculina. Produtivo = potente e criativo; improdutivo = impotente e destrutivo. Obviamente, tais atitudes refletem uma compreensão errônea e uma distorção da masculinidade. O homem só pode se libertar dessa fixação fálica se sentir e aceitar com alegria os estados de passividade, desconhecimento e desamparo como expressões de sua natureza feminina e receptiva. Ao invés de atrofiar-se em meio a sensações de impotência, o homem deve ser capaz de mergulhar a fundo na *força* de seu próprio desejo de ser fertilizado.

IX. PHALLOS E A PSICOLOGIA FEMININA

Nos dias que correm, um homem deve ser terrivelmente insensato ou corajoso para escrever sobre a psicologia das mulheres. Qualquer que seja esta, não tenho muita escolha, pois grande parte de minha compreensão da psique humana resulta de meu interesse por meu próprio relacionamento com as mulheres e também com os aspectos femininos vitais e negligenciados de minha própria alma. Quando um homem escreve sobre psicologia feminina, é difícil saber a parte que se refere à experiência de sua própria alma feminina (ou anima) e a que diz respeito às suas percepções de dominantes arquetípicos em mulheres de carne e osso. É preciso estar sempre alerta quanto à possibilidade de um homem projetar suas próprias fantasias sobre as mulheres quando fala da psicologia feminina. Para ajudar o leitor a separar o joio do trigo neste capítulo, gostaria de expor algumas de minhas dificuldades interiores com o feminino, as quais sem dúvida afetam minhas percepções.

Não tenho lembrança alguma de ter tido qualquer contato físico e íntimo com minha mãe durante a infância, pelo menos até os doze anos. No entanto, ouvi meus irmãos mais velhos e meus parentes dizerem que ela tinha muito contato físico comigo. Eu era o último de uma série de sete filhos, nascido dezessete anos depois do primeiro, ao qual seguiram-se cinco meninas. Minha mãe não me desejava e tentou abortar. Mais tarde — assim me contaram — ela procurou reparar sua culpa devotando-me especial amor e afeto, de modo que não seria improvável que eu de fato tivesse reprimido qualquer lembrança de uma conexão física com ela. O relacionamento entre minha mãe e meu pai era muito mau. Mais recentemente, ela se queixou da profunda frieza e do distanciamento que o caracterizavam, lamentando o fato de nunca ter sido realmente respeitada por ele, mas sexualmente usada. Com

o passar do tempo, meu pai também expressou um profundo ressentimento por minha mãe tê-lo rejeitado sexualmente, particularmente após meu nascimento. Pode-se imaginar que esse novo filho tenha dado a minha mãe um sentido de renovação, que ela tenha projetado sobre ele sua imagem de parceiro anímico e que meu pai tenha ficado bastante ressentido com minha intromissão. De forma que o triângulo incestuoso provavelmente se formou bastante cedo para mim. Não tenho lembranças de meu pai ter sido afetuoso comigo, pelo menos até a adolescência. Lembro-me que em geral tinha medo dele, pois várias vezes ele me bateu com o cinto.

Esta grave falha de memória com respeito a minha mãe, ao lado de lembranças de meu pai que só falam de medo, sugere o clássico complexo de Édipo. Quando tinha entre sete e dez anos uma de minhas irmãs costumava fazer comigo umas certas brincadeiras sexuais, mas não recordo ter alguma vez me sentido excitado. Aparentemente, tive também a experiência do período de latência descrito por Freud. Mais ou menos aos doze anos, entretanto, me vi tomado por intensas fantasias e desejos sexuais, em boa parte provocados por minhas irmãs, como mencionei no capítulo I. Já teria sido suficientemente difícil lidar com as mudanças psicofisiológicas da puberdade — essa história com minhas irmãs era demais. Sem dúvida, elas estavam vivendo seus próprios problemas incestuosos com respeito a nossos pais.

Incapaz de reprimir minha sexualidade, reprimi todos os sentimentos de amor por minhas irmãs (o que, como sugeri, é uma das maneiras da criança lidar com a tensão do incesto). Por outro lado, ainda que durante a adolescência tivesse por minha mãe sentimentos de amor, não tinha por ela quaisquer sentimentos sexuais. Eis aí a clássica cisão entre amor e sexo causada pela ferida do incesto. Entretanto, como a sexualidade puramente impessoal e carnal se voltava para minhas irmãs, o padrão já não se apresenta tão claramente como no caso típico, no qual os arquétipos de deusas virgens como Maria e Artemis são projetados sobre a mãe e a irmã. Apesar de sentir pouca culpa por causa de minhas fantasias sexuais, eu ficava possuído tanto pelo horror do incesto como pelo medo de castração caso levasse adiante esse desejo que sentia por minhas irmãs.

Essas coisas todas tinham sobre mim um efeito arrasador e muitos anos se passaram antes que eu pudesse trazer minha sexualidade apaixonada e impessoal para o interior de uma conexão de amor com uma mulher. Mas a cicatriz ainda é recente e sempre me irrito quando as mulheres despejam sobre os homens uma imagem "suja" de sexo, sem ter a menor consciência do caráter impessoal, desinteressado e frio de sua própria sexualidade. Numa linha mais criativa, minha ferida me conduziu à percepção de que no bojo do

processo de individuação da mulher se encontram o relacionamento consciente com Phallos e o desenvolvimento da imaginação sexual. Eis aí o tema central deste capítulo.

Qualquer mulher saudável tem necessidade de submeter-se a um poder fálico benévolo, de recebê-lo e contê-lo. Esta reação feminina instintiva (atração, fascinação, medo e retraimento) ao poder fálico, sempre agressivo como uma espada, tem por efeito transformar o pênis num instrumento que abre um canal para a circulação de Eros. Sem a ajuda dos instintos, a mulher é incapaz de mediar a união no amor, que tanto quanto o homem necessita.

O *medo* e o *retraimento* parecem ser inerentes ao instinto sexual das mulheres (mesmo entre os animais, correr do macho — geralmente em círculos — é um padrão comum na fêmea, depois que o escolheu como parceiro). Apesar de terem sido importantes para a superação do puritanismo e do moralismo do século XIX, o reconhecimento cultural e a aceitação das necessidades sexuais da mulher pouco contribuíram para que ela se aproximasse mais de seus instintos. A mulher que não faz restrição alguma a seus desejos sexuais não possui necessariamente maior contato com sua natureza instintiva do que aquela que rejeita e reprime seus desejos. Quando uma mulher se deixa levar pela atração que sente por um homem antes de que o amor a envolva, seu medo instintivo de Phallos não estará sendo nem ouvido nem respeitado. Em conseqüência, seu temor e sua modéstia naturais deslocam-se para o inconsciente, passando a operar de modo destrutivo e fazendo com que ela se sinta desconfiada e insegura. Sua própria sexualidade torna-se fálica e não-relacionada, em vez de aberta e receptiva. Ao invés de amar o homem e de nele evocar o amor através das trêmulas contrações e expansões de seu próprio desejo de recebê-lo, ela vê-se possuída por uma necessidade de amor e aceitação que acaba por dissociar completamente o homem do eros que o anima.

A mulher deve sentir-se segura de seu amor para ser capaz de abrir o útero para receber o homem. No macho, o dominante sexual instintivo busca a penetração e não a abertura; por conseguinte, o homem não se sente tão exposto psicologicamente com seu pênis ereto como uma mulher com seu desejo sexual. Com efeito, o poder fálico simbólico e a potência do pênis ereto tendem a fazer com que o homem se sinta invulnerável. Conseqüentemente, o abandono ao próprio desejo sexual não depende tanto do fato de sentir-se envolvido e protegido por uma atmosfera de amor. Mas é claro que isto só se refere aos dominantes instintivos básicos; num nível mais humano, os homens também têm esta necessidade de ser envolvidos pelo amor.

Henry Miller descreve uma seqüência sexual pateticamente cômica e desajeitada em seu livro *The World of Sex*.[1] Conta a história de uma mulher que não lhe permitia nenhum tipo de intimidade sexual se isso implicasse o reconhecimento consciente de seus próprios desejos. Daí ele descobriu que ela só se abriria se fosse distraída com papos inconseqüentes. Mas se ele inadvertidamente parasse de falar ela ficava mais consciente e reagia com surpresa e indignação. Não permitindo que suas próprias fantasias sexuais atingissem a consciência, essa mulher permanecia igualmente inconsciente de seu medo instintivo e de seu desejo, tornado-se assim incapaz de comunicá-los ao homem; e no entanto ambos são necessários para evocar sentimentos de afeto e amor. Em lugar disso, ela oferece resistência através de vários mecanismos inconscientes de defesa, os quais levam o homem a superar as barreiras à força ou a rejeitá-la por completo se seu desejo não for suficientemente forte.

O dilema sexual da mulher moderna pode ser recolocado nos seguintes termos: se permanece inconsciente de seu desejo sexual pelo homem, ela fica igualmente inconsciente de seu medo da investida fálica e de seus naturais instintos protetivos; nesse caso, ela se defende com atos inconscientes de agressão, os quais, ao invés de invocar Eros no homem, provocam o efeito contrário. Por outro lado, se tem consciência de seu desejo e de bom grado se entrega à atração antes que os sentimentos de calor pessoal e de carinho tenham tido tempo suficiente para se desenvolver, ela, como ele, cai sob o poder de Phallos, perdendo sua própria conexão com o poder unificador de Eros. Em termos amplos, as mulheres parecem ter se submetido de modo fácil demais a Phallos nas epifanias sexuais ou espirituais que este costuma celebrar. Vivemos, em conseqüência, num mundo duro e brutal dominado por Phallos e regido pelo cacetete e pela espada. Para que não se torne destrutivo, Phallos deve ser continuamente humanizado por Eros.

Enquanto os aspectos masculinos de sua psique (o animus) a forçarem a dar mais prioridade à consciência, à objetividade e à razão do que a Eros, a mulher permanecerá dissociada de sua própria natureza. O animus deve tornar-se um poder benévolo que apóia Eros enquanto princípio humanizador, para que ela possa reconquistar a confiança na dignidade essencial e na totalidade de seu ser. Sem essa confiança, ela é incapaz de verdadeiramente amar um homem, pois abrir-se para ele significa expor os frágeis mistérios de sua alma à destrutividade fálica.

1. Henry Miller, *The World of Sex*, Paris, Olympia Press, 1959.

Jung e muitos de seus seguidores mostraram que o animus é em geral sentido como negativo porque ele próprio está sendo negado, assim como é rejeitada a sua necessidade de expressão criativa. Por isso as mulheres que fazem análise são encorajadas a pintar, escrever, ler, estudar, a dar forma concreta e expressão às exigências espirituais do animus. Quando de fato refletem essas exigências, tais atividades produzem um reconhecido efeito salutar. Cooperando dessa forma com o animus, a mulher começa a senti-lo antes como um aspecto criativo positivo de seu próprio ser, do que como uma força negativa e destrutiva. Então ela sente um alargamento da consciência e um novo senso de poder e liberdade, pois é capaz de submeter-se a seu animus espiritual. Isto é verdade especialmente quando a mulher se encontra sob o domínio de um animus que a obriga a corresponder à imagem masculina do arquétipo impessoal da Mãe-Esposa, que tudo nutre e tudo contém.

Em nossa cultura, na qual o princípio masculino de logos acha-se tão dissociado do arquétipo feminino de vida, há uma tremenda pressão por parte do inconsciente para que o ego se submeta ao bem-aventurado olvido da união incestuosa com a Grande Mãe. Devido a esta perda de conexão com o Símbolo do Incesto, a mulher moderna sofre pressões internas e externas para concretizar essa imagem arcaica da Grande Mãe em eterna coabitação com os filhos; dessa forma, hoje a mulher começa a sentir-se mais como indivíduo quando se rebela contra essa projeção e participa de um trabalho criativo mais amplo que o papel de Mãe. Betty Friedan, em seu livro *The Feminine Mystique*[2], assim como o Movimento de Libertação Feminina, expressam claramente essa atitude. Infelizmente, essa solução não aproxima a mulher de sua natureza básica. A individualidade e a liberdade que assim experimenta são ilusórias ou quando muito transitórias, não lhe permitindo abrir-se a Eros e ter a experiência de uma conexão de amor profundo com um homem. Na verdade, a mulher identificada com o arquétipo de Mãe-Esposa pode ao menos manter sua conexão com o amor, mesmo que este seja do mais primitivo nível e essencialmente impessoal.

O que deve então fazer a mulher moderna, presa entre a Cila de seu animus espiritual e a Caribdis* de um animus que lhe exige a rejeição da consciência e a identificação com o arquétipo? A mulher incapaz de se submeter a um ou ao outro — geralmente portadora de

2. Betty Friedan, *The Feminine Mystique*, New York, W. W. Norton & Company, 1963.

* Na mitologia grega, turbilhão (Caribdis) e escolhos (Cila) do estreito de Messina; terror dos navegantes que ao evitar um, despedaçavam-se de encontro ao outro (N. do T.).

um problema materno negativo muito sério — vê-se paralisada e dissociada tanto da vida como do espírito. Onde e como poderá ela estabelecer uma conexão com o princípio masculino benévolo e positivo que sabe que o desenvolvimento espiritual da mulher se apóia em Eros? Para encontrar nossa resposta, voltemos mais uma vez ao relacionamento da mulher com seu instinto sexual.

O relacionamento psíquico, ou seja, Eros, é fundamental para a sexualidade da mulher. Ela não pode abrir-se de verdade ao masculino, em termos psíquicos ou sexuais, se Eros estiver ausente; a sexualidade fálica indiferenciada não precisa dele em seu desempenho. Já discutimos a importância da reação feminina básica de medo e retraimento face à agressividade fálica do homem. Esta reação instintiva por parte da mulher evoca o princípio de Eros no homem, mas somente se ela for capaz de comunicar sua atração básica à potência fálica dele; caso contrário, ele pode aumentar sua atividade fálica ou rejeitar a mulher por completo. Enquanto permanecer inconsciente e rejeitar sua própria sexualidade fálica impessoal, ela manifestará estas mesmas atitudes em seu relacionamento real com os homens. As mulheres sem dúvida possuem uma parcela de sexualidade fálica indiferenciada e impessoal. Por que será que elas têm tamanha dificuldade de resolver aceitar esse aspecto de sua natureza? Na verdade, elas não têm maiores escrúpulos em permitir que as opiniões e os julgamentos impessoais do animus se manifestem.

Antes que o princípio de Eros possa reconquistar seu devido lugar no relacionamento homem-mulher, esta deve estabelecer uma conexão mais positiva e consciente com sua própria sexualidade agressiva e não-relacionada. Todos os impulsos sexuais instintivos devem ser aceitos e experimentados *conscientemente*: toda a gama de sexualidade infantil; o desejo de expor-se, que toda criança tem, apesar da inerente modéstia feminina; o fascínio com o pênis e a vagina; o desejo de contato sensual e de estimulação de algumas partes isoladas do corpo; fantasias orgiásticas, e assim por diante.

Poucas mulheres se dispõem a ter relações sexuais com um homem se não sentirem um pouco de calor, ternura e afeto por ele. Mesmo a mais abertamente promíscua reage a admitir que trepou com um homem sem ter sentido nada por ele enquanto pessoa. A maior parte dos homens não precisa dessa desculpa com respeito a sua falta de Eros. Dentre todas as mulheres, só a meretriz pode aceitar a responsabilidade pela natureza impessoal de suas relações sexuais com os homens. Por isso ela se tornou um excelente símbolo, no inconsciente de muitas mulheres, de sua própria sexualidade fálica.

Como, então, poderá a mulher atingir a plena aceitação consciente de sua sexualidade fálica impessoal, começando a assumir uma atitude responsável frente a ela? É claro que antes de mais nada ela

deve chegar a um acordo com o princípio masculino negativo de Logos que domina nossa cultura. Para consegui-lo, ela deve ser capaz de explorar seus próprios pensamentos, idéias e imagens. Mas isto só será possível se ela puder estabelecer uma conexão positiva com um princípio de Logos criativo, posto que a sabedoria feminina não se expressa através de formulações.[3]

Onde poderá ela encontrar esse prestativo guia espiritual masculino, para assim poder formular seus próprios Mistérios Femininos? Mesmo se for capaz de encontrá-lo, sua experiência com o masculino fará com que fique desconfiada da idéia de segui-lo. Felizmente, parece que esse guia é inerente à psique feminina, assumindo a forma de um animus verdadeiramente positivo ou de um velho sábio nos sonhos da mulher. Este fato pode ser prontamente confirmado por analistas junguianos pelo mundo afora e por suas muitas pacientes que penetraram o suficiente no fundo de si mesmas.

Entretanto, para a mulher é extremamente difícil manter uma conexão positiva com este guia interior ou animus espiritual. Mesmo na análise, durante a qual o terapeuta costuma ser por ela sentido como encarnação desse princípio masculino compreensivo e tutelar, a mulher está sempre a perder sua conexão positiva. Isto se liga diretamente à ferida do incesto. Como já indiquei em outras passagens, uma das manifestações dessa ferida consiste no rompimento do recipiente espiritual que propicia a integração da sexualidade instintiva; ao invés de submeter-se e colocar-se a serviço de Eros, a sexualidade ou é reprimida, ou desenfreada. Em ambos os casos, ela interfere no desenvolvimento de Eros. Infelizmente, enquanto a mulher estiver envolvida com o analista no processo terapêutico, qualquer ruptura da conexão positiva que com ele estabeleceu tende a evocar um distúrbio correspondente no relacionamento com seu próprio guia espiritual interior. Isto significa que o processo será sempre interrompido, até que a sexualidade instintiva encontre seu próprio lugar no relacionamento — pois a conexão espiritual com o analista sempre ativa o problema irresolvido do incesto.

Agora já percorremos o círculo todo e voltamos à questão fundamental de uma mulher integrar sua sexualidade fálica impessoal, caso pretenda servir a Eros e permanecer leal a sua natureza básica. Eis o enigma: ela não pode integrar sua sexualidade impessoal enquanto não consegue estabelecer uma conexão com o princípio masculino e criativo de logos; e não pode manter essa conexão enquanto se sente culpada ou rejeita esse aspecto de sua sexualidade.

3. Esther Harding, *Woman's Mysteries*, New York, Pantheon, 1955, pág. 232.

O efeito do triângulo incestuoso consiste em forçar a menina a entrar num relacionamento inconsciente carregado de culpa com a mãe. Conseqüentemente, o princípio materno arquetípico que se forma no interior de sua psique é sentido como julgamento e condenação de seus ímpetos instintivos e espontâneos, particularmente a sexualidade — e não faz muita diferença se sua mãe verdadeira aparentemente aceita sua natureza. A mãe negativa, portanto, manifesta-se como uma voz interior que rejeita e julga tudo o que é natural e instintivo na mulher. A integração consciente da sexualidade instintiva só poderá ocorrer depois que a mulher tiver vivido a experiência de uma transformação da Mãe arquetípica. A partir de então, a mãe positiva traz Eros de volta à psique da mulher como princípio dominante.

Uma mulher, que tinha um sério problema maternal negativo, achava impossível permitir-se reviver lembranças sexuais de sua infância e adolescência. Durante meses e meses, sempre que a análise a aproximava dessa área, via-se tomada de uma ansiedade que beirava o pânico. Nenhuma garantia de minha parte parecia ajudar. Por fim, ela teve o seguinte sonho: "eu estava numa sessão de análise com o Dr. S. quando de repente sua esposa entrou na sala. Ela era uma mulher do tipo caloroso e maternal e gostei dela imediatamente. Ela só ficou por alguns minutos, depois de perguntar ao marido algo ligado a assuntos domésticos."

Este era um sonho importante. O aparecimento de um princípio maternal complacente poderia finalmente lhe propiciar a liberdade de falar de sua sexualidade reprimida e de aceitá-la emocionalmente. Foi o que de fato ocorreu na sessão seguinte: pela primeira vez, ela se sentia capaz de me revelar a sexualidade "suja" e "pecaminosa" de seu passado. Mais importante ainda, conseguiu enfrentar sozinha esse material cheio de pus. Depois disso, sonhou que um enorme abscesso no dedão do pé tinha vazado, voltando então o dedo ao normal. O simbolismo fálico ou dáctilo do dedão é bastante claro: é como se sua própria sexualidade fálica estivesse hipertrofiada e infeccionada devido à rejeição e à repressão. Anteriormente, esta mulher era capaz de falar de sexo adulto, mas nunca das experiências sexuais da infância e da adolescência, puramente sensuais e impessoais. Em seguida, ela teve um sonho no qual um velho e amável professor de música lhe dizia que ela tinha um talento natural para o violino e que agora ele estava pronto a ensiná-la. Esse professor é obviamente um guia espiritual interior que iria ajudá-la a manter conexão com os próprios sentimentos e a desenvolver a função de eros. A música, é claro, é um excelente símbolo da expressão dos sentimentos e emoções. O simbolismo do violino provavelmente enfatiza a necessidade de aprender a sintonizar-se e relacionar-se com os outros, como fazem as cordas.

Como o relacionamento com o pai verdadeiro desempenha papel tão importante na determinação do padrão adulto de relacionamento de uma mulher com os homens, seria bom explorarmos rapidamente a natureza do complexo paterno. A fixação paterna implica uma séria ausência de conexão entre mãe e pai e sugere que a anima do pai provavelmente foi projetada sobre a filha. Esta tende ou a submeter-se à projeção ou a resisti-la, apesar de raramente ocorrer apenas uma dessas possibilidades. De qualquer forma, geralmente prevalece um padrão, especialmente se a menina tiver irmãs. Como já indiquei, o triângulo incestuoso evoca a culpa, que normalmente resulta numa repressão dos sentimentos eróticos dirigidos ao pai. Entretanto, se o aspecto erótico do relacionamento for dominante, principalmente no caso de um contato sexual concreto, a conexão de afinidade espiritual entre pai e filha pode escorregar para o inconsciente, permanecendo consciente apenas a natureza sexual do relacionamento. Seja qual for o caso, em tal relacionamento ocorre uma cisão entre espírito e carne. O incesto implica uma total união de opostos, mente e corpo; enquanto um dos opostos for deixado de lado ou estiver cindido, haverá muito pouca culpa consciente.

A mulher com complexo paterno tende a desempenhar diante dos homens o mesmo papel a que se submetia diante do pai, sendo que os efeitos fragmentadores de tal fixação fazem com que para ela seja extremamente difícil colocar sua totalidade no relacionamento com um homem. Infelizmente, enquanto o princípio masculino arquetípico atuante no interior de sua própria alma não se transformar, ela tenderá a perpetuar indefinidamente o padrão habitual.

Uma análise em profundidade pode ocasionar mudanças notáveis no relacionamento de uma mulher com o masculino interior, o animus. Entretanto, a tarefa de estabelecer uma conexão positiva em geral parece não ter fim. Pode ser que ela atinja um bom relacionamento com um aspecto e logo em seguida se encontre mal com outro, pois o animus se divide em muitas formas diferentes, todas em contínua oposição mútua. Jung está empiricamente certo quando descreve o animus como algo múltiplo, apesar de se encontrar aí também um sintoma da cisão. Como na experiência da mulher o animus costuma aparecer como um conselho de juízes, como Jung sugeriu, talvez fosse correto acrescentar que cada uma dessas figuras tem uma visão diferente quanto ao certo e o errado.

Apesar de Jung ter sugerido que a anima é singular, empiricamente, no homem moderno, a anima também se encontra dividida, ainda que não tanto como o animus. A principal cisão da anima do homem moderno ocorre em relação aos aspectos espirituais e sensuais

do princípio feminino: a Santa Mãe Maria e a Deusa do amor erótico, Afrodite. O homem não poderá estabelecer uma conexão positiva com sua anima enquanto esta cisão não for reconciliada e sanada. O mesmo é válido para a mulher com respeito ao animus. Ainda que as mulheres apresentem na análise uma tendência a tratar separadamente cada manifestação do animus, essa multiplicidade de vozes críticas faz que elas se sintam constantemente abaladas. Alguma familiaridade com as manifestações do animus é essencial; mas creio que, enquanto não for unificado, este continuará a persegui-las e dissociá-las de sua natureza feminina.

O animus apresenta a mesma divisão central que afeta a anima, ou seja, entre a dimensão *espiritual* e a *sensual*. O animus espiritual traz em si os seguintes aspectos do princípio paterno: 1) o impulso de compreender e formular a natureza e o significado da existência humana; 2) o impulso de criar formas e ordem, com vistas ao desenvolvimento espiritual e a contínua humanização do homem; ou seja, esse princípio estabelece os valores éticos e morais de uma cultura, seus rituais, suas leis, e outras coisas do gênero; 3) o interesse pelo amor, fundamental ao desenvolvimento espiritual, expresso através da criação de formas capazes de promover sua humanização, como o casamento; e 4) a atitude de cultivo e respeito pela dignidade e liberdade da alma individual.

Além disso, o animus espiritual tem outras importantes funções, representadas pelos arquétipos de Irmão e Filho. O arquétipo do Filho é basicamente um princípio que fertiliza e renova o Pai e, por conseguinte, os valores culturais ultrapassados. Ele é curioso, explorador, imaginativo, brincalhão, ousado e explosivo. É um impulso que busca a auto-expressão espontânea, em contraste com o contemplativo e conservador princípio paterno. O arquétipo do Irmão traz em si o princípio de Eros, que deseja intimidade espiritual e conexão anímica com outrem. É difícil separar esse arquétipo de sua outra metade, a Irmã. O arquétipo Irmão-Irmã, ou arquétipo do Incesto, é em última análise responsável pela conexão anímica entre homem e mulher. A conexão da mulher a esse aspecto de seu animus é portanto fundamental; isso lhe tórna possível ter a experiência de sua totalidade num encontro de amor, de alma-para-alma com um homem. Aí temos, como uma coisa só, o arquétipo do Amor Romântico e do Casamento Real. O animus-Irmão e o animus-Amante são na verdade um só; a diferença é que o tabu contra a união é suspenso para o Amante. Descrevi, é claro, apenas as manifestações positivas do animus espiritual.

Talvez valesse a pena mencionar que os arquétipos de Pai e Filho são na verdade dois aspectos de uma totalidade; seria de fato mais correto falar do arquétipo Pai-Filho. O animus-Irmão é apenas metade do arquétipo Irmão-Irmã, o que sugere que a ligação positiva

de uma mulher com o princípio masculino deve ser mediada por sua conexão positiva com o animus-Irmão. O fato de tanto o Pai como o Filho e o Irmão fazerem parte das relações de parentesco da mulher revela a natureza incestuosa de sua conexão com o animus espiritual. A mulher que sofre de culpa e medo provocados por desejos incestuosos não-integrados só poderá estabelecer uma conexão positiva com o animus espiritual no momento em que sua ferida de incesto estiver quase fechada.

Por outro lado, o animus sensual contém as manifestações físicas do poder e da agressividade fálicos. Ele é *exógamo* e portanto abriga o medo e o fascínio provocados pelo Outro desconhecido. Como não se acha preso ao tabu do incesto, isto é, por não se realizar como Pai, Irmão ou Filho, oferece a possibilidade de abandono sem o perigo de cometer o terrível crime de incesto. O animus sensual é o reino dos deuses fálicos sombrios: Príapo, Dionisos e Hades. É Phallos quem deflagra o fluxo vital. Impessoal, desumano, cruel, ele é a fonte geradora de todos os desejos humanos, do mais elevado ao mais baixo: luxúria, paixão, exuberância, êxtase. Sem ele nos tornamos frios, áridos e murchos. Na ausência de uma conexão positiva com esse aspecto sensual do animus, a mulher tampouco pode ter uma relação *vital* com o animus espiritual. Uma das conseqüências da ferida do incesto é que a mulher inibe a sexualidade relativa ao animus-Irmão, só podendo ser excitada pelo animus sensual e impessoal.

Príapo exige da mulher obediência e serviço. Afrodite pode ser encarada como sua contrapartida feminina: deve ser servida e venerada por todos os homens que desejem os frutos de seu amor. Tem-se a impressão de que o animus espiritual, especialmente o arquétipo Pai-Filho, existe para servir e proteger a mulher; ao passo que Príapo, enquanto parte primordial do poder masculino, exige seu amor, devoção e serviço. Aparentemente, um dos erros mais freqüentes da mulher moderna com respeito ao animus consiste em empregar toda a sua energia para servir ou rebelar-se contra o arquétipo do Pai, enquanto Príapo é rejeitado ou usado de modo profano.

A mulher não conseguirá estabelecer uma relação criativa com o animus espiritual se não tiver uma conexão de amor e veneração com Phallos e com os poderes sensuais impessoais existentes em seu próprio ser. No relacionamento concreto com o homem, a devoção e o serviço a Príapo manifestam-se em sua atitude e seus sentimentos para com o pênis. A dificuldade está em que a mulher precisa da ajuda do animus espiritual para atingir uma conexão positiva e uma devoção a Phallos. Sua conexão com o animus espiritual deve ser mediada pelo arquétipo de Irmão-Irmã. Essa mediação torna-se impossível se a mulher — como ocorre com quase todas as mulheres modernas — sofrer os efeitos fragmentadores da ferida do incesto.

Portanto, em primeiro lugar devem ocorrer a cura dessa ferida e a conexão positiva com o arquétipo de Incesto. Entre outras coisas, a cura da ferida do incesto implica o surgimento de uma consciência cada vez mais ampla e a aceitação da própria sexualidade fálica que existe dentro dela. Esse fato começa a abrir um canal, através do qual poderão finalmente unir-se os deuses do mundo de cima e os de baixo — Apolo e Dionisos. Mas essa união só poderá ocorrer se ela for capaz de tornar-se uma devota servidora e adoradora de Dionisos; só então é que Apolo, o animus espiritual, poderá lhe dar a atenção, a proteção e a força espiritual de que precisa para satisfazer as necessidades de sua alma individual.

Quando um arquétipo se rompe, uma parte parece funcionar como impulso em direção à mudança e ao desenvolvimento, ao *Devir*, enquanto seu oposto visa a sobrevivência física e o prazer sensual, o *Ser*. Dependendo do braço do animus que agarrar a mulher, ela será impiedosamente levada a tornar-se algo distinto do que é, ou será compelida a rejeitar todos esses absurdos sobre desenvolvimento espiritual e consciência. Debatendo-se entre esses opostos, ela será criticada e se sentirá culpada e inadequada sempre que tentar respeitar seus sentimentos. Em seu relacionamento concreto com os homens, sentir-se-á alternativamente atraída ora por tipos predominantemente espirituais, ora por outros com uma dimensão física mais acentuada; mas com nenhum se sentirá adequada enquanto mulher, porque pelo menos um dos aspectos do animus estará sempre a criticá-la. Somente após a cura dessa cisão interna do princípio masculino é que poderá ver-se livre desse atropelo constante, passando a sentir o animus como uma força benevolente e não-julgadora, que protege a integridade de seu Ser e orienta o processo de seu Devir.

A voz crítica do animus pode vir de cima ou de baixo. De fato, parece que os deuses fálicos sombrios estão tratando a mulher moderna da pior forma, devido ao fato de se sentirem extremamente ofendidos por ela. E sabem muito bem onde atingi-la. Fazem com que se sinta suja e inadequada, ávida, lasciva, pecaminosa ou imoral com respeito à sua própria sexualidade; dizem-lhe que seu sexo cheira mal, que ela é uma prostituta, que nunca será capaz de fazer feliz um homem — e além de tudo, que suas idéias são todas estúpidas e insensatas. Esses deuses fálicos ainda rebaixam o intelecto da mulher e a humilham muito mais do que o animus espiritual.

Uma mulher em avançado estado psicótico ouvia vozes masculinas que vinham de cima e de baixo. As de cima diziam que ela era inteligente e virtuosa; as de baixo, que ela sentia como vozes de diabólicos anões, noite e dia gritavam-lhe obscenidades: "puta burra", "boceta imunda", "você trepa com seu pai", etc. De fato, na época de seu primeiro episódio psicótico esta mulher não fazia muitas

discriminações sexuais. Apesar disso, não conseguia aceitar sua própria luxúria e agressividade sexual, projetando nos homens a "sujeira do sexo".

A mulher moderna deve ter a aceitação plena e *alegre* do impulso sexual indomado e impessoal para depois ter condições de sacrificá-lo a um poder transformador mais elevado. Uma mulher que desde a infância sente culpa e vergonha de sua sexualidade instintiva deve antes de mais nada religar-se a esse aspecto fertilizador e revitalizador de sua natureza e submeter-se a ele conscientemente numa experiência irracional e impessoal. A atitude do analista face a essa necessidade pode ser crucial. Seja ele de tendência freudiana (compreendendo essas persistentes expressões de gratificação instintiva como desejos infantis reprimidos que deveriam ser conscientizados e finalmente sublimados, mais do que vividos) ou junguiana (encarando-os simbolicamente como expressões do desejo inconsciente de integridade psíquica), a mulher continuará a sentir-se culpada pelos sombrios impulsos de sua natureza não-redimida. Por outro lado, se puder sacrificar seu desejo de diferenciação e reconhecer as necessidades de energias instintivas expressas "como são", o analista passará a constelar o princípio maternal que aceita tudo o que é natural. Otto Rank descreveu isso muito bem: "uma aceitação que signifique não apenas um reconhecimento ou até mesmo uma admissão de nosso "primitivismo" básico, como sofisticadamente diriam nossos intelectuais mais típicos, mas uma real permissão para seu funcionamento dinâmico no comportamento humano, que sem ele não teria vitalidade alguma."[4]

Na Antiguidade, exigia-se que as mulheres tivessem experiências sexuais impessoais. Por exemplo, Heródoto escreve em sua história:

> *O pior costume da Babilônia é aquele que obriga todas as mulheres, uma vez na vida, a permanecerem no templo de Afrodite e manterem relações sexuais com um estranho; ...os estranhos passam e fazem sua escolha. Após atirar uma moeda, o homem deve dizer: "exijo-te em nome da deusa Milita", pois assim os assírios chamam Afrodite. Qualquer que seja o valor da moeda, a mulher não poderá recusá-la; isso seria ilícito, pois essa moeda é considerada sagrada. Ela vai com o primeiro que a lança e não rejeita nenhuma. Através da relação sexual ela cumpre seu dever para com a deusa, podendo então voltar para casa: a partir de então não poderá mais ser conquistada por presente algum,*

4. Otto Rank, *Beyond Psychology*, New York, Dover Publications, 1958, pág. 289.

por maior que seja... Em algumas regiões do Chipre existe um costume do mesmo tipo.[5]

O costume medieval segundo o qual a noiva devia passar sua primeira noite de casada com outro que não o marido — *jus primae noctis* — é uma variação desse antigo costume babilônico.

Apesar de nossa cultura tacitamente aceitar a necessidade de uma expressão mais livre da sexualidade da mulher, não existe nenhum ritual que lhe permita uma experiência plena da mesma, desprovida de culpa e humilhação. Além disso, a mulher não precisa tanto de uma expressão mais livre de sua sexualidade, mas antes de um ritual sagrado através do qual possa fazer oferenda desse aspecto de sua sexualidade à deusa. Na verdade, ela não pode servir ao princípio de Eros antes de se libertar do jugo de suas paixões. Em contraste com um ritual sagrado, as expressões profanas de sexualidade na mulher moderna não promovem a transformação de Eros de que necessita para manter uma relação de amor com um homem (e consigo mesma).

Um ritual como acreditamos terem possuído as mulheres primitivas e antigas é sem dúvida necessário para a mulher moderna. Se por um lado essa ferida acaba lhe permitindo um relacionamento positivo e amoroso com um homem, por outro torna-a dependente de um homem para completar-se. Ao oferecer aos deuses sua sexualidade fálica crua e indiferenciada, a mulher se torna mais feminina; mas com isso abandona a fonte de seu próprio poder fálico generativo. Portanto, para a individuação da mulher é fundamental que o retorno dessa sexualidade instintiva indiferenciada à consciência ocorra sob a forma de *representações mentais*. A mulher se encontrará constantemente presa entre os pólos opostos de seu próprio espírito masculino até que aprenda a auxiliar e cultivar a fonte sexual da imaginação masculina criativa.

Se, em seu desenvolvimento psicológico, a mulher não tiver ido além do sacrifício de sua sexualidade indiferenciada, um aspecto de seu animus continuará a fazê-la sentir-se culpada por impulsos espontâneos de seu ser que nada têm a ver com um relacionamento específico. Esse animus a atinge porque tem a capacidade de fazê-la sentir-se vulgar, fria e não-feminina sempre que procure seguir os movimentos de sua imaginação. Ela poderá, facilmente e com razão, associar qualquer impulso criativo não diretamente envolvido com um relacionamento humano à sexualidade suja, indiferenciada e não-relacionada; afinal, a atividade imaginativa e a inventividade são

5. Herodotus, *The Histories*, Vol. 1, New York, The Heritage Press, 1958, pág. 82.

prerrogativas masculinas, assim como o sexo sujo. *A mulher só poderá lidar adequadamente com as acusações do animus se for capaz de falar a mesma língua que ele.* Para tanto, ela tem que ter a mesma familiaridade com sua sexualidade fálica impessoal. Ela tem que ser tão livre quanto ele para permitir que as imagens sexuais penetrem na consciência. Quando puder aceitar esse tipo de sexualidade mental como sendo algo que pertence à sua natureza, a atitude do animus também mudará: ele deixará de exigir que seja sempre aberta, pronta para o relacionamento e o amor, começando a aceitar o fato de que ela pode ser imaginativamente criativa em outras áreas além do relacionamento humano a ainda assim ser feminina.

Toda essa questão pode ser encarada a partir de outra perspectiva. A atividade imaginativa fica obstruída se houver pensamentos ou imagens impedidos de penetrar na consciência. A preocupação prematura dos bebês e das crianças com as zonas erotogênicas e as imagens corporais já é um fenômeno bem observado. As restrições contra a gratificação imediata do instinto sexual que existe em todas as culturas — particularmente o tabu do incesto, da menstruação e da masturbação — tendem a canalizar parte da libido sexual para certas áreas mentais, dessa forma estimulando a atividade imaginativa. Essas restrições sexuais humanas são o principal responsável pelos processos mentais criativos típicos do ser humano. A mulher nunca poderá concretizar seu potencial criativo e sua individualidade se só deixar entrar em sua consciência a sexualidade relacionada.

PARTE IV

EROS

X. EROS E THANATOS

Originalmente, Freud acreditava que todos os instintos estavam a serviço de Eros ou do princípio do prazer. Porém, em 1920,[1] propôs uma nova dicotomia entre Eros e o instinto de morte. O objetivo de Eros é juntar, estabelecer unidades cada vez maiores e preservá-las. O objetivo do instinto de morte é desmanchar conexões, dessa forma destruindo as coisas. Segundo Freud, "podemos supor que o alvo final do instinto destrutivo é reduzir as coisas vivas a um estado inorgânico."[2] Sua teoria de um instinto de morte parece basear-se em grande parte na suposição de que os instintos são por natureza conservadores, e que "o estado alcançado por uma coisa viva, qualquer que seja, origina uma tendência a recuperá-lo, tão logo seja abandonado."[3] Mas quanto ao instinto de Eros, diz que "não somos capazes de aplicar essa fórmula a Eros, posto que seu objetivo é 'estabelecer unidades cada vez maiores'."[4]

O ponto de partida para essas novas reflexões sobre a teoria dos instintos era dado pela necessidade que Freud sentia de compreender melhor os motivos da resistência analítica.[5] Ele observava que no processo de transferência os pacientes repetiam todas as situações indesejadas e as emoções dolorosas do passado. "Eles procuram provocar interrupções do tratamento quando este ainda não se com-

1. Sigmund Freud, *Beyond the Pleasure Principle*, Standard Edition, XVIII, London, Hogarth Press, 1955.
2. Sigmund Freud, *An Outline of Psychoanalysis*, London, Hogarth Press, 1955, pág. 6.
3. *Ibid.*, pág. 5.
4. *Ibid.*, pág. 6.
5. Sigmund Freud, *New Introductory Lectures on Psychoanalysis*, Standard Edition, XIII, London, Hogarth Press, 1964, pág. 108.

pletou; procuram sentir-se mais uma vez desprezados, obrigando o médico a lhes falar de modo severo e a tratá-los friamente; descobrem objetos adequados a seu ciúme... Essas coisas não podem ter produzido prazer no passado, e pode-se supor que causariam menos desprazer hoje se emergissem como lembranças ou sonhos em vez de assumir a forma de novas experiências."[6] Com base no comportamento assumido na transferência e em histórias de vida de homens e mulheres, Freud concluía que "realmente existe na mente uma compulsão a repetir que anula o princípio do prazer."[7]

Freud achava que para o paciente era autodestrutivo resistir às tentativas do analista de ajudá-lo. Jung forneceu suficientes evidências para demonstrar que nem sempre é esse o caso, que a resistência analítica freqüentemente advém de saudáveis instintos de autoproteção.[8]

Minhas próprias investigações nessa área levaram-me a concluir que a necessidade fundamental da alma em qualquer relacionamento é o desejo de união com a outra pessoa. A resistência se desenvolve basicamente como resultado das frustrações que afetam essa necessidade. A verdadeira comunhão não é possível sem que ambas as partes se exponham. Isto significa que nenhum aspecto da alma pode ser rejeitado e que a totalidade do ser deve ser acolhida. A situação analítica constela essa necessidade de expor-se, mas o paciente continua a resistir até dar-se conta de que o analista pretende fazer o mesmo. Se o analista não reconhecer e aceitar sua própria necessidade de comunhão, será autodestrutivo para o paciente expor sua alma às distorções fragmentadoras do observador objetivo. A verdadeira natureza da alma só pode revelar-se na comunhão. Creio que a resistência terapêutica, particularmente na psicanálise, deriva em boa parte da insistência de que o analista matenha sua postura objetiva.

Ainda assim, faltaria explicar as tendências autodestrutivas tão óbvias em tanta gente — a compulsão a repetir padrões destrutivos de comportamento. Em minha experiência, os indivíduos com pouca capacidade de estabelecer relacionamentos íntimos tendem a ser afetados por persistentes padrões autodestrutivos de comportamento; isto sugere que há uma relação entre essas tendências e um distúrbio no desenvolvimento da função de Eros. Como este último e a humanização dos instintos animais caminham juntos, a autodestruição é quase sempre uma manifestação de instintos danificados. A idéia de que nossa natureza animal negligenciada e abusada possa

6. *Op. cit.*, Freud, ***Beyond the Pleasure Principle***, pág. 43.
7. *Ibid.*, pág. 46.
8. C. G. Jung, "Fundamental Questions of Psychoterapy", *Collected Works 16*, New York, Pantheon Books, 1954, parágr. 237.

voltar-se contra nós parece uma explicação bem mais significativa da autodestruição do que a teoria do instinto de morte.

Pode-se fazer ainda outra crítica à suposição de Freud de que o objetivo final do instinto de destruição é reduzir as coisas vivas a um estado inorgânico.

Esta concepção deriva de uma distorção materialista, a qual postula que a psique humana tem origem somática. A idéia de que o espírito humano é primordial e anterior ao soma enquanto princípio ativador e formador leva a conclusões diferentes. Ao invés de conceber mecanicamente o princípio vital como algo que se origina da matéria inorgânica e no fim retorna a esse estado original, o objetivo último da vida humana pode ser concebido como um desdobramento completo e uma encarnação original de um princípio espiritual. A morte é uma indicação de que o espírito ou alma atingiu a melhor expressão de seu impulso criativo num corpo particular. A morte não é a destruição dessa criação e a volta a um estado inorgânico. Não é a verdadeira alma que é enterrada mas o invólucro, a concha, que aos poucos assumiu a forma da alma. A morte não é mais que a troca de uma velha pele, para que a alma assim liberta possa reencarnar-se numa nova criação.

XI. A TRANSFORMAÇÃO DE EROS

As modernas teorias do instinto não têm uma explicação adequada para a capacidade que tem o homem de suportar conflitos com o objetivo específico de promover seu próprio desenvolvimento espiritual ou psicológico. Não há evidência alguma de que os animais possuam algo parecido com a capacidade humana de suportar a dor e o sofrimento e de abster-se da gratificação e do prazer. Nos animais pode ocorrer a repentina inibição ou o redirecionamento da descarga instintiva, mas isso dificilmente envolve a liberdade de escolha típica do ser humano. Até onde me é dado perceber, a capacidade de escolher entre descarga instintiva e abstenção ou inibição é uma característica exclusiva do homem.

Outro ponto fraco da teoria freudiana dos instintos, na minha opinião, é a concepção que faz daquilo que passou a ser chamado de instintos de Eros. Freud afirma, por exemplo, que esses instintos são regidos pelo princípio do prazer. Isso não se coaduna necessariamente com sua outra afirmação de que o objetivo de eros é "juntar e estabelecer unidades cada vez maiores." Neste caso, ele de fato se refere a um princípio ou processo criativo que busca a unificação dos opostos para formar um todo original. Os instintos regidos pelo princípio do prazer, dessa forma, teriam por alvo básico não atingir a união, mas proporcionar prazer e afastar a dor.

O desenvolvimento psicológico humano exige, entre outras coisas, a abstenção da gratificação instintiva e a capacidade de suportar o desprazer. Encarados sob o prisma do princípio do prazer, os instintos não apresentam nenhuma característica inerente capaz de explicar a constante necessidade humana de desenvolvimento psicológico criativo. A concepção freudiana de que os instintos são redirigidos ou sublimados por restrições culturais externas deixa sem

resposta uma questão vital: *qual seria o instinto ou impulso subjacente à necessidade humana de criar culturas que impõem restrições à gratificação animal-sensual?* Não seria mais significativo postular a existência de um instinto especificamente humano, destinado a promover a evolução da psique humana? Jung propôs a existência de um instinto de individuação de natureza religiosa ou espiritual, e pelo menos numa passagem denominou-o instinto criativo.[1]

Como Eros sempre esteve associado ao amor e ao inter-relacionamento humano, é lamentável que Freud tenha escolhido esse termo para referir-se às energias sexuais indiferenciadas regidas pelo princípio do prazer. Desejar algo mais que a simples descarga instintiva e a gratificação sensual no relacionamento humano é uma função do princípio criativo de união. Pelo menos nas relações humanas, devemos admitir uma identidade entre o instinto criativo e Eros. É claro que esse uso diferente do termo Eros, em certo sentido um pólo oposto ao princípio de prazer, traz alguma confusão. Talvez fosse melhor abandonar o termo; mas acredito que Eros deve ser recolocado em seu devido lugar como sendo a função de relacionamento humano criativo.

Uma teoria mais compreensiva do dinamismo da alma exigiria que se formulasse uma hipótese sobre a existência de pelo menos mais um instinto adicional para então se poder explicar as características peculiares do ser humano. A inclusão de um instinto criativo ou espiritual parece essencial para qualquer teoria dos instintos humanos. Além disso, uma formulação desse tipo estabelece o necessário vínculo com a antiga idéia de que a alma humana contém uma parcela exclusivamente espiritual e outra animal-sensual.

A compreensão e a resolução final da cisão entre mente e corpo do homem moderno exige uma exploração minuciosa do inter-relacionamento entre os aspectos sensual e espiritual da alma. Já sugeri que a natureza do instinto espiritual ou criativo, se não for idêntica, é similar à de Eros.[2] A partir desta formulação, Eros, ou o Princípio Criativo, constituiria uma parte da alma, sendo a outra formada pelos instintos regidos pelo Princípio do Prazer.

A suposição de que Eros e o Instinto Criativo sejam idênticos baseia-se num pressuposto adicional, ou seja, de que a criatividade é

1. C.G. Jung, "Psychological Factors in Human Behavior", *Collected Works 8*, New York, Pantheon Books, 1960, parágr. 245.

2. Ver James Hillman, "On Psychological Creativity", *in The Myth of Analysis*, Evanston, Northwestern University Press, 1972, para uma excelente discussão em reforço desta perspectiva.

função do princípio de união, através do qual os opostos se unem para criar novas totalidades. Eros e o Instinto Criativo confluem nesse impulso ou movimento em busca de união. A essência da criatividade, que pode manifestar-se tanto no relacionamento e no desenvolvimento humano como no trabalho criativo, é sempre o amor.

De início, a experiência do amor diz respeito a uma pessoa ou objeto externo. O trabalho criativo emerge a partir de um relacionamento com imagens interiores, pensamentos, idéias, sensações e sentimentos; em outras palavras, a partir de uma conexão ou união interior. Contudo, o princípio de união, ou seja, o amor, entendido como função ou experiência interior, é que é o responsável pela atividade verdadeiramente criativa. Portanto, o desenvolvimento da função de amor é de suprema importância para a ação e para a vida criativa. A atividade imaginativa da criança e sua expressão no ato de brincar, por exemplo, é em geral bloqueada quando há um distúrbio sério em sua conexão positiva com os outros.

Conforme estipula a teoria freudiana de desenvolvimento psico-social, a sexualidade se expressa muito mais como impulso de obter gratificação sensual e descarga do que como uma busca de união, pelo menos até ser atingido o estágio de sexualidade genital. Ocorre que os impulsos instintivos básicos só começam a promover a criação de novas totalidades e de unidades maiores depois de passarem por um processo de gradual transformação. Se não forem atingidos pelos poderes transformadores de Eros, esses instintos não têm possibilidade alguma de se humanizarem. Caso fosse o ser humano governado pelo princípio do prazer e não pelo princípio criativo, seu singular desenvolvimento psicológico e cultural não teria jamais ocorrido.

A criança vive em larga medida sob a égide do princípio do prazer. Gradualmente, com o auxílio da educação, da disciplina e do ritual, o instinto criativo emerge e põe em cheque a supremacia do princípio do prazer. Esse instinto se manifesta inicialmente na consciência e no interesse cada vez maiores da criança pelos efeitos de suas expressões espontâneas sobre os outros. O criativo inicialmente desponta na psique infantil como uma força arquetípica voltada para o relacionamento. Esta idéia torna-se mais significativa se encararmos o relacionamento como um movimento em busca de união ou comunhão. Enquanto o princípio do prazer sempre se expressa como desejo de descarga e gratificação, o princípio criativo se apresenta antes como um desejo de produzir uma forma original. *A união dos opostos, da qual nasce um desconhecido e misterioso terceiro, é a própria essência do criativo.* Essa qualidade transformadora da alma humana, além de configurar e constantemente alterar o mundo humano, transforma e muda o próprio homem.

Assim sendo, o desenvolvimento de Eros é determinado não tanto pelo grau de gratificação ou expressão instintiva básica permitido pela cultura (como Marcuse parece sustentar) [3], mas pela eficácia e pela viabilidade das formas sociais e dos rituais destinados a promover o desenvolvimento do instinto criativo.

A criatividade — pelo menos na cultura ocidental — é quase sempre identificada com obras criativas. O relacionamento humano e seus efeitos sobre o indivíduo têm sido encarados essencialmente como expressão, desenvolvimento e modificação natural de impulsos instintivos básicos. A razão e a consciência, por sua vez, costumam ser reconhecidas como dons especiais do homem, responsáveis por sua posição única na escala evolutiva como sendo a única criatura verdadeiramente criativa. O amor, ingrediente essencial para a conexão humana, não é considerado como atributo exclusivamente humano nem por cientistas, nem por teólogos. A razão e a consciência são tidas como algo *sui generis*, capaz de se desenvolver, expandir e transformar. O amor, porém, assim como o sexo e a fome, é concebido como um impulso cego e indiferenciado que só pode ser alterado se entrar em contato com a consciência racional. Como se sabe, a mente racional não é um guia especialmente digno de confiança nos relacionamentos humanos. Sua capacidade de promover a intimidade e a conexão com o outro é bastante reduzida; quando muito, ela funciona antes de mais nada como obstáculo. Como a razão e a consciência costumam ser identificadas comos os *únicos* instrumentos criativos concedidos ao homem, não é de admirar que a natureza essencialmente irracional da conexão humana não tenha sido reconhecida como *opus magnum* do instinto criativo.

O amor é antes de mais nada um movimento em busca de união. Talvez o amor seja *o* princípio de união e como tal é idêntico ao princípio criativo. Aqui chegamos ao cerne da questão. *Se amor e desejo criativo são a mesma coisa, então a conexão humana é sem dúvida fundamental para a criatividade.* Não se deve mais conceber o amor como algo cego, pois ele tem direção e visão.[4] Além disso, o amor tanto pode transformar-se como causar transformação. Estou convencido de que o próprio homem se encontra em contínuo processo de criação em conseqüência das transformações sofridas pelo instinto criativo (Amor).

O amor, esse grande movimento em busca da união, é o princípio transformador (ou instinto criativo) que ao transformar se transforma. Externamente, o amor flui para aproximar duas almas; internamente, para promover a totalidade unindo mente e corpo, natureza espiritual e animal. A conexão de amor com outra alma é uma coisa primária, enquanto força que inicia e mantém a união interior e a totalidade. Tal fato parece corresponder à afirmação de Buber de que "não se pode realmente amar a Deus sem amar os homens...", em oposição à noção de Kierkegaard de que, essencialmente, o homem só tem a ver com Deus. Buber contrapõe-se a essa concepção apoiando-se na noção assídica de que "não se pode essencialmente ter a ver com Deus sem essencialmente ter a ver com os homens." [5]

3. Herbert Marcuse, *Eros and Civilization*, New York, Vintage Books, 1962.

4. Rollo May, em seu excelente *Love and Will*, New York, W.W.Norton & Co., 1969, faz importantes contribuições para a compreensão da função de Eros no desenvolvimento humano. Ele fornece apoio para muitas de minhas concepções, incluindo a idéia de que Eros tem direção e propósito.

II

A alma, basicamente, não está em oposição ao corpo. Ela contém os instintos responsáveis pela saúde e sobrevivência deste, bem como o desejo criativo de contínua transformação através da união. O cuidado com o corpo (Ser) é em grande parte regulado pelo desejo instintivo de obter gratificação sensual e evitar a dor; mas o movimento que busca o desdobramento criativo (Devir) é regido e regulado pelo amor. Numa criança, assim como num animal, a alma se apresenta integral porque o instinto de amor, com toda a sua preocupação e interesse pelos outros, só emerge gradualmente. Não há conflito algum entre a necessidade de gratificação sensual imediata e a de amor. Porém, tão logo a criança comece a se preocupar com os efeitos que causa nos outros, sua alma é afetada por um conflito que tende a dividi-la. É em geral nesse ponto que ocorre a cisão entre mente e corpo — mas isso não é inevitável. O conflito, sim. Mas a solução deste está contida no instinto criativo, isto é, no amor. Em outros termos, o amor pode unir o impulso de gratificação sensual imediata e o desejo de um devir criativo. Para a criança é fundamental que as formas, os rituais e a estrutura social possam promover tal união; caso contrário, a cisão sensual/espiritual em sua alma se torna inevitável.

Este conflito entre espírito e carne, entre devir criativo e ser sensual, assim como sua solução através da união, contém a essência da transformação criativa do homem. Através desse processo, a alma continuamente se transforma e se renova. Seus conflitos nunca são resolvidos definitivamente e sua forma muda constantemente. E as soluções são sempre trazidas pelo amor. Entretanto, como já sugeri, o próprio amor está sempre se transformando, de modo que o amor que

5. Martin Buber, "Love of God and Love of Neighbor", *in Hasidism and Modern Man*, New York, Harper Torchbooks, 1958, pág. 283

unifi[illegible] conflito anímico da criança é qualitativamente diferente do amor de um adulto.

A idéia de que o amor se transforma provém da premissa básica referente à natureza e à substância da alma. Ou seja, a alma contém essencialmente duas partes: uma é o amor, que só deseja criar através do amor; outra é a sensualidade instintiva, que busca apenas a gratificação imediata e a ausência de dor. É no conflito entre os aspectos espiritual e sensual da alma e em sua repetida resolução pela união que se encontra a natureza do processo através do qual cada alma realiza e cumpre seu destino singular. Cada vez que essa união ocorre, ambos os aspectos da alma também se transformam. A parte do amor e a parte instintiva sensual não são mais as mesmas depois da verdadeira união.

Talvez se possa atingir maior compreensão da natureza desse fenômeno examinando a experiência do relacionamento analítico. Tanto Freud como Jung indicaram que a sublimação ou transformação dos instintos é um objetivo importante da análise, de modo que deveríamos encontrar evidências de que uma mudança fundamental ocorre na parte sensual da alma. Entretanto, que eu saiba, a idéia de que o próprio amor se transforma tem sido posta de lado pelo pensamento analítico, apesar de seus efeitos transformadores serem bem reconhecidos. Se minha perspectiva for correta, então qualquer transformação de nossa natureza instintiva básica deveria ser acompanhada por uma mudança fundamental em nossa natureza de amor. Contrariamente, se não houver evidência alguma de mudança em nossa natureza de amor, deveríamos desconfiar das evidências superficiais que poderiam sugerir uma mudança em nossa natureza animal-sensual.

O amor e a necessidade de descarga e gratificação instintiva podem se opor, mas só durante o estado de conflito, quando o amor atua como força de contenção. Entretanto, essa oposição não é real, pois o amor visa a gratificação sensual tanto quanto a realização espiritual. Com efeito, o fluxo do amor é sempre experimentado através da corrente sanguínea: uma experiência sensual muito calorosa e agradável, mais até, quantitativa e qualitativamente, do que a pura descarga instintiva. Não obstante, a necessidade de gratificação sensual desligada do amor não deve ser depreciada só porque este parece oferecer tanto mais. O amor também funciona para criar equilíbrio e harmonia entre os processos de Ser e Devir. Pode ser prejudicial à saúde física suportar uma demasiada privação sensual enquanto se espera, com todas as virtudes cristãs de humildade, dedicação e perseverança, que o amor resolva o conflito. Na verdade, a parte animal-sensual da alma deve ser tratada com o mesmo carinho e compreensão exigidos pela parte criativa-espiritual; caso contrário, essa parte se

volta contra nós e dificulta a união. Freqüentemente, é necessário submeter-se à sensualidade para liberar o fluxo de amor. Tal submissão pode ser o próprio ato de amar, cuja ausência impede a união dos opostos.

O que venho aqui fazendo, com efeito, é descrever outra área de conflito criada pelo amor. O reverso dos imperativos do amor consiste em suportar o conflito dos opostos. Talvez isso possa ser descrito como uma limitação imposta pelo amor sobre a própria limitação. Parece que o amor, apesar de ser um grande fluxo em busca de união, é também o grande instrumento de contenção e regulamento da alma humana. Comparada ao amor, a mente racional é um instrumento extremamente inadequado e inferior para regular o fluir e o refluir das energias humanas vitais; é muito tosca e generalizante, faltando-lhe conexão simpática e sensível com os sutis movimentos da alma no corpo vivo.

O amor, portanto, é tanto o Criador como a Inteligência Diretiva existentes na alma humana. Mas é também uma inteligência cambiante, em sintonia sensível com o momento vivo. Suas ordens nunca são fixas ou rígidas. Se num dado momento o amor exige a contenção da gratificação sensual, no momento seguinte pode desejar a submissão à sensualidade. O amor é completamente diferente do Logos do Velho Testamento. No entanto, contém igualmente um princípio de Logos, devido à sua função de contenção e limitação.* Como já indiquei, esta função regulatória do amor não é de modo algum uma força cega e tosca, como supõe o homem ocidental. O amor intransformado — amor em seu estado indiferenciado primordial — aparece de fato como uma força bruta. Mas no arquétipo do amor já se acha contida a inteligência que refreia e regula, a qual, sob condições culturais satisfatórias, em última instância acarreta sua própria transformação. O amor deve ser gradualmente humanizado para que por fim possa proteger tanto a saúde e a sobrevivência do corpo, como seu desabrochar criativo. Até que esteja completamente humanizado, o amor deve subjugar-se a outras formas regulatórias capazes de promover seu desenvolvimento e sua transformação.

III

O que ou quem é Eros? Será que é o mesmo que amor? Será o princípio do relacionamento psicológico, como sugeriu Jung? É masculino ou feminino? A evidência parece indicar sua natureza e sua representação masculina tanto na tradição ocidental como na orien-

* Ver a discussão de Eros/Logos no capítulo VIII.

tal. Quando Eros é concebido como masculino, o princípio de abertura, receptividade e reatividade é que é enfatizado. Enquanto Divindade masculina, torna-se um princípio muito mais ativo, expansivo, penetrante e, por conseguinte, fálico. Eros é ao mesmo tempo o *grande desbravador* e o *grande receptor* — de forma que sua verdadeira natureza é hermafrodita. Contudo, ele se revela mais claramente em suas manifestações ativas e extrovertidas, o que explica suas representações predominantemente masculinas.

Antes de mais nada, Eros parece funcionar como mediador entre o Divino e o humano.[6] Se não fosse Eros, o homem não teria escolha no que se refere à sua vida. Somente através de Eros, enquanto intermediário, é que o homem pode estabelecer um relacionamento individual com o Divino. Eros permite que o homem se refreie e diga não ao influxo numinoso dos Deuses sem com isso romper a comunhão. Em contraste, a mente racional fica possuída quando um poder divino como o Amor penetra na alma. Sem Eros, a mente racional vê-se obliterada pela confrontação direta com o Divino, ou então se dissocia do corpo e bloqueia todas as sensações e sentimentos.

Eros, enquanto função intermediária, deve também se transformar, à medida que a alma evolui. Nesse sentido, é possível falar de uma infância de Eros. Em seu estado não desenvolvido ele essencialmente só diz sim, entregando-se às ordens Divinas sem qualquer questionamento. Somente à medida que amadurece é que Eros começa a tornar-se um guia seguro para regular o fluir e refluir dos Poderes que dão vida e significado à existência humana. Em face de experiências contrárias ao desenvolvimento, o indivíduo tende a usar sua mente racional como inteligência diretiva; afora isso, vive inconscientemente, completamente à mercê das forças vitais primitivas.

A idéia de que Deus ou os Deuses mudam parece questionável. Não são manifestações de Deus as grandes forças naturais, eternas e imutáveis? Seriam hoje as forças cósmicas menos aterradoras e mais humanas do que sempre o foram? Creio que não. Somente o relacionamento do homem com os Deuses é que muda.[7] Qualquer aparência de mudança na Divindade é uma ilusão, resultado direto das atitudes cambiáveis do homem em seu relacionamento com Ela. O amor é um Deus ou uma Deusa. Enquanto tal, é uma forma elementar eterna e imutável. Sempre que atinge o homem, esse Grande Poder deve penetrar em sua alma como se fosse pela primeira vez e de Eros receber uma conformação humana.

6. Platão, *Symposium*, 203A. Para ulterior discussão de Eros enquanto figura da *metaxy* ou região intermediária, ver Hillman, *op.cit.*

7. Cf. a concepção de Jung sobre o tema *in* "Answer to Job", *Collected Works 11*, New York, Pantheon, Books, 1958.

O amor é a grande matriz da qual Eros nasce e emerge, do mesmo modo como o Eros grego é filho da Deusa do Amor. Assim sendo, o amor é elementar. Se compreendermos o amor como sendo simplesmente aquela enorme força vital que nos move em direção à união e fusão com outrem, estaremos descrevendo um aspecto vital da natureza de Eros. Se, além disso, entendermos que o amor é o responsável por nossa adoração e devoção por outrem, estaremos igualmente descrevendo Eros. Mas não há dúvida de que o amor sem Eros é volúvel e promíscuo. O amor não é substância que une duas pessoas permanentemente. Ele é um espírito livre que não se compromete com o particular e o único, pois busca sempre a união com tudo o que há na vida. O amor não é mais capaz do que a razão de cultivar um relacionamento humano. Sem Eros, o amor é tão impessoal e em última instância tão destrutivo para a conexão humana como Logos sem Eros. Portanto, Eros deve ser compreendido como sendo o guardião e o protetor da conexão e do amor humano. Uma diferença fundamental entre ambos é que Eros deseja o desenvolvimento criativo de um relacionamento particular muito mais do que deseja a própria união. O amor é o ingrediente básico. Mas Eros é o recipiente transformador.

Eros, quando ativo, visa sempre a conexão e a união com a alma de outrem. É neste ponto que poderia parecer idêntico ao amor, exceto pelo fato de não se expressar sempre de modo muito amável. Eros ativo é suficientemente livre para se expressar através da gama inteira de emoções e reações humanas, mas sempre como resposta única e exclusiva ao outro e a partir de um desejo de proximidade. Ele exige que superemos o medo de ferir o outro e que confiemos na expressão e nas reações espontâneas de nosso próprio ser em relação aos outros. Eros ativo fica obstruído quando uma pessoa se preocupa em proteger a outra dos possíveis ferimentos que uma reação espontânea sua eventualmente pudesse causar. Na relação analítica, por exemplo, o fardo da responsabilidade terapêutica pode tornar-se um obstáculo para Eros. Para que Eros fique totalmente livre para se exprimir, deve haver um sentimento de igualdade, sem que um se sinta responsável pelo bem-estar do outro.

Até aqui temos examinado Eros em suas manifestações ativas e extrovertidas, no seu dar; mas, inerentemente, existe também um forte contramovimento. A função protetiva de Eros é contida por esta onda ou diástole, a qual é sentida como uma força que refreia ou inibe. Infelizmente, esta retração do fluxo de Eros é em geral sentida como coisa negativa ou má; em lugar de respeitar e agradecer a Eros por essa sua ação regulatória, procuramos desesperadamente superá-la. Sócrates, por exemplo, reconhecia que seu demônio pessoal era Eros, prestando especial atenção à sua ação inibitória. Em vista disso,

confiou em sua decisão de ingerir a letal cicuta porque seu demônio (Eros) não lhe pareceu de modo algum opor-se.[8]

Eros não tem necessidade alguma de se expressar através de ações violentas; é somente quando não damos ouvido ao ritmo de seu fluir e refluir que cai sobre nós com sua espada. D. H. Lawrence, ao descrever a reação de Sir Clifford no momento em que é informado da relação de Connie com Mellors, nos oferece um penetrante vislumbre do que ocorre quando se ignora os presságios de Eros:

> *Por dentro, Clifford não ficou surpreso ao receber essa carta. Interiormente, ele já sabia de há muito que ela o estava abandonando. Mas se recusava terminantemente a admiti-lo no plano externo. Portanto, externamente, a notícia foi recebida como se fosse um choque e um terrível golpe...*
> *E é assim que somos. Pela força da vontade, dissociamos nosso conhecimento intuitivo da consciência admitida. Isso causa um tal estado de medo e apreensão que o golpe, quando ocorre, fica dez vezes pior.*[9]

O mau relacionamento com a função inibidora de Eros se manifesta de forma extremamente viva e imediata em nossas relações sexuais. Se dermos atenção a nossas culpas e medos, ansiedades, falta ou perda de desejo, impotência ou incapacidade de atingir o orgasmo, a conexão não se romperá. Por exemplo, a mulher que tem uma conexão sólida com seu Eros não irá se sentir inadequada, culpada ou ressentida com o marido se porventura não conseguir reagir às iniciativas sexuais dele. Na mais clara das linguagens, Eros lhe diz que uma união física não é possível naquele dado momento.

Você dirá: "é claro, mas que coisa óbvia, diga algo que eu não saiba!" Bem, por que você não acrescenta: "na verdade ele não me quer, ele não tem nenhuma conexão pessoal comigo, ele apenas quer satisfazer seu desejo sexual; se ele realmente me quisesse, eu teria reações." E por que você não põe para fora todos esses anos de ressentimento para com ele, que nunca teve nem sentimentos nem respeito por você, que nunca teve uma paixão verdadeira, que se comporta sexualmente de forma tão desligada, impessoal e masturbatória? E por que, de lambugem, você não menciona o conhecido fato de que os homens buscam antes de mais nada o sexo com uma mulher, não dando a mínima bola para o relacionamento? Não é *isso*, porém, o que

8. Platão, *Apology*, 40D.
9. D.H. Lawrence, *Lady Chatterley's Lover*, New York, Grove Press, 1959, pág. 348.

Eros tentava dizer-lhe quando a inibiu e conteve. Eros não é nunca crítico ou ressentido para com o ímpeto fálico impessoal, ainda que dele possa afastar-se. Eros deseja promover a união entre duas almas individuais e não é destruído pelas forças impessoais que a tornam impossível. Eros nunca se desliga do desejo de união com o outro; ainda que possa se afastar do ímpeto desumano do impessoal, ele o envolve mesmo quando se contém. Nesse abraçar que refreia, Eros expressa uma relação muito quente, humana e pessoal para com o outro — e isso com um imediato efeito humanizador sobre o arquétipo ou instinto impessoal que ameaça romper a conexão.

Uma mulher que se sentia ameaçada pelo Logos impessoal do marido, não conseguindo reagir sexualmente a ele, teve o seguinte sonho:

> *Eu estava num quarto e um homem monstruoso e ameaçador vinha em minha direção. Minha avó estava por trás e me mandava fugir e me esconder ou então atacá-lo com uma barra de ferro. Mais de perto, ele me lembrava um pouco meu marido. De repente, agarrei suas mãos e começamos a dançar pelo quarto com os braços erguidos. O medo que eu sentia foi passando enquanto a gente dançava. Parecia que ele se tornava mais suave. Minha avó continuava gritando que eu devia matá-lo, mas eu procurava não lhe dar ouvidos. Fui aos poucos perdendo o medo e ele parecia tornar-se mais humano quando eu o olhava nos olhos. Já não sentia mais nem repulsa, nem medo. Na verdade, estava a ponto de beijá-lo quando acordei.*

A idéia do "abraço que refreia" descreve bastante bem o modo como Eros funciona para proteger uma pessoa da destrutividade potencial das forças arquetípicas e instintivas impessoais.

IV

Sem a conexão humana, a transformação dos instintos básicos e sua internalização através de um processo de progressiva união com Eros não tem a menor condição de ocorrer. Gradualmente, os apetites físicos-sensuais se alteram e perdem parte de sua compulsividade demoníaca. O instinto criativo também tem uma qualidade demoníaca, devendo igualmente ser humanizado através de sua progressiva união com a parcela animal-sensual da alma, ou, em outros termos, através do processo evolutivo de encarnação nos centros inferiores da consciência corporal.

O amor erótico, por exemplo, é uma das mais poderosas experiências que o homem pode ter. Em seu estado intransformado, esse amor combina toda a compulsividade dos apetites sensuais com a ânsia demoníaca de criatividade. São bem conhecidas as potencialidades destrutivas do ímpeto criativo. O amor erótico é irresistivelmente compulsivo e demoníaco, não só por ser expressão do desejo e da paixão sexual, mas por ligar-se a uma expressão primordial do instinto criativo.

Quando prevalecem as poderosas emoções do amor erótico, quase não se percebe a função restritiva de Eros. Assim sendo, quando duas pessoas se entregam ao erotismo puro e simples, sem dar suficiente atenção ao relacionamento, talvez o princípio do prazer seja gratificado; mas a conexão humana não tem chance alguma de se desenvolver. Para funcionar de modo criativo, Eros primitivo — assim como a sexualidade primitiva — devem se transformar.

Se a função restritiva em Eros primitivo não se desenvolveu, este não merece mais confiança, enquanto guia, do que o instinto sexual. De que forma, então, se dá o desenvolvimento de Eros, para que este possa funcionar como o princípio transformador que de fato é? Parece que uma coisa é indispensável: a noção, através da experiência, do caráter destrutivo que pode assumir a entrega irrestrita ao amor erótico. Talvez Eros possa começar a manifestar alguma contenção depois de já ter o indivíduo acumulado suficientes experiências desse tipo. Creio, porém, que será mais fácil achar a resposta examinando alguns dos fatores culturais que atuam na humanização de uma criança, especialmente numa sociedade razoavelmente sadia. A imposição de limites externos e restrições parece ser necessária para o desenvolvimento da criança. Na minha opinião, o mesmo vale para a "infância de Eros".

A restrição externa é necessária enquanto Eros se apresentar como o "poderoso demônio" incapaz de dizer "não" a Afrodite. Até que Eros esteja suficientemente humanizado, pode-se dizer o mesmo com respeito aos instintos sensuais. Assim sendo, a criança precisa de restrições culturais e familiares até que seus instintos básicos e seu instinto criativo tenham se transformado o suficiente. A criança só poderá assumir a responsabilidade de cuidar de sua própria alma a partir do momento em que a função restritiva de Eros for percebida como força interior positiva e criativa, e não como força externa, protetora ou opressiva, ligada à imagem dos pais. Somente quando Eros é firmemente internalizado e sentido como um instrumento seguro para orientar as atividades da alma é que um relacionamento *consolidado* e verdadeiramente criativo se torna possível.

V

A análise revela claramente as feridas do amor. Pode-se descrevê-las como experiências em que a pessoa se sente desiludida e traída por Eros, começando com as dilacerantes experiências originais com os próprios pais. Por essa razão, o paciente sente que não pode confiar em Eros. A análise deve ser capaz de redimir Eros e restabelecer a conexão e a confiança que nele deve ter o analisando. Se este voltar a sentir-se traído por Eros, o trabalho todo e o desenvolvimento da análise poderão ser prejudicados. Eros nunca trai quando é internalizado, ou seja, humanizado. Por essa razão, o amor só é sentido como traição quando dependemos de outra pessoa para nos mantermos em conexão com ele. Teu amor não me trairá jamais se eu tiver uma firme conexão com meu próprio amor, pois ele tomará conta de mim. Aquele que é traído por quem ama não conhece Eros.

Qual seria a natureza das formas e rituais de que necessita o homem para assegurar que o amor erótico se transforme num relacionamento criativo? Se pudermos apreender tanto o padrão como o mito desse processo, poderemos vislumbrar um modelo psicoterapêutico mais completo, ao lado de novos modelos culturais para promover o desenvolvimento de Eros.

Examinemos em primeiro lugar a infância. A paixão intensa e arrebatadora do amor erótico só pode ser sentida pela criança quando esta tiver atingido a maturidade sexual. Em grande medida, a criança vive sob a égide do princípio do prazer e da necessidade de gratificação e descarga sensual — mas isso não é o mesmo que amor erótico. Na criança, a sexualidade instintiva pura não se fixa com firmeza numa pessoa ou objeto. Eros, por outro lado, apresenta esse tipo de fixação — e quando associado à sexualidade instintiva, como ocorre no amor erótico, só se satisfaz realmente em relação ao objeto de seu amor.

A emoção do amor começa a emergir e a se desenvolver muito cedo, a despeito do fato de que o princípio do prazer domina a vida infantil. Entretanto, o amor não exerce sobre a criança o mesmo poder nem lhe faz as mesmas exigências compulsivas, como ocorre com sua natureza instintiva e sensual. Somente na experiência do amor erótico é que pela primeira vez se revela o poder demoníaco do instinto criativo. Talvez seja essa também a primeira experiência da unidade essencial dos dois grandes poderes responsáveis pela vida, pela vida e pelo desenvolvimento da natureza física e espiritual do homem.

Duas coisas são necessárias para que ocorra a experiência do amor erótico. De um lado, a natureza sexual da criança deve estar

suficientemente desenvolvida; de outro, a consciência da necessidade de intimidade espiritual com outrem já deve ter se configurado em sua psique. Isso não ocorre automaticamente e simplesmente não ocorrerá se houver qualquer distúrbio sério no desenvolvimento sexual da criança e na sua conexão afetiva com os outros, visto serem ambos aspectos inseparáveis. Nos dias que correm, é bastante comum encontrar adultos que não sentiram nunca a paixão e o desejo arrasador do amor erótico, o que por certo indica um grave distúrbio no desenvolvimento psico-sexual. Devemos examinar alguns dos fatores necessários à experiência do amor erótico para poder compreender como este se transforma num relacionamento criativo; e tenho a impressão de que ambos os aspectos estão inter-relacionados.

O desenvolvimento sexual sadio de uma criança depende antes de mais nada da existência de regulamentos externos adequados. Entretanto, essas limitações exteriores devem permitir que os instintos básicos se expressem suficientemente e alcancem a descarga direta. O sucesso desse delicado equilíbrio entre a expressão espontânea das necessidades instintivas e a contenção depende do estágio de desenvolvimento do Eros cultural. Acompanhando os regulamentos aplicados à descarga instintiva, o Eros cultural deve criar formas e rituais que promovam a santificação do corpo e o mistério da conexão humana. Isto significa que o arquétipo de união, o Casamento Celestial, deve ser sentido pela criança em sua encarnação no casamento humano. Os rituais e normas que cercam o tabu do incesto determinam em boa medida a direção que tomará essa experiência fundamental do princípio de Eros.

Assim sendo, a criança só se encontra psicologicamente preparada para abrir-se a uma paixão intensa de amor erótico quando sentir necessidade de intimidade espiritual com outrem e puder explorar as vicissitudes de seu instinto sexual. Isso requer certa dose de internalização de Eros mas ainda não é a forma estável e humanizada necessária para sustentar um relacionamento criativo prolongado. No amor erótico, o verdadeiro poder e a potência de Eros são primeiramente sentidos em sua forma demoníaca e ainda insuficientemente humanizada. Entretanto, a capacidade de ter a experiência do amor erótico indica que já ocorreu boa dose de internalização. A alma está então pronta para participar da transformação crucial de Eros, que passará a ser uma função humana verdadeiramente criativa.

O caminho para a plena internalização de Eros se abre no momento em que a alma é capaz de suportar o calor e a paixão do amor erótico. Nossa cultura não dispõe das formas e rituais necessários para tal desenvolvimento de Eros; em conseqüência, muitos buscam na análise a cura das feridas que esse problema cria. Procurarei descrever a natureza desse processo curativo e o modo como se configura no ritual analítico.

Mas antes disso, é bom ter em mente os requisitos básicos de uma cultura sadia e centrada em Eros. Fundamentalmente, esta deve permitir que a criança aceite de modo integral sua vida instintiva à medida que esta desponta na consciência, sem necessidade de culpa ou repressão. As formas sociais, os rituais e os costumes de tal cultura devem possibilitar suficiente expressão espontânea das necessidades instintivas e dispor de restrições e limitações claramente definidas. Isto promove a transformação dos instintos sensuais básicos e de Eros, criando dessa forma condições adequadas para que a criança desenvolva sua capacidade de entrar em conexões humanas criativas. *Essa cultura não deve de forma alguma ser repressiva.*

XII. EROS E O RITUAL ANALÍTICO

O ritual psicanalítico, acima de tudo, visa criar um ambiente terapêutico anti-repressivo (veremos adiante se esse alvo é ou não atingido). O objetivo fundamental do modelo analítico é a criação de uma forma que permita ao paciente completa liberdade de exprimir verbalmente todos os pensamentos, sentimentos e emoções desprezados, reprimidos, difamados e carregados de culpa. Ao lado dessa liberdade, certas limitações bastante concretas e estritas foram desde cedo introduzidas por Freud. Podemos resumi-las da seguinte forma:

1) Um tabu contra o envolvimento emocional do analista — *o paciente deve aceitar o fato de que o analista não terá reações pessoais e espontâneas, funcionando basicamente como observador objetivo porém simpático que oferece ao paciente o benefício de seu conhecimento racional e de sua compreensão.*
2) Um tabu contra a expressão físico-sensual - *o paciente deve concordar em limitar a expressão de seu ser a formas verbais ou gestos físicos que não envolvam contato físico com o analista.*
3) Tempo e lugar — *o paciente deve concordar em encontrar-se com o analista apenas no consultório e por tempo e periodicidade determinados.*
4) Dinheiro — *o paciente deve concordar em pagar prontamente determinada quantia.*

Esse modelo dá a impressão de incorporar aquele tipo de liberdade e contenção não-repressiva essenciais, como sugeri, para uma cultura centrada em Eros. Não questionaremos, por enquanto, até que ponto essa forma é adequada, visto que estamos tentando estabelecer a natureza do padrão arquetípico.

O fato de que o relacionamento humano é condição *sine qua non* para o desenvolvimento psicológico levou Freud a perceber que o assim chamado fenômeno de transferência era o alfa e o ômega da psicanálise. O relacionamento humano, expresso sob a forma de transferência e contratransferência, tornou-se dessa forma o foco central de sua obra. Entretanto, existe sem dúvida uma estranha distorção da conexão humana na exigência de que uma parte mantenha uma distância objetiva de qualquer envolvimento pessoal ou emocional, enquanto a outra é estimulada a ficar completamente envolvida e enredada emocionalmente. Dificilmente pode-se chamar de humana essa situação. Que eu saiba, ela não tem nenhum precedente histórico, a não ser enquanto manifestação ou encarnação do relacionamento conturbado e distorcido entre pais e filhos ou professor e aluno. Talvez essa própria dificuldade de sentir uma comunhão verdadeiramente humana acabe por constelar o alvo terapêutico: ou seja, a experiência emocional e a tomada de consciência dos reveses da luta negativa e fútil da alma para estabelecer uma conexão humana. Através dessas experiências emocionais e mentais, uma certa dose de energia é liberada e colocada à disposição do ego. Esta energia, quando acoplada a um crescente conhecimento das forças inconscientes destrutivas que interferem nas relações humanas, *aumenta a força e a capacidade do ego de controlar e regular a direção da vida instintiva emocional.* Bem, isso se for aceita a orientação de ego da *Weltanschaaung* psicanalítica.

Esta tentativa de descrever a estrutura do modelo psicanalítico não lhe faz justiça devido a sua brevidade, mas me parece suficientemente acurada para os objetivos desta discussão. Ela mostra que o alvo é o controle criativo da vida instintiva-emocional, especialmente no relacionamento humano; e que esse alvo é atingido trabalhando-se o relacionamento entre analista e paciente. Assim, o alvo e o caminho se ligam ao relacionamento humano. A estrutura visa criar a possibilidade de uma boa dose de liberdade de expressão (para o analisando), ao lado de limitações claramente definidas. A questão que se coloca é saber se a psicanálise atinge seu alvo com esse modelo. Será que ela é capaz disso? E ainda mais: será que esse objetivo é idêntico ao nosso, referente ao relacionamento psicologicamente criativo através da internalização de Eros?

Já sugeri que a experiência do amor erótico talvez seja a primeira experiência que se tem da união dos aspectos sensual e criativo de nossa natureza: expressão simultânea de união interior e de um movimento em busca da união com outrem. Por essa razão, talvez seja uma metáfora para um relacionamento criativo. A freqüência com que ocorrem transferências eróticas com pacientes do sexo feminino levou o gênio de Freud a perceber que isso constituía um aspecto central do

processo. O ritual psicanalítico, pelo menos para a mulher, passou a referir-se em boa parte ao embate travado por esta com a instabilidade de seus sentimentos frustrados e ambivalentes para com o analista. Talvez não seja correto tomar o amor erótico como modelo do relacionamento criativo, a não ser que ambos os parceiros estejam tomados por essa poderosa ânsia de união física e espiritual. Nesse caso, o modelo de "apaixonar-se" ou "estar apaixonado" descreveria melhor essa condição. Como só o paciente pode apaixonar-se pelo analista, o que se constela na situação psicanalítica é a potencialidade de uma conexão verdadeiramente humana, mais do que sua realização.

O objetivo da psicanálise não é de forma alguma idêntico ao nosso, pois lhe falta a possibilidade de um relacionamento mútuo psicologicamente criativo. Mas devemos ainda examinar se aquela consegue estabelecer um controle criativo da vida instintiva-emocional, especialmente no relacionamento humano. Creio que a resposta depende em boa parte de nosso conceito de "controle criativo". A orientação filosófica e metafísica da psicanálise coloca a consciência do ego (ou a mente racional) no centro de seu sistema regulatório. A experiência educativa da psicanálise amplia a consciência do ego, capacitando-o dessa forma a permitir a entrada de uma gama muito mais ampla de sentimentos e emoções em seu campo de consciência, sem precisar recorrer ao mecanismo protetor da repressão. A maior contribuição da psicanálise para aumentar a capacidade do ego de tratar da vida instintiva-emocional reprimida consiste em substituir o conceito judeu-cristão de pecado, com toda a sua carga de repressão e culpa, por um conceito novo e liberador: os pensamentos e desejos "maus" já não são mais pecados aos olhos de Deus. A *Weltanschaaung* psicanalítica transformou o conceito bíblico de pecado numa virtude. Ser capaz de pensar, sentir e expressar verbalmente os aspectos piores e mais negativos de nosso ser é estar no caminho da saúde e da felicidade. Permitir que aquilo que está reprimido retorne à consciência é bom; evitar a tentação do mal não é. O mal faz parte da mente racional, podendo elevar-se de suas raízes emocionais e físicas e tornar-se um fenômeno mental. Mas reagir diretamente à nossa natureza animal-sensual — agir de fato — já isso é um pecado freudiano tanto quanto uma transgressão judeu-cristã. Em outros termos, o controle da vida instintiva-emocional é atingido através de sua transformação em imagens e conceitos mentais. Assim, se desejo a mulher do vizinho, já não preciso reprimir isso e sofrer a paralisia de uma sensação neurótica de culpa. Posso pensar o quanto quiser sobre meus desejos e até mesmo transformá-los em algum trabalho criativo. Meu ego descobriu um modo de controlar e regular as exigências sensuais do princípio do prazer. Atingiu aquele mesmo nível de dis-

tanciamento e objetividade que meu analista me exibia com tanta eficiência. Agora meu ego é capaz de conter e refrear qualquer expressão espontânea de meu ser que pudesse me envolver e me enredar de forma irracional ou "excessiva" com outro ser humano. Já não preciso mais temer que meu ego possa ser destronado pelo sangue quente de minha natureza animal-sensual. Aprendi a ser esperto e a ter a cuca fresca, como meu analista. Estou livre de meus sintomas neuróticos e de minha culpa. Mas será que esse controle do ego é realmente criativo? Será que é capaz de promover o processo de internalização de Eros? Será que ele me aproximou da possibilidade de ter um relacionamento criativo? Ocorreu de fato uma transformação e uma humanização de minha natureza animal-sensual? Será que o que se quer dizer com internalização é a passagem de instinto para (usando a terminologia junguiana) idéia ou imagem arquetípica?

II

Iniciaremos esta parte tentando traçar algumas conclusões preliminares com respeito às duas últimas questões. A representação psíquica do instinto, sob a forma de idéia ou imagem, é um passo essencial do processo de internalização. Trata-se porém de um movimento ascensional, de uma separação da natureza físico-sensual da alma. A internalização plena somente ocorre quando a representação mental volta a unir-se ao instinto nos centros da consciência corpórea. Assim sendo, é necessária uma descida ou volta ao corpo. Creio que Jung tentava descrever esse processo quando se referiu à *unio mentalis* e ao *unus mundus*.[1] Não podendo completar-se, esse processo de transformação aumenta a alienação do homem com respeito a suas raízes instintivas. Sua personalidade torna-se cada vez mais estreita ao invés de desabrochar, devido à obstrução do processo de união entre o princípio Criativo (Eros) e o princípio do Prazer. Procurarei descrever as diferenças entre esses dois estágios de transformação.

Se sinto atração pela mulher do vizinho, por exemplo, minha *Weltanschaaung* psicanalítica me permite dar vasão ao desejo nas imagens de minha fantasia, sem que eu sinta a culpa e o medo que sentiria se ainda estivesse sob o domínio do conceito judeu-cristão de pecado. No entanto, não é nada fácil focalizar as imagens quando estou diante dessa mulher, porque minhas emoções estão intimamente ligadas ao instinto sexual, o qual exige imediata gratificação através do contato físico com a mulher real. Eu só conseguiria fazê-lo se meu

1. C.G. Jung, "Mysterium Coniunctionis", *Collected Works 14*, New York, Pantheon Books, 1963.

ego pudesse dissociar-se do instinto carregado de emoção e voltar-se para dentro, focalizando apenas as representações psíquicas. É claro que isso me afasta de qualquer conexão real com a mulher do vizinho. Se estou só, não há tanto perigo em deixar que alguma emoção instintiva penetre em minha consciência junto com as imagens. O instinto pode fazer com que eu me masturbe e nesse caso não causo mal a ninguém. Ou então, com um pouco mais de criatividade, talvez consiga estabelecer um relacionamento mais ativo com minhas fantasias (imaginação ativa) e assim conhecer e compreender melhor o significado simbólico contido em meus desejos ilícitos. Isso poderá reduzir a poderosa necessidade instintiva de descarga física devido ao processo de simbolização ou sublimação. Entretanto, não sou levado a uma conexão mais íntima com a mulher do vizinho; quando muito, mantenho agora ainda mais distância dela. Minha libido agora se prende ao equivalente simbólico do instinto.

Freud sustentava que essa sublimação do instinto sexual é responsável pela cultura e pelo trabalho criativo. Essa hipótese contém sem dúvida uma profunda verdade. Hillman, num excelente ensaio sobre a inibição à masturbação,[2] sugeriu que o tabu contra a masturbação é arquetípico, e que ao impedir a descarga imediata do instinto sexual ele estimula a atividade de imaginação criativa. Isso se aproxima bastante da concepção freudiana de sublimação.

É preciso remover, destiliar e sublimar a representação psíquica do instinto para que este se transforme e promova o desenvolvimento psicológico. O tabu do incesto, por exemplo, ao proibir a gratificação imediata dos desejos incestuosos, estimula a produção de imagens sobre a união entre masculino e feminino, iniciando dessa forma o processo de psiquização. Analogamente, a psicanálise estimula e provoca as emoções e a imaginação, ao mesmo tempo que impõe limitações estritas sobre a descarga espontânea do impulso instintivo na situação analítica. Até mesmo o "agir" fora do consultório é encarado como uma queda regressiva, um sinal de fraqueza moral ou do ego, a qual requer uma análise completa para que se atinja o perdão e a redenção. O modelo psicanalítico, portanto, parece incorporar uma forma que tanto estimula como promove o processo de psiquização da natureza instintiva e animal do homem. Onde está então o erro?

O erro está no fato de que esse modelo não só menospreza como de fato obstrui o processo de retorno dos conteúdos sublimados, ou seja, a descida da alma no corpo. Jung,[3] em suas inúmeras referências

2. James Hillman, "Towards the Archetypal Model for the Masturbation Inhibition", *Journal of Analytical Psychology II*, 1, 1966.

3. C.G.Jung, "Psychology of the Transference", *Collected Works 16*, New York, Pantheon Books, 1954.

a metáforas alquímicas, especialmente o texto e as gravuras do *Rosarium Philosoforum,* demonstrou que a ascensão da alma sublimada ou do Espírito Santo é seguida pela descida, caso o processo chegue a completar-se. Os freqüentes insucessos dos alquimistas provavelmente se devem a uma incapacidade de completar a descida. Como será que esse processo de descida se manifesta psicologicamente?

Voltando a meu relacionamento com a mulher do vizinho, sinto que minha orientação psicanalítica me permitiu reduzir consideravelmente a intensidade de meu impulso instintivo-emocional, de forma que já não me sinto tão ameaçado por meus desejos eróticos. Entretanto, o desejo de Eros de com ela estabelecer uma união criativa, o que não é idêntico a minhas necessidades sexuais-sensuais, não foi nem satisfeito nem transformado. O ego não pode redirigir ou sublimar Eros criativamente; pode apenas obstruir seu fluxo ou, sob o aspecto positivo, ouvir o impulso criativo de união e servi-lo da melhor forma possível. Apenas Eros pode unir o instinto sublimado ao corpo. E como é a sensação de servir a Eros?

Eros não só é responsável pela união interior como elimina a distância entre sujeito e objeto criada pelo ego, colocando por conseguinte a alma em contato imediato com outrem. Suponhamos agora ter havido suficiente diferenciação de minha sexualidade, estando eu livre da compulsão sexual e apto a sentir desejos eróticos pela mulher do vizinho diante da mesma. Posso então sentir o calor do meu sangue fluindo em direção à realidade corpórea de sua presença. Meu ego já não obstrui o fluxo de Eros, que se dirige para ela e não para dentro, em busca de alguma imagem mental. Eros eliminou a distância do não-envolvimento e da objetividade e sinto nitidamente sua presença no momento vivo, apesar de não ter havido contato físico algum. Meu desejo de contato físico ainda existe, mas ele já não é compulsivo — pois Eros está alegre por ter satisfeito seu desejo de união e ter estabelecido a conexão humana. Não se deve desvalorizar o fato de que meu Eros talvez esteja fluindo para seus seios, suas nádegas ou mesmo o dedão do seu pé, ao invés de buscar a beleza de sua alma, de seu espírito ou de sua mente. A alma circula continuamente através de cada célula do corpo, da mais elevada à mais simples. Respeito a sabedoria de Eros, porque ele é como um detector de água em seu movimento direto rumo ao momento vivo.

Bem, se a mulher do vizinho não tiver medo, sua alma responderá e Eros poderá circular nas duas direções. A alma está sempre animada para se unir a Eros. Esta é a base de todas as conexões humanas. Creio que é isso o que D. H. Lawrence queria dizer quando

falava de "silenciosa simpatia sexual" entre macho e fêmea.[4] Se a mulher estiver aberta ao meu Eros e eu ao dela, haverá entre nós um genuíno fluxo de calor humano e ternura. Mesmo assim, Eros é também um "poderoso demônio", existindo sempre o perigo de se cair na compulsão demoníaca de um relacionamento de amor erótico quando nos abrimos para Eros. O que pode nos impedir de cair no próprio relacionamento que tememos?

Sabemos que o instinto sexual perde parte de seu caráter compulsivo devido à proibição de sua gratificação imediata, ao lado da liberdade de explorar formas e imagens na fantasia. Este é um passo fundamental no desenvolvimento psicológico criativo. A cada nova fase, torna-se necessária uma separação entre instinto e imagem, assim como uma diferenciação entre as necessidades sensuais e criativas da alma. Mas não é Eros quem origina esse desejo de desenvolvimento psicológico? Não é ele quem indica que uma parte da necessidade demoníaca de união sexual já se transformou a partir do momento em que passamos a desejar o desenvolvimento psicológico, e que sua função restritiva em alguma medida já se internalizou? No momento em que tiver compreendido isso já não precisarei temer minha compulsão instintiva. Eros me impulsiona tanto para a união como para o controle, para que cada envolvimento possa desdobrar-se como criação única e original. Eros quer passar da conexão de amor puramente erótica, que exige a consumação sexual, para um relacionamento psicologicamente criativo no qual a união se dá em vários níveis diferentes, podendo ou não incluir a união sexual. Devemos apenas ouvir Eros e nele confiar e ele nos mostrará o jeito de amar a mulher do vizinho sem cometer uma violação. Eros não nos fala lá do alto, mas da proximidade de nossos centros emocionais e corpóreos de consciência. Ele nos restringe principalmente através da ansiedade, do medo e da culpa, bem como fechando a vulnerável e delicada abertura de nossa alma, detendo dessa forma o fluxo em direção ao objeto de nosso amor. Mas o criativo também se revela através de muitos outros sentimentos sutis e irracionais ou de fugidias intuições.

Como saber se estamos à altura das exigências que o amor nos faz? Na verdade, só podemos saber quanto cuidado e atenção e quais sacrifícios o amor exigirá quando nos submetermos totalmente a ele. Eis aí um bom dilema. Nunca se sabe de fato! Sabemos, porém, que no fenômeno de "apaixonar-se" ou de "amar" parece haver uma totalidade de envolvimento que não deixa espaço para ninguém, a não ser a pessoa amada. Como diz Ortega,[5] a atenção fica totalmente

4. D. H. Lawrence, "The State of Funk", *Sex, Literature and Censorship* New York, Twayne Publishers, 1953, pág. 66.

5. Ortega y Gasset, *On Love*, New York, Meridian Books, 1960.

voltada para a pessoa amada. É por isso que parece impossível "amar" mais do que uma pessoa por vez. Quando alguém se apaixona, em geral deixa de lado ou trai todos os amores anteriores. Parece que o rápido e repentino influxo de Eros que nessa situação ocorre é tudo o que a personalidade humana pode suportar. Creio, porém, que as coisas são diferentes quando não se está cego pela paixão da seta de Cupido: isto é, quando se é livre para escolher se as portas da alma devem ou não se abrir. Estar apaixonado é diferente do "ato de amar" devido ao fato de que a decisão de abrir-se ao amor, no último caso, está basicamente nas mãos do indivíduo, enquanto no primeiro está totalmente nas mãos do Deus ou da Deusa, os quais não conhecem limites. No caso de "amar", a pessoa tem a liberdade de fechar a porta; ao passo que "estando apaixonado" a ferida profunda e latejante permanece aberta até que a Divindade se retire. Bem, respondendo à questão: como nunca se sabe realmente o que o amor irá exigir, pelo menos no caso de "amar" tem-se a possibilidade de fechar de novo a porta se as exigências superarem nossa capacidade. Mas quais são os efeitos desse abrir e fechar de portas?

A alma, que deseja apenas unir-se e fundir-se com outro, sentir-se-á por certo rejeitada e traída se a porta que se abriu novamente se fecha. Por outro lado, não devemos esquecer que a sobrevivência e a integridade da alma dependem da capacidade do indivíduo de cultivar e nutrir as exigências de cada amor. Creio que é através desse processo de abertura e fechamento que o essencialmente impessoal Amor Divino começa a configurar-se para satisfazer as necessidades peculiares da alma individual. Isso significa que uma conexão aberta entre dois indivíduos não pode ser mantida senão quando Eros se transformou para atender às necessidades do relacionamento pessoal. *Tem-se a impressão de que, para ser totalmente transformado pelo impessoal Amor Divino, devemos participar de um longo, lento e às vezes doloroso processo para transformá-lo.* A pessoa não precisa ter medo de se abrir ao Amor se ela não temer fechar-se a ele caso suas exigências superem a capacidade de servi-lo sem destruir outros amores.

Mantive, por longo tempo, uma imagem distinta desse processo de transformação pelo Amor. Eu achava que isso envolvia um lento processo de abertura, de aos poucos remover as teias que encobrem a alma nua, ou de gradualmente abrir as portas para o ser interior. A experiência me fez alterar essa imagem. Descobri, pelo contrário, que *estou aberto ou não estou.* Quando estou aberto, é possível que outra alma encontre a minha em toda a sua nudez. Isso poderá ocorrer ou não, dependendo da abertura do outro e da presença de Eros. O conceito de "graus de abertura" precisa de uma correção. *Uma pessoa*

está aberta ou não está! Creio que o que senti como sendo abertura parcial ou total se deve mais à duração do que ao grau de abertura. Dessa forma, senti que estava mais ou menos aberto com alguém, dependendo do tempo que fui capaz de deixar a porta aberta. Portanto, a imagem de abrir-se e fechar-se à circulação de Eros não só parece ser mais precisa como ainda permite eliminar tanto a pressão de se manter a conexão num certo nível, como a culpa por ter se fechado. Além disso, a idéia de evoluir para níveis sempre mais profundos ou elevados de relacionamento torna-se secundária em face do processo de transformar Eros para satisfazer as necessidades do indivíduo e do relacionamento pessoal. Desse ponto de vista, a profundidade do relacionamento seria função da transformação de Eros.

A que conclusões podemos agora chegar com respeito ao modelo psicanalítico? Fica claro que o objetivo de capacitar o ego a controlar a vida instintiva-emocional é inadequado e até mesmo impeditivo de relacionamentos humanos criativos. Em última análise, o domínio do ego deve desaparecer, para que a pessoa não se dissocie da fonte da vida. O defeito do modelo psicanalítico reside no fato de que não existe possibilidade alguma de que se complete a humanização plena ou o processo de transformação, que envolve a volta ao corpo de tudo o que é sublimado, da forma como experimentado num relacionamento humano. Portanto, uma psicanálise bem sucedida só pode levar a pessoa a uma alienação e a um distanciamento da natureza instintiva-emocional ainda maiores, bem como a uma distorção do instinto e de Eros. Embora possam ocorrer certos processos essenciais de humanização, a psicanálise tem um efeito desumanizador porque toma a ascensão como alvo e nesse ponto interrompe o processo.

III

Pode-se imaginar, lendo Jung, que seu ritual analítico incorpora a possibilidade de completar o processo de transformação. Vejamos se isso ocorre ou não. Creio haver uma premissa básica no modelo junguiano que dificulta a descida da alma ao corpo: trata-se da ênfase dada por Jung à introversão ou ao processo interior como sendo o caminho da individuação. Acredito que seu método de se envolver ativamente com o inconsciente é superior ao de Freud, mas ele ainda se prende essencialmente à ascensão ou espiritualização e faz parte, assim como a sublimação de Freud, daquilo que o próprio Jung denominou *unio mentalis.* Para que o processo de transformação se complete é necessário que o *unus mundus* — mas nesse ponto Jung é muito pouco claro. Na minha opinião, o *unus mundus* — ou descida da alma ao corpo — só pode ser atingido através de uma experiência

que envolva outra pessoa, num processo semelhante ao que procurei descrever.

Jung vai bem mais longe que Freud em sua compreensão da natureza da transferência e da importância da conexão humana. Jung também enfatiza a necessidade de que o analista seja capaz de envolvimento humano e de abertura, de expor sua própria alma no processo sem a proteção da persona do médico. Isso tudo parece sem dúvida apontar para a direção correta; trata-se de algo a que Freud terminantemente se opôs por acreditar ser impossível para o analista desempenhar dessa forma seu papel com a objetividade e o distanciamento necessários. Tanto quanto Freud, Jung percebia os perigos de tal abertura e envolvimento com o paciente — sendo a paixão e o envolvimento erótico apenas os mais óbvios. Parece, entretanto, que Jung encontrou um modo de evitar as ciladas que surgem quando se sai do papel de médico. Creio, porém, que o alegado "humanismo" da relação analítica junguiana é ainda mais ilusório que a pretensão freudiana de preservar a objetividade do médico através de seu método.

Penso que o erro do sistema junguiano reside na excessiva ênfase concedida ao processo interior. A relação analítica é encarada como essencial apenas porque é preciso ter um parceiro para o desenvolvimento da consciência e para a diferenciação psicológica.[6] Para mim, tanto a análise junguiana como a freudiana pecam pelo fato do relacionamento entre analista e analisando ser usado como instrumento terapêutico para o desenvolvimento psicológico. Dessa forma, Eros vê-se permanentemente obstruído em seu desejo de união com outrem, sendo redirigido para dentro pelo ego para unir-se com as imagens de sua própria criação. A obra de desenvolvimento psicológico, que deveria consistir no relacionamento humano, como sugeriu Hillman,[7] passa a identificar-se com o processo interior. De que forma isso afeta a conexão humana?

Isso cria uma falsa sensação de intimidade e de envolvimento pessoal, uma falsa sensação de conexão anímica. Em lugar de um desdobramento criativo do relacionamento entre analista e analisando, verifica-se um gradual afastamento da conexão humana e um crescente intercâmbio com imagens internas. *Em vez de se tornar mais humano e pessoal, o relacionamento torna-se mais arquetípico e impessoal.* Creio que o analista junguiano tem melhores condições de se abrir para o calor do envolvimento emocional porque suas convicções e conceitos lhe permitem conter a paixão de Eros. Além disso, devido a seu interesse fundamental pelo *processo interior* em lugar do

6. *Op. cit.*, Jung, "Psychology of the Transference".
7. *Op. cit.*, Hillman, "On Psychological Creativity".

relacionamento humano, seu ego pode resistir ao poder de Eros, recanalizando seu fluxo para as imagens internas. Apesar de seu método ser distinto do adotado pelos psicanalistas, o analista junguiano pretende realizar uma tarefa ainda mais impossível que aquela de seu colega freudiano. O psicanalista, pelo menos, reconhece o fato de que desempenha um papel em benefício do paciente; o junguiano, porém, diz que está sendo apenas ele mesmo e que é vulnerável enquanto ser humano.

Para ser verdadeiramente humano — e portanto vulnerável — deve-se reconhecer a fundamental necessidade que a alma tem de unir-se com outra. *Usar um relacionamento humano ou o desejo de conexão da alma para qualquer outra finalidade é desumanizante.* Uma verdadeira comunhão entre duas almas é uma *ding an sich;* é ao mesmo tempo a via e o alvo do mistério do processo alquímico. O relacionamento do homem com seu próprio espírito, com seu próprio Deus, precisa de contínua renovação e humanização através do intercâmbio humano. Sem isso, o que é criativo no homem torna-se uma destrutiva força antivida. Na minha opinião, as forças destrutivas que atualmente ameaçam aniquilar o homem moderno resultam da distorção, do menosprezo e da desvalorização do sagrado e supremo mistério da conexão humana. Não se justifica o fato de usar o desejo de união da alma com vistas a objetivos mais elevados. A alma é profundamente traída toda vez que essa busca de união é mal conduzida no ritual analítico.

Ao menos em sua forma atual, o modelo analítico, seja freudiano ou junguiano, não consegue ser um paradigma para o relacionamento criativo. Creio, porém, que a análise junguiana possui o potencial para criar um modelo desse tipo.

Conforme já indiquei, tanto a análise freudiana como a junguiana têm possibilidades de ocasionar uma psiquização do instinto criativo e do instinto animal. Ocorre, porém, que a estrutura dos dois tipos de análise visa antes de mais nada promover a separação entre representação psíquica e instinto. Esta fase do processo foi equacionada com referência à ascensão da alma ou *unio mentalis.* Para que o processo se complete, é necessário que ocorra a volta ou descida da alma ao corpo, o que pressupõe a união da alma com outra. Interessa-me aqui o fato de que a análise não é capaz de oferecer uma estrutura adequada ou um receptáculo para que isso se realize.

O relacionamento psicologicamente criativo não é possível enquanto um parceiro é responsável pelo bem-estar ou desenvolvimento do outro. É claro que ao iniciar a análise o paciente busca o auxílio do analista. Nesse momento, o relacionamento simétrico não é nem possível, nem desejável. Não obstante, o desejo da alma de unir-se com outra está por trás da necessidade de ajuda sentida pelo paciente, fato

que logo se tornará manifesto na assim-chamada transferência. O paciente não tem meios de confrontar as poderosas emoções consteladas na transferência porque é precisamente sua função de eros ferida que o leva à análise. Nessa altura, o analista tem realmente que funcionar como médico, guia paterno (ou materno), professor ou guru. Cabe a ele a responsabilidade de definir uma estrutura que permita um equilíbrio satisfatório entre liberdade e contenção. Se o analista for capaz de confiar suficientemente em seu próprio Eros, a estrutura não precisará ser tão fixa e rígida como na psicanálise tradicional. Em última instância, o analista deve ser capaz de confiar em seu próprio Eros — sem o que tornam-se impossíveis tanto a internalização deste como a descida da alma ao corpo. Se o analista não confia em seu Eros, isso significa que seu próprio processo de transformação foi obstruído, ou então que não se completou.

Para ser mais específico, diria que Eros não parece ter tanto desejo de conexão humana durante a fase ascensional da análise. É como se "Ele" soubesse que a obra de conexão humana não pode preceder a obra do processo interior. A vantagem desse controle interior, em lugar de limitações impostas a partir de fora, consiste em que o analista pode permanecer verdadeiramente aberto, espontâneo e natural o tempo todo. Pode confiar em qualquer movimento de união entre ele e o analisando sem temer que seu envolvimento pessoal possa obstruir o processo, mesmo na fase inicial da análise. Ele sabe que Eros é responsável e que merece confiança, pois este não deslocará a obra do processo interior para a conexão humana enquanto a alma não estiver suficientemente separada dos instintos para poder iniciar o caminho de volta. Bem, não é preciso dizer mais sobre a ascensão. Teremos que descobrir ou criar um novo paradigma que promova e permita a descida, visto que os atuais modelos analíticos obstruem esse processo.

Até este ponto, a descrição que apresentei do processo contém uma falácia fundamental. A divisão entre a fase de ascensão e a de descida não corresponde exatamente ao que ocorre na prática. Empiricamente, ambos os processos ocorrem o tempo todo, apesar da fase ascensional predominar no início da análise, dependendo do estado de desenvolvimento psicológico. O modelo psicanalítico funciona quase que integralmente para promover a ascensão. A internalização do Eros do analista é necessária para que ocorra a descida. Entretanto, a internalização satisfatória e a humanização do Eros do analisando é que indicam que o processo se completou. O que é necessário para que isso ocorra? Antes disso ocorrer, o analisando depende do analista para obter ajuda e orientação e encontrar a cura. É somente quando o analista se vê livre de sua responsabilidade terapêutica que o desejo mútuo de união e o relacionamento criativo podem se concretizar.

Repetindo, esta distinção entre a realização plena da descida e o início de um relacionamento psicologicamente criativo é mais teórica do que real. A internalização de Eros é gradual, havendo momentos e períodos nos quais a desigualdade do relacionamento doutor-paciente é transcendida. Como sugeri que após a descida é necessário ter a experiência de uma conexão pessoal não-terapêutica como ponte que leva para além do ritual analítico, pergunto-me se essa experiência já não pertence ao estágio final da descida. Suspeito que sim. Neste caso, isso significa que deve haver espaço, dentro do ritual analítico, para um relacionamento não-analítico.

Para evitar equívocos, devo esclarecer o que quero dizer com *pessoal*. Para mim, isso significa meus desejos, necessidades e sentimentos pessoais com respeito a meu analisando, e vice-versa. Tenho necessidade de compartilhar ou viver minha vida com ele ou ela sob a forma de uma verdadeira amizade? Agora que estou livre do peso da responsabilidade terapêutica, tenho ainda algum interesse em continuar o relacionamento? Aprecio genuinamente o ser e a presença de meu analisando, ou será que a atenção que lhe dispensei foi essencialmente terapêutica? Será que a necessidade que ele tinha de mim era uma reação a meu Eros terapêutico[8] essencialmente impessoal? Continuará ele a precisar de mim depois de terminada a relação terapêutica? Será que os padrões de nossas vidas buscam caminhos tão distintos que seria difícil ou indesejável tentar forçar uma amizade real? Ou então, será que nossas personalidades e interesses são tão diferentes que eliminam o terreno comum sobre o qual poderíamos conviver fora do processo analítico? Todos esses sentimentos devem ser postos na mesa e resolvidos num plano puramente pessoal na fase final do ritual analítico.

A passagem da constelação arquetípica inicial para um relacionamento humano mais individualizado é essencial ao processo analítico. Se isso não ocorrer, a "ferida de Eros" corre o risco de se tornar mais profunda, ao invés de ser curada. Por que deveria o analisando ter mais confiança em Eros, se ele não pode experimentar essa confiabilidade no crucial relacionamento que mantém com seu analista? Com mais razão ainda, ele continuará a duvidar da realidade de Eros enquanto princípio regulador do relacionamento humano.

8. Eros terapêutico significa aqui o fluxo, essencialmente arquetípico ou impessoal, de sentimentos, calor e interesse que parte do analista em direção aos aspectos doentes e desamparados da alma do paciente. É algo próximo aos sentimentos protetivos que tanto os animais como o homem parecem ter com relação aos jovens indefesos.

PARTE V

TRANSFERÊNCIA

O fenômeno da transferência é sem dúvida um dos mais importantes síndromes do processo de individuação; sua riqueza de significados vai muito além de meros gostos ou aversões pessoais.

(C.G.Jung: *Psicologia da Transferência*)

Atualmente todos são estranhos entre si. A libido do parentesco — que ainda poderia engendrar um sentimento satisfatório de pertencer a algo mais amplo, como por exemplo nas comunidades cristãs primitivas — já de há muito perdeu seu objeto. Sendo porém um instinto, ela não pode satisfazer-se com meros substitutos como um credo, um partido, uma nação ou um estado. Ela deseja a conexão *humana*. É esse o cerne do fenômeno da transferência e é impossível ignorá-lo, pois o relacionamento com o Si-mesmo é também um relacionamento com os outros — e não se pode fazê-lo sem antes relacionar-se consigo próprio.

(C.G.Jung: *Psicologia da Transferência*)

XIII. UMA CONCEPÇÃO ARQUETÍPICA DA TRANSFERÊNCIA

Na psicanálise, transferência vem a ser o fenômeno no qual um indivíduo transfere (projeta) uma experiência reprimida do passado sobre um relacionamento no presente: isto é, o paciente pode encarar o analista como autoridade crítica e julgadora, assim como fazia com seu próprio pai. Isto implica uma projeção unilateral do sujeito (paciente) sobre o objeto (analista), não incluindo os efeitos da personalidade e das projeções do analista sobre o relacionamento. O termo contratransferência refere-se apenas aos aspectos inconscientes da psique do analista que são ativados pela transferência do paciente. Os pacientes desenvolvem certas transferências e os analistas, em resposta, desenvolvem contratransferências. Até aqui, temos uma visão parcial que não reconhece o papel desempenhado pela personalidade do analista na formação do fenômeno da transferência.

Posso bem compreender como é que Freud chegou a seu conceito de transferência. Já encontrei várias vezes pacientes com um pai frio, crítico e rejeitador, os quais "injustamente" me acusam de tratá-los de modo análogo. Digo então para mim mesmo: "este paciente está por certo projetando em mim um complexo inconsciente porque estou tentando ajudá-lo e não fiz nenhuma dessas coisas de que ele me acusa." Mas examinando o fenômeno em termos da vida diária, percebe-se que o fato de eu me sentir inocente quanto às acusações de meu paciente não significa necessariamente que eu seja inocente. Esse tipo de experiência ocorre o tempo todo em relacionamentos íntimos, raramente sendo totalmente injustas as acusações. Pelo contrário, como vimos em nossa discussão sobre Eros, o problema em geral deriva de um empecilho na conexão e também do fato de ambas as partes caírem em papéis arquetípicos impessoais. E não me parece que o relacionamento arquetípico esteja isento desse fenômeno tipicamente humano.

Os conceitos de transferência e projeção baseiam-se nas explicações mecanicistas dadas por Freud para o desenvolvimento do ego (ver a Introdução): isto é, o ego vincula parte de sua libido *sem forma* a um objeto para em seguida retirá-la causando a introjeção do objeto externo no ego. Da perspectiva psicanalítica, a transferência é encarada como sendo o reverso desse processo: o objeto (o analista) é tido como algo sem forma, sendo então projetado sobre ele um objeto interior *com forma.*

Numa teoria arquetípica da psicologia, a transferência e/ou a projeção só podem ocorrer quando o complexo (arquétipo) é liberado por um estímulo apropriado. Isto é, aquele que evoca uma projeção já deve ser, de algum modo, uma encarnação do arquétipo. Assim, quando meu paciente sente que o rejeito e estou frio, devo de fato estar me sentindo ou me comportando dessa forma. Ou então, como Jung várias vezes disse, deve haver um gancho para a projeção.

Tanto analista como analisando, tão logo comecem a trabalhar juntos, vêem-se colocados nos papéis arquetípicos de Doutor-Paciente, Mestre-Discípulo ou Pai-Filho. Essa é a costumeira constelação inicial da transferência, embora se trate de um processo antes mútuo que unilateral: o analista projeta o arquétipo de Filho impotente e necessitado sobre o paciente ao mesmo tempo que este transfere para o primeiro o arquétipo de Pai forte e prestimoso. Enquanto isso dura, ambas as partes apenas desempenham papéis, sendo o relacionamento essencialmente impessoal.

TRANSFERÊNCIA E INTERNALIZAÇÃO

O fenômeno da transferência não pode ser separado do problema mente/corpo e da busca de totalidade interior. Enquanto porções vitais da totalidade de uma pessoa não forem suficientemente internalizadas, esta vive num contínuo estado de dependência psíquica. Durante a infância, todas as funções psíquicas que acabarão por humanizar a criança são inicialmente sentidas como se pertencessem aos outros. A iniciação à vida adulta constitui basicamente um processo no qual as projeções arquetípicas carregadas pelas figuras paternas e maternas são gradualmente esvaziadas e internalizadas. Em nossa cultura, uma profunda quebra abalou esse processo inicial de humanização. O fenômeno de uma pessoa tornar-se portadora de um fator arquetípico inconsciente ou desprezado sempre ocorre quando sentimos forte atração ou repulsão por outrem. A projeção arquetípica não diminui necessariamente à medida que nos aproximamos do equilíbrio interior. É provável que ela seja um fator essencial em qualquer relacionamento dinâmico e criativo, só se tornando negativa

e obstrutiva quando a constelação arquetípica se congela. A internalização psíquica não é nunca uma coisa final, mas um caminho contínuo e individualizado que contém a chave do mistério do desenvolvimento psicológico.

As fixações nas figuras paternais e maternais, tão características de nossa cultura, são em boa medida, responsáveis pela contenção de nossa capacidade de internalização. Em conseqüência, tendemos a permanecer fixos e presos em compartimentos arquetípicos em nossos relacionamentos mais importantes. A internalização contida igualmente nos impede de viver a "criança" em nós — isto é, perdemos a capacidade de imaginar livremente. Somente quando nos libertamos das fixações paternas e maternas é que poderemos *ser a criança* e encontrar nossa imaginação emocional. E como a imaginação é essencial para a auto-realização psicológica, convém nos determos um pouco nesse assunto antes de prosseguir nossa discussão sobre a transferência.

Um relacionamento perturbado com o mundo imaginário pode manifestar-se não apenas como incapacidade ou paralisia da imaginação, mas também como ausência de diferenciação entre o mundo imaginário interior e o mundo exterior concreto. Provavelmente, tanto o fracasso da imaginação quanto sua indiferenciação são coisas que andam juntas. Por exemplo, a atividade fantasiosa aparentemente selvagem e desinibida que ocorre em alguns estados psicóticos é muitas vezes uma defesa contra fantasias e emoções dolorosas ou inaceitáveis. As fantasias ilusórias das psicoses freqüentemente resultam de uma severa repressão que paralisa a imaginação. Por outro lado, o indivíduo cuja imaginação parece esparsa e obstruída em geral teme abrir-se a suas imagens interiores porque não sabe distinguir claramente entre o imaginário mundo interior de pensamento e sentimento e o mundo exterior de expressão e ação.

O desenvolvimento psicológico criativo, ou seja, a individuação, depende da liberdade espiritual. Quando se diz que um homem tem um espírito livre, será que isso significa que ele transgride livre e necessariamente os modos, os costumes e os tabus culturalmente impostos? Creio que não. O que isso quer dizer é que ele tem liberdade para fazer o que bem entender ou ir aonde quiser no mundo imaginário. Esse é um homem que sabe claramente distinguir o mundo eterno e sagrado do mundo secular e histórico. Sabe que pode mover-se com desembaraçada dignidade entre os Deuses e demônios do mundo imaginário sem medo de transgredir os tabus pertencentes à dimensão mundana. Tal liberdade não pode ocorrer numa forma primitiva de consciência, na qual a realidade interior e a exterior são governadas pelas mesmas leis e valores. Dessa perspectiva, nossa tradição judeu-cristã é primitiva no sentido de que os pensamentos e

desejos de uma pessoa estão sujeitos aos mesmos dogmas e regulamentos que se aplicam a suas ações. A liberdade espiritual requer um rompimento com a tradição bíblica e o desenvolvimento de uma nova forma de consciência — uma consciência que promova o cultivo da liberdade de imaginação.

Voltando agora à transferência, consideremos o modo pelo qual esta é ou pode ser usada terapeuticamente: como instrumento para ampliar a consciência e a diferenciação; como possibilidade de experimentar certas constelações arquetípicas críticas com o analista; como meio de se livrar de uma fixação arquetípica e entrar num relacionamento humano mais individualizado. Este último, mais do que todos, tem enorme poder de cura. Depois de algumas experiências curativas desse tipo, a capacidade de internalizar começa a tornar-se uma função viável e confiável, e o indivíduo cresce com muito menos medo de expor sua alma para os outros.

A partir dessas formulações, pode-se perceber que a compreensão correta da transferência ajuda a produzir uma autêntica experiência de cura. Se a transferência for inconsciente ou mal usada, o melhor que se pode esperar é uma ampliação da consciência do ego e, na pior das hipóteses, um aumento da cisão entre corpo e mente, ao lado de uma desconfiança cada vez maior dos relacionamentos humanos abertos. Fica também evidente a necessidade de reconsiderar as questões referentes à resolução da transferência. Visto que cair continuamente em constelações arquetípicas faz parte da condição humana, a idéia de que a transferência só se resolve quando todas as projeções arquetípicas forem esvaziadas e internalizadas constitui um objetivo falso e impossível. Eu proporia um objetivo mais plausível para a resolução da transferência: *o desenvolvimento da capacidade de internalizar,* evidenciado pela capacidade de reconhecer e finalmente abandonar qualquer constelação arquetípica.

Enquanto durar a situação analítica, não será possível escapar em definitivo da situação arquetípica que força o analista a desempenhar o papel de *portador de uma consciência maior.* Ainda que essa constelação arquetípica tenha sido transcendida, a própria natureza da situação torna inevitável que ambas as partes voltem a cair nela. O término definitivo do relacionamento arquetípico é essencial para que se caia fora desse compartimento arquetípico. Mas o término é difícil porque em geral implica o fim de um relacionamento que pode ter se tornado importante como coisa em si, deixando de lado suas finalidades terapêuticas ou espirituais. A possibilidade de um receptáculo para um relacionamento continuado deve existir de pronto, ou então o relacionamento ficará preso numa situação arquetípica em que o analista é portador de uma consciência mais ampla, quer a análise continue ou não. Os seminários de Freud e Jung e o clube deste

último, o qual era aberto a seus analisandos, foram talvez tentativas de preencher essa necessidade de encontrar uma forma de dar continuidade à conexão. Mais recentemente, essa estrutura se transformou numa experiência terapêutica de grupo. Uma objeção que se pode fazer a essas formas é que o analista ainda acaba por desempenhar o papel de portador da consciência, não havendo possibilidade alguma de que, tanto ele como os analisandos, percebam a dimensão individualizada de seu relacionamento, seu valor, seu significado e o lugar que o mesmo ocupa no contexto mais amplo de suas vidas.

Por que será que essa percepção é essencial para o processo analítico e para a resolução da transferência? Não será suficiente para o paciente desenvolver sua capacidade de internalizar? Sim, isso seria o suficiente, mas ainda assim a *possibilidade* de experimentar um relacionamento mais pessoal é essencial tanto para o analista como para o analisando, caso contrário a função de internalização se torna rígida e sem sentido. Se a experiência de internalização constituir o fim de uma conexão humana profundamente significativa, ninguém irá desejá-la. Quando uma criança ou um adolescente ficam presos em fixações nas figuras dos pais, tal fato se deve não à incapacidade de evitá-las, mas ao medo de que abandonar o papel arquetípico acarrete a perda de um calor e de outros aspectos humanos positivos tão importantes para a alma. Se a análise repetir essa dilacerante experiência arquetípica entre pais e filhos, o paciente acabará ficando com a mesma sensação de criança que se viu iludida e traída.

A TRANSFERÊNCIA POSITIVA

É geralmente o sofrimento da criança interior maltratada pelo amor que leva uma pessoa para a análise. Em conseqüência dessas feridas da alma que vêm desde a infância, a função de eros em geral se encontra subdesenvolvida ou danificada. Isso torna extremamente difícil, senão impossível, que se tenha a experiência de uma conexão humana íntima e criativamente progressiva. Nesse sentido, a criança ferida representa também aquele aspecto da alma que demanda a união com outrem. A compaixão do analista e seu desejo de ajudar essa criança constelam a fundamental necessidade humana de união, despertando dessa forma o desejo de união entre analista e analisando. Mas o desenvolvimento de eros da criança, por si só, não basta para que ela entre na união. A criança depende antes de tudo do amor do outro. É portanto a conexão de eros do analista com a criança ferida, ao lado de seu desejo de ajudá-la, que inicia a transferência positiva.

O paciente, porém, não é uma criança. A não ser que tenha sido machucado de forma muito grave, em geral ele é capaz de sentir paixão e o desejo adulto de união. Apesar de comumente ser a criança ferida quem evoca o amor do analista, o subseqüente fluxo de amor envolve a totalidade tanto do analista como do analisando. Eros circula não só em torno da criança interior, como também entre as duas pessoas que cuidam dela. Dessa forma, ainda que pertencendo à natureza do relacionamento entre pais e filhos, a transferência inclui também os ingredientes de uma amizade e de um amor adultos. Entretanto, o desejo que a alma tem de união só poderá ser satisfeito quando a criança tiver sido transformada e curada. Sua natureza desprezada e abusada deve receber os necessários cuidados, para que ela então possa ser capaz de amar a outrem.

Esta contaminação das necessidades instintivas da criança doente e desprezada e da necessidade da alma de amar o outro é uma fonte primordial das dificuldades que surgem no relacionamento analítico. O fato de que a criança experimenta o analista como pai, mãe, Deus que cura, etc., não impede o despertar do fluxo de amor. Manter a conexão de eros é vital tanto para o analista como para o analisando; quando ela é obstruída ou desfeita (em geral devido às exigências da criança), é precisamente esta última quem mais sofre. Mas a alma em cada um dos participantes também sofre, devido a seu desejo de união.

A necessidade mútua de conexão anímica entre analista e analisando está por trás do emaranhado de projeções arquetípicas liberadas pela transferência. As tentativas de levar adiante o desenvolvimento psicológico do paciente e de compreender e eliminar as resistências obstrutivas e outras manifestações da transferência negativa devem-se apenas em parte à vontade e ao interesse terapêutico do analista. Em qualquer relacionamento humano, a necessidade mais profunda da alma não é jamais terapêutica: é tão somente o desejo de unir-se com o outro. Assim sendo, o desejo que o analista tem de curar nunca é puro. Mesmo quando tenta assumir uma postura objetiva e científica, procurando focalizar a ferida ou a psicopatologia, o fluxo de eros desperta e é este que ativa no analista a necessidade de conexão humana.

A capacidade de sustentar a conexão de eros frente à criança ferida depende em boa parte do fluxo entre analista e analisando. A diferenciação entre o amor de um pelo outro e o amor pela criança é até certo ponto superficial, mas é necessário fazê-la. Pode-se encontrar um paralelismo no relacionamento entre marido e mulher, quando ambos se interessam em promover a saúde e o desenvolvimento da criança. O amor entre progenitor e filho é porém bastante unilateral, visto que o eros da criança se encontra subdesenvolvido e preso às

suas necessidades instintivas básicas. É necessário haver desejo mútuo e capacidade de comunhão; sem isso, não se atinge a igualdade do relacionamento criativo. Em termos psicológicos, sabemos quão importante é a conexão entre os pais com respeito ao bem-estar da criança e quais as conseqüências da falta de conexão entre ambos. Quando não existe conexão, a criança passa a carregar o fardo da necessidade insatisfeita de comunhão de sua mãe ou seu pai, às custas de seu próprio desenvolvimento.

Quando a necessidade de união entre analista e analisando é menos valorizada do que a necessidade terapêutica do relacionamento, esta necessidade de união passa a funcionar de modo autônomo e inconsciente, exatamente como ocorre no relacionamento negativo típico entre pais e filhos. Em lugar de na análise encontrar a cura, a criança acaba ficando com feridas ainda mais profundas. Além disso, ao chamar de "transferência" o desejo de união, procurando eliminá-la através da interpretação, a terapia se transforma em seu próprio reverso negativo. E assim, tanto a criança como a individuação da alma ficam prejudicadas.

A TRANSFERÊNCIA NEGATIVA

A frustração emocional e a desilusão que a criança sente com relação aos pais é reconstelada na transferência negativa. Este aspecto do relacionamento analítico tem que ser resolvido satisfatoriamente; se não for, a união interior entre os opostos masculino e feminino não poderá ocorrer. Essa experiência constitui um passo fundamental no processo de restabelecer a conexão com a própria alma.

As exigências da criança ferida são em boa parte responsáveis pela fixação que ocorre na transferência negativa, a qual tem por efeito cindir a alma. Porém, como já vimos, a criança se encontra ferida porque partes vitais de sua alma não foram internalizadas, continuando a ser mantidas por figuras paternais ou maternais. Inicialmente, o paciente experimenta essa sua parte perdida como algo pertencente ao analista. Boa parte de sua vida e frustração advém de sua incapacidade de se unir a essa imagem encarnada pelo analista. Como tal união não é possível, a única solução curativa para a transferência negativa é a aceitação dessa realidade. Por trás dessa imagem idealizada encontra-se a necessidade que o paciente tem de se unir com sua própria alma.

Esse fenômeno exige uma elaboração mais demorada. A experiência negativa com os pais ocorre quando o filho tem que carregar aspectos vitais da alma de um deles, geralmente devido à falta de conexão anímica entre marido e mulher. O triângulo incestuoso típico tem assim início, ficando a criança destituída da possibilidade de ex-

perimentar sua totalidade em relação seja ao pai ou à mãe. Ao invés de experimentar a atração e a harmonia básica entre os opostos masculino e feminino, a criança experimenta esses arquétipos — yang e yin, sol e lua, céu e terra, espírito e carne — como oponentes hostis. Parece ser isso, acima de tudo, o que aflige o homem moderno. A desesperada necessidade de sanar essa cisão e tornar-se inteiro está no cerne da transferência negativa. Na transferência se constelam os arquétipos do pai, da mãe ou do herói-salvador-amante; por trás dela, porém, encontra-se o ***hierosgamos,*** a necessidade de unificar o Rei e a Rainha arquetípicos. A conexão anímica só pode ser mantida quando se restaura a harmonia entre os opostos masculino/feminino interiores. A transferência analítica é resolvida quando ocorre uma plena aceitação, por parte tanto do analista como do analisando, de que a satisfação dessa necessidade arquetípica em seu relacionamento não é nem possível, nem desejável.

A natureza desse aspecto do relacionamento analítico, que frustra ambas as partes, deve ser aceita e compreendida antes de seu término. Se isso não ocorrer, ambas as partes terminam a análise com a ilusão de que entre si tudo está perfeito e maravilhoso. Esse tipo de ilusão tende a perpetuar a cisão interna no paciente, pois assim ele deixa de se confrontar com a impossibilidade da situação arquetípica. Como a frustração da alma na transferência negativa é idêntica ao envolvimento incestuoso da criança com o progenitor negativo, essa dilacerante experiência da infância só poderá mesmo repetir-se, caso a análise termine com falsa premissa de que analista e analisando estão contentes com sua mútua conexão. É claro que também haverá ferimentos se o paciente terminar a análise com raiva e desilusão. Deve haver compreensão e respeito mútuos pela situação arquetípica frustrante que a análise constela. Este reconhecimento da natureza essencialmente impessoal dos obstáculos que interferem na conexão anímica tem um efeito humanizador, sendo então possível terminar com dignidade, respeito mútuo e sentimentos pessoais positivos, sem as ilusões que tanto fragmentam a alma. A idéia de que a transferência negativa pode ser alterada dentro da situação analítica é perigosa e equivocada, tendendo a prolongar demasiadamente o relacionamento. Perde-se, nesse caso, toda a riqueza de terminar a análise com a transferência negativa ainda intacta e em aberto. Recapitulando: a plena aceitação mútua da transferência negativa promove a reconciliação interior entre os opostos masculino e feminino. Esta internalização dos arquétipos de união (o arquétipo do incesto) é a chave da conexão anímica e da individuação.

O dilema da transferência tem ainda outra dimensão. Especialmente na análise junguiana, a experiência analítica freqüentemente equivale a uma iniciação numa ordem espiritual ou num culto do

mistério. As profundas mudanças que se observam constelam a libido do parentesco, a qual, como bem se pode compreender, tende a mover-se em direção a outros iniciados. Se uma pessoa teve a experiência de um autêntico renascer, ela procurará iniciar uma nova vida na qual o parentesco espiritual é um laço mais forte que o de sangue. Pela minha experiência, o processo se torna muito limitado se não se desenvolver um parentesco espiritual entre analista e analisando. Esse tipo de conexão constitui um laço que não se rompe com o término da análise. Pode, entretanto, ser destruído se a transferência negativa não for aceita — ou, em conseqüência, se for negada a validade da experiência analítica. A inexistência de conexões de parentesco firmemente enraizadas talvez seja o fator que mais afete o senso de isolamento e alienação do homem moderno. A constante renovação através de conexões desse tipo é um alimento fundamental para o bem-estar espiritual.

TRANSFERÊNCIA E TOTALIDADE INTERIOR

A divisão do átomo corresponde a um fenômeno similar no interior da alma. Tremendas forças de destruição potencial foram desencadeadas no mundo material e no espiritual em decorrência dessa aparente conquista. Muito da ansiedade, do medo e do desespero do homem moderno resultam desse longo e lento processo histórico, através do qual a dimensão racional da alma progressivamente dissociou-se da totalidade maior de seu ser, finalmente atingindo seu presente estado incorpóreo. Nesse estado desprovido de corpo, ela tornou-se capaz de assumir esse tipo de fria objetividade científica que permitiu ao homem criar armas nucleares e demais aparatos científicos mecanizados que ameaçam aniquilar seu criador.

A energia liberada pela fissão do átomo e da alma desenfreou uma reação em cadeia de crescente fragmentação. Entretanto, a visão de totalidade, de união interior, de conexões vitais com os outros e com o cosmos não se perdeu. O homem sabe que perdeu a conexão com os centros geradores de vida de seu próprio ser, bem como suas conexões revitalizadoras com os outros. Está aí a fonte de sua esperança, de seu inquieto desespero e de seu desconforto. Como poderá o homem reconquistar sua totalidade essencial e reconectar sua mente racional a sua alma encarnada? Como poderá ele curar a dolorosa ferida do átomo partido?

Os físicos têm procurado uma forma mais criativa de liberar energia através da fusão, ao invés da fissão atômica. E a psicoterapia, a despeito de seus inúmeros insucessos, está abandonando a ênfase que antes concedia à consciência, voltando-se para o problema do

isolamento e da alienação do homem com respeito a si e aos outros. Mas ainda estamos muito longe de qualquer solução real para nosso dilema físico e espiritual — e não temos garantias de sucesso. Um dos perigos é evidenciado pela tendência de buscar soluções sociais para um problema que resulta fundamentalmente da cisão existente no interior da alma individual. Não que esforços coletivos também não sejam necessários; é que não terão êxito se forem realizados às custas da alma. A esperança, portanto, reside principalmente em nossa capacidade de atingir a totalidade psíquica individual.

A tendência atual de obter uma experiência de totalidade através de conexões com outros em grupos de encontro e identificação comunitária baseia-se num equívoco. Por maior efeito curativo que possam ter, as experiências desse tipo são no melhor dos casos temporárias, pois nelas a pessoa não se aproxima necessariamente de uma união interior. A reação contra a psicoterapia individual, mesmo que justificável, ameaça nos desviar de um ritual terapêutico que possui muito mais potencialidades que a experiência de grupo para ocasionar uma cura significativa da cisão entre mente e corpo.

Quando a alma está dividida, há sempre uma necessidade e um desejo, conscientes ou não, de reunião. Em geral, isso produz uma sensação de ter perdido algo vital e precioso. Conservamos a lembrança, precisa ou não, de ter experimentado a pulsação quente e sensual dessa misteriosa essência da vida na infância, no passado, ou em outra vida — e sem isso nos sentimos vazios e incompletos. Nossa vontade de reaver a sensação de bem-estar e totalidade pode nos levar a diferentes caminhos. Naturalmente, procuramos fora de nós essa dimensão perdida da alma, pois não temos idéia, de início, de que ela se acha nas profundezas do centro de nosso próprio ser. Costumamos captar fugazes lampejos dessa esquiva substância anímica no relacionamento com os outros; e quando nos apaixonamos, sentimos que por fim a encontramos. Acima de tudo, passamos a depender de nossa conexão com outros seres humanos para ter uma sensação de totalidade. Aqueles que carregam por nós essa dimensão vital de nossa própria alma são capazes de nos ferir profundamente e de destruir nosso senso de valor pessoal, de totalidade e de significado. E essas pessoas estarão sempre nos decepcionando e traindo, pois ninguém pode corresponder a uma imagem que é a de nossa própria alma. A consciência disso tende a nos tornar cada vez mais precavidos e reticentes quando se trata de expor e expressar nossas necessidades, nossos desejos e nosso amor pelos outros — o que só vem aumentar a cisão interna e a sensação de isolamento.

Devido à natureza do receptáculo analítico e do genuíno interesse do analista, a alma desprezada começa a vibrar e a aventurar-se para fora de sua câmara escondida. Um grande fluxo de calor e sentimento

dirige-se então para o analista, que passa a ser sentido como alguém que possui e contém a misteriosa substância de que necessitamos para nos completarmos. Esse fato tem sido descrito como devido ao fenômeno da projeção. O conceito é útil, mas incompleto. Creio que isso se deve também à experiência anímica, a qual é incentivada e desejada na situação analítica. Seja como for, essa experiência da alma perdida, numa situação analítica, oferece a possibilidade de por fim reconquistá-la. Deste ponto de vista, torna-se claro que o relacionamento com o analista é parte central desse processo de reintegrar-se e reunir-se à própria alma.

Após discutir a natureza e a importância do relacionamento analista-paciente, quero enfatizar que a união interior é o alvo último da análise, antes que a união com o outro. Já vimos como a conexão interior acompanha a exterior; mas devemos estabelecer ainda outra diferenciação.

A emoção do amor é a substância essencial tanto da união interna como da união com o outro. A totalidade interior não poderá ser mantida por muito tempo se houver um distúrbio na função de Eros. *Enquanto se tem medo de amar e expor a alma a outrem, é impossível atingir a união interior.* Assim sendo, o alvo da totalidade interior, na análise, não pode ser alcançado enquanto continuarem a existir os obstáculos que impedem uma conexão totalmente aberta entre analista e analisando. Por outro lado, um canal desobstruído não significa necessariamente que se estabeleceu um laço firme de conexão interior. Enquanto o analista for o portador de uma fração da alma do paciente (e vice-versa), o estado de totalidade interior permanece constantemente em cheque. Este estágio do processo é talvez o mais difícil, quando e se for atingido. É nesse ponto que muitas análises potencialmente bem sucedidas fracassam.

Paradoxalmente, a experiência de um fluxo desobstruído e da conexão — a qual expressa a totalidade do analisando com respeito ao analista — é o cerne do problema. Para compreender esse fato, devemos mencionar algo mais sobre a peculiar natureza do receptáculo analítico. Existem poucos receptáculos ou vasos para o relacionamento humano na cultura ocidental, ou seja, situações em que dois indivíduos se encontram regularmente com o propósito específico de cultivar a alma. Os receptáculos para o relacionamento humano em nossa cultura, incluindo o casamento em sua forma atual, não promovem de modo algum a totalidade da conexão. Tanto o analista como o analisando, portanto, devem encarar o fato de que provavelmente não poderão manter uma conexão desobstruída em seus relacionamentos "mundanos" como fizeram em seu relacionamento analítico. Entretanto, o analista se defronta com outra dificuldade: a promessa, implícita ou não, de que a conexão positiva

consigo dará por fim lugar a conexões igualmente profundas e abertas com outras pessoas. Percebe-se que essa promessa não pode ser cumprida tão facilmente assim.

Parece, portanto, que a entrada nos estágios finais da análise requer o conhecimento pleno e mútuo da natureza especial e incomum do relacionamento e do receptáculo analítico. Tanto o analista como o paciente devem ser capazes de reconhecer sua necessidade, caso esta de fato exista, de levar adiante o relacionamento relativamente desobstruído que mantêm entre si, assim como a impossibilidade de fazê-lo. O sacrifício consciente que devem fazer é similar ao de pais e filhos quando estes abandonam o manto protetor e entram no mundo. Num relacionamento positivo entre pais e filhos — hoje em dia extremamente raro — estes não têm garantia alguma de que voltarão a ligar-se tão intimamente a outrem, como ocorreu com relação a seus pais. E mesmo assim o filho deve partir, devendo os pais encorajá-lo. É claro que na análise a situação não é idêntica; mas não deixa de ser amargo descobrir que será extremamente difícil encontrar ou criar um receptáculo comparável na vida cotidiana para cultivar a conexão e a transformação anímica. Se o paciente não for capaz de aceitar e levar em conta essa realidade, sentindo-se ao invés traído e desiludido, a figura de sua alma não terá encontrado a cura. E o analista, caso tenha a mesma dificuldade, terá uma sensação de fracasso e de cabal desilusão com a análise.

Nunca é demais enfatizar a importância de receptáculos criativos viáveis para a promoção da conexão anímica. Eles são dados pelas formas sociais básicas e pela estrutura da sociedade, influenciando e determinando os padrões e estilos de vida de uma cultura. Existe hoje uma grande necessidade de se encontrar novas formas de casamento, amizade e comunidade que promovam o desenvolvimento de Eros e os sentimentos de afinidade grupal. Mas provavelmente muito tempo passará antes que ocorra uma real mudança criativa nas unidades estruturais básicas de nossa sociedade. O que fazer, enquanto isso, com a grande disparidade entre a realidade de viver num mundo doente e fragmentado, de um lado, e nossa visão de um modo de vida melhor? O que deve fazer o paciente que terminou a análise, agora que recobrou a conexão com a visão criativa de sua alma e que experimentou a realidade concreta de uma conexão aberta e *sustentada* com outro?

O intercâmbio de substância anímica que ocorre quando duas almas se encontram e se tocam é essencial para a vida e a saúde do corpo e do espírito. A totalidade interior logo se torna fria, rígida e esterilizante se a alma não for continuamente re-humanizada e renovada pela conexão humana. Assim, é precisamente porque as conexões anímicas são tão raras e difíceis em nossa cultura que a cura

da cisão mente/corpo e a totalidade interior se tornam essenciais. Eis aí outro paradoxo que não se pode evitar.

A necessidade de manter a própria alma cuidadosamente escondida e protegida desaparece quando já não se depende mais da conexão com outro para atingir a totalidade. Já não há mais aquele medo de experimentar e expressar os próprios sentimentos e reações para com o outro, simplesmente porque a integridade e a totalidade de nosso ser não depende de um relacionamento em particular. Tal fato aumenta a possibilidade de se ter conexões humanas íntimas e diminui as exigências e expectativas que todos nós tendemos a lançar sobre os que nos querem bem. Além disso, a alma revelada em geral evoca a emoção do amor, especialmente quando não exige nada do outro. Dessa forma, a totalidade interior abre as portas para muitas outras possibilidades de conexão anímica, apesar da falta de receptáculos que promovam Eros em nossa cultura.

Mas existe ainda outra dificuldade que continuamente ameaça minar a totalidade interior: a visão de um mundo novo e melhor. A despeito das inúmeras formas que essa visão possa assumir, ela se origina no arquétipo da união, expresso por imagens como as do Incesto entre Irmão e Irmã, o Casamento Celestial ou Divino, a Quaternidade e a Mandala. Como vimos, uma conexão com esse arquétipo e a crença de que finalmente se realize proporcionam direção, sentido e equilíbrio à vida. A realização pode ocorrer em vários níveis: internamente, como harmonia e união interiores; externamente, como união e unicidade com outro, com a comunidade, o mundo, o cosmos. As imagens de um mundo ideal através das quais se expressa o arquétipo possuem certas características comuns: ou seja, um mundo no qual a paz, a harmonia e o amor fraternal imperam; uma comunidade na qual cada homem vive com orgulhosa e discreta dignidade, protegido da invasão de forças estranhas; uma comunidade regida pelo princípio de Eros, na qual os instintos agressivos e o princípio de poder trabalham criativamente pela verdade, pela beleza e pelos valores estéticos. Tais elementos fornecem o terreno sobre o qual se apóiam todas as visões utópicas do paraíso terrestre ou da Nova Jerusalém.

Talvez na Idade de Ouro, ou antes da Queda, o homem tenha realizado essa visão; talvez existiram comunidades, no decorrer da história, e se aproximaram dela. Vivemos agora num período que parece o pólo oposto da visão utópica, apesar de toda a nossa afluência material. A fé de que a visão utópica um dia será realizada torna-se essencial, agora mais do que nunca, para manter nosso equilíbrio e sanidade. Entretanto, qualquer apreciação realista das condições existentes e das forças em ação só pode nos encher de profundo desespero quanto ao futuro. Como se pode manter a fé na possibilidade de um

mundo melhor em face dos brutais fatos que nos cercam? Como se podem tornar reais a alegria e o significado na vida cotidiana, vivendo nesse mundo fragmentado e fragmentador? Parece que "sair do sistema" e tentar criar comunidades novas e viáveis nunca funciona por muito tempo. Diante da impossibilidade de fugir do destino de todos os homens modernos, torna-se extremamente difícil manter a própria fé e a conexão com a visão utópica. Quando perdemos a fé nessa visão, a hrmonia interior e a totalidade do ser começam a ruir. A análise deve ser capaz de mostrar ao indivíduo um modo efetivo de manter sua fé na realização final dessa visão utópica, a despeito dos fatos duros e cruéis da realidade, ou então ela não cumprirá sua promessa de guiar o indivíduo pelo caminho da auto-realização e da totalidade.

XIV. ALÉM DA TRANSFERÊNCIA: UMA NOVA ANÁLISE

Ainda que a capacidade de internalizar seja um objetivo terapêutico mais plausível que a resolução da transferência, creio que se faz necessário abandonar de modo mais radical possível os conceitos ortodoxos: o uso do fenômeno da transferência enquanto *instrumento terapêutico* é desnecessário e, além disso, até prejudicial à conexão humana.

Se tento dizer a outra pessoa como ela se situa psicologicamente em relação a mim, seja na análise ou fora dela, corto com isso o fluxo de conexão entre nós. A validade do que eu possa dizer sobre o que acontece no interior de outra pessoa é sempre questionável. Não posso dizer, sobre meu relacionamento com outrem, mais do que eu próprio experimento. Tentar dizer ao outro como é a experiência que ele tem de mim reflete uma certa dose de *hubris** científica bastante destrutiva. Meu conhecimento psicológico pode me proporcionar algum discernimento sobre o que se passa entre nós, mas é impossível ter certeza do que pertence a mim e do que pertence ao outro. Além disso, o fato de uma pessoa se desligar e procurar fazer um julgamento impessoal sobre o que ocorre entre ela e o outro é destrutivo para o relacionamento. O uso da transferência como instrumento terapêutico é mau para a alma: promove uma dependência contínua em relação ao analista, funcionando contra o processo de individuação e tornando interminável o ritual analítico.

O paciente pode tomar consciência das projeções que ocorrem no relacionamento analítico sem que a transferência seja interpretada. Na medida em que expõe seus sentimentos diretamente no relacionamento, o analista, mais do que por qualquer outro meio, consegue

* Arrogância (N. do T.)

ajudar o analisando a diferenciar suas próprias fantasias do que de fato ocorre entre ambos. O conhecimento relativo ao fenômeno da transferência é essencial para o desenvolvimento psicológico; porém usá-lo como instrumento de terapia atrapalha o processo de individuação. A partir do momento em que o indivíduo se sensibiliza para o que ocorre *dentro* dele, ele já pode descobrir em seu interior todo o discernimento que precisa sobre a dinâmica do relacionamento.

O alvo do processo analítico pode ser definido em termos simples: conexão anímica, ou seja, um relacionamento adequado entre o ego e a alma. Uma vez comprometido com esse processo, o indivíduo pode seguir o caminho da individuação por contra própria, terminando o quanto antes a análise. Afinal, o homem nasce individuado e seu desenvolvimento depende apenas da manutenção desse estado através de um relacionamento dinâmico e dialético entre ego e alma. A idéia de que a individuação é uma heróica e difícil busca do tesouro envolvendo uma progressiva superação de obstáculos ou a união mística com Deus é insidiosa e perpetua uma contínua dependência em relação ao analista. O mito do herói já não é mais um paradigma adequado para o homem moderno. Precisamos de um novo paradigma, que promova a conexão anímica em lugar da insaciável busca de conhecimento, poder e consciência encetada pelo herói.

Uma abordagem mais eficiente com respeito à cura da ferida do incesto deveria por certo ser incorporada por um novo tipo de análise. Os seguintes passos merecem ser enfatizados:

1. Visto que a humanização de Eros depende de uma firme conexão com o arquétipo do Incesto, assim como a totalidade psicológica depende de uma gradual diminuição da dependência de outrem, é preciso contar com uma compreensão do símbolo do incesto.

2. A ferida do incesto se manifesta através de uma cisão entre mente e corpo, entre pensamento e sentimento, amor e sexo, espírito e natureza, em conseqüência do esforço encetado pelo indivíduo para controlar sua personalidade com sua mente racional. Talvez o melhor modo de reconhecer a ferida consista em tomar consciência das experiências nas quais se têm medo de perder o controle racional, de ficar tomado por impulsos ou desejos espontâneos e irracionais. O primeiro passo no processo de cura é o reconhecimento desse medo, à medida que se manifesta numa variedade de relacionamentos e experiências.

3. O passo seguinte consiste em explorar as origens e a natureza desse medo. Ao mesmo tempo, deve-se começar a cultivar uma consciência mais ampla dos movimentos irracionais da alma em sua circulação pelo corpo. Finalmente, deve-se ter a coragem de permitir que esse pulso vivo e espontâneo tenha livre expressão sem qualquer

oposição por parte da mente racional; o ego deve por fim renunciar a seu controle e se entregar à essencialmente desconhecida e imprevisível inteligência diretiva que existe na alma. É preciso prática para reconquistar confiança nas expressões espontâneas de nossa natureza. Espera-se que a nova análise forneça um receptáculo relativamente seguro no qual gradualmente se possa adquirir experiência e confiança na interação humana dirigida pela alma.

4. Por mais que a análise ofereça essa possibilidade, ela não fornece um receptáculo para que a pessoa se expresse e tenha uma experiência de si mesma frente a seus iguais e em grupos. Em última instância, a pessoa deve poder viver e atuar a partir desse novo centro em todos os aspectos de sua vida. Um conceito mais globalizante de cura deveria incluir essa possibilidade.

5. Paradoxalmente, o medo de permanecer aberto e espontâneo e de perder o controle do ego é em geral mais forte no relacionamento conjugal. Em grande parte, isso se deve ao fato de que a constelação arquetípica progenitor-filho tende a dominar o casamento moderno. A maioria dos casais, portanto, se encontra num estado infantil de extrema dependência mútua, consciente ou inconscientemente. Isso é intensificado pelo isolamento que afeta a maior parte dos casais, devido à falta de conexão com qualquer tipo viável de grupo ou comunidade. É preciso ter mais coragem do que geralmente se tem para correr o risco de romper esse relacionamento essencialmente impessoal, permitindo que ocorra um livre intercâmbio de sentimentos e emoções pessoais. Uma situação terapêutica que promova um intercâmbio direto mais espontâneo entre marido e mulher deve portanto ser criada pela nova análise. Como se pode falar de uma cura real da ferida do incesto se o relacionamento conjugal permanece fragmentado?

6. A experiência não-terapêutica de trabalhar com outras pessoas que também buscam agir com base em seu centro anímico mais do que sobre seu ego oferece a possibilidade de se estabelecer uma autêntica comunidade, um grupo de pessoas afins. Enquanto a pessoa não se sentir enraizada numa comunidade não poderá haver uma cura permanente da ferida do incesto. A vitalidade da conexão entre homem e mulher se extingue se o casal se afasta de uma comunidade, pois as exigências da libido grupal, essencialmente impessoal, tornam-se um desmesurado fardo para o desenvolvimento de um relacionamento pessoal.

A maior parte dos métodos existentes para promover a conexão anímica pode ser mantida pela nova análise: sonhos, imaginação ativa e atividade imaginativa, conscientização do que se sente e se experimenta nos relacionamentos, apreciação da linguagem simbólica da psique e do soma, diferenciação entre realidade interior e exterior.

Além disso, essa nova abordagem deve incorporar grupos que estimulem um intercâmbio aberto de sentimentos e idéias. A ausência de experiência grupal representa uma infeliz omissão na análise ortodoxa. Muitos indivíduos devem ser atingidos por essa experiência para que possam começar a internalizar sua projeções.

As dificuldades interiores que encontramos com respeito à alma se manifestam externamente de modo muito claro em relação aos outros, especialmente o sexo oposto. Conseqüentemente, é ilusório supor que mudanças interiores fundamentais tenham ocorrido enquanto o padrão de relacionamento com o sexo oposto permanecer inalterado. Na terapia individual, o analista não tem meios de observar o analisando numa confrontação real com outra pessoa. Será que essa condição é necessária? Os analistas ortodoxos diriam que não, que esses mesmos padrões se manifestam e podem ser observados na situação de transferência. Uma nova análise não poderia reivindicar tal coisa — ainda que isso fosse válido — uma vez que a transferência não será usada como instrumento terapêutico.

Pode-se observar com muito mais clareza o ponto em que dois indivíduos emperram em seu relacionamento quando não nos envolvemos. O conhecimento que o analista tem de padrões arquetípicos pode ser usado de modo extremamente criativo se este tiver a oportunidade de ver seu analisando numa confrontação real com outra pessoa. Por vezes, somente a repetida remoção desses padrões arquetípicos, à medida que se manifestam num relacionamento real, é que pode permitir que o analisando encontre um novo modo de se relacionar com sua alma.

As principais mudanças metodológicas e estruturais de uma nova análise podem ser sintetizadas como segue:

1. Eliminação do uso terapêutico do fenômeno da transferência.

2. Cultivo da abertura recíproca: experimentar e expressar o que se pensa, sente e fantasia com respeito ao outro. Ambos devem sentir-se livres para expressar sua experiência do outro sem medo de que o relacionamento se rompa pelo fato de tais impressões poderem causar dor ou mal-estar ao outro.

3. Com a eliminação do uso da transferência, não há justificativa para que alguém se torne dependente de um terapeuta em especial. Nenhum terapeuta pode usar contra seu paciente a velha história de "trabalhar" a transferência, ou trabalhar o que quer que seja. A noção de resolver um complexo se baseia num modelo médico de análise. Uma nova análise não pretende curar ou resolver um complexo neurótico. Pretende apenas ajudar o indivíduo em seu relacionamento com sua alma através de um processo essencialmente educativo.

Nos sistemas analíticos tradicionais, "processo" é entendido como trabalho sistemático e integração de complexos psicológicos. Na nova análise, processo é entendido em termos de mudança de atitudes, de formas de perceber a realidade interior e exterior. A integração dos complexos não é a natureza do processo, mas sim conseqüência do fato de estar em processo. Em termos simples, isso equivale à passagem de uma visão da realidade centrada no ego para outra, centrada na alma.

4. A idéia de trabalhar somente com um analista por vez deriva da ênfase concedida à transferência e à exploração de um complexo. Eliminando-se essas objeções teóricas, a experiência terapêutica simultânea com vários analistas poderia tornar-se parte do ritual.

5. Essa nova análise deve incorporar algum tipo de experiência de grupo, com uma dimensão terapêutica e educacional.

6. É necessário um forum permanente para o intercâmbio de idéias sobre individuação enquanto problema tanto pessoal quanto social. Tal forum oferece um campo de encontro essencial para uma comunidade espiritual.

7. A nova análise deve receber um nome mais adequado, uma vez que seu centro já não é mais a exploração de fenômenos psíquicos e de complexos. Por que não acatar a sugestão de Hillman e denominá-la Psicologia Arquetípica[1] ou Terapia Arquetípica? Além do mais, a terapia arquetípica não deriva nem da medicina moderna, nem da psicologia acadêmica; pelo contrário, prende-se à tradição das disciplinas educacionais, espirituais e religiosas voltadas para a vida da alma.

Sempre que consigo me afastar da profissão e vê-la à distância fico admirado com a insanidade do relacionamento analítico. É abominável chamar de relacionamento o que ocorre no interior da estrutura analítica ortodoxa. Como podem duas pessoas ligar-se uma à outra e ser o que são se elas não têm liberdade de se envolver emocionalmente e de ter contato físico?

Boa parte das dificuldades da transferência são criadas e perpetuadas pela frustração da alma impedida de se relacionar com o analista. Ainda que o ritual analítico tenha sido um fantástico laboratório para se examinar as patologias do relacionamento humano, nem por isso uma pessoa analisada é necessariamente mais aberta ou mais capaz de amar. Pelo contrário, o analisando tende a seguir o exemplo do analista ao lidar com seus impulsos irracionais e emoções. Portanto, o fator determinante da experiência terapêutica é o tipo de

1. James Hillman, "Why Archetypal Psychology?" *in Spring 1970*, Spring Publications, New York, 1970.

pessoa que o analista é e seu modo de reagir. O analista, porém, é treinado para ser uma não-pessoa: distante, objetivo e sem envolvimento. Incrível! Poderia haver pior modelo para promover a conexão humana?

Exigir que o terapeuta permaneça distanciado e sem envolvimento emocional é não apenas uma coisa irrealista, como desumana e prejudicial para a alma tanto do paciente como do terapeuta; além disso, tal fato recria o dilacerante relacionamento entre Progenitor patogênico e Filho (o progenitor patogênico sente-se ameaçado pelo envolvimento emocional com o filho ou filha e tem medo de ser natural e espontâneo). Essas feridas incestuosas interferem na capacidade do indivíduo de manter relacionamentos humanos íntimos, tendendo a criar uma cisão interna entre a natureza espiritual e a instintiva-animal da pessoa. O terapeuta deve possuir suficiente abertura para experimentar a proximidade emocional com seu paciente para promover a cura dessas feridas — o que não é possível enquanto ambos, ou um deles, tiverem medo de suas reações físicas e de sua sexualidade. Superar esse medo e adquirir confiança para expressar o que se passa no campo emocional, físico e imaginário do relacionamento é um aspecto essencial do processo terapêutico.

Será que essa abertura mútua não acabará por provocar o envolvimento sexual concreto? Na minha experiência, esse não tem sido o caso. Muito pelo contrário. Quanto menor for o grau de abertura e conexão entre as pessoas, tanto mais elas parecem se sentir compelidas a levar a cabo seus impulsos sexuais para estabelecer uma conexão. Em sua maior parte, a sexualidade existente hoje em dia tem essa qualidade compulsiva, precisamente porque há tão pouco Eros e tão pouca conexão entre as pessoas.

Sem Eros não pode haver uma conexão real entre as pessoas. Quando Eros flui, a mente e o corpo estão em harmonia. Sempre que sentimos um conflito entre esses opostos num relacionamento, isso significa que Eros está obstruído. Tentar atravessar a obstrução apoiando-se no desejo sexual, por exemplo, tende a cortar e a criar uma distância ainda maior entre as pessoas. Assim sendo, o fato de uma pessoa superar suas inibições sexuais e de se tornar sexualmente livre não a leva necessariamente a um tipo melhor ou mais sadio de sexo. Sem Eros não há sexo bom.

Enfatizei, neste livro, a importância de viver bem a própria sexualidade para poder ser espontâneo e confiar em todos os instintos. Porém, a nova liberdade sexual que a alma reclama tem menos a ver com ação e mais com a realização emocional e imaginativa. Não pretendo com isso desmerecer a nova liberdade de expressar a plena gama de impulsos sexuais e fantasias sem condenação moral. Mas penso que a discussão desse tema se equivoca, como também ocorre

com os novos terapeutas sexuais. D. H. Lawrence compreendeu isso tudo com muito mais propriedade do que qualquer outro escritor moderno ou psicólogo que eu conheça:

> *Longe de mim sugerir que todas as mulheres deveriam correr atrás de guarda-caças para encontrar amantes. Longe de mim sugerir que elas deveriam correr atrás de quem quer que seja. Hoje em dia, muitos homens e mulheres se sentem mais felizes quando se abstêm e permanecem sexualmente afastados; e ao mesmo tempo, quando compreendem o sexo mais plenamente. Nossa época é mais de compreensão do que de ação. Já houve tanta ação no passado, especialmente ação sexual, uma infindável e cansativa repetição, sem a correspondência de um pensamento ou de uma compreensão. Nossa tarefa agora é compreender o sexo.* Hoje, a plena compreensão consciente do sexo é mais importante do que o próprio ato. *Depois de séculos de ofuscamento, a mente quer saber, e por inteiro. O corpo, na verdade, está dormente. Atualmente, quando atuam sexualmente, as pessoas representam metade do tempo. Assim fazem porque pensam ser isso o que se espera delas. Quando, de fato,* é a mente que está interessada, devendo então o corpo ser provocado. *A razão disso é que nossos antepassados agiam sexualmente com tanta assiduidade, sem jamais pensar ou compreender, que agora o ato tende a ser mecânico, aborrecido e decepcionante, de tal forma que somente uma compreensão mental poderá reverdecer a experiência.*
> *Em matéria de sexo, a mente tem que se atualizar — de resto, em tudo o que se refere a atos físicos. Mentalmente, ficamos para trás em nosso pensamento sexual, presos a um medo obscuro, furtivo e objetivo que provém de nossos rudes e de certa forma bestiais antepassados. Em relação a esse aspecto sexual e físico, impedimos que a mente evoluísse. Agora temos que nos atualizar e alcançar um equilíbrio entre a consciência das sensações e experiências do corpo e essas próprias sensações e experiências.* Equilibrar a consciência do ato e o próprio ato. Colocar os dois em harmonia. *Isto significa cultivar uma reverência adequada pelo sexo e pela estranha experiência do corpo...*[2] (normal meu)

Já revelei a enorme dificuldade que eu tinha de permitir que meus sentimentos e fantasias eróticas penetrassem na consciência. Expor esse material na situação terapêutica era ainda mais difícil. Não obs-

2. D.H.Lawrence, "A Propos of Lady Chatterley's Lover", *in Sex, Literature and Censorship*, New York, Twayne Publishers, 1953, págs. 92-93.

tante, minha convicção sobre a fragmentação causada pelo relacionamento arquetípico entre analista e analisando me deu coragem de correr o risco de me expor. O processo foi gradual, cheio de ciladas, e cometi muitos erros, dolorosos mas provavelmente necessários, na tentativa de trilhar esse caminho inexplorado. Uma das ciladas era o envolvimento erótico real, que ocorreu exatamente porque eu ainda tinha muito medo de deixar que meus sentimentos e fantasias sexuais penetrassem na consciência. Como a tensão consciente entre mente/corpo, espírito/carne, amor/sexo é essencial ao processo terapêutico, entregar-se à sensualidade tende a extinguir a natureza terapêutica do relacionamento.

Em princípio, portanto, não recomendo o envolvimento sexual na situação psicoterapêutica, muito embora duvide que o (ou a) jovem terapeuta possa aprender a confiar em Eros e em seu instinto sexual se não arriscar essa possibilidade. É um perigo que bem vale o risco. É melhor ser humanamente vulnerável do que perpetuar a desumanizante situação arquetípica da análise clássica. Por outro lado, enquanto trabalhar no interior do modelo médico prevalecente, o terapeuta, caso lhe ocorra um envolvimento sexual na situação terapêutica, sentirá que cometeu um horrível crime, ou tentará justificar o fato como sendo "terapêutico".

A análise deve se despojar das limitações do modelo médico psicanalítico para que os papéis de doutor e paciente sejam transcendidos. Todos os pressupostos desse modelo devem ser reexaminados, no que concerne a envolvimento emocional, regularidade do encontro, pagamento de honorários, etc. Enquanto o relacionamento analítico permanecer preso no compartimento arquetípico não será possível a verdadeira cura da ferida do incesto, continuando o indivíduo a carregar os complexos ligados às figuras de seus pais. Como pode a análise aspirar à eficácia terapêutica se os efeitos da ferida do incesto, que tanto obstruem Eros, permanecem essencialmente inalterados, para não dizer aprofundados? Mesmo se o alvo for definido como sendo a expansão da consciência, mais do que a própria cura, deve-se questionar a validade de um alargamento da consciência que não promove o desenvolvimento de Eros.

Felizmente, a dimensão humana da maioria dos analistas não pode tolerar a estrutura anti-humana do modelo psicanalítico; sem dúvida alguma, na prática ocorre mais envolvimento emocional e contato físico do que é revelado em artigos profissionais. Mesmo que o analista tenha dificuldade de abandonar o papel de arquetípico, o simples fato de lutar para aumentar seu grau de abertura e conexão pessoal já ajuda a humanizar o relacionamento. Mas mesmo que

algum tipo de cura surja do trabalho desse analista, esta será ainda uma cura inadequada. O padrão arquetípico só será rompido quando ambas as partes puderem se encarar mutuamente sem qualquer barreira estrutural, assumindo cada qual a responsabilidade por seus próprios sentimentos e ações (e apenas pelos seus). Por que, então, têm os psicoterapeutas tanto medo de abandonar o modelo psicanalítico?

A psicanálise teve sua origem no interesse de Freud pela histeria, constituindo-se a maior parte de seus primeiros pacientes de mulheres histéricas. Sem dúvida alguma ele precisava se proteger contra essa legião de mulheres irracionais, exigentes e emocionalmente carregadas. O estabelecimento do dogma das regras básicas da psicanálise foi por certo uma excelente maneira de conseguir tal proteção.

Freud foi um corajoso, por ter sido um dos primeiros a tentar ouvir com compreensão e simpatia a agonia e as obscuras paixões produzidas pelo sofrimento da mulher histérica. Ele merecia toda a proteção de que pudesse lançar mão, pois o ato de se expor à ira da Deusa injuriada (arquétipo) é cercado de perigos (a relação entre a histeria e o bi-sexual Dionisos, que é principalmente um deus das mulheres, foi desenvolvida em detalhe por Hillman em seu ensaio *On Psychological Femininity*[3]). O fato de Freud e seus seguidores terem tido necessidade dessas medidas protetoras não significa necessariamente que atualmente elas sejam essenciais, ou que sejam benéficas para o paciente. Apresentei, neste livro, considerável evidência em contrário. A estrutura psicanalítica, cada vez mais, começa a configurar-se como uma defesa masculina contra a obscura natureza feminina. Permitir que a Deusa ou Dionisos tenham o mesmo peso e os mesmos direitos é uma ameaça forte demais para nossa hipertrofiada consciência apolínea. Além do mais, não é para o próprio bem da mulher que o terapeuta mantém sua distância apolínea e sua objetividade? Então para o bem de quem? Não será este outro deslavado exemplo de chauvinismo masculino? Como pode o analisando (homem ou mulher) não se sentir infantil e inferior se o analista assume a responsabilidade de proteger a ambos das envolventes e espontâneas tendências de Eros?

Um novo modelo para o ritual analítico deve acima de tudo reconhecer a importância central do relacionamento (e não da transferência) entre analista e analisando. O novo alvo do *processo* é o desenvolvimento de Eros através do cultivo da conexão anímica, muito mais do que o autoconhecimento e a expansão da consciência

3. James Hillman, "On Psychological Femininity", *in The Myth of Analysis*, Evanston, Northwestern University Press, 1972.

— muito embora aquele não possa ocorrer sem estes. O alvo do *relacionamento* é evoluir da constelação arquetípica inicial Progenitor-Filho rumo a uma situação de igualdade e envolvimento pessoal. O alvo do processo e o do relacionamento se movem conjuntamente, de forma que um não pode ser alcançado sem o outro. Assim, a verdadeira personalização e a individuação do relacionamento indicam que o ritual terapêutico atingiu seu alvo.

APÊNDICE

DEZ PEQUENOS ENSAIOS SOBRE AMOR, SEXO E CASAMENTO

APÊNDICE

SOBRE O AMOR PELA ALMA

A base do fluxo de amor entre duas pessoas é a capacidade de evocar o amor. Em geral, enfatizamos a capacidade de amar, de dar de fato amor a outra pessoa como sendo o aspecto fundamental. Basta, porém, levar em conta a freqüência com que o amor é rejeitado para se perceber que algo está incorreto nessa premissa. Será que isso não é porque aquele que oferece amor é em geral visto como ameaça pelo que recebe? Ninguém pode evocar amor se a outra parte se sente de algum modo ameaçada.

Porém a alma exposta e nua sempre evoca amor. É por isso que é tão fácil amar as crianças e os animais — raramente suas almas estão escondidas. O amor não pode ser evocado estando a alma encoberta ou protegida. *Dar amor sem expor a alma é sempre uma ameaça para o outro.* Mas quando duas pessoas se encontram sem barreiras, o amor flui automaticamente em ambas as direções. Não se trata de um ato de vontade, mas de um fluir espontâneo. Que não resulta do ato de dar ou receber amor, mas da revelação mútua.

SOBRE O SIGNIFICADO DA UNIÃO SEXUAL NO DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO

A alma sofre quando lhe falta uma conexão espiritual positiva com o sexo oposto. Qual a importância dessa necessidade de união sexual sentida pela alma? Não é a abstinência requerida pelas disciplinas espirituais? Quando se encara o prazer e a reprodução como sendo o principal alvo do instinto sexual, como se dá em nossa cultura judeu-cristã, a abstinência tende a se tornar o verdadeiro caminho do

espírito. Nossa tradição ocidental não tem dado a devida consideração ao mistério espiritual da união sexual.

A necessidade de união sexual sentida pela alma não pode ser separada de sua necessidade de comunhão espiritual. O que se passa entre um homem e uma mulher no plano sexual não pode ser diferenciado do que ocorre espiritualmente. Infelizmente, na maioria das relações prolongadas o sexo tende a se resumir a uma série de conexões parciais, nas quais o instinto sexual é excitado basicamente pelo estímulo físico e pela fantasia, acompanhado, no melhor dos casos, por uma conexão fragmentária com a alma do outro. Quando o espírito consegue fluir solto pela conexão sexual, nem mesmo o mais recôndito canto da alma será excluído. O relacionamento entre homem e mulher lentamente se deteriora se a conexão sexual *habitual* não possuir essa totalidade.

O CASAMENTO E A CRIANÇA DESPREZADA

O casamento não é casamento se não se baseia na masculinidade e na feminilidade essenciais do marido e da mulher. O relacionamento conjugal se deteriora tão logo essa polaridade se torne indistinta. Essa condição é provavelmente a fonte de grande parte da dissatisfação dos casamentos modernos.

A masculinidade e a feminilidade puras se atraem fortemente. Não são inimigas nem oponentes hostis, como parece ser o caso na maioria dos relacionamentos matrimoniais contemporâneos. O que será, então, que está causando a retração do fluxo vital entre marido e mulher? Creio que isso se deve principalmente ao fato de que *a criança desprezada dentro de ambos tende a dominar o relacionamento.* Quer dizer, essa criança desprezada e insatisfeita vem exigindo cuidado e atenção constantes.

Se de um lado a masculinidade e a feminilidade informes de uma criança começam a vir à tona assim que nasce — na verdade, no próprio momento em que é concebida — é somente quando se torna consciente de sua sexualidade que a criança atinge sua identidade sexual. E isso não pode ocorrer antes que seus centros corpóreos de sexualidade estejam plenamente despertos, e que sua consciência tenha se desenvolvido o suficiente para receber o obscuro mistério da paixão sexual. Na maioria das culturas, os ritos de transição à masculinidade ou à feminilidade giram em torno dos mistérios da sexualidade e da identidade sexual. A humanidade sempre julgou necessário ajudar a criança nessa perigosa transição por meio de complexos rituais. Atualmente, poucos de nós completaram com sucesso

essa passagem psicológica para o pleno estado masculino ou feminino; assim sendo, a criança não-iniciada e medrosa dentro de nós está sempre a implorar ajuda e instrução. Essa criança desprezada domina a tal ponto o relacionamento conjugal que este pode rapidamente deteriorar num confronto assexuado e na segurança do relacionamento arquetípico entre pais e filhos.

Somente depois de iniciada nos mistérios da masculinidade e da feminilidade é que a criança estará pronta para o casamento. Enquanto não se tornar homem ou mulher, ela não poderá acolher o mistério de sua obscura natureza sexual. É só então que marido e mulher florescem no pleno esplendor e dignidade de sua própria masculinidade e feminilidade. Só então podem sentir de novo a poderosa atração da polaridade sexual que a alma tanto exige.

O que se pode fazer para que essa criança desprezada insatisfeita se torne realmente homem ou mulher? Sem dúvida é necessária alguma iniciação ou ritual de cura. Creio que a análise pode ser esse rito. Mas é um ritual longo, lento e ainda inadequado. Com ou sem análise, é possível evitar o predomínio da criança confusa se cada cônjuge pelo menos tentar assumir a responsabilidade de cuidar de sua própria criança interior.

Essa criança exigente encontrou sempre demasiada resistência destrutiva ao seu desenvolvimento. Fizeram com que ela se sentisse culpada e envergonhada pela peculiaridade de sua própria natureza. A criança dentro do adulto precisa desesperadamente ter a experiência de uma aceitação plena de sua natureza e ser absolvida da dilacerante culpa que estancou seu desenvolvimento. Infelizmente, a criança exigente costuma evocar crítica e censura por parte dos outros, especialmente quando fala pelo corpo de um adulto. O que esta criança de fato deseja é que lhe permitam viver espontânea e naturalmente. Mas se nós mesmos criticamos e rejeitamos a criança interior, como podemos esperar que os outros a aceitem? Além disso, mesmo quando os outros têm compaixão por ela, o arquétipo do Pai (ou Mãe) Negativo dentro de nossa própria psique exerce uma rejeição ainda mais forte do que a alheia; em decorrência, a necessidade de aprovação que a criança tem torna-se insaciável, não sendo jamais gratificada.

Quando a criança exigente em nós clama por outra pessoa, esta se vê provocada a assumir o papel de Progenitor Negativo. Ocorre-nos então uma experiência de rejeição e traição, ao lado de uma sensação ainda mais profunda de inadequação e humilhação. Quando isso acontece no casamento, o fluxo de Eros fica completamente obstruído. Obviamente, o desenvolvimento da capacidade de conter o sofrimento da criança exigente é crucial para o redespertar da co-

nexão humana entre homem e mulher. Na verdade, prolongamos o processo de transformação da criança quando mais uma vez a rejeitamos ou humilhamos.

É difícil conter as dolorosas necessidades da criança exigente porque estas nos parecem sempre tão simples, justas e despretensiosas: "todo ser humano tem direito a um pouco de amor e compreensão, não? Por que tenho que sofrer e conter uma necessidade básica, tão fácil de satisfazer? Dê-me uma causa importante e significativa e eu lhe mostrarei o que sou capaz de suportar! Mas por que devo sofrer só porque você se recusa a fazer o jantar ou cuidar da casa? Por que devo suportar essa dor que sinto quando você me frustra sexualmente? Por que devo sofrer por causa da sua frieza e falta de compreensão para com minhas simples necessidades básicas? Um estranho demonstraria mais sentimentos por mim do que você. Não posso tolerar! Você pode falar quanto quiser que o sofrimento tem sentido, você pode até berrar isso lá de cima dos telhados — mas eu sei que tenho o direito de esperar certas coisas e afinal não é muito exigir um pouco de delicadeza humana"...e assim por diante.

Eis aí a questão. Será que temos o direito de privar um bebê de leite? De privar os que amamos do leite da gentileza humana, da simples compreensão? Ora, uma criança tem por certo o direito de esperar que certas necessidades básicas sejam satisfeitas por seus pais. Marido e mulher, porém, não são pais um do outro: esperar mais do que honestidade e abertura mata o fluxo de amor entre ambos. E se a criança interior ainda continuar a reclamar seus direitos do outro, o casamento ficará paralisado no padrão arquetípico Pais-Filho. Não haverá então possibilidade alguma para uma conexão vital entre masculino e feminino, não haverá sexo de verdade. Assim, esta é minha resposta ao homem ou mulher que não vê razão alguma para agüentar as "justas" exigências de sua própria criança desprezada ou frustrada: não há esperança de reais mudanças em seu casamento; não há esperança de uma reconexão com os grandes ritmos naturais de seu próprio ser e do cosmos, a não ser que, você se reconecte; enquanto tudo isso não for plenamente compreendido e vivido, seu casamento só poderá ser uma prisão estéril ou um campo de batalha. Pois bem, a transformação da criança exigente não pode ocorrer sem uma correspondente mudança interna no arquétipo de Pais Negativos. No momento em que exige do outro aquilo que parece um "direito" próprio ser e do cosmos, a não ser que você se reconecte; enquanto outra pessoa. Levarei esse ponto um pouco mais além: os Pais Negativos são também constelados dentro de nós mesmos tão logo *começamos* a nos sentir magoados ou com raiva porque o outro nos desprezou, ou não nos deu o que sentíamos ter o "direito" de esperar.

Tentarei descrever como funcionam internamente os Pais Negativos. Eles entram em cena assim que a criança interior começa a exigir a satisfação de seus direitos, de suas simples necessidades de amor, compaixão e compreensão. Os Pais Negativos nos fazem sentir culpa por termos essas necessidades infantis e imaturas, dizendo: "você não é capaz de se virar sozinho? Você é uma criança dependente e desprezível — você não é ninguém." Palavras desse tipo nos esmagam, fazendo com que a gente tente se levantar como puder. Nesse processo, rejeitamos as necessidades de nossa criança interior. Mas esta é persistente e logo volta com suas exigências, ainda mais fortes do que antes. Agora a batalha se ativou com fúria total e nos vemos presos entre duas forças opostas — a criança de nossa própria natureza e a força antivida dos Pais Negativos. Perdemos assim a vitalidade e ficamos paralisados, sem saber para que lado ir. Se seguimos os Pais Negativos, nossa força vital interna cai em suas poderosas mãos e nos sentimos aprisionados. E se seguimos a criança exigente, esperando que alguém satisfaça suas necessidades, encontramos nada menos que a mesma reação dos Pais Negativos externamente. Esse dilema só pode ser resolvido se tivermos a capacidade de conter a luta. Isso permite que os Pais Negativos interiores acabem se transformando em Pais Positivos que apóiam e nutrem a criança. Aí a criança interior começa a receber a compaixão de que necessita e podemos então descobrir o melhor meio de satisfazer suas necessidades instintivas desprezadas. Nossa criança exigente reclama furiosa cada vez que nossa natureza é oprimida. Mas se formos buscar a solução nos outros, os Pais Negativos nos engolem.

O SUPEREGO E O ARQUÉTIPO DOS PAIS NEGATIVOS

O arquétipo dos Pais Negativos é quase idêntico ao superego de Freud. Creio que se constitui do mesmo modo como Freud descreve a formação do superego: ou seja, em decorrência do confronto da criança com os julgamentos de valor de seus pais e da cultura. Em contraste, Jung estabelece o conceito de uma autoridade moral interna e inata, independente de influências externas. Jung distingue o superego de Freud, ou seu próprio arquétipo de pais negativos, de um princípio de moralidade que acredita ser inato.

Os Pais Negativos e o superego são impostos a partir de fora e constituem conceitos, essencialmente mentais, de certo e errado, bom e mau, deve e não deve. Já o regulamento que emerge do interior da alma não é jamais conceitual, abstrato e geral, ainda que possa incluir conceitos gerais; sua ação é sempre única, nova e pronta a reagir espontaneamente à situação imediata. Os Pais Negativos ou superego

são sempre previsíveis, na medida em que impõem uma imagem ideal ou conceito universal ao modo pelo qual o indivíduo deveria se comportar em cada situação, em quaisquer circunstâncias. *A alma nunca é previsível.* Não obstante, isso não quer dizer que a alma enseja o abandono completo. De forma alguma. A ação regulatória da alma faz com que ela imponha limites e restrições.

Alguém poderia argumentar que os conceitos de certo e errado veiculados pelos Pais Negativos ou superego resultam da tentativa da humanidade de formular verdades eternas, à medida que estas são reveladas ao homem através da alma. Por que, então, deveriam os Pais Negativos se manifestar sempre como força destrutiva e antivida? Será que eles de fato concedem ao homem a liberdade de que precisa dentro dos limites de seus conceitos? Não, não concedem, e por várias razões. A começar do fato de que as assim chamadas verdades eternas ou absolutas variam de uma época para outra e até mesmo de uma cultura para outra na mesma época. Mesmo no decorrer da vida de um indivíduo, as verdades nas quais a alma insiste durante a infância não são as mesmas de períodos posteriores. Em outras palavras, as verdades eternas e a sabedoria da alma são sempre uma resposta às condições temporais, às necessidades do momento. Além disso, as verdades eternas reveladas pela alma não são nunca rígidas — mas sempre vivas, sempre apresentando sutis mudanças e transformações. Os Pais Negativos ou superego, por outro lado, não são mais do que uma camada externa e morta da alma, a velha pele que a alma deve soltar para que possa reluzir com vida nova. E que, não se desprendendo, se transforma num crescimento conceroso que lentamente invade a personalidade total e acaba por extinguir a brilhante chama da individualidade.

Será que o superego ou arquétipo dos Pais Negativos são essenciais à condição humana? Caso não seja, por que se apresentam como fator tão poderoso da psique? Talvez sejam um câncer psíquico (freqüentemente aparecendo dessa forma em sonhos); talvez resultem do fato de um indivíduo não poder se livrar de conceitos velhos e moribundos. Se a perspectiva que aqui apresento é válida, então por que esse processo canceroso aparentemente se tornou tão universal? E por que será que Freud e Jung, por exemplo, o encaram como essencial ao desenvolvimento da consciência? Eu não creio nisso. Pelo contrário, penso que os Pais Negativos (ou superego) obstruem a expansão da consciência, devendo-se sua persistência à ruptura dos rituais de transição que permitem ao indivíduo deixar morrer o velho e aflorar o novo.

Ao invés de apoiar a vida e a renovação, nossa cultura tem, de fato, se colocado ao lado da força rígida e antivida do superego. Isso compele o indivíduo que busca a renovação a permanecer isolado

numa cultura hostil à vida da alma As raízes de sua tentativa de se manter nessa ilha de isolamento são continuamente invadidas pelo crescimento canceroso do superego que o cerca. Será que alguns homens conseguirão por fim extirpar esse câncer e conquistar a imunidade? Será que eles é que poderão um dia dizer que isso tudo foi necessário para o desenvolvimento da consciência? São esses os raros gênios que nos dão alguma esperança. Mas eles se enganam quando dizem que esse caráter maligno do superego é necessário — como também se dissessem que o câncer físico ou outra doença qualquer são necessários. Fariam melhor se nos orientassem para que descobríssemos o sentido de nossa aflição.

Visto que esses conceitos de certo e errado ou bom e mau são tão prematuramente impingidos na criança, como será possível que esta não desenvolva um superego? D.H. Lawrence sugeriu que a criança não deve ser confrontada com preceitos morais impessoais. Em lugar disso, sugere que uma reação emocional pessoal e espontânea ao comportamento da criança faz com que esta saiba o que agrada ou desagrada pessoalmente a seus pais, ao invés de sobrecarregá-la com uma autoridade moral impessoal. Será que essa atitude não evitaria o desenvolvimento de um superego, pelo menos no que concerne a influência dos pais?

Se, por exemplo, digo a meu filho que não gosto que ele urine nas calças, ou que exponha em público seus órgãos genitais, ou que acho feio o jeito que ele come, sem a menor inferência de que fazer essas coisas é moralmente errado, será que isso impede a formação do superego? Não sei, mas suspeito que sim. Penso que há uma enorme diferença entre dizer à criança que é errado ela ser como é, e a simples afirmação de que você não gosta do que ela está fazendo. No primeiro caso, ela sente que o pai (ou a mãe) critica e rejeita seu ser total, ao passo que no segundo ela percebe que seu pai (ou mãe) está descontente apenas com um ato específico.

A criança naturalmente procura satisfazer os pais; mas não irá sentir-se mal ou culpada porque não consegue controlar a urina. Talvez diga a si própria: "bem, eu tentei, mas minha natureza ainda não me deixa. Tenho certeza que meus pais compreenderão. Um dia conseguirei e aí eles ficarão contentes. Enquanto isso, não há motivo para me preocupar." Os pais, por certo, saberão compreender a natureza da criança e com amor procurarão encorajá-la a continuar tentando. Isso é enormemente diferente de dizer ou sugerir que você é um mau menino se não faz o que digo neste exato momento. Nesse caso a natureza da criança não tem condições de aflorar e desabrochar a seu próprio modo, passando ela a sentir o progenitor como uma força que constantemente faz com que se sinta envergonhada das ex-

pressões espontâneas de seu ser. Trata-se de uma força que nunca a aceita como realmente é e que exige o tempo todo que seja algo distinto daquilo que ela é. *Isso é o Superego e isso são os Pais Negativos*, porque os pais positivos protegem e cuidam com sensibilidade de tudo o que cresce, permitindo que se desenvolva lenta e naturalmente, nunca forçando ou dobrando conforme sua vontade. Neste contexto, penso que a imagem do pai (ou mãe) negativo tem mais vida e faz mais sentido que o conceito de superego.

Os pais não precisam necessariamente ser percebidos como estando em oposição à natureza da criança. O arquétipo dos Pais Negativos não precisa portanto ser por eles encarnado e em seguida implantado na psique da criança, na imagem que esta tem deles. Porém o fato de que uma imagem desse tipo possa ser desencadeada pelos pais indica que um arquétipo como o dos pais negativos ou superego de fato existe na psique humana. Assim sendo, talvez Freud e Jung tenham razão ao assumir que o mesmo faz parte da condição humana. Então vejamos.

O fator da psique infantil que pode ser experimentado como Pais Negativos ou superego deve ser um arquétipo que se coloca em oposição à vida instintiva e espontânea da criança. Sabemos que o desenvolvimento da consciência, a humanização do homem, exige que algumas restrições sejam impostas aos instintos. Mas isso não significa que a Natureza deva ser esmagada e forçada a ser algo que não é — como gostariam os pais negativos. Provavelmente, o arquétipo que se situa no pólo oposto à Natureza é Logos. Entretanto, Logos e Natureza não precisam ser oponentes hostis, como são os Pais Negativos e Natureza. Ao contrário, Logos é uma função criativa positiva que permite que a Natureza lentamente se transforme. Isso é bem diferente do câncer dos Pais Negativos, que não passam de um princípio de Logos rígido, antivida, distorcido e deformado.

Por que é que Logos se tornou tão destrutivo e deformado? Isso certamente ocorreu, basta observar nosso mundo de hoje e perceber como a mente racional vai cada vez mais nos conduzindo para os limites do aniquilamento espiritual e físico. Talvez fosse melhor colocar a questão de modo mais positivo. Por que é que Logos não está funcionando de modo mais criativo? Penso que isso vem mais ao caso, pois se estivesse funcionando mais positivamente sua forma negativa e antivida não encontraria solo onde crescer. O fato de atualmente os pais parecerem constelar esse princípio de Logos negativo, de pais negativos ou de superego pode ser encarado como deficiência do Logos genuíno. Em lugar disso temos o *ersatz*, a caricatura, o falso Logos, que acredito ser o arquétipo dos pais negativos. Ou, em outras palavras, como não se dispõe de um princípio de Logos viável e verdadeiro, os pais se vêem forçados a se apoiar em

conceitos não viáveis e sem sentido, conchas mortas e vazias abandonadas pelo Deus vivo. Enquanto a terra não for purificada e enterrados os mortos e os moribundos, a nova epifania de Apolo não poderá aflorar. Devemos enterrar o superego! Devemos correr o risco de soltar a velha pele cancerosa para que o mistério do novo Logos possa nos ser revelado!

Cristo trouxe ao mundo um novo princípio de Eros, mas não ofereceu nada de novo no que diz respeito a Logos. Jeová ainda é o portador de Logos para nós. Ele e os pais negativos dão-se maravilhosamente bem de modo um tanto macabro, não parece? Conseguiram sobreviver a Jesus crucificado. Já é tempo de estarem enterrados.

Voltemos agora a nossos pobres pais. Que tarefa enorme têm eles pela frente para educar crianças saudáveis numa sociedade que ao mesmo tempo teme e condena a saúde natural e as naturezas saudáveis. A responsabilidade de iniciar as crianças nos mistérios da transformação humana, ou de renascer no espírito, deveria estar a cargo dos sábios da comunidade. A iniciação à masculinidade e à feminilidade faz parte dos mais profundos mistérios religiosos. Tornar isso responsabilidade dos pais é desconhecer o fato de que se trata de um assunto da comunidade, tão necessário à saúde e renovação desta como da criança. Ao lado disso, quando o arquétipo de Logos é sustentado pela comunidade religiosa impessoal, há menos perigo de que se desenvolva um complexo paterno ou materno negativo. Isso porque as reações negativas e rejeitadoras dos pais terão menos chance de ser contaminadas pelo princípio impessoal de Logos. Enquanto for sustentado principalmente por uma autoridade impessoal, Logos libera os pais para que possam confiar no fluxo de suas reações naturais e espontâneas para com os filhos. Não haverá então muitas chances de que uma criança com pais desse tipo os experimente segundo o arquétipo antivida do progenitor negativo. Devemos portanto limpar e purificar a terra, criar um lugar para o novo Logos, criar comunidades novas e viáveis. Talvez então consigamos nos livrar para sempre desse monstruoso crescimento que constantemente ameaça romper nossa conexão com a eterna fonte da vida.

Ainda que o processo seja longo e difícil, parece possível até mesmo em nossa cultura tornar-se relativamente livre do arquétipo dos pais negativos. Não tenho dúvidas de que uma comunidade centrada em Eros é em última instância necessária. Pensar de outra forma é deixar de encarar a realidade e desmerecer o problema da educação das crianças. Sem uma conexão com a comunidade, o indivíduo é forçado a viver em isolamento e a se manter eternamente em guarda contra invasões externas, oriundas das esferas regidas pelo progenitor

negativo. Mas fiquemos com uma coisa por vez: qual o melhor modo de nos livrarmos dos pais negativos?

Fundamentalmente, o arquétipo dos pais negativos se manifesta através de uma persistente insatisfação com nosso modo de ser, não aceitando nunca a peculiaridade, as forças e as limitações de nosso ser. Eles prosperam ao manter vivas imagens e conceitos a respeito de como se deveria ser e onde se deveria estar. Cada vez que a vida começa a fluir eles procuram contê-la provocando medo e culpa e rejeitando a validade da experiência subjetiva pessoal. Eles nos fazem desprezar as necessidades e os desejos básicos de nossa alma rotulando-os de infantis, imaturos, falsos, destrutivos ou inconseqüentes. Em lugar das autênticas necessidades da alma, eles nos incitam a correr atrás de uma imagem oca da perfeição espiritual Quando uma real chama de amor ou paixão começa a arder, eles lançam histéricos avisos de perdição e desastre. Perdem o juízo por completo sempre que a mente racional ameaça render-se a um poder desconhecido e maior. Estes são apenas alguns dos modos pelos quais esse arquétipo se manifesta na psique humana. Conhecer suas manobras, portanto, é o primeiro passo para diminuir seu poder sobre nós.

Talvez o modo mais eficiente de obter algum controle sobre esse demônio multiforme seja observar como funciona num relacionamento íntimo. Perceber como ele repetidamente entra em cena para deter o fluxo e romper a conexão. Primeiramente ele pode operar em você, depois no outro, depois em ambos. Em outras palavras, dar ouvidos àquela voz que faz avaliações impessoais e julgamentos morais sobre o estado espiritual, psicológico ou ético da outra pessoa ou o seu próprio — isso vem sempre dos Pais Negativos, estejam eles dentro ou fora. Na prática, isso significa diferenciar as ações ou atitudes de um indivíduo e o seu ser. Posso reagir com um julgamento pessoal ou impessoal sobre suas idéias ou ações; mas tão logo me julgue capaz de avaliar com objetividade o estado de seu ser, ou sua alma, tornei-me presa do arquétipo dos Pais Negativos. (A propósito, penso que esses testes para avaliar objetivamente a personalidade são manifestações puras dos pais negativos). Por outro lado, não pretendo de forma alguma dar a entender que se deva evitar ou ignorar aquele tipo de emoção que nos diz que desprezamos a própria existência de uma dada pessoa ou que sentimos outra como um ser virtuoso e verdadeiramente iluminado. Trata-se aqui de reações e julgamentos espontâneos, pessoais e subjetivos que não devem ser confundidos com os Pais Negativos. Com efeito, estes não podem tolerar uma reação espontânea e irracional a não ser que esta possa ser racionalmente justificada e objetivamente validada.

SOBRE A CONSCIÊNCIA E O ENRAIZAMENTO SEXUAL

Mais do que qualquer outra coisa, o homem ocidental tem necessidade de contato anímico com outros. Especialmente na conexão entre os dois sexos, o fluxo de Eros encontra-se em muito mau estado. Como a polaridade sexual é uma coisa básica para qualquer atração e conexão entre homem e mulher, a culpa, o medo e o conflito no terreno sexual exercem sempre uma influência sobre o fluxo de Eros.

A conexão anímica entre homem e mulher depende de uma simpatia sexual subjacente e de uma conexão sensual. Quando se acredita que é melhor não se expor à frustração e à dor de um desejo sexual irrealizável, a conexão anímica com o sexo oposto se torna extremamente limitada. Em nossa cultura monogâmica, uma conexão desse tipo teoricamente se limita a uma pessoa. Tal fato coloca um enorme fardo sobre essa relação aceitável, o que acaba por obstruir Eros. Eu prefiro sofrer a dor de meus desejos sexuais insatisfeitos, para que minha alma tenha assim liberdade de seguir seu desejo mais profundo e fundamental de renovação constante através da comunhão com outros.

Consciência sexual... Um instinto sexual saudável e vital proporciona identidade, substância e presença a nosso ser corporal. O espírito que ativa a carne deve se enraizar sexualmente, caso contrário torna-se indistinto, impessoal, frio e exangue. Na ausência desse enraizamento, o espírito tende a se fixar no cérebro, deixando nosso corpo cada vez mais inerte, disforme e assexuado. A consciência sexual precisa de um contato periódico com o sexo oposto para permanecer viva. Quando o instinto sexual se encontra doente ou deformado, ocorrem distúrbios não apenas no relacionamento com o sexo oposto, mas em todas as conexões humanas.

Para que o instinto sexual se mantenha saudável, é preciso que ele sofra um contínuo processo de humanização: a contenção e o regulamento, os períodos de abstinência, excesso e moderação, tudo isso é essencial à saúde e ao desenvolvimento da sexualidade humana. O alvo permanente de todos os costumes e rituais referentes ao controle do instinto sexual é colocar a sexualidade a serviço de Eros e da conexão humana.

SOBRE A UNIÃO SEXUAL DESPROVIDA DE CONEXÃO ANÍMICA

Suponho não haver basicamente nada de errado no sexo sem amor, na sensualidade pura e simples. Creio porém que atualmente há

um excesso desse tipo de sexualidade, tanto boa quanto má. Nossa juventude, ao reagir à hipocrisia de nossos valores estabelecidos, provavelmente abriu as portas para uma atitude mais saudável e limpa para com a sexualidade; mas penso que ela está tão longe de compreender o mistério do relacionamento entre homem e mulher como a geração antiga, educada segundo a ética puritana. Esta nova geração pós-*hippie* se declara estar a serviço do Amor, mas até agora as evidências enfaticamente sugerem que ela sofre dos mesmos velhos problemas para cuidar dele. Tanto quanto a geração mais velha, os jovens empacaram diante da dificuldade de manter vivo o amor nos relacionamentos.

Mas, mesmo assim, a nova moralidade sexual tem sido um fator de purificação. Ela é um passo rumo à redenção da natureza animal-sensual do corpo, há tanto traída. E poderia contribuir para que não mais se observasse esse tipo de sexualidade masturbatória que prevalece entre os casais. Entretanto, atualmente essa moralidade está tão desligada do mistério central da conexão sexual entre homem e mulher quanto a de nossos antepassados puritanos — e, em última instância, é tão desumanizante como a ética da repressão sexual.

A vida conjunta, baseada no laço permanente entre homem e mulher, é conseqüência da união espiritual. Mas o que ocorre na união sexual determina em boa parte se o laço é de amor e liberdade, ou de ódio e dependência. Enquanto a conexão sexual habitual for puramente sensual — ainda que se trate de sexo bom e ardente, sem traços masturbatórios — a alma se sente profundamente insatisfeita, aprisionada no relacionamento. Este só evolui se de fato correr um verdadeiro intercâmbio espiritual na união sexual. Isso não quer dizer que a união sexual seja essencial para que o amor se desenvolva, mas sim que a inexistência de conexão anímica no padrão *habitual* de união física faz mal tanto à alma como ao relacionamento.

SOBRE A UNIÃO SEXUAL

Nossas imagens internas sobre a união sexual em boa medida determinam a natureza de nossas experiências reais. Por exemplo, se as fantasias sexuais de uma pessoa não apresentarem imagens referentes à sensação causada pela união do pênis e da vagina, é improvável que uma real conexão nesse nível ocorra no relacionamento sexual. Por outro lado, a pessoa pode ter poderosas imagens relativas ao ato de penetrar e ser penetrado; tais fantasias sem dúvida são essenciais a um ato sexual bom e excitante. Entretanto, quando se pretende atingir uma verdadeira união entre espírito e carne, é preciso ter um sentimento mais sutil com respeito a pênis e vagina, algo que transcenda essas imagens toscas de união primordial.

A união sexual primordial consiste na junção de duas pessoas perdidas em sua paixão recíproca. Tem-se aqui sexo bom, bonito. Os Deuses se unem, mas pode ser que as duas pessoas em questão continuem estranhas uma à outra. Um verdadeiro entrelaçamento de substância anímica só ocorre quando a paixão sexual é capaz de se derramar lenta e suavemente. É então que o pênis pode experimentar as dimensões vulneráveis e únicas da alma de uma mulher em contato com sua vagina — assim como pode a mulher sentir essas mesmas sutilezas da alma do homem em contato com seu pênis. Isso é muito, mas muito diferente da pura fricção entre pênis e vagina, que parece ser tudo o que a maioria das pessoas sabe sobre a união sexual.

OS PORTAIS DO AMOR

Por que será que quando nos apaixonamos toda a nossa atenção e nosso fascínio parecem focalizar o objeto de nosso amor? E por que é que todo o resto parece ficar na penumbra? Será isso inerente à natureza da emoção que denominamos amor? Penso que não.

Amar outra pessoa pode igualmente ocasionar a abertura de um canal para o fluxo de amor em várias direções. Não nego que no fenômeno de "apaixonar-se" ou "estar apaixonado" aparentemente ocorre um estreitamento do foco de atenção. Mas mesmo nesse estado "apaixonado" há freqüentemente uma expansão da consciência e da conexão com todas as coisas vivas. Não, não creio ser o amor o responsável pelo estreitamento da atenção. Muito pelo contrário. Quando o amor é recíproco e flui livremente, há uma expansão da consciência e da capacidade de amar. É a interferência com o fluxo do amor que faz com que a pessoa fique exclusivamente ocupada e possuída pelo objeto amado.

Não é o amor que fixa a atenção exclusivamente numa pessoa ou objeto, mas sim sua necessidade de abrir um canal para que possa fluir. Uma vez aberto esse canal, o amor pode novamente permear todos os aspectos da vida.

A emoção do amor é uma onda em busca da união. Removida dessa grande e nutritiva corrente de alegria e prazer, nossa alma fica fria e exangue. O eterno desejo da alma de estar em conexão com a fecundidade das coisas vivas está contido na emoção e no mistério do amor. A atenção da alma se fixa em uma pessoa ou objeto precisamente quando o amor encontrou um canal possível, através do qual a alma possa se unir com o outro. Ainda que seja essencial dar o maior valor a nossas obsessivas fixações numa determinada pessoa ou ob-

jeto, não devemos cair no engano de confundir esses estados temporários com o amor. Estamos neste caso sendo movidos pelo amor em direção ao amor, mas ainda não chegamos lá.

A existência de um conflito com respeito a nosso objeto de amor e fascínio indica que o fluxo de amor se encontra obstruído. *O amor une nossa totalidade a outra, estando portanto livre de conflitos. A alma encontra a alma.* Quando sentimos um desejo obsessivo por alguém, fomos capturados unicamente pelo aspecto físico da alma. Encontramo-nos no limiar de uma união verdadeira, porém a entrada para o espírito do outro ainda está bloqueada. Somos com freqüência capturados apenas por um aspecto ou uma parte do corpo do outro. Mas isso não faz diferença alguma, porque a entrada no ser espiritual do outro provavelmente se dá através desse portal.

A maioria das pessoas tende a desvalorizar uma atração física forte ou a elevá-la a um nível espiritual superior, chamando-a de amor. Rejeitar ou denegrir um desejo sensual, uma excitação por uma parte ou por todo o corpo de outra pessoa equivale a afastar-se do limiar do amor. Mas se tentamos uma união antes que o limiar espiritual tenha sido transposto, antes que se tenha aberto um canal para a verdadeira união, o relacionamento tende a ficar paralisado no abismo da sensualidade. *O amor precisa de um canal espiritual para poder fluir.*

A FEMINIZAÇÃO DO AMOR

Pessoalmente, não tenho nenhuma sensação de que preciso de alguma pessoa em particular pelo que esta me possa dar ou pelo que eu possa lhe oferecer. Como também não sinto nada a respeito do que estou de fato dando ou recebendo do outro. Quando ouço as pessoas falarem em termos do que recebem ou dão nos relacionamentos, consigo entender a frase intelectualmente, mas não com o sentimento. Parece que não preciso ou não sinto dessa forma e não sei se alguma vez isso já me ocorreu. Por outro lado, várias vezes tive uma necessidade imperiosa, avassaladora mesmo, de estar com uma pessoa em especial; de fato, quando estive apaixonado tive certeza de que não poderia viver sem o outro. Entretanto, mesmo evocando os momentos em que me senti possuído, não me lembro de ter sentido que precisava de algo do outro ou que tinha algo a lhe oferecer, algo de que o outro tivesse necessidade.

Psicologicamente, posso compreender que outra pessoa tenha certas qualidades que me faltam, com as quais devo entrar em contato, e vice-versa; mas isso tudo é para mim uma abstração. O que de fato sinto é a necessidade de conexão e intimidade com outro. Somente através da união, do contato anímico, é que damos e recebemos algo vital e renovador para ambos. Quando sinto alegria com o próprio ser de outra pessoa, isso me chega como experiência de uma dádiva preciosa. Não é como se a outra pessoa estivesse me dando algo. Minha alegria faz com que minha alma se lance em busca do outro; se recebida, ocorre um entrelaçamento de substância anímica. Mas para que haja uma verdadeira união, esse não pode ser um movimento unilateral: a outra pessoa vem ativamente a meu encontro tanto quanto eu ao dela. Tem lugar então uma contínua reciprocidade de dar e receber, um movimento rítmico de marés que penetram e são penetradas. Minha necessidade e meu desejo pelo outro são sempre de união, não tendo nada a ver com o que o outro possa me oferecer.

Creio que há algo de obstrutivo à união quando se sente que alguém tem algo a nos oferecer, ou que oferecemos algo ao outro. Isso para mim ressoa como uma fala da Mãe Negativa: "veja o quanto eu fiz por você; eu vivi só para você e lhe dei todo o meu precioso amor..." E o reverso dessa mesma moeda: "o que você fez por mim? O que é que você me deu? Você nunca levou em conta minhas necessidades, etc." Isso tudo até parece óbvio, mas me pergunto se por trás dessa distorção do amor não há algo do feminino arquetípico.

Parece que na psique ocidental (e não sei quão profundo isso seria) há uma dimensão que sente que uma mulher oferece uma preciosa dádiva quando lhe dá seu amor e seu sexo. Lembro-me de uma passagem de *Zorba, o Grego*, na qual a ira dos deuses recai sobre o homem que recusa a oferta de uma mulher. Existe ainda o famoso ditado: "a fúria do Inferno não se compara à de uma mulher desprezada." Certamente Afrodite está por trás disso tudo. Mas trata-se da Deusa do Amor em sua mais primitiva epifania, que ostenta sua precisa dádiva como algo que não se ousa recusar. O amor, sem dúvida, é uma dádiva muito preciosa. É o Propulsor Primordial da vida. *Mas não se pode oferecer amor. Só se pode ser movido pelo amor.* O amor é uma força que eternamente impulsiona as coisas vivas em direção à união, à criação de novos todos. *Ninguém pode possuir o amor. Ele é um Poder que não pode ser dado, porque não é nosso.* Quando penetra na alma, ele nos impele à união. Não podemos dar o amor, mas apenas a nós mesmos. Portanto, quando uma mulher diz — eu te ofereço meu bem mais precioso, meu amor, meu sexo — o que ela diz está errado.

O amor é responsável pelo desejo de envolver, nutrir e proteger a outrem. Mas o amor, em si, não nutre. É você, com seu ser, sua substância e sua alma que me alimenta, assim como minha substância irá alimentá-lo se estivermos ambos impelidos à união por essa força vital. Você não tem nada a me dar, nem eu a você, se nossas almas não forem aproximadas pelo Amor. O que temos a dar um ao outro

depende totalmente desse Grande Poder, que nenhum de nós possui. O amor é de fato o mais precioso de todos os bens concedidos ao homem, mas nem você nem eu podemos dá-lo um ao outro. *Só podemos nos dar a nós mesmos*, e ainda assim só se impelidos por ele.

A idéia de que uma mulher lhe dá seu amor e de que possui esse precioso bem só pode surgir quando as mulheres se encontram identificadas com a Deusa do Amor. Enquanto existir essa identificação, o Amor será visto antes como o útero que tudo envolve, nutre e contém, do que como o Propulsor Primordial e a Inteligência Diretiva que de fato é. As deusas do amor corporificam apenas um aspecto do Amor: *o desejo de receber a outrem*. Phallos, ou o *desejo de penetrar em outrem*, pertence a esse grande poder que chamamos de Amor tanto quanto Afrodite ou a Sagrada Mãe Maria. O amor é portanto um poder que transcende a masculinidade e a feminilidade, não se definindo como atributo pertencente às mulheres mais do que aos homens. Não obstante, é provavelmente Afrodite quem inicia o fluxo de amor através de sua abertura e de sua capacidade de evocar o desejo.

A feminização do Amor, na cultura ocidental, talvez seja responsável por muitas das prevalecentes atitudes de obstrução a Eros. A identificação do Amor com a feminilidade contribui tanto para inflar como para desinflar as mulheres, dependendo do que estiverem sentindo num dado momento sobre sua capacidade de amar. Quando o homem ou a mulher se fixam nessa atitude com respeito ao amor, eles tenderão a sentir que possuem um bem especial e precioso para oferecer, que possuem grandes poderes para nutrir e renovar os outros. É claro que o outro lado dessa inegável inflação consiste na desesperada necessidade de encontrar alimento e proteção em outra pessoa. Aquele que for apanhado pelas garras da Deusa — qual um vício — será castrado pela rejeição que ela lança contra o impulso fálico do Amor. A idéia de encarar os relacionamentos em termos de uma necessidade que você tem do outro, ou ele de você, é uma conseqüência dessa feminização e maternalização do Amor.

HOMENS AMANTES E MULHERES SEM AMOR

A mulher não precisa de um "amante", mas de um homem verdadeiro para com seu próprio espírito e capaz de apreciar o amor que ela sente. Na verdade, a mulher perde o auto-respeito quando se sente incapaz de expressar a generosidade fundamental de sua natureza que ama. Mas a mulher moderna perdeu sua conexão com a Deusa. Em lugar de amar e se sentir amorosa, ela desesperadamente procura e exige amor. Muitas buscam na análise uma solução para seu

dilema. Se tiverem sorte, sentirão o poder curativo que se configura quando sua dimensão rejeitada e distorcida é acolhida por outra pessoa. Mas se isso não fizer com que acolham sua própria natureza e seu espírito, sua capacidade de trazer amor ao mundo, elas continuarão a se sentir inadequadas e incapazes de evocar e dar amor.

Quanto tempo faz que as mulheres vêm reclamando que os homens têm tão pouco amor? Suspeito que isso seja um desenvolvimento histórico relativamente recente. O homem moderno já se sente culpado com respeito à sua capacidade de amar. Quantos homens se sentem culpados por não terem amado suficientemente suas mães! A mãe má é que faz um menino se sentir assim. Mas essas mesmas mães também fazem seus maridos se sentirem culpados por não amá-las o bastante. Conseqüentemente, consolidou-se entre os homens uma raiva profunda e instintiva contra as mulheres. A alma ofendida do menino sabe que há algo de perverso na insaciável necessidade de amor de sua mãe. Sua alma sabe que o que se faz necessário é uma mãe que ame de verdade, ou seja, uma mulher que dê com generosidade a partir de sua natureza afetiva sem quaisquer exigências para com o outro. É de uma mulher desse tipo que a alma precisa para poder amar.

O lado positivo dessa atual situação é que as mulheres se viram forçadas a emergir de sua natureza receptiva arquetípica. Tal fato abriu novas possibilidades para que a mulher se realize como ser único, como pessoa. Muitos filósofos já disseram, e acredito que com alguma razão, que as mulheres não têm alma. Isso é verdade enquanto a mulher se identificar com o feminino arquetípico, uma vez que é a experiência *única* e a expressão de nossa natureza que nos dão uma alma.

Os homens também foram forçados a abandonar sua identificação com o masculino arquetípico. A maioria dos homens, tanto quanto as mulheres, tem se identificado com um arquétipo. A perda e a falta de amor no mundo moderno atualmente forçam muitos homens a focalizar sua atenção sobre os problemas de relacionamento. As sutilezas e vicissitudes do relacionamento humano já deixaram de ser domínio exclusivo das mulheres.

A desconfiança que hoje em dia os homens sentem com respeito ao amor da mulher é em geral válida. Isso se deve principalmente ao fato de que tantas mulheres se sentem destruídas pela menor rejeição por parte do homem que amam, até mesmo quando elas próprias fizeram algo para provocar sua raiva. Como dependem tanto do amor do homem para manter a ilusão de seu próprio amor, elas tendem a desmoronar e a se sentir desvalorizadas quando o homem se sente negativo para com elas. É claro que isso fornece ao homem um grande poder — mas a mulher reage com outro ainda maior: sua capacidade

de paralisar o homem com sensações de culpa, sua única defesa contra a força bruta da impessoalidade e da crueldade masculinas. Não deixa de ser torpe usar esse poder instintivo contra o homem, quando na verdade é seu próprio sentimento de inadequação que a está corroendo. Mas, em geral, ela é incapaz de encarar tal fato; em vez disso, ela expressa profunda dor e farisaicamente reprova o homem. Este é levado a se sentir desumanamente frio e cruel, quando na verdade apenas teve uma raiva muito humana. Isso evoca nele uma profunda cólera face à impossibilidade de ser ele mesmo e de se expressar diante dela, além de colocar unicamente sobre seus ombros a responsabilidade de manter a conexão de amor. Ainda mais, uma enorme ira freqüentemente emerge do ego despedaçado da mulher. O homem teme com razão o dano e a destruição que ela é capaz de infligir sobre os outros ou sobre si própria quando se vê fragmentada. Como pode o homem confiar no amor da mulher, se ela é capaz de destruir a ele ou a si própria caso a expressão honesta dos sentimentos dele lhe cause dor?

Ainda outro aspecto deste atual problema do amor consiste na desesperada necessidade que tem o homem de encontrar uma mulher cheia de amor, exigindo que ela corresponda à imagem arquetípica. Ele a atinge exatamente no ponto em que ela se sente mais inadequada; ela no entanto deve resistir, para que possa se realizar. Devido a essa exigência, ela se torna ainda menos capaz de amar. O legítimo ressentimento da mulher pelo fato de ser forçada a desempenhar um papel arquetípico se sobrepõe assim ao legítimo ressentimento do homem, provocado pela falta de amor dela. Se o homem deixar de exigir que a mulher corresponda ao feminino arquetípico e se esta puder se livrar de sua dependência do amor do homem para encontrar a conexão com seu próprio amor, haverá então esperança de que se possa superar esse padrão destrutivo no atual relacionamento entre os sexos.

Este livro foi impresso pela
SÍMBOLO S.A. INDÚSTRIAS GRÁFICAS
Rua General Flores, 518 522 525
Telefone 221 5833
São Paulo